



Domínios de Lingu@gem

Frasesologia e Paremiologia

Organização:
Profa. Dra. Claudia Zavaglia

2º Semestre 2014
Volume 8, número 2

ISSN: 1980-5799

Expediente

Universidade Federal de Uberlândia

Reitor

Prof. Elmiro Santos Resende

Vice-Reitor

Prof. Eduardo Nunes Guimarães

Diretora da EDUFU

Profa. Joana Luiza Muylaert de Araújo

Diretora do Instituto de Letras e Linguística

Profa. Maria Inês Vasconcelos Felice

EDUFU – Editora e Livraria da Universidade Federal de Uberlândia
Av. João Naves de Ávila, 2121 - Bloco 1S - Térreo - Campus Santa Mônica - CEP:
38.408-144 - Uberlândia - MG
Telefax: (34) 3239-4293
Email : vendas@edufu.ufu.br | www.edufu.ufu.br

Editoração: Prof. Guilherme Fromm

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

Domínios de Lingu@gem, v. 8, n. 2, 2014, Uberlândia, Universidade Federal
de Uberlândia, Instituto de Letras e Linguística, 2007-

Semestral.

Modo de acesso:

<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>

Editoração: Guilherme Fromm.

Organização: Claudia Zavaglia.

ISSN: 1980-5799

1. Linguística - Periódicos. 2. Linguística aplicada - Periódicos.
I. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Letras e Linguística.

CDU: 801(05)

Todos os artigos desta revista são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo à Revista, ao Instituto de Letras e Linguística e Linguística ou à Edufu.

Domínios de Lingu@gem

Diretor

Guilherme Fromm (UFU)

Conselho Editorial

Alessandra Montera Rotta (UFU)

Ariel Novodvorski (UFU)

Eliana Dias (UFU)

Fabio Izaltino Laura (UFU)

Maria Clara Carelli Magalhães Barata (UFU)

Marleide Dias Esqueda (UFU)

Comissão Científica

Adriana Cristina Cristianini (UFU), Aldo Luiz Bizzocchi (FMU), Alice Cunha de Freitas (UFU), Ataliba T. de Castilho (USP/UNICAMP), Carla Nunes Vieira Tavares (UFU), Cecília Magalhães Mollica (UFRJ), Cintia Vianna (UFU), Cirineu Cecote Stein (UFPB), Claudia Maria Xatara (UNESP), Claudia Zavaglia (UNESP/SJ Rio Preto), Cláudio Márcio do Carmo (UFOP), Cleci Regina Bevilacqua (UFRGS), Clecio dos Santos Bunzen (UNIFESP), Cristiane Brito (UFU), Dánie Marcelo Jesus (UFMT), Daniel Adelino Costa Oliveira da Cruz (UFAL), Deise Prina Dutra (UFMG), Dilma Maria de Mello (UFU), Dilys Karen Rees (UFG), Elisa Battisti (UFRGS), Eduardo Batista da Silva (UEG), Elisete Carvalho Mesquita (UFU), Ernesto Sérgio Bertoldo (UFU), Evelyne Jeanne Dogliani (UFMG), Fabiana Vanessa Gonzalis (UFU), Fernanda Costa Ribas (UFU), Francine de Assis Silveira (UFU), Francis Henrik Aubert (USP), Gabriel Antunes Araujo (USP), Gabriel de Avila Othero (UFRGS), Hardarik Bluehdorn (Institut für Deutsche Sprache Mannheim – Alemanha), Heliana Mello (UFMG), Heloisa Mara Mendes (UFU), Igor Antônio Lourenço da Silva (UFU), Irenilde Pereira dos Santos (USP), Jacqueline de Fatima dos Santos Moraes (UERJ), Janice Helena Chaves Marinho (UFMG), João Bôsko Cabral dos Santos (UFU), Jose Luiz Fiorin (USP), José Ribamar Lopes Batista Júnior (CAF/UFPI), José Sueli de Magalhães (UFU), Karylleila Santos Andrade (UFT), Luiz Carlos Travaglia (UFU), Liliane Santos (Université Charles-de-Gaulle - Lille 3 - França), Manoel Mourivaldo Santiago-Almeida (USP), Marcelo Módolo (USP), Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN), Maria Aparecida Resende Ottoni (UFU), Maria Cecília de Lima (UFU), Maria Célia Lima-Hernandes (USP), Maria de Fátima Fonseca Guilherme (UFU), Maria do Perpétuo Socorro Cardoso da Silva (UEPA), Maria Helena de Paula (UFG), Maria João Marçalo (Universidade de Évora - Portugal), Maria José Bocorny Finatto (UFRGS), Maria Luiza Braga (UFRJ), Maria Suzana Moreira do Carmo (UFU), Marlúcia Maria Alves (UFU), Maurício Viana Araújo (UFU), Michael J. Ferreira (Georgetown University – EUA), Miguél Eugenio Almeida (UEMS), Montserrat Souto (Universidade Santiago de Compostela – Espanha), Nilza Barrozo Dias (UFF), Patricia de Jesus Carvalhinhos (USP), Paulo Osório (Universidade da Beira Interior – Portugal), Paulo Rogério Stella (UFAL), Pedro Malard Monteiro (UFU), Pedro Perini-Santos (PUC-Minas), Raquel Meister Ko. Freitag (UFS), Rejane Bueno (Universitat Pompeu Fabra - Espanha), Roberta Rego Rodrigues (CLC/UFPEl), Rolf Kemmler (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – Portugal), Sebastião Carlos Leite Gonçalves (UNESP/S.J. Rio Preto), Silvana Maria de Jesus, (UFU), Silvia Melo-Pfeifer (Universidade de Aveiro – Portugal; Universität Leipzig – Alemanha), Simone Floripi (UFU), Simone Tiemi Hashiguti (UFU), Sinara de Oliveira Branco (UFMG), Stéfano Paschoal (UFU), Stella Esther Ortweiler Tagnin (USP), Tommaso Raso (UFMG), Ubirajara Inácio Araújo (UFPR), Valeska Virgínia Soares Souza (IFTM), Vanessa Hagemeyer Burgo (UFMS), Vânia Cristina Casseb Galvão (UFG), Vera Lucia Menezes de Oliveira e Paiva (UFMG), Vitalina Maria Frosi (UCS), Waldenor Barros Moraes Filho (UFU).

Participaram dessa edição como pareceristas *ad hoc*

Adriana Zavaglia (USP)

Angélica Karim Garcia Simão (UNESP/Rio Preto)

Antonio Pamies (Univ. Granada)

Edson Roberto Bogas Garcia (UNESP/Rio Preto)

Eliana Dias (UFU)

Huélinton Cassiano Riva (UEG)

Maria Eugênia Olímpio de Oliveira Silva (Universidad de Alcalá / UFBA)

Maria Luisa Ortiz Alvarez (UNB)

Nathália Luiz Freitas (UFOP)

Rosemeire Selma Monteiro (UFC)

Vivian Orsi (UNESP/Rio Preto)

Domínios de Lingu@gem

Sumário

Expediente.....	2
Apresentação – Claudia Zavaglia (UNESP/Rio Preto)	6
Artigos	13
A figura feminina em provérbios brasileiros - Maria Erotildes Moreira e Silva (UFC) .	13
As palavras e a frase: o funcionamento de fraseologismos - Flávia Santos da Silva (UFU)	25
Unidades fraseológicas especializadas eventivas no âmbito do Treinamento de Força: um “exercício” exploratório - Márcia dos Santos Dornelles (UFRGS)	41
De composição sintática a expressões congeladas: um olhar sintático-semântico sobre o léxico fraseológico e paremiológico - Caroline de Castro Pires (UFRGS).....	70
Inclusão e tratamento de unidades fraseológicas no Dicionário de Usos do Português do Brasil (2002) - Carolina Fernandes Alves (UFRGS)	87
Cultura, cognição e uso: Aspectos de análise das expressões cromáticas fraseológicas e paremiológicas - Sabrina de Cássia Martins (UNESP/Rio Preto).....	118
Identificação de unidades fraseológicas no vocabulário de <i>Star Trek</i> : abordagens <i>corpus-driven</i> e <i>corpus-based</i> – Lucas Maciel Peixoto (UFU)	139
“Dar uma colher de chá”: uma análise de expressões idiomáticas em dicionários de língua portuguesa - Gislene Lima Carvalho (UECE)	164
<i>Ach Já!</i> Fraseologismos em pomerano e em alemão - Neubiana Silva Veloso Beilke (UFU)	178
A tradução de fraseologismos no jornal <i>El País</i> : um estudo contrastivo em espanhol e português - Ariel Novodvorski (UFU), Mariama de Lourdes Alves (UFU)	202
"Não caber em si", "Ficar sem pinga de sangue": estudo comparativo de expressões idiomáticas do domínio dos sentimentos no português brasileiro e no português europeu - Laís Moreira Nogueira (UFRJ), Maria Lúcia Leitão de Almeida (UFRJ), Diogo Oliveira R. Pinheiro (UFRJ).....	219
<i>Teimoso como uma mula e mais carregado que burro de mascate</i> : heranças linguístico-culturais em expressões idiomáticas de matriz comparativa - Giselle Olivia Mantovani Dal Corno (UCS), Odair José Silva dos Santos (IFRS), Cristina Benedetti (UCS).....	245
Lematização de unidades fraseológicas diacríticas em dicionários bilíngues espanhol/português - Angélica Karim Garcia Simão (UNESP/Rio Preto).....	269

Apresentação

Um pouco dos estudos fraseológicos e paremiológicos no cenário brasileiro

O presente volume temático da revista Domínios de Lingu@gem, sobre “Fraseologia e Paremiologia”, apresenta 13 artigos inéditos de pesquisadores brasileiros que percorrem questões fraseoparemiológicas desde do ponto de vista sintático até o cognitivo, perpassando questões composicionais, culturais e ideológicas, cada um deles com um viés teórico-metodológico condizente com a proposta de investigação lançada.

Os fraseologismos, entendidos como fórmulas coletivas e tradicionais, espelham a mentalidade de um povo, assim como sua história, seus costumes, crenças e estados afetivos, segundo a perspectiva daqueles que conseguem reconhecê-los e investigar a visão de mundo que refletem. No decorrer dos séculos, essas combinações cristalizaram-se num amplo número de expressões e hoje são portadoras das vivências de uma ou mais gerações aplicadas ao cotidiano. Com isso, a Fraseologia é cada vez mais reconhecida como uma vigorosa e frutífera área de pesquisa, devido a crescente publicação de artigos e dicionários especializados nesse argumento.

Por sua vez, a Paremiologia estuda os provérbios que representam um patrimônio cultural incomensurável que proporciona uma imensa riqueza de significados às línguas, fato esse que os projeta em uma dimensão histórica universal. Além disso, sintetizam o valor de incontáveis experiências humanas que, de certo modo, são levadas a uma reflexão pelas gerações futuras para que possam extrair úteis ensinamentos e apropriadas exortações, isto é, conselhos e avisos, para serem capazes de enfrentar, com maior serenidade e confiança em si mesmos, os pequenos, grandes e múltiplos desafios que a vida quotidiana lhes reserva.

Os textos que compõem este volume temático procuram contribuir essencialmente para o debate crescente existente nessas duas áreas de investigação, principalmente no cenário das pesquisas brasileiras em que produções fraseoparemiológicas em português do Brasil são colocadas em confronto com uma língua estrangeira, incluindo aí questões tradutológicas, ou são elas mesmas alvo de indagação em relação aos seus usos ou concernente a sua inserção em dicionários. Importante ressaltar que os fraseologismos

aqui discutidos e retrados pertencem tanto à língua geral como também a domínios específicos, confirmando a sua existência e importância em diversas frentes e áreas do saber.

No primeiro artigo, *A figura feminina em provérbios brasileiros*, Moreira e Silva procura refletir sobre a carga cultural que vai além da produção de sentido dos provérbios em relação à figura feminina, por meio dos semas virtuais “mãe” e “madrasta” que perpetuam conceitos ideológicos e cristalizados na sociedade contemporânea, quais sejam, os papéis atribuídos à mulher numa visão tradicionalista do gênero. Fundamentada teoricamente nos pressupostos greimasianos e nos fundamentos da Etnolinguística e da Fraseologia, a autora analisa uma amostra de parêmiatras brasileiras encontradas em websites, chamando a atenção para os valores ideológicos que veiculam em relação às figuras da mãe e da madrasta, em posição de inferioridade em relação ao homem para a primeira e de desqualificação, repúdio e desunião para a segunda.

Em *As palavras e a frase: o funcionamento de fraseologismos*, Silva discorre sobre a teorização de Benveniste em relação às palavras e às frases objetivando investigar se uma unidade lexical, em uma combinatória fraseológica, e um fraseologismo, toda uma combinatória, podem preencher a função proposicional, a partir da análise de alguns fraseologismos extraídos do periódico *on-line* Superinteressante. A autora conclui que as unidades lexicais preenchem uma função proposicional nos quatorze fraseologismos analisados, ao passo que dos fraseologismos, eles mesmos, apenas oito ocupam alguma função, dentre as quais, a de predicado.

Dornelles, em *Unidades fraseológicas especializadas eventivas no âmbito do Treinamento de Força: um “exercício” exploratório*, descreve e analisa, apoiada na Teoria Comunicativa da Terminologia, a constituição de unidades fraseológicas especializadas, as UFEs, eventivas (formadas ou derivadas de um verbo), no domínio da Educação Física, especificamente, na área do Treinamento de Força. A partir de um *corpus* formado por vinte e um artigos científicos em português do Brasil desse campo de especialidade, foram feitas reflexões em torno da variação denominativa e da conceitual nas UFEs compiladas com o objetivo de direcionar a escolha e seleção de entradas desse tipo para comporem a nomenclatura de um glossário bilíngue na direção português-inglês dirigido a tradutores. A discussão em relação ao “termo” como unidade

linguística pertencente ao léxico geral e ativado em âmbito especializado perpassa por todo texto, o que abrilhanta ainda mais a lucubração.

No artigo *De composição sintática a expressões congeladas: um olhar sintático-semântico sobre o léxico fraseológico e paremiológico*, Pires propõe identificar expressões fraseoparemiológicas cristalizadas por meio de um *continuum* existente entre graus de “congelamento” a partir dos quais seja possível averiguar se um item lexical, uma expressão ou uma frase se comportam como uma unidade semântica inseparável. Para tanto, a autora baseou-se nos testes propostos por Gross para a identificação de expressões congeladas.

No que diz respeito a presença ou não de fraseologismos em dicionários de língua do português, dois artigos retratam o argumento. No primeiro deles, o quinto publicado nesta edição, intitulado *Inclusão e tratamento de unidades fraseológicas no Dicionários de Usos do Português do Brasil (2002)*, o DUP, Alves apoia-se na Fraseografia para tecer sua análise. A partir de cinquenta expressões fraseológicas retiradas de um obra lexicográfica especial, a autora constatou que vinte e seis delas faziam parte da macroestrutura do dicionário analisado. Esses fraseologismos foram então utilizados para uma pesquisa empírica realizada com quarenta nativos da língua portuguesa que responderam a questões referentes ao uso deles. A conclusão a que chegou a autora é de que o DUP é coerente no tratamento dado aos fraseologismos, além de a orientação para a sua busca ser bastante clara e os critérios de registro adequados, contribuindo, sem dúvida, para os estudos e as pesquisas lexicográficas e fraseológicas. Já o segundo, e o oitavo desta revista, a saber: *“Dar uma colher de chá”: uma análise de expressões idiomáticas em dicionários de língua portuguesa*, investiga a ocorrência ou não de fraseologismos em obras lexicográficas do português como língua materna e estrangeira com o objetivo de analisá-las como material de apoio no aprendizado do léxico por estudantes nativos e estrangeiros. A começar pela entrada na qual o fraseologismo encontra-se inserido, Carvalho constata que a maioria dos dicionários registra o fraseologismo em um de seus lemas substantivos e nunca naqueles verbais, caracterizando essa questão como obscura, além de se tratar de um campo de muitas contradições e irregularidades.

Em *Cultura, cognição e uso: Aspectos de análise das expressões cromáticas fraseológicas e paremiológicas*, o sexto artigo desta edição, Martins discorre sobre a

intrínseca relação existente entre léxico e cultura, por meio de unidades fraseológicas e paremiológicas que contenham em sua formação nomes de cor, evidenciando a idiomática existente e própria de cada cultura, por meio do uso de metáforas para a criação dessas expressões. Merecem destaque suas considerações em defesa do uso da Web como *corpus*, em que a autora não somente pontua muito bem a problemática, mas consegue provar, por meio de exemplos concretos, a sua eficácia. De fato, consegue demonstrar que os estudos fraseoparemiológicos muito se beneficiam com o uso da Web como *corpus*, a partir do momento em que contextos reais e autênticos podem ser revelados, demonstrando o uso desse tipo de expressão, assim como a sua variação tanto diastrática quanto diatópica.

O sétimo artigo deste número, intitulado *Indentificação de unidades fraseológicas no vocabulário do Star Trek: abordagens corpus-driven e corpus-based*, traz importantes contribuições, como o texto anterior, em relação ao uso da Linguística de *Corpus* como base metodológica para o estudo dos fraseologismos, na medida em que trabalha com as abordagens *corpus-driven*, isto é, aquela direcionada por *corpus* e a *corpus-based*, ou seja, aquela baseada em *corpus*. Além disso, o *corpus* em análise é original duplamente: primeiro pelo fato de ser formado a partir de legendas em inglês de seriados e filmes e segundo por se tratar da franquia de entretenimento norte-americana *Star Trek*, que produz episódios e filmes baseados em histórias de ficção científica. Não obstante, o que é mais inquietante e curioso ainda é que o autor, Peixoto, baseado na Teoria Comunicativa da Terminologia e na Etnoterminologia, consegue provar a existência de unidades fraseológicas nesse universo temático que, além de serem especializadas, foram ressignificadas pelos fãs, passando a fazer parte do léxico comum dos falantes, demonstrando que o discurso especializado não está presente apenas em domínios da ciência ou da profissão, mas também naquele literário e ficcional.

Beilke, em *Ach Ja! Fraseologismos em pomerano e em alemão*, numa perspectiva bilíngue, evidencia fraseologismos extraídos do *corpus Pommersche Korpora*, posicionando-se em relação ao que simboliza o pomerano, variedade do baixo-alemão falada em várias regiões do Brasil, principalmente em Santa Catarina, Rio Grande do Sul e no Espírito Santo, enquanto definição de uma variedade linguística. Nesse sentido, faz-nos conhecer diversos fraseologismos desse dialeto, por meio dos quais é possível promover a divulgação da cultura dessa comunidade linguística.

Por sua vez, no décimo artigo, nomeado *A tradução de fraseologismos no jornal El País: um estudo contrastivo em espanhol e português*, Novodvorski e Alves apresentam um estudo sobre a tradução de fraseologismos, mais especificamente de colocações, em um *corpus* jornalístico bilíngue (espanhol e português), relacionado à última Copa do Mundo (2014), a partir das edições Espanha e Brasil do jornal El País. O foco do texto está na análise contrastiva realizada entre os fraseologismos repertoriados no texto original em espanhol e sua tradução para o português do Brasil, no que diz respeito aos procedimentos técnicos, as soluções e os recursos utilizados no processo tradutório de uma língua para a outra. Os resultados apontam a tradução sendo empregada com uma função de mediadora cultural entre os dois universos culturais.

No que diz respeito às variantes do português brasileiro e europeu, o décimo primeiro artigo desta edição traz uma importante contribuição para os estudos fraseológicos em relação ao domínio dos sentimentos, universal e inerente aos seres humanos. Intitulado *“Não caber em si”, “Ficar sem pinga de sangue”*: estudo comparativo de expressões idiomáticas do domínio dos sentimentos no português brasileiro e no português europeu é um texto que aborda a conceitualização e a lexicalização de expressões idiomáticas relacionadas a esse campo lexical, com o objetivo de investigar o processo de variação intercultural em cada uma dessas línguas. Os autores trabalharam com cinco sentimentos: amor, raiva/ódio, felicidade/alegria, tristeza e medo em uma pesquisa empírica que revelou existir uma forte convergência no reconhecimento e na interpretação das expressões sentimentais entre os nativos das duas línguas (nove, no total), ao passo que as divergências evidenciaram-se na conceitualização de determinados sentimentos.

Em *“Teimoso como uma mula e mais carregado que burro de mascate”*: heranças linguístico-culturais em expressões idiomáticas de matriz comparativa, o penúltimo dos artigos, os autores investigaram fraseologismos existentes no acervo lexical dos tropeiros, especificamente as dezesseis expressões idiomáticas de matriz comparativa que incluem os zoônimos “burro” e “mula” em suas construções. Esses dois animais, como se depreende da leitura do texto, foram utilizados durante muito tempo como meio de transporte, além de serem mercadoria a ser vendida. Os autores enaltecem a importância de se estudar a fraseologia de uma língua como modo não só de conhecer seus aspectos linguísticos, mas também de se aproximar de suas representações histórico-culturais, por

vezes resgatando aspectos esquecidos ou negligenciados pela historiografia, como parece ter sido o caso do tropeirismo no Brasil, conforme relatam.

Outra problematização relacionada a dicionários vem à tona com o trabalho *Lematização de unidades fraseológicas diacríticas em dicionários bilíngues espanhol/português*, desta vez, em mais de uma língua, e o último desta edição, em que Simão dá início a sua proposta de descrição e análise da lematização de unidades fraseológicas diacríticas em dicionários desse par de línguas, a partir de uma concepção ampla da Fraseologia, cujo escopo é aquele de destacar a elaboração da macroestrutura dessas obras, além de levantar questões a respeito das marcas de uso e das equivalências nelas presentes. Ademais, a autora retoma a terminologia “palavra diacrítica” proposta na década de 80 por Zuluaga para “designar elementos que podem ser considerados como palavras do ponto de vista fonológico, uma vez que apresentam autonomia fônica, mas que são ausentes de significado léxico. Somente a frase, tomada em sua totalidade, é provida de significado unitário, não derivável de sua decomponibilidade. Dessa forma, tais palavras funcionam como signos diacríticos, diferenciando-as das demais frases, na medida em que o emprego da palavra determina a presença da frase locucional da qual faz parte”, segundo explica em seu texto.

Como é possível de se notar, os autores que abrilhantam esta edição basearam seus textos em teorias sólidas, tais como a Lexicologia e Lexicografia, a Teoria Comunicativa da Terminologia, a Etnolinguística, a Linguística Cognitiva e de *Corpus*, além da Fraseologia e da Linguística Geral e outras ainda. De fato, grandes expoentes foram mencionados, tais como Tristá, Zuluaga, Corpas Pastor, Ortiz Alvarez, Jorge, Aguilar Ruiz, Colson, Gross (Fraseologia e Paremiologia); Casares, Biderman, Humblé, Pontes, Krieger, Welker, Barbosa (Lexicologia e Lexicografia); Saussure, Pottier, Benveniste, Sapir e Whorf, Lakoff e Johnson, Nord, Kövecses (Linguística); Cabré, Finatto, Bevilacqua, Almeida (Terminologia); Sinclair, Tognini-Bonelli, Scott, Berber Sardinha, Tagnin (Linguística de *Corpus*), entre muitos outros.

Espero que todos os que venham a ler os artigos aqui selecionados possam *dar com a língua nos dentes*, já que *darão de cara com* estudos inéditos e envolventes que refletem o universo imenso e metafórico da Fraseologia e da Paremiologia. Como organizadora deste número, quis *dar uma colher de chá* a todos aqueles que apreciam

esse tipo de estudo lexicológico, tendo a certeza de que todos *ficarão com um nó na garganta* do início ao fim da sua leitura.

Claudia Zavaglia (UNESP/CNPq)

Domínios de Lingu@gem

A figura feminina em provérbios brasileiros

The female image in Brazilian proverbs

Maria Erotildes Moreira e Silva*

RESUMO: Neste artigo, cujo objetivo é refletir sobre a carga cultural que transcende o percurso gerativo de sentido dos provérbios, foram analisadas frases proverbiais que possuem funções femininas como tema. A partir de um *corpus* coletado em *websites*, em que o sema principal são a mãe e a madrasta, verificamos a presença de semas virtuais que representam polos opostos ocupados por essas funções e os valores ideológico-culturais perpetuados com valor de verdade, na sociedade contemporânea. Assumimos, nesta análise, os pressupostos greimasianos, os quais têm por objeto de pesquisa a significação e consideramos os fundamentos da Etnolinguística e da Fraseologia, em que a língua deve ser estudada em suas relações com a sociedade, e percebemos, nos provérbios coletados, a polifonia e o argumento de autoridade como traços característicos de tais provérbios. A análise revelou que os semas virtuais funcionam, portanto, como uma valise para valores ideológicos cultivados, em relação aos papéis atribuídos à mulher, dentro da visão tradicional do gênero feminino. Nos estudos paremiológicos, torna-se relevante ressaltar tal relação, pela possibilidade de apresentar uma visão mais ampla do discurso veiculado nos provérbios, cujo sema principal se refere à mulher e por levar a uma reflexão mais acurada sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Provérbios. Figura feminina. Semas virtuais.

ABSTRACT: In this paper, we aim at reflecting on the cultural burden that transcends the generative process of proverbs, and analyzing proverbial examples of sentences that have female functions as a theme. From a corpus collected on websites, in which the main semes are the mother and stepmother, we verified the presence of virtual semes representing both poles that hold such functions, and the ideological and cultural values perpetuated as true values in contemporary society. In this analysis, using greimasian assumptions, which regard as their subject of research the meaning and considering the fundamentals of ethno-linguistic, where language should be study in their relations with society, we identify, in these texts, the polyphony and the argument of authority as characteristic features of such proverbs. The analysis revealed that virtual semes are a vessel to cultural ideological values, in relation to the roles assigned to women within the traditional view of female gender. In paremiologic studies, it becomes important to emphasize this relationship, the opportunity to present a broader view of the discourse conveyed in proverbs, whose main seme refers to women and lead to a more accurate reflection on the topic.

KEYWORDS: Proverbs. Female image. Virtual semes.

* Mestre e doutoranda na área de Linguística Aplicada, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista da CAPES-PDSE – Processo 2956/13-6. Professora de Língua Portuguesa, nas modalidades materna e estrangeira, lotada na Secretaria de Educação Básica do Ceará (SEDUC).

“Os provérbios são sempre chavões, até você experimentar a verdade contida neles.”
(Aldous Huxley)

1. Considerações iniciais

A necessidade de um olhar mais atento sobre provérbios cujo sema é a figura feminina, em diferentes funções, está refletida na epígrafe acima, tanto pela carga ideológica intrínseca a eles como pela herança cultural presente nesse tipo de parêmia. Assim, com base nessas premissas, selecionamos, em *websites*, provérbios representativos de duas funções femininas: a mãe e a madrasta, com o propósito de refletir sobre a carga cultural que transcende o percurso gerativo de sentido dessas estruturas linguísticas caracterizadas pela concisão e brevidade, em sua forma, e pela presença de elementos metafóricos responsáveis por uma lição ou ensinamento que, em linhas gerais, representam a(s) ideologia(s) em torno da imagem da mulher.

Defendemos que tais elementos são a força motriz dos semas virtuais que se constituem quando uma dada figura passa a representar valores morais. No caso da figura feminina, os provérbios alimentam estereótipos, reproduzem determinadas visões ideológicas e refletem uma dualidade em que a figura feminina tanto pode ser símbolo da virtude como de valores morais negativos, como atestam os seguintes exemplares:

(01) Cem homens podem formar um acampamento, mas é preciso uma mulher para se fazer um lar.

(02) Sinal na perna, mulher de taberna. Sinal no braço, mulher de desembaraço. Sinal no peito, mulher de respeito.¹

No primeiro exemplar, percebemos o valor atribuído à função da mulher como baluarte para a formação de um lar, além do reforço às atribuições masculinas e femininas; no segundo exemplar, o corpo feminino é a ponte para se atestar a virtude feminina ou a falta dela, ao atrelar o caráter da mulher a sinais expostos ou recatados, em uma alusão ao fato de que uma maior ou menor exposição pode caracterizar uma mulher.

Diferentes estudiosos (CALERO, 1990; FERRERO, 2004 e PELLEGRINELLI, 2010), ao analisarem provérbios sobre a mulher, mostraram a predominância de frases proverbiais em

¹ Provérbios compilados em: http://www.hkocher.info/minha_pagina/port/port_m01.htm. Acesso em dezembro de 2010.

que ela é avaliada positivamente quando se atém às funções domésticas ou que reforçam visão da mulher como um ser que não inspira confiança, quando o cenário estende-se para além do lar. Além disso, os autores apresentam e analisam provérbios que ressaltam a superioridade masculina, reforçando a ideologia machista que, veladamente, norteia a escrita de muitos exemplares desse gênero.

No entanto, a disparidade atribuída às funções da mãe e da madrasta não é ressaltada por esses autores, inspirando, assim, o artigo em tela, tanto pela riqueza de sentidos encontrada nos provérbios em torno dessas funções como pela carga cultural que transcende o percurso gerativo de sentido desses provérbios. Tais pressupostos precisam ser considerados, na análise dos provérbios em torno dessas funções, pelos significados atávicos que esse gênero textual carrega e pelo fato de esses sentidos transcenderem a história humana, ao reforçar determinados papéis atribuídos ao homem e à mulher.

2. Fundamentação teórica

Segundo Bakhtin (2000), todo texto está sempre em diálogo com outro texto, seja pelo conteúdo temático, seja pelo propósito ou pela polifonia que carrega, ao traduzir diferentes concepções de mundo e revelar determinados valores. Aragão (1992) reafirma a perspectiva bakhtiniana, quando ressalta o papel da língua que, para a autora, reifica o mundo, revela o estilo de vida, os valores culturais de um determinado grupo social, além de indicar mudanças na sociedade e, por fim, revitalizar-se como resultado das correlações entre estruturas linguísticas e sociais.

Os dois autores destacam, assim, a função da língua como perpetuadora de determinadas ideologias, que encontram, nas unidades fraseológicas (UF) de diferentes tipos, um canal para sua divulgação. Os provérbios constituem-se como um desses canais, pois no dizer de Pamies-Bertran e Iñesta-Mena (2002, p. 07), representam “a afirmação concisa de algo que parece verdadeiro e, continuamente se adapta aos valores e costumes de cada época”. Nesta perspectiva, os textos aqui analisados, além de traduzirem estruturas sociais que representam determinadas visões de mundo sobre a figura feminina, são usados como metáforas para perpetuar determinados valores e reforçar os estereótipos ligados a funções sociais atribuídas à mulher.

Pellegrinelli (2010) corrobora essa visão, pois ao analisar provérbios relacionados à mulher italiana e japonesa, apresenta imagens delineadas em *ethé* coletivos que refletem a visão

de mundo daqueles que fazem uso dos provérbios ou de outras UF em suas interlocuções, ao restringir o papel da mulher dois espaços: o lar e rua. O autor mostra que a figura feminina, em grande parte dos provérbios analisados, aparece em dois nichos limitadores, atribuindo-lhe qualidades positivas, quando ela exerce a maternidades e, subliminarmente, delineando seu papel social, que deve restringir-se ao lar; mas, ao retratá-la em um espaço público, enfatizam sua periculosidade ou inferioridade.

Desse modo, a depender dos exemplares apresentados em Pellegrinelli (2010) e em Ferrero (2004), a seleção lexical se apresenta como elemento estratégico e direcionador no mapeamento dos perfis femininos que, por sua vez, são responsáveis pela construção da identidade discursiva das mulheres, na sociedade, ou seja, o discurso transmitido pelos provérbios projeta uma mulher, cuja identidade e valor são definidos pelas funções que exerce, de acordo com os parâmetros estabelecidos pelo grupo social em que estão inseridas. Assim, as lexias “vinha-boia cepa”, ao serem relacionadas ao caráter da filha, de acordo com a orientação que ela recebe da mãe, são responsáveis pelo sentido a ser construído pelo usuário de uma língua, ao conhecer o seguinte provérbio:

(03) De boa cepa a vinha e de boa mãe a filha.

Os provérbios, tendo, como pano de fundo, ideologias e uma opinião comum a determinadas culturas, são portadores da polifonia que engessa comportamentos masculinos e femininos articulados a estereótipos determinados pela sociedade patriarcal tradicional, conforme os exemplos (04) e (05), em que posturas e comportamentos são definidos como característicos de cada gênero:

(04) Homem, na praça; mulher, em casa.

(05) Homem que chora e mulher que jura, pode contar que é mentira pura.²

Ferrero (2004), ao tratar da mulher em provérbios colhidos no português europeu, também afirma que a figura feminina é objeto de críticas negativas, conforme grande parte do inventário feito pela autora, em exemplos e citações extraídos de obras literárias clássicas. Nos

² Provérbios disponíveis em: http://www.hkocher.info/minha_pagina/port/port_h01.htm. Acesso em maio de 2010.

exemplares apresentados na obra, a mulher aparece como um ser subvalorizado por suas atitudes e ações, sendo, muitas vezes, comparada a animais, por sua astúcia, pela falta de inteligência ou por seus atributos físicos.

Dentre tantas imagens veiculadas nesses provérbios, a figura da mãe destaca-se, corroborando os *ethé* coletivos de Pelegrinelli (2010). Por sua vez, Ferrero (2004, p. 12) deixa essa posição clara, ao apresentar provérbios em que a maternidade é alvo de elogios e reiterar a maternidade como uma função que eleva o caráter feminino, de acordo com (06) ou atribuir à mãe a responsabilidade em talhar o caráter das filhas, conforme delineado no exemplo (03).

(06) Amor de mãe, que todo o outro é ar.

No entanto, enquanto a maternidade é exaltada, o fato de outra mulher ocupar o lugar da mãe dá margem a julgamentos acerca da função da madrasta que recebe avaliação negativa, assim como nos contos de fadas, por exemplo. A esse respeito, vale ressaltar o clássico exemplo compilado em Ferrero (2004, p. 14-15): em “Madrasta, o nome lhe basta”, a carga semântica é percebida pela imagem petrificada que se tem dessa função feminina, associada ao limite estabelecido pelo verbo bastar, no sentido de ultrapassar os níveis de tolerância à convivência com a mulher que inspira medo e aversão às pessoas que convivem com ela, pela possibilidade de ela vir a ocupar o lugar da mãe.

Essas estruturas sociais coadunam-se à estrutura linguística do provérbio, principalmente, por seu teor metafórico que, por sua vez, conduzem o falante nativo de uma língua, em determinados contextos, a atribuir um valor de verdade aos sentidos ali reverberados, pelas características formais desse texto e pelas concepções de mundo representadas em tais metáforas.

De acordo com González-Rey (2002), as características comuns a essas unidades fraseológicas como a composicionalidade e o significado analítico dos componentes, assim como o significado global permitem a distinção entre estes gêneros textuais e outras UF e revelam o principal atributo dos provérbios: a universalidade. De todo modo, a forma composicional atrelada à ideologia embutida nos valores apregoados imprime ao provérbio a força responsável pelo juízo de valor que ele perpetua, o que lhe confere o estatuto de argumento de autoridade.

Tal posição é referendada por Pamies-Bertran e Iñesta-Mena (2002, p. 77), quando apresentam a teoria do “primitivo semântico universal”, para sinalizar a possibilidade de que

essas UF devem fazer parte de um sistema semântico “materializado ou lexicalizado” em cada língua, por serem únicos e culturalmente específicos. Esta noção permite aos falantes de uma língua a construção do sentido de um texto, considerando-se que, para “compreender algo é necessário reduzir o desconhecido ao conhecido e clarificar o obscuro [...]”³, conforme citado em Pamies-Bertran e Iñesta-Mena (2002, p. 77).

Assim, a compreensão do sentido de um provérbio está atrelada ao conhecimento linguístico e cultural dos interlocutores que delas fazem uso e, nessa compreensão, os sememas ou semas conotativos têm papel fundamental. De acordo com Ceia (2010), este termo foi cunhado para designar um conjunto de traços mínimos distintivos de significação (semas) que referem à substância do conteúdo de um signo mínimo (morfema ou lexia), em que o autor classifica as diversas espécies de semas como semas específicos, semas genéricos e semas virtuais ou conotativos, também designados virtuememas.

Tais semas ou virtuememas caracterizam, de uma forma instável e variável, o significado dos lexemas e, na visão de Greimas (1973), podem corresponder ao que se entende por sentido particular ou acepção de uma palavra. Surgem dos usos contextuais de um ou mais lexemas, como atesta a lexia ‘cabeça’, em “Ele é o **cabeça** do levante.” O lexema **cabeça** possui, em sua figura nuclear, por exemplo, semas como /+ extremidade/ e /+ superioridade/, mas o contexto, aliado ao conhecimento linguístico, fornece as pistas necessárias à compreensão da expressão, tanto pela economia dos semas quanto pela polissemia inerente a eles, também, em função do contexto.

Assim, a utilização de um virtuemema, na compreensão das expressões idiomáticas, por exemplo, permite que, através de comparações, o usuário de uma língua possa fazer referência a uma unidade prototípica para “categorizar, conceptualizar e lexicalizar situações concretas que, depois, metafórica ou metonimicamente, se tornam configuradoras de situações gerais”, de acordo com Vilela (2003, p. 430).

Em sua argumentação, o autor mostra que uma comunidade linguística utiliza-se de traços específicos de um dado referente para lexicalizar suas intenções: ela o faz, por exemplo, ao usar a unidade fraseológica “fazer gato e sapato de alguém”, para se referir a uma dada situação que nem de longe remete aos semas gato e sapato, quando tomados isoladamente, mas

³ Tradução livre de “to understand anything we must reduce the unknow to the know, the obscure to the clear [...]”, citado em Pamies-Bertran e Iñesta-Mena, 2002, p. 77.

que pelo contexto e pela aceitação/uso passa a representar uma itenção e uma situação comunicativa.

Com base nesses pressupostos, na seção a seguir, analisaremos uma pequena amostra de provérbios que veiculam diferentes visões sobre a representação das figuras da mãe e da madrasta em provérbios brasileiros, cuja origem, salientamos, remontam à herança portuguesa e espanhola, na pretensão de desvelá-los como um conjunto de sememas virtuais, em função do contexto em que são usados e/ou das intenções comunicativas que veiculam.

A compilação dos provérbios analisados a seguir foi feita em *websites*, a partir de uma pesquisa realizada no *Google* e no *Bing*. As lexias mãe e madrasta foram as palavras-chave utilizadas para se dar início à coleta. Além disso, selecionamos, para essa análise, exemplares que, além de figurarem em listas de frases proverbiais, também aparecem em artigos de revistas femininas e de blogs, conforme indicado em notas de rodapé, após a apresentação de cada exemplar. Assim, constituímos um *corpus* com vinte provérbios, cujo tema são a mãe e a madrasta, objeto de estudo do artigo em tela e procedemos a análise, na perspectiva de identificar os semas virtuais representativos de valores ideológicos e culturais perpetuados nos provérbios que, ainda, sustentam determinadas visões de mundo, na sociedade contemporânea ocidental.

Assumimos, portanto, nesta análise, os pressupostos greimasianos, os quais têm por objeto de pesquisa a significação, assim como os fundamentos da Etnolinguística e da Fraseologia, uma vez que essas áreas têm como princípio básico a compreensão de que a língua deve ser estudada em suas relações com a sociedade, para se compreender o processo de reificação de determinadas representações sociais solidificadas pela linguagem verbal.

3. Análise dos dados

A língua, ao se reinventar a partir da escolha e das necessidades culturais de uma comunidade linguística, encontra nos gêneros textuais, espaço tanto para refletir visões sociais amalgamadas pelo tempo, como para reler e modificar determinados parâmetros sociais. Os provérbios, como um desses gêneros, refletem tais visões que, pela força do uso, foram cristalizadas pela sociedade ocidental, conforme mostram os exemplos já apresentados nas seções anteriores.

Os exemplares colhidos e apresentados em quadros, nesta seção, também elevam a figura materna, enquanto a madrasta continua a ser representada como a vilã, embora atenuantes como a lexema **boadrasta** já façam parte da língua e concretize o contraste entre as duas visões,

conforme excerto destacado de uma revista eletrônica, que sinaliza uma mudança na concepção, mas ainda alimenta a imagem negativa da madrasta: *Boadrasta não é a mãe, mas pode ser uma bela coadjuvante, sem nenhum demérito para esse papel, e pode ajudar os enteados com suas próprias experiências.*⁴

Já os provérbios, cujo tema principal é a figura da mãe, confirmam a análise de Ferrero (2004), em torno da figura materna, pela imagem positivo que veiculam e por conectar “normas e ideais com a realidade cotidiana, além de refletir “o fruto da experiência repetida”. Também no dizer de Pamies-Bertran e Iñesta-Mena (2002, p. 07), que um grupo social quer perpetuar.

Nos sites, no blog e na revista eletrônica em que realizamos a coleta, foram encontrados vários exemplares que, em essência, enaltecem a maternidade como um momento de entrega, representando bem a máxima de que **ser mãe é padecer no paraíso**, como demonstra o quadro a seguir:

Quadro 01: provérbios relacionados à figura materna

Semema conotativo ou virtuemema	Lexema: Mãe
RENÚNCIA	(07) Cem gramas de mãe valem um quilo de sacerdócio. (08) Mãe, que é casar? Filha, é fiar, parir e chorar.
EXCLUSIVIDADE	(09) Mãe, a gente só tem uma. (10) Mãe velha e camisa rota não desonram.
DEPENDÊNCIA	(11) Mãe acautelada, filha guardada.” (12) Mãe, casai-me logo, que se me enruga o rosto.
AUSÊNCIA DA MÃE	(13) Mãe aguçosa, filha preguiçosa. (14) Mãe não temeste, pai não tiveste, diabo te fizeste. (15) Quem tem uma mãe tem tudo, quem não tem mãe, não tem nada.
CUMPLICIDADE	(16) Mãe e filha vestem a mesma camisa. (17) Mãe e filhos, por dar e tomar, são amigos.

A universalidade dos provérbios do quadro 01 salta aos olhos, uma vez que, em todos eles, tanto a forma composicional quanto a construção de um juízo de valor sustentam a imagem

⁴ Disponível em: <http://separacao.blogspot.com/2009/10/madrastra-boadrasta.html>. Acesso em outubro de 2010.

da mãe como exemplo e sustentáculo das virtudes dos seres que dela dependem. O valor semântico da lexia *mãe* materializa a ideologia inerente à figura materna e permite a compreensão do sentido positivo destes provérbios, tanto pelo conhecimento linguístico e cultural dos usuários da língua portuguesa quanto pela ideologia intrínseca a cada construção.

Assim, o sema conotativo **mãe**, nos provérbios do quadro 01, representa não só um conjunto de traços mínimos distintivos de significação, quando do uso desta lexia, mas atribui um mesmo valor ao conteúdo de um signo mínimo, em diferentes situações comunicativas. Nos provérbios, os usos contextuais aliados ao conhecimento linguístico do falante/leitor fornecem as pistas necessárias à compreensão da carga ideológica de cada provérbio que, por sua vez, expressa valores positivos e reforça o apelo à maternidade, principalmente pela carga de renúncia que a função exige, conforme exemplos (07) e (08) ou pela relação de exclusividade característica à função, de acordo com (09) e (10).

O quadro 01 mostra, também, virtuematas que reverberam a dependência e cumplicidade entre mãe e filhos, presentes nos exemplares (11) e (12) e (16) e (17), respectivamente, não só no sentido de nortear a atuação da mulher, mas de atribuir o surgimento de falhas comportamentais à ausência da mãe, além de reforçar a função de orientar e organizar a vida dos filhos, consoante os provérbios (13), (14) e (15).

Já os provérbios em que a madrasta é tema central apontam em direção oposta ao comportamento atribuído à figura materna, uma vez que o intento é sustentar o mito de que nenhuma outra mulher, a não ser a mãe, pode cumprir a missão da maternidade ou exercer funções atribuídas a esse estatuto social.

Desse modo, a imagem da madrasta retratada nos provérbios compilados para este estudo constitui-se em um virtuemata representativo de qualidades negativas como a intransigência e egoísmo, como se pode ver nos exemplos do quadro 2:

Quadro 2: provérbios relacionados à figura da madrasta⁵

Semema conotativo ou virtuemata	Lexema: madrasta
DESUNIÃO	(18) Madrasta e enteada sempre andam a unhada. (19) Madrasta e enteada sempre andam em batalha.
REPÚDIO	(20) Madrasta, nem de pasta. (21) Madrasta, o diabo arrasta.

⁵ Disponível em: http://www.hkocher.info/minha_pagina/port/port_m01.htm. Acesso em dez – 2010.

DESQUALIFICAÇÃO	(22) Madrasta, o nome lhe basta. (23) Madrasta, só o nome basta.
-----------------	---

Segundo Rodrigues (2009, p. 41) a palavra está carregada de conotações negativas há muito tempo, ilustrando, assim, a antiguidade do problema: “Rafael Bluteau, em seu dicionário do início do século 18, registrava os seguintes adágios portugueses ‘Madrasta e enteada sempre andam em baralha’ e, o genialmente sucinto, ‘Madrasta, o nome lhe basta’.”

Após esta exemplificação, Rodrigues (2009, p. 41), na tentativa de explicar a ojeriza à palavra *madrasta*, esclarece, inicialmente, que o lexema “madrasta” saiu do latim popular *matrasta*, cujo significado não foi alterado e refere-se à nova mulher do pai, em uma derivação da raiz indo-europeia *mater* e do sânscrito *mata*. É, portanto, uma palavra latina que se originou como um “despectivo” ou forma depreciativa, justificando, assim, a interpretação de “madrasta como ‘aquilo que, em vez de proteger, maltrata’, geralmente, usado para qualificar, desfavoravelmente, a sorte, o destino”.

Nesta perspectiva ou com esta intenção, possivelmente, surgiram provérbios em que a palavra “madrasta”, em determinado contexto, deixam de representar aquela figura feminina que se adona do lugar da mãe e passa a ser usada, conotativamente, para representar as agruras do destino, como nos exemplares a seguir:

(24) A fortuna é madrasta da experiência.

(25) A fortuna é madrasta.

Assim, o virtuíma **madrasta**, também, parece representar o aspecto negativo da fortuna que pode coibir a busca ou o crescimento pela experiência, reproduzindo, possivelmente a visão cristã de que a fortuna ou o “dinheiro não traz felicidade”. Outros provérbios defendem o mesmo ponto de vista, havendo exemplares em que as figuras da mãe e da madrasta também aparecem como representativas de virtudes e defeitos inerentes ao ser humano, respectivamente:

(26) A diligência é a mãe de todas as virtudes, como a negligência é a sua madrasta.

Os provérbios têm, portanto, como núcleo central, o lexema *madrasta* como semema virtual traduz aspectos negativos, já que a imagem da madrasta passa a expressar as vicissitudes

da vida, não se distanciando do repúdio à figura, já apresentada nos exemplares em que esta função se opõe à figura materna:

(27) A avareza é madrasta de si mesma.

4. Considerações finais

Na perspectiva ora adotada, os provérbios analisados representam estereótipos originários de símbolos do inconsciente coletivo, uma vez que revelam valores implícitos e explícitos que corroboram a imagem da mulher como ser inferior ao homem, a não ser quando se atém aos deveres do lar ou ao ofício de procriar.

A partir dessa visão e, em um desdobramento semântico, nascem os semas virtuais que têm a figura feminina como centro, perpetuam ideologias relacionadas à figura feminina e sustentam uma carga histórica dada à mulher: a responsabilidade pela reprodução humana, que a eleva em sua condição, mas, em contrapartida, diminui seu valor quando quer alçar vãos mais altos, como no provérbio compilado por Ferrero (2004):

(28) Foge da mulher que sabe latim e da burra que faz sim.

Desse modo, os provérbios que têm com tema as funções de mãe e de madrasta, em coerência com aquelas em que a mulher é o sema principal são o registro da representação feminina como ser valorizado, apenas, em função da procriação. Consequentemente, perpetuam posições bem demarcadas culturalmente e revelam as diferenças de gênero ainda reinantes, na sociedade contemporânea.

Assim, a análise aqui apresentada pretendeu chamar a atenção para os valores ideológicos intrínsecos nos provérbios que têm a mulher como tema central, ressaltando as marcas do contexto e da ideologia que fomentaram e ainda fomentam tais posturas e revelando um campo à Paremiologia com foco na reflexão sobre o texto em epígrafe que chama a atenção para a “verdade” contida nos provérbios, quando tais verdades perpetuam valores culturais e sociais que podem interferir na evolução humana.

Ao ressaltar a importância de um estudo léxico-semântico das parêmiias em torno de determinados juízos de valor, pela análise dos semas virtuais e dos sememas ali expressados, a Paremiologia pode contribuir, sobremaneira, para a compreensão das representações, no

contexto pós-moderno de uma sociedade que defende o respeito à experiência cultural de cada um de seus participantes.

Referências bibliográficas

ARAGÃO, M. do S. S. de *et al.* **O conto popular na Paraíba** - Um estudo lingüístico-gramatical. João Pessoa: UFPB, 1992.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CALERO-FERNANDEZ, M. A. **La imagen de la mujer a través de la tradición paremiológica española (lengua y cultura)**. Barcelona. Tese de Doutorado. Universitat de Barcelona. Col·leció de Tesis Doctorals Microfitxades, número 1027, 1990.

CEIA, C. Sememas. In: **E-dicionário de termos literários**. Disponível em: <http://www.edtl.com.pt/index>. Acesso em dezembro de 2010.

FERRERO, A. D. **La mujer en el refranero portugués**. Salamanca: Luso-Española de Ediciones, 2004.

GREIMAS, A. J. **Semântica Estrutural**. Tradução de Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, EdUSP, 1973.

GONZÁLEZ-REY, I. **La fraseologie du français**. Presses Universitaires du Mirail. Toulouse, 2002

PAMIES-BERTRAN, A.; IÑESTA-MENA, E. M. **Fraseologia e Metáfora: aspectos tipológicos y cognitivos**. Granada – ES: Granada Lingvistica, 2002.

PELLEGRINELLI, M. La mujer en la Paremiología italiana y japonesa. In: **Paremia**, 19: 2010, pp. 133-143. ISSN 1132-8940. Disponível em: <http://paremia2.site11.com/pdf/13-MARCO.pdf>. Acesso em dezembro de 2010.

RODRIGUES, S. Madrasta. **Revista da Semana**, 2008, p. 41.

VILELA, M. Os estereótipos da metáfora animal: gato por lebre. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/3975.pdf>. Acesso em dezembro de 2010.

Artigo recebido em: 25.06.2014

Artigo aprovado em: 24.11.2014

As palavras e a frase: o funcionamento de fraseologismos

Words and sentence: the functioning of lexical phrases

Flávia Santos da Silva*

RESUMO: Na linguística, a disciplina da fraseologia surgiu no início do século XX. Desde então, há o debate para se saber se ela é uma subdisciplina da lexicologia ou não. Klare faz a defensiva positiva por afirmar os fraseologismos possuírem o mesmo tipo de funcionamento que as palavras. Assim sendo, neste artigo, temos o objetivo de discorrer sobre o que Benveniste teoriza sobre as palavras e as frases, a fim de pensar sobre se a palavra, em um fraseologismo, preenche uma função proposicional e se o fraseologismo, ele mesmo, pode preencher uma função proposicional. Para isso, analisamos duas matérias de um periódico *online*, compilando seus fraseologismos e discutindo seu funcionamento.

ABSTRACT: On linguistics, phraseology has emerged in the beginning of the twentieth century. Since then, there have been many discussions about its definition: if it is or not a subdiscipline of lexicology. Klare defends it is, as he affirms that lexical phrases have the same type of functioning as the words. Then, in this paper, we aim at discussing Benveniste's theory about words and sentences in order to know if words, in a lexical phrase, take a propositional function and if a lexical phrase itself takes a propositional function. On this basis, we analyze two articles of an online magazine, compiling their lexical phrases and discussing their functioning.

PALAVRAS-CHAVE: Fraseologismo. Palavra. Frase. Função proposicional.

KEYWORDS: Lexical phrase. Word. Sentence. Propositional function.

1. Da problemática

Tendo se firmado como disciplina científica no início do século XX, a fraseologia, apesar de ser relativamente nova, já conta com várias vertentes que teorizam, cada uma, sobre a delimitação de seu objeto de estudo. Dentre uma vasta gama de denominações, que os teóricos da área conhecem bem, os fraseologismos continuam sendo um objeto de estudo esquivo, já que, todavia, incitam muita discussão a respeito de sua natureza.

Conhecer a natureza do objeto implica delimitar o campo de estudo de uma ciência. À maneira saussuriana¹, compreendemos essa delimitação como a possibilidade de uma ciência definir-se ela mesma a partir das propriedades que caracterizam seu objeto, o que, ao invés de fazê-la fechar-se em si mesma, em um monólogo sem fim, abre a condição de diálogo com outras áreas ou teorias, por exemplo.

* Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFU.

¹ Cf. SAUSSURE, 1964, p. 20.

A esse respeito, tem-se o tão comentado artigo de Johannes Klare, *Lexicologia e fraseologia no português moderno*, no qual ele defende que a fraseologia é uma subdisciplina da lexicologia justamente pela forma como ele define a natureza do seu objeto.

Enquanto as palavras normalmente são constituídas de um único corpo, os fraseologismos compõem-se de vários formativos que formalmente podem ser considerados como palavras. Daí resulta para nós um critério essencial para a classificação da fraseologia no campo geral da lexicologia como subdisciplina lexicológica. (KLARE, 1986, p. 355)

Para este autor, a fraseologia é uma subdisciplina da lexicologia por serem os fraseologismos compostos de palavras. Além do mais, outro argumento para considerá-la como subdisciplina lexicológica seria o fato de que “os fraseologismos têm uma função denominativa como as palavras e que como tais também estão acumuladas no léxico” (KLARE, 1986, p. 356). Os fraseologismos, não só sendo compostos de palavras, mas também compartilhando da mesma função denominativa, se constituiriam como um aspecto específico de um objeto de estudo mais amplo, as lexias.

Sobre esse posicionamento de Klare (1986), embora tenha reclamado respostas as mais divergentes por parte dos estudiosos do campo, não é nosso intento trazer uma discussão sobre a definição da ciência fraseológica; mas, discutir e problematizar um aspecto específico da natureza de seu objeto. Assim sendo, tomando a afirmação de Klare (1986), de que os fraseologismos são compostos de palavras e que possuem a mesma função que as palavras, como hipótese, neste artigo objetivamos pensar a definição de palavra e de função denominativa a partir de Benveniste (1974), questionando se a palavra, em um fraseologismo, pode preencher uma função proposicional e se o fraseologismo, ele mesmo, pode preencher uma função proposicional.

Desse modo, percorremos dois caminhos metodológicos: (i) teoricamente, contrastaremos o trabalho de Klare (1986) sobre os critérios de definição dos fraseologismos e de Benveniste (1974) sobre o funcionamento da palavra e da frase e (ii) analiticamente, utilizaremos esses pressupostos teóricos como base para verificar o funcionamento de fraseologismos em dois textos da revista online Superinteressante.

2. Os fraseologismos

Os fraseologismos são denominados de várias maneiras, de acordo com a abordagem adotada: locuções fraseológicas, fraseolexemas, frasesmas, idiomatismos, lexemas idiomáticos,

expressões idiomáticas, lexias complexas, dentre outras. Além de possuírem várias denominações, eles também não são facilmente definíveis. Para defini-los, é necessário estabelecer critérios, que, segundo Klare:

são a idiomaticidade, a estabilidade e a lexicalização, quer dizer, a acumulação no léxico e a reproduzibilidade [sic] assim possível do todo como complexo. Considerados isolados estes critérios são insuficientes para a determinação dos fraseologismos, normalmente devem ser cumpridos todos pela locução em questão. (KLARE, 1986, p. 358)

A idiomaticidade refere-se à discordância na relação entre o significado dos elementos e o significado do fraseologismo, podendo haver mais ou menos discordância, o que implicaria a possibilidade de classificá-los segundo uma idiomaticidade parcial ou total. O segundo critério refere-se à estabilidade que implica uma sequência fixa dos constituintes do fraseologismo. E o terceiro critério refere-se à acumulação dos fraseologismos no vocabulário de uma língua, à sua lexicalização.

Esses critérios não levam ao problema da univocidade de significado, já que os significados de uma língua se estabilizam pelo seu uso em sociedade. Isso é o que Saussure chama de cristalização social:

Il faut ajouter une faculté d'association et de coordination, qui se manifeste dès qu'il ne s'agit plus de signes isolés; c'est cette faculté qui joue le plus grand rôle dans l'organisation de la langue en tant que système (voir p. 170 sv.). Mais pour bien comprendre ce rôle, il faut sortir de l'acte individuel, qui n'est que l'embryon du langage, et aborder le fait social. Entre tous les individus ainsi reliés par le langage, il s'établira une sorte de moyenne : tous reproduiront, - non exactement sans doute, mais approximativement – les mêmes signes unis aux mêmes concepts. Quelle est l'origine de cette cristallisation sociale? (SAUSSURE, 1964, p. 29)²

O homem não fala por meio de signos isolados, mas por signos que se associam e se coordenam em sintagmatização. Por associação, Saussure refere-se tanto à união entre significado e significante quanto à sintagmatização dos signos.

² “É necessário acrescentar uma faculdade de associação e de coordenação, que se manifesta desde que não se trate mais de signos isolados; é essa faculdade que tem o maior papel na organização da língua enquanto sistema (ver página 170 e seguintes). Mas, para bem compreender esse papel, é necessário sair do ato individual, que é apenas o embrião da linguagem, e abordar o fato social. Entre todos os indivíduos assim ligados pela linguagem estabelece-se um tipo de meio: todos reproduzirão, não exatamente, sem dúvida, mas aproximadamente, os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos. Qual é a origem dessa cristalização social?” (tradução nossa)

Com relação à união entre significado e significante, sabemos que essa união dá-se pela diferença, isto é, à medida que os homens usam a língua, todos os seus elementos vão sofrendo novas combinações, como no jogo de xadrez. Essas novas combinações dizem respeito ao fato de que, à medida que fala, o homem faz movimentar toda a cadeia de significantes e de significados na língua, fazendo com que uns se relacionem com outros de maneira diversa.

Com relação à sintagmatização, os signos são combinados entre si em uma extensão linear a fim de que se abra a condição para o estabelecimento do circuito da fala. Cada locutor faz uma combinação particular de sintagmas a fim de haver comunicação. Saussure, entretanto, mostra que, tanto a união quanto a sintagmatização não emergem apenas da fala, mas, sobretudo, da língua. Isto significa dizer que, do compartilhamento e da repetitividade de certas associações individuais, constitui-se uma estabilização nos seus usos. Assim, faz-se emergir da língua certos significantes com certos significados e associam-se determinados signos com outros determinados signos. Portanto, não é que os signos sejam unívocos, mas acaba havendo uma recorrência na união de um significante com um significado, como também da união dos signos entre si.

Seria, então, o fato de se estabilizarem certos significados nas unidades da língua o motivo da discrepância com o significado em um fraseologismo. O que foi cristalizado no signo diverge do que foi cristalizado na locução, daí a idiomaticidade, a estabilidade e a lexicalização. Sobre esses critérios, como Klare (1986, p. 357) associa à noção de fraseologismo a de lexias complexas, adicionamos os critérios propostos por Pottier, já que julgamos que esses enriquecem aqueles. Sobre isso, esse autor afirma que:

la lexie est l'unité de comportement. Elle est composée des mots. La *lexie simple* coïncide avec le mot: *chien*. La *lexie composée* contient plusieurs mots déjà en partie ou totalement intégrés (graphiquement, ou dans leur comportement tactique : un brise-glace). La *lexie complexe* est une séquence plus ou moins figée de mots: *faire une niche, en avoir plein le dos, pomme de terre, au fur et à mesure...* (POTTIER, 1967, p. 17)³

Sobre essa citação, notemos bem que lexia composta implica integração e lexia complexa, fixidez. A integração implica haver menos restrições para a substituição dos

³ “A lexia é a unidade de comportamento. Ela é composta de palavras. A ‘lexia simples’ coincide com a palavra: ‘chien’. A ‘lexia complexa’ contém várias palavras já em parte ou totalmente integradas (graficamente ou no seu comportamento tático: ‘brise-glace’). A ‘lexia complexa’ é uma sequência mais ou menos fixa de palavras: ‘faire une niche’, ‘en avoir plein le dos’, ‘pomme de terre’, ‘au fur et à mesure’...” (tradução nossa)

elementos da lexia, ao passo que a fixidez impõe maiores restrições ou mesmo a impossibilidade de qualquer alteração.

3. As palavras na frase

Sobre a palavra, Benveniste (1974, p. 225) declara ser ela uma unidade semântica: unidade mínima para a mensagem e necessária para a codificação do pensamento. A “mensagem” implica transmissibilidade, não transmissão, uma vez que o ser próprio do modo semântico é a equívocidade. Definida como a unidade mínima da mensagem, Benveniste faz encontrar a função “natural” da palavra. A palavra não é a unidade mínima de sentido, mas a unidade mínima que veicula sentido na mensagem, o que coloca em evidência o fato de que ela preenche uma função nessa mensagem.

A palavra é a unidade necessária para a codificação do pensamento em um agenciamento, o qual, em Benveniste, tendo a conotação de “agencer”, deve ser compreendido como “disposer, arranger un ensemble de sorte que ses éléments soient exactement adaptés les uns aux autres et que le tout réponde au mieux à sa destination”⁴. Isto é, o locutor tem que enformar o sentido que intenta significar na língua, relacionando seus elementos de modo a formar uma estrutura que seja reconhecida como linguística por seus interlocutores.

Assim sendo, ainda que o signo organize o pensamento, apenas o agenciamento das palavras permite codificá-lo, isto é, torná-lo acessível ao outro por meio de uma realização formal. Realizar-se formalmente implica dar-se: (i) pela escolha, a partir das relações associativas, o que não implica capacidade de livre-arbítrio (ser completamente ativo), mas de manejar a língua (de não ser completamente passivo); (ii) pelo agenciamento das palavras, dispô-las de maneira a formar um sintagma; (iii) pela organização sintática, de modo que esse sintagma seja composto seguindo as regras de conexão de uma língua; (iv) pela ação que as palavras exercem umas sobre as outras, isto é, os efeitos de sentido produzidos entre elas quando conectadas⁵.

Nesse sentido, devemos atentar para o fato de que o sentido da palavra funciona de maneira distinta do sentido da frase. Na frase, o sentido pode ser tido como uma ideia, uma representação mental que resulta do agenciamento das palavras. Essa ideia resulta do

⁴ AGENCER. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado. “Dispor, arranjar um conjunto de maneira que esses elementos estejam exatamente adaptados uns aos outros e que o todo responda à sua destinação” (tradução nossa).

⁵ Cf. BENVENISTE, 1974, p. 225.

agenciamento; entretanto, por assim dizer, se “origina” da situação de discurso. Por situação de discurso, compreendemos a conjuntura na qual o locutor maneja a língua.

No arranjar as palavras de modo a formarem uma frase que porta uma ideia, cada palavra é colocada em um emprego particular. Por “emprego”, compreenda-se a circunstância em que se utiliza a palavra⁶. Por “circunstância”, compreenda-se a integração a um sintagma e o preenchimento de uma função proposicional. Integrar um sintagma implica dois aspectos - a não-redução da frase às suas partes e a repartição do sentido da frase entre suas partes:

la phrase se réalise en mots, mais les mots n'en sont pas simplement les segments. Une phrase constitue un tout, qui ne se réduit pas à la somme de ses parties; les sens inhérent à ce tout est réparti sur l'ensemble des constituants. Le mot est un constituant de la phrase, il en effectue la signification; mais il n'apparaît pas nécessairement dans la phrase avec le sens qu'il a comme unité autonome. (BENVENISTE, 1966, p. 123-124)⁷

O fato de a frase se realizar por meio de palavras não implica que ela seja uma soma de suas partes. Entretanto, a ideia que a frase veicula é repartida entre essas palavras. Pode parecer contraditório o fato de, ao mesmo tempo em que a frase não é uma soma de suas partes, seu sentido poder resultar do conjunto de suas palavras. Interessante notar que, a esse respeito, Benveniste (1974, p. 226) utiliza as palavras “assemblage” e “assembler” para se referir a esse conjunto de palavras que resultam no sentido da frase como um todo: “le locuteur assemble des mots...”, “le sens qui résulte de l'assemblage des mots”, o que não leva às frases serem uma soma de suas partes.

A composição do sentido da frase é outra coisa que a composição de sua forma, no que a palavra está no entremeio, já que realiza a significação da frase. Efetuando a significação, é necessário compreender que a palavra funciona de uma maneira quanto à veiculação de sentido e de outra quanto à estruturação da forma.

Com relação ao sentido, “a partir de l'idée chaque fois particulière, le locuteur assemble des mots qui dans cet emploi ont un ‘sens’ particulier” (BENVENISTE, 1974, p. 226)⁸. A partir da representação mental que o locutor “quer” veicular na frase, ele enforma essa ideia em uma

⁶ Cf. EMPLOI. In: JEUGE-MAYNART, 2012, não paginado.

⁷ “A frase se realiza em palavras, mas as palavras não são simplesmente os segmentos dela. Uma frase constitui um todo, que não se reduz à soma de suas partes; o sentido inerente a esse todo é repartido sobre o conjunto dos constituintes. A palavra é um constituinte da frase, efetuando a significação nela e não aparecendo necessariamente com o sentido que possui como unidade autônoma” (tradução nossa).

⁸ “A partir da ideia cada vez particular, o locutor reúne as palavras que, nesse emprego, têm um ‘sentido’ particular” (tradução nossa).

estrutura linguística, reunindo as palavras de forma que, desse agenciamento, elas tenham um emprego cujo sentido seja particular àquela frase. Por conseguinte, a palavra entra na frase de modo que seu emprego contribua com a ideia da frase por meio do agenciamento sintático.

Entretanto, esse agenciamento não leva a que a frase seja uma soma de suas partes; ao contrário. Pelo fato mesmo de se estar tratando de agenciamento, arranjo que implica relação, e não adição, arranjo que implica um simples acréscimo, as palavras contribuem com a forma da frase no que elas se combinam sintaticamente, não apenas algoritmicamente. Da adição, resulta a soma. Da sintaxe, resulta a frase. A sintaxe implica as regras de combinações infinitas de uma dada estrutura linguística e sua equivocidade patente. Já a soma implica as regras finitas de combinação de um sistema numeral e, por conseguinte, sua univocidade aparente.

Ainda que essa diferença pareça óbvia, é muito comum relacionar-se a frase com algoritmo; portanto, com a soma das partes, e não com a sintaxe, ou seja, com o agenciamento das partes. Por exemplo, no verbete “algoritmo” do Dicionário Houaiss, encontramos:

Derivação: por extensão de sentido. Rubrica: gramática generativa, matemática. Mecanismo que utiliza representações análogas para resolver problemas ou atingir um fim, noutros campos do raciocínio e da lógica. Ex.: pode-se considerar a gramática como um a., na construção das frases. (ALGORITMO. In: HOUAISS, et al., 2001, não paginado)

A gramática não é um algoritmo para a construção de frases. Ela é, ao contrário, uma estrutura linguística. Por ser estrutura, comporta leis de combinação. Por ser linguística, essas leis de combinação, além de estarem para o infinito, comportam nelas mesmas os paradoxos de funcionamento da língua. Falar em algoritmo e em estrutura linguística leva a consequências completamente diferentes. Entretanto, ainda que se insista na relação de um e outro, não seria demais lembrar que a língua é um sistema de signos, não de números.

Portanto, quanto à veiculação de sentido, a palavra entra na frase de modo a compartilhar seu emprego com a ideia da frase, o que não implica soma, já que, quanto à estruturação da forma, a palavra entra na fase de modo a fazer combinações sintáticas. Dessa forma, por a palavra realizar a significação na frase, tem que se pensar seu duplo aspecto de funcionamento: o emprego das palavras contribuindo com o todo – o aspecto do sentido - e o todo sendo resultado do agenciamento das palavras – o aspecto da forma, de modo que emprego e agenciamento funcionem juntos para a frase ter um funcionamento formal.

Tudo isto estando envolvido no fato de a palavra integrar um sintagma, passemos agora ao seu preenchimento na função proposicional. A esse respeito, Benveniste cita Russell :

Une “fonction propositionnelle” est une expression contenant un ou plusieurs constituants indéterminés, tels que, lorsque des valeurs leur sont assignées, l’expression devient une proposition [...] “*x* est humain” est une fonction propositionnelle; tant que *x* reste indéterminé, elle n’est ni vraie ni fausse; mais, dès que l’on assigne un sens à *x*, elle devient une proposition vraie ou fausse. (RUSSELL, [199?], p. 188 apud BENVENISTE, 1966, p. 125)⁹

Desse modo, a noção de emprego vem junto com a noção de função proposicional no sentido em que os constituintes indeterminados possam ser preenchidos por uma palavra, formando uma frase e, em certo sentido, determinando-os. Notemos que, nesse caso, poderíamos compreender esses constituintes indeterminados não como entidades linguísticas, mas como os “blocos” ou “espaços” que possam ser semanticamente preenchidos em uma frase. Por exemplo, em “ele comeu aqui *x*”, poderia ser preenchido por “ele comeu aqui hoje”, “ele comeu aqui ontem”, entre outros.

Assim, não se trata simplesmente de haver função proposicional apenas nos “espaços” dedicados aos ditos termos essenciais da oração, embora, em Russell, haja referência explícita ao esquema lógico “S é P”. No quadro teórico em que nos situamos, para os termos tidos como acessórios também há constituintes indeterminados que podem ser preenchidos, já que, por exemplo, em “ele comeu aqui hoje”, as regras de combinação da língua portuguesa permitem que um adjunto adverbial temporal seja posposto a um adjunto adverbial de lugar¹⁰. Além do mais, elas permitem que o adjunto “hoje”, frequentemente relacionado com o presente, seja agenciado com um verbo no passado.

Toda frase possui, pois, espaços semânticos que, se não forem preenchidos, podem ser preenchidos por uma palavra. A palavra preenchendo uma função proposicional, seu emprego se relaciona com maneira como essa função é preenchida. O sentido da palavra, portanto, é particular e relativo também ao espaço semântico em que funciona. Por isso, “[le mot] n’apparaît pas nécessairement dans la phrase avec le sens qu’il a comme unité autonome » (BENVENISTE, 1966, p. 124)¹¹. Dessa citação, duas ressalvas. Em primeiro lugar, voltamos à

9 “Uma função proposicional é uma expressão contendo um ou mais constituintes indeterminados, tais que, quando os valores lhe são atribuídos, a expressão se torna uma proposição [...]: ‘*x* é humano’ é uma função proposicional; enquanto *x* manter-se indeterminado, ela não é nem falsa nem verdadeira; mas, desde que se lhe atribua sentido, ela se torna uma proposição verdadeira ou falsa” (tradução nossa).

10 Por ser mais conhecida e por falta de outra terminologia em Benveniste, na maior parte deste trabalho, utilizaremos a terminologia da gramática tradicional.

11 “[a palavra] não aparece necessariamente na frase com o sentido que ela tem como unidade autônoma” (tradução nossa).

questão de que a parte contribui com o todo, de modo a que o sentido da palavra, funcionando segundo a função proposicional, seu emprego, contribuirá com o sentido da frase, a ideia que intenta veicular. Em segundo lugar, afirmar que a palavra tem um sentido enquanto unidade autônoma não implica univocidade de sentido, mas cristalização social, tal como afirma Saussure. Em Benveniste, essa cristalização social é referida, em certo sentido, como semantismo social, isto é, a integração da sociedade no aparelho conceitual da língua, por meio, principalmente, de fatos de vocabulário¹².

4. As palavras nos fraseologismos

Para realizar a análise abaixo, elegemos uma das matérias destacadas, da versão *online*, da Revista Superinteressante de 27 de junho de 2014 e outra relacionada a ela. Isso porque, no final da primeira matéria, *Nasa encontra sinais misteriosos de raios X em outra galáxia* (doravante T1), havia um *link* relacionando-a com uma segunda, *Físicos podem ter encontrado indícios de matéria escura*, e, no final desta, outra, *O bóson de Higgs não deu nem pro começo* (doravante T2). Nesta última, não havia *link* para remeter a outra matéria. Daí ficarmos com as três matérias. Na segunda matéria, não encontramos fraseologismos.

Partindo das teorizações de Klare (1986), elencamos os seguintes fraseologismos nesse *corpus*:

Quadro 1. Fraseologismos retirados da revista Superinteressante.

T1	raio x devido a isso um monte de ideias por aí
T2	bóson de Higgs não dar nem pro começo boa parte de ser isso aí mesmo não dar nem para o troco do pão por falar em quer dizer até aí dar tudo errado reunir no mesmo saco ter muito trabalho nas mãos

¹² Cf. BENVENISTE, 1974, p. 98.

Dentre os fraseologismos que elegemos de T1, há “raios X” da frase “os cientistas acham que os **raios X** podem ter sido produzidos pela decomposição de neutrinos estéreis [...]”. “Raio X” seria uma lexia complexa e não uma lexia composta por nela haver fixidez e não integração. Por integração, compreendemos que locuções consideradas lexias compostas são tidas como as que possuem elementos integrados por aglutinação, justaposição ou hífen¹³. Por fixidez, compreendemos a estabilidade que resulta da idiomaticidade. Assim sendo, “raio x” não remetendo propriamente nem ao significado estabilizado de “raio” nem ao de “x”, há uma discrepância no significado do fraseologismo que, tendo tomado uso na língua, passou a ter uma estabilidade. “Raio x” não pode se apresentar nem como “raio y”, nem como “raio z”, ou qualquer outro, já que, com isso, ele seria destituído do significado que lhe foi convencionalizado. Desta maneira, “x” preenche a função de adjunto, qualificando e especificando “raio”. E “raio x”, na frase acima, preenche a função de sujeito.

“Devido a isso” também é um fraseologismo por “devido” e “isso”, ao serem agenciados juntos, remeterem a outro significado estabilizado que difere do significado de cada um isoladamente. Além do mais, ele já está lexicalizado, tanto que, nos dicionários, é possível encontrá-lo na definição da entrada lexical “devido”. Sobre a função proposicional que preenche, vejamos: “os astrônomos envolvidos no estudo acreditam que a matéria escura pode constituir 85% da matéria do Universo, mas ela não emite nem absorve luz, como fazem os nossos conhecidos prótons, nêutrons e elétrons. **Devido a isso**, os cientistas precisam [...]”. No fraseologismo, “isso” preenche, além da função proposicional de complemento nominal, a de elemento anafórico. Por causa disso, vemos que a idiomaticidade de “devido a isso” é parcial. “Isso” pode ser substituído por outros elementos; assim, a estabilidade do fraseologismo não segue restrições fixas quanto à substituição desse elemento. Por ser uma lexia complexa, que possui uma palavra anafórica, “devido a isso” não está preenchendo uma função proposicional nem na frase que o precede nem na que o sucede, o que significa dizer que ele não funciona como palavra em nenhuma das frases¹⁴.

“Haver um monte de ideias” e “por aí” estão na mesma frase: “Há um monte de ideias por aí sobre o que estes dados poderiam representar”. Em “há um monte de ideias”, “um monte de ideias” preenche a função de objeto direto, “um” e “de ideias” de adjunto adnominal e

¹³ Cf. Batista da Silva, 2006, p. 12.

¹⁴ A autora Cabral (2010, p. 112) afirma que esse tipo de expressão é um adjunto oracional. Já Koch (2004 apud CABRAL, 2010, p. 114) assevera ser um elemento metaenunciativo. Não entraremos nesses detalhes, já que nosso trabalho refere-se aos fraseologismos de maneira geral, não a estes de maneira específica.

“monte” de núcleo nominal. Ainda que “de ideias” possa ser substituído por outro adjunto, “monte”, se o for por outro elemento, muda-se o fraseologismo, já que ele é o núcleo deste. Em “por aí”, “por” preenche a função de localizar um lugar, que, sendo preenchido pelo núcleo nominal “aí”, fica indeterminado. “Por aí” preenchendo a função de adjunto adverbial, ele funciona como palavra na frase, embora ela não esteja se referindo propriamente a algum lugar específico.

No título de T2, “O bóson de Higgs não deu nem pro começo” já se pode encontrar dois fraseologismos: “bóson de Higgs” e “não dar nem pro começo”. “Bóson de Higgs” é uma lexia complexa por não ser integrada por aglutinação, justaposição, nem hífen, como nas lexias compostas, mas fixada pela idiomatidade. Havendo nele alusão ao físico indiano Satyendra Nath Bose e ao físico britânico Peter Higgs, esse fraseologismo não denota propriamente esses dois físicos, mas uma partícula de energia.

Há ali, pois, o que Klare (1986, p. 359) chama de metaforização. A partir de seus estudos sobre lexias complexas, esse estudioso afirma que muitas delas são metaforicamente motivadas, isto é, tiveram como razão de ser a interpretação de dois ou mais significados diferentes que são relacionados e, disso, resulta-se a estabilização de um significado. “Bóson de Higgs” preenche a função de sujeito e, “de Higgs” preenchendo a função de adjunto adnominal de “bóson”, “de” preenche a função de fornecer uma caracterização a “bóson” por meio de “Higgs”, já que há outros tipos de bósons na física, ainda que não levem o nome de “bóson”¹⁵. Disso, resulta-se uma complexa rede de relações, na qual, ao homenagear-se o trabalho de certos físicos, cria-se um fraseologismo por metaforização.

Em “não dar nem pro começo”, a estabilidade se dá por causa de sua lexicalização. Fazendo o experimento simples de digitar entre aspas “não deu nem pro começo” na barra de pesquisa do Google, no dia 2 de julho de 2014, obteve-se 39.200 resultados, ao passo que sua forma afirmativa, “deu pro começo”, apesar de ter obtido 10.400 resultados, era, geralmente, seguida de “já”, “não”, “nem” ou ambas as últimas; com isso, poderíamos dizer que a forma afirmativa desse fraseologismo não foi lexicalizada. Considerando-se os outros tempos e modos de seu verbo, poderíamos ter mais resultados. De qualquer forma, o que percebemos é que esse fraseologismo encerra em si elementos das mais variadas funções proposicionais e, no entanto, ele mesmo pode ou não preencher uma. Na frase que temos, ele preenche a função de predicado,

¹⁵ Cf. CERN. **The standard model**. Disponível em: < <http://home.web.cern.ch/about/physics/standard-model> > Acesso em 3 jul 2014.

mas é possível que, em outras frases, não. De uma maneira ou de outra, preencher a função de predicado ultrapassa o funcionamento de uma palavra.

O fraseologismo “não dar nem para o troco do pão” parece funcionar como o anterior. Vejamos: “o Modelo Padrão, em toda sua grandiosidade festejada pelos físicos, **não dá nem para o troco do pão** quando falamos do conteúdo integral do Cosmo”. Aqui o fraseologismo também funciona como predicado. Isso também se dá com “reunir no mesmo saco” – “a criação de uma nova teoria, capaz de **reunir** a relatividade e a atual mecânica quântica **no mesmo saco**” – e “ter muito trabalho nas mãos” – “os físicos **terão muito trabalho nas mãos**”.

No trecho “boa parte das partículas do Modelo Padrão tinham sido propostas em teoria e, depois, a existência delas foi confirmada na prática”, poderíamos afirmar que “boa parte de” é um fraseologismo por dois motivos. Em primeiro lugar, pela idiomaticidade parcial, por não ser em todo o fraseologismo que há discordância de significado. “Parte” parece remeter à noção de “porção”, ao passo que “boa” não parece ser o contrário de “má”, mas remeter à noção de “grande”. Em segundo lugar, fazendo o mesmo experimento simples anterior, tem-se mais de 29 milhões de resultados no Google, o que permite dizer que esse é um fraseologismo pela ocorrência conjunta de cada uma de suas palavras estar muito lexicalizada.

A análise sintática dando-se da esquerda para a direita, “boa parte de” em si não preenche nenhuma função proposicional. “Boa parte das partículas do Modelo Padrão” é o sujeito, “partículas”, núcleo nominal do sujeito e “as partículas do Modelo Padrão”, complemento nominal de “boa parte”, “do Modelo Padrão”, adjunto adnominal de “boa parte das partículas”. Não há como fazer a análise sintática da direita para esquerda, desmembrando as partes desse sujeito, para atribuir uma função a “boa parte de”. “Boa parte de”, sendo uma porção do sujeito, não preenche nenhuma função proposicional, inclusive porque, em outras frases, ele pode ser porção de outros elementos que preenchem outras funções proposicionais.

Outros fraseologismos do texto, além de compartilharem a propriedade de “boa parte de” de não preencherem uma função proposicional, sugerem ter um funcionamento ainda mais complexo. Nesse caso, incluímos: “ser isso aí mesmo” – “**é isso aí mesmo**, não tem erro de digitação” – e “dar tudo errado” – “e aí, ao combinar as equações das duas teorias, o resultado é... Bem, **dá tudo errado**”. Trata-se de um funcionamento complexo porque esses fraseologismos funcionam como frases não como palavras.

Para Benveniste (1966, p. 123-124), a frase se realiza por palavras e o seu sentido é compartilhado entre essas palavras; por isso, um fraseologismo pode ser uma frase, na medida

em que for um todo, isto é, que conter os elementos necessários para possibilitar a transmissibilidade. “É isso aí mesmo” e “dar tudo errado” contêm em si mesmos os elementos necessários para que, relacionados a uma situação de discurso, sejam compreendidos.

Compreendendo “situação de discurso” como o ato de o locutor tomar as palavras para si e habilitá-las a um uso específico, esse ato pode se dar oralmente ou por escrito. No caso dos fraseologismos “é isso aí mesmo” e “dar tudo errado”, ao serem lidos por um (inter)locutor na situação de discurso em que se inserem, permitem estabelecer um sentido. Essas frases, no entanto, possuindo as características de se constituírem como um todo e seu sentido ser compartilhado entre suas palavras, possuem discrepância do sentido entre o todo e as partes, além de serem estáveis e lexicalizadas, o que as tornam fraseologismos. Julgamos não ser à toa que “fraseologismos” (com)porta o termo “frase” no nome.

Alguns fraseologismos funcionando como frases, outros parecem ter seu tipo de funcionamento a investigar. Por exemplo, “por falar em” e “quer dizer” afiguram-se operar como “devido a” que mencionamos acima, na medida em que não parecem preencher uma função proposicional na frase. Observemos um trecho de T2: “aliás, **por falar em** gravitação, esse é outro grande mistério que ainda não foi totalmente esclarecido. **Quer dizer**, até foi, mas como se fosse uma bizarrice do Universo”. Eles têm a propriedade de, por assim dizer, serem anafóricos: “por falar em gravitação” está retomando algo que foi dito anteriormente e “quer dizer”, ao fazer uma ressalva, de certa forma também está retomando algo dito anteriormente. Por essa propriedade, eles são um tipo de fraseologismo que não funciona como palavra nem como frase. Não funcionam como palavra porque não preenchem uma função proposicional. Não funcionam como frase porque, em si, não constituem um todo. Desse modo, possuem um funcionamento muito peculiar, que exige mais pesquisas.

De qualquer forma, poderíamos organizar a análise que empreendemos até aqui no seguinte quadro:

Quadro 2 – Tipos de funcionamento dos fraseologismos. (Legenda: P1 – propriedade de as palavras do fraseologismo preencherem uma função proposicional; P2 – propriedade de o fraseologismo preencher uma função proposicional qualquer na frase; P3 - propriedade de o fraseologismo preencher a função proposicional de predicado; P4 – propriedade de o fraseologismo ter funcionamento de frase; P5 – tipo de funcionamento do fraseologismo a definir).

	P1	P2	P3	P4	P5
boa parte de	x				x
bóson de Higgs	x	x			
dar tudo errado	x			x	
devido a isso	x				x
não dar nem para o troco do pão	x		x		
não dar nem pro começo	x		x		
por aí	x	x			
por falar em	x				x
quer dizer	x				x
raio x	x	x			
reunir no mesmo saco	x		x		
ser isso aí mesmo	x			x	
ter muito trabalho nas mãos	x		x		
haver um monte de ideias	x			x	

A disposição desse quadro permite ver mais claramente as propriedades dos fraseologismos de T1 e de T2 de que tratamos até agora. Em todos os fraseologismos, as palavras preenchem uma função proposicional, na medida em que é possível fazer uma análise sintática da esquerda para a direita e elencar essas funções. Entretanto, nem todo fraseologismo em si preenche uma função proposicional.

Com relação aos que preenchem, por exemplo, “raio x”, “por aí”, “bóson de Higgs”, eles funcionam como uma única palavra. Apesar de, por exemplo, em “raio x”, “raio” ter a função de núcleo nominal e “x” de adjunto, cada um é uma palavra distinta, ao integrarem um mesmo sintagma, formando uma única palavra, no sentido de preencherem a mesma função, no caso que vimos, de sujeito da frase. Essa é uma característica interessante dos fraseologismos – a de, pela integração de palavras diferentes em um mesmo sintagma, formar-se uma nova palavra que, ela mesma, preenche uma única função na frase. Por isso mesmo, são lexias complexas: da discordância de suas funções diferentes, forma-se uma função só.

Os fraseologismos que possuem função de predicado, por exemplo, “não dar nem pro preço”, “não dar nem para o troco do pão”, “reunir no mesmo saco”, “ter muito trabalho nas mãos” operam singularmente. Isso porque a noção de predicado extrapola a de palavra. Embora, como as lexias citadas no parágrafo anterior, eles formem um fraseologismo que compreende

palavras com funções diferentes, as quais, juntas, preenchem uma mesma função, julgamos que, nesse caso, por referir-se à função de predicado, não seria adequado afirmar que eles estejam funcionando como uma única palavra, pois a função de predicado que esses fraseologismos ocupam extrapola a definição de Benveniste (1974, p. 225) de a palavra ser a unidade semântica mínima para a mensagem. Ora, o predicado extrapola o mínimo. Há aí, pois, um tipo de fraseologismo que, embora seja estável, lexicalizado e idiomatizado, não funciona por si só como palavra por veicular muito mais que um significado que possa ser estabilizado em uma única unidade mínima. O predicado parece estar no entremeio da palavra e da frase. De qualquer maneira, admitimos que essa questão exige mais investigação.

“Ser isso aí mesmo”, “dar tudo errado” e “haver um monte de ideias” ultrapassam todos os limites, já que se lexicalizaram enquanto frases. Dessa maneira, eles não preenchem uma função proposicional em uma frase por funcionarem eles mesmos como frases. Os outros quatro fraseologismos, “devido a isso”, “boa parte de”, “por falar em”, “quer dizer”, por possuírem propriedades mais complexas, ficam com seu tipo de funcionamento a definir. Entretanto, eles podem estar mais para a sintagmatização, isto é, para a maneira como certo conjunto de palavras é agenciado com recorrência, e menos para a fraseologia.

5. Conclusões

Com a análise que fizemos, verificamos que, dos quatorze fraseologismos que analisamos, todos possuem suas palavras preenchendo alguma função proposicional. Entretanto, apenas oito fraseologismos ocupam eles mesmos alguma função, dentre os quais quatro são predicados, uma função que gera o problema de extrapolar a função de palavra. Além disso, verificamos que alguns fraseologismos não funcionam eles mesmos como palavra e que, outros, funcionam como palavra.

Nesse sentido, entramos novamente na problemática de Klare (1986) de a fraseologia ser uma subdisciplina da lexicologia por seu objeto de estudo ter a mesma função que as palavras, a função denominativa. Entretanto, vimos que nem todo fraseologismo funciona como palavra, o que faz com que não preencha uma função denominativa. Portanto, este trabalho, ainda que limitado, pode abrir caminhos para se definir a ciência fraseológica a partir da natureza de seu objeto visto baixo os pressupostos teóricos que a problemática sobre a palavra e a frase suscita.

Referências

BATISTA, L. Nasa encontra sinais misteriosos de raios X em outra galáxia. **Superinteressante**, São Paulo, 27 de junho de 2014. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/supernovas/2014/06/27/nasa-encontra-sinais-misteriosos-de-raios-x-em-outra-galaxia/>> Acesso em 6 jun 2014.

BATISTA DA SILVA, M. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. In: **Revista de Letras**. Fortaleza: Edições da Universidade do Ceará, 2006. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl28Art02.pdf>> Acesso em 28 jun 2014.

BENVENISTE, E. **Problèmes de linguistique générale**. Saint-Amand: Éditions Gallimard, 2002, v. 2. [1974]

CABRAL, A. **A força das palavras**: dizer e argumentar. São Paulo: Contexto, 2010.

HOUAISS, A; VILLAR, M; FRANCO, F (ed.). **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2001.

JEUGE-MAYNART, I. (org.). **Larousse** : dictionnaires de français. Paris: Éditions Larousse, 2012. Disponível em : <<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais>> Acesso em 28 jun 2014.

KLARE, J. Lexicologia e fraseologia no português moderno. In: **Revista de Filologia Românica**, IV. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense, 1986. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&ret=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Frevistas.ucm.es%2Findex.php%2FRFRM%2Farticle%2Fdownload%2FRFRM8686110355A%2F13195&ei=3Du1U4aMG6rjsASm_4KQCg&usq=AFQjCNEODI_I0QWsg9m_8p9cKtojDyOpig&sig2=7rdgCpM92zJIXfmZ5MWE3w> Acesso em 28 jun 2014.

NOGUEIRA, S. O bóson de Higgs não deu nem pro começo. **Superinteressante**, São Paulo, agosto de 2013. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/universo/boson-higgs-nao-deu-nem-pro-comeco-697828.shtml>> Acesso em 6 jun 2014.

POTTIER, B. **Présentation de la linguistique**: fondements d'une théorie. Paris: Éditions Klincksieck, 1967.

SAUSSURE, F. **Cours de linguistique générale**. Paris, Payot: 1964.

VILAVERDE, C. Físicos podem ter encontrado indícios de matéria escura. **Superinteressante**, São Paulo, 3 de abril de 2013. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/blogs/supernovas/2013/04/03/fisicos-podem-ter-encontrado-indicios-de-materia-escura/>> Acesso em 6 junho 2014.

Artigo recebido em: 19.07.2014

Artigo aprovado em: 13.09.2014

Unidades fraseológicas especializadas eventivas no âmbito do Treinamento de Força: um “exercício” exploratório

Eventive specialized phraseological units in the field of Strength Training: an exploratory “exercise”

Márcia dos Santos Dornelles*

RESUMO: Apoiado na Teoria Comunicativa da Terminologia, este estudo buscou identificar, descrever e analisar, de uma perspectiva linguística, a formação de unidades fraseológicas especializadas (UFE) eventivas (cf. BEVILACQUA, 2004) no âmbito do Treinamento de Força (TF) – uma especialidade da Educação Física. Para tanto, exploramos, com o programa AntConc (ANTHONY, 2011), um *corpus* de 21 artigos científicos em português sobre TF. Entre os achados do estudo, destacamos a variação denominativa (quase-sinonímia) e conceitual (polissemia) em unidades terminológicas e fraseológicas extraídas; e a predominância de nominalizações, comparadas a verbos e participios, nas UFE eventivas. Os procedimentos e critérios adotados, e as conclusões a que chegamos servirão de base para a tomada de decisões referentes à inclusão dessas fraseologias em um protótipo de glossário bilíngue (português-inglês) dirigido a tradutores, produto de nossa pesquisa de mestrado.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Comunicativa da Terminologia. Unidades fraseológicas especializadas. Treinamento de Força. Glossário bilíngue.

ABSTRACT: Based on the Communicative Theory of Terminology, this study identifies, describes and analyzes, from a linguistic perspective, the formation of eventive specialized phraseological units (eventive SPU; BEVILACQUA, 2004) in the field of Strength Training (ST) – a specialty of Physical Education. For this purpose, a corpus of 21 scientific articles on ST in Portuguese was explored using the software AntConc (ANTHONY, 2011). Among the findings of the study, we highlight the denominative (quasi-synonymy) and conceptual (polysemy) variation in the extracted terminological and phraseological units; as well as the predominance of nominalizations, compared to verbs and participles in the eventive SPU. The procedures and criteria adopted, as well as the conclusions reached will base the decision making regarding the inclusion of such phraseologies in a prototype bilingual (Portuguese-English) glossary designed to translators – a product of our Master’s research.

KEYWORDS: Communicative Theory of Terminology. Specialized phraseological units. Strength Training. Bilingual glossary.

1. Introdução

Ao elaborar um produto terminográfico bilíngue direcionado a tradutores, o terminógrafo deve ter a preocupação não só de repertoriar, nas duas línguas, os termos próprios de uma área ou subárea do conhecimento, mas também de apresentá-los dentro de suas

* Especialista em Estudos Linguísticos do Texto pelo Instituto de Letras da UFRGS; mestranda em Estudos da Linguagem (Teorias Linguísticas do Léxico) na mesma instituição; servidora técnico-administrativa da UFRGS.

ocorrências típicas, ou seja, de registrá-los acompanhados dos elementos que a eles se combinam em nível sintagmático, de forma recorrente nos textos daquela especialidade. Isso porque o tradutor precisa produzir, na língua de chegada, um texto adequado ao padrão de linguagem em foco. Esse padrão de linguagem inclui a terminologia¹ dessa especialidade, abrangendo também suas unidades fraseológicas especializadas (UFE), de forma a espelhar os modos de dizer de um dado campo do conhecimento. Assim, o texto de chegada soará natural para sua comunidade de leitores, e serão evitados ruídos na comunicação.

Partindo dessas premissas e dos princípios da Teoria Comunicativa da Terminologia – TCT (cf. CABRÉ, 1999a, 1999b, 2001a, 2001b), este estudo, que caracterizamos como um exercício exploratório, tem o objetivo de identificar, descrever e analisar, de uma perspectiva linguística, a formação de algumas unidades fraseológicas especializadas eventivas (UFE eventivas, cf. BEVILACQUA, 2003, 2004) no âmbito do Treinamento de Força (TF) – uma especialidade da área de Educação Física –, em um *corpus* de 21 artigos científicos que versam sobre essa temática, originalmente escritos em português brasileiro. O estudo começa situando a fraseologia especializada no âmbito da TCT, segue com a definição de UFE eventivas e sua diferenciação de outras unidades sintagmáticas, tece algumas observações preliminares sobre certos aspectos das UFE eventivas na esfera do TF, passa para o detalhamento da metodologia empregada e a descrição e análise das unidades extraídas, e termina com nossas considerações.

O percurso aqui adotado e as conclusões a que chegamos servirão de base para a tomada de decisões referentes aos critérios de inclusão da fraseologia especializada do TF em um protótipo de glossário dirigido a tradutores, mas também útil para pesquisadores e estudantes da área. Tal produto será oferecido no bojo da dissertação de mestrado intitulada “Bases teórico-metodológicas para elaboração de um glossário bilíngue (português-inglês) de Treinamento de Força”.

2. As UFE no âmbito da Teoria Comunicativa da Terminologia: alguns fundamentos

Nesta seção, veremos que a concepção de UFE de Bevilacqua (2004) que adotamos neste trabalho (ver Seção 3) como unidade transmissora de conhecimento especializado insere-a como objeto de estudo na Terminologia, mais especificamente na TCT. Essa filiação disciplinar e teórica tem como consequência imediata a análise das unidades limitada aos textos

¹ Neste artigo, terminologia com t minúsculo refere-se a conjunto de termos, e Terminologia com T maiúsculo refere-se a campo de estudos ou disciplina.

especializados, porém com uma flexibilidade de adaptação a diferentes situações e propostas de trabalho, como bem observa a referida autora. Assim, como ponto de partida, apresentamos aqui, resumidamente, alguns dos princípios da TCT que julgamos mais relevantes para os propósitos deste estudo.

Dentre os princípios gerais, Cabré (1999a, p. 70) postula que a Terminologia é uma matéria interdisciplinar, integrada por fundamentos das Ciências da Linguagem, das Ciências da Cognição e das Ciências Sociais. Assim, a unidade terminológica (UT), seu objeto central de estudo, é *poliédrica*: é, ao mesmo tempo, uma unidade linguística, uma unidade cognitiva e uma unidade sociocultural. Como consequência, a prática terminológica também é tridimensional, ou seja, o termo, ou UT (e, do mesmo modo, as UFE), pode ser tratado a partir de três perspectivas (cf. CABRÉ, 1999a, 1999b, 2001a, 2001b):

- da *perspectiva linguística*, a detecção e a descrição ou análise dos termos ou de outras unidades especializadas devem partir do texto produzido por especialistas, pois é no seu contexto de uso real, *in vivo*, que se estabelece o valor especializado das mesmas. É por esse valor que podem ser denominadas *unidades de significação especializada* (USE);
- da *perspectiva cognitiva*, faz-se a distinção entre conhecimento especializado e conhecimento não especializado. As unidades que representam e transmitem conhecimento especializado são denominadas UCE;
- da *perspectiva comunicativa* (ou *social*), busca-se identificar as diferentes situações comunicativas em que as unidades são utilizadas e, portanto, os aspectos pragmáticos (âmbito, temática, tipo de texto, perspectiva a partir da qual se trata o tema, funções do texto, interlocutores, etc.) que condicionam sua conformação e uso. Nessa perspectiva, as UT denominam-se *unidades de comunicação especializada* (UNICOME).

Além dessas, as UT podem ser tratadas:

- da perspectiva de cada matéria ou âmbito em que é utilizada (*multifuncionalidade*²). Por exemplo³, no TF, os termos anatômicos (*braço, coxa*) são empregados para designar regiões precisas do corpo envolvidas em determinados movimentos, exercícios ou medições. Nesse âmbito, portanto, possuem valor terminológico. Já em outros, podem ser usados com valor não especializado. Esse exemplo é mais bem explicado na Seção 4;
- do(s) enfoque(s) que podem receber no interior de uma mesma matéria ou âmbito (*multidimensionalidade*⁴). Por exemplo, a UFE *realização de exercício*, dentro da área de Educação Física, geralmente é empregada na perspectiva da saúde, mas também poderia sê-lo na perspectiva do treinamento.

Nessa breve exposição, percebe-se que, do mesmo modo que as UT, as UFE, dentre elas as eventivas, constituem um objeto de estudo poliédrico, multifuncional e multidimensional. Por isso, mesmo partindo da perspectiva linguística, como informamos na Introdução, concordamos com Bevilacqua (2004, p. 8) em que não há como perder de vista seu triplo caráter de USE, UCE e de UNICOME, pois se trata de uma fraseologia com conformação e valor especializado determinados por parâmetros morfossintáticos (gramaticais), semânticos e pragmático-discursivos que *se interligam*. Em outras palavras, as UFE são, ao mesmo tempo, estruturas integrantes do sistema da língua, portadoras de conhecimento específico de uma área ou temática especializada, e utilizadas em uma situação comunicativa especializada.

Tal constatação encontra respaldo em Cabré (1999a)⁵. A autora, ao mesmo tempo em que ressalta a importância de que o objeto de estudo “seja abordado e abordável a partir de uma teoria precisa e bem estabelecida” (p. 82), pondera que “nada impede que a análise de um objeto vá integrando progressivamente aspectos a partir de óticas disciplinares distintas” (p. 82). A estudiosa acrescenta que as UT “devem ser analisadas *funcional, formal e semanticamente*, descrevendo sua dupla *sistematicidade*: geral, em relação ao sistema da língua de que faz parte; e específica, em relação à terminologia do âmbito de especialidade em que são usadas” (p. 82).

² A multifuncionalidade diz respeito às funções representativa e comunicativa dessas unidades (cf. CABRÉ, 1999a, 1999b, 2001a, 2001b).

³ Os exemplos oferecidos nesse ponto e no seguinte são nossos.

⁴ A multidimensionalidade diz respeito à variação, à poliedricidade e à dinamicidade das unidades (cf. CABRÉ, 1999a, 1999b, 2001a, 2001b).

⁵ Neste artigo, todas as citações diretas de Cabré (1999a) e Bevilacqua (2004) foram traduzidas por nós.

Ainda relacionado à perspectiva linguística, cumpre ressaltar outro princípio balizador da TCT (BEVILACQUA⁶, 2004, p. 10):

- Os termos [...] não constituem um léxico independente do léxico geral: são unidades léxicas que adquirem valor especializado e, conseqüentemente, de UT por seu uso em um contexto e uma situação comunicativa específicos. Portanto, é uma ativação pragmática que leva em conta o âmbito, a temática, sua perspectiva de tratamento, o tipo de texto, os interlocutores e a situação comunicativa, que pode ser mais ou menos especializada.
- As UT, conseqüentemente, não *pertencem* a um âmbito: *são utilizadas* nele com um valor específico.

A passagem acima inter-relaciona três noções centrais da Linguística Geral que evidenciam a sólida base linguística da TCT: significação, valor e massa de falantes. Em termos saussurianos, diríamos que, numa situação de comunicação especializada, uma unidade lexical alcança estatuto, ou *valor*, terminológico ao sofrer uma *ressignificação*, ou seja, ao adquirir um significado especializado reconhecido pela comunidade de falantes da área específica: “Um signo só é um signo porque é reconhecido como tal por uma coletividade. E o que esta lhe reconhece não é nada além do valor que ela lhe atribui” (DEPECKER, 2012, p. 145). Assim, só após a aceitação e a repetição de um termo pelos próprios especialistas do campo é que ele é incorporado à terminologia deste. O papel decisivo do coletivo de falantes na consagração de um termo fica claro nesta passagem do Curso de Linguística Geral (SAUSSURE, 1971, p. 132):

[...] a arbitrariedade do signo nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só, criar um sistema lingüístico. A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja.

Em decorrência de serem, antes de tudo, signos da língua natural, as UT são suscetíveis a *toda gama de fenômenos* que nesta ocorrem, dentre eles a *variação conceitual* (polissemia) e *denominativa* (sinonímia), considerando a essência comunicativa e discursiva dessas unidades. Sobre esse princípio, Faulstich (2001), estudiosa da variação terminológica da perspectiva da Socioterminologia, é incisiva: “Variação e terminologia não se confrontam na abordagem atual. Pelo contrário, defendemos que a terminologia é passível de variação porque faz parte da língua, porque é heterogênea por natureza, e porque é de uso social” (p. 20).

⁶ Segundo a própria autora, tal princípio é formulado por Cabré (1999a, 1999b, 2001a, 2001b).

Um último fundamento da TCT a destacar aqui é que a Terminologia, paralelamente à sua interdisciplinaridade, é também transdisciplinar, “dado que não existe nenhuma disciplina estruturada que não disponha de terminologia, e não existe modo algum de expressar nem transferir conhecimento científico sem terminologia” (CABRÉ, 1999a, p. 70). Essas duas características conferem à Terminologia uma diversidade de aplicações. Cabré (1999a, p. 71) considera que “toda atividade terminológica se justifica socialmente por sua utilidade em relação à solução de problemas relacionados com a informação e a comunicação”, e defende que a prática terminológica “deve variar necessariamente segundo os contextos, as finalidades, os recursos e a matéria que queira abarcar, e esta especificidade condiciona a atualização de uma concepção predominante” (p. 71).

Nesse sentido, entendemos que a análise linguística empreendida no presente estudo, a qual busca entender a conformação das UFEs eventivas em textos produzidos por especialistas afetos ao TF, será de grande utilidade para definir critérios de inclusão das mesmas no protótipo do glossário que projetamos construir. Passemos a elas, então.

3. Unidades fraseológicas especializadas eventivas: propriedades e diferenças

Dentre as diversas concepções de UFE existentes no âmbito dos estudos terminológicos, optamos por adotar neste trabalho o recorte proposto por Bevilacqua (2003, p. 215-216; 2004, p. 16-17) e investigar as UFE eventivas, cujas propriedades são assim descritas por essa autora:

- são unidades sintagmáticas formadas por um *núcleo terminológico* (NT), este constituído por um ou mais de um termo; e um *núcleo eventivo* (NE), de carácter terminológico ou não, assim denominado por ser constituído ou derivado de verbo (verbo, nominalização ou participípio);
- o NT representa um nó de conhecimento na estrutura ou mapa conceitual de um âmbito especializado, tem valor referencial e categoria nominal e possui um carácter denominativo (p. ex.⁷, *articulação, capacidade muscular, força, intensidade*);
- o NE é de categoria verbal ou deverbal (nominalização ou participípio), tem carácter relacional (os deverbais herdaram todas as propriedades da estrutura argumental e temática do verbo), e denota processos e ações próprios de determinada área de

⁷ Os exemplos fornecidos de NT e NE são nossos, procedentes do âmbito do TF.

conhecimento ou temática (p. ex., *periodizar/periodização/periodizado; flexionar/flexão/flexionado*);

- entre esses dois núcleos, se estabelecem relações de tipo sintático, mas principalmente de caráter semântico, determinadas pelas condições pragmático-discursivas, o que confere à unidade um caráter estável, i. e., de unidades semifixas;
- são, portanto, unidades que se conformam pelo e no discurso em que ocorrem, passando a ter valor fraseológico e especializado pelas características do texto em que são utilizadas, principalmente por aspectos pragmáticos como a temática e a situação comunicativa (interlocutores envolvidos, graus de especialização e finalidade dos textos);
- conseqüentemente, podem ser compreendidas como USE (perspectiva linguística), pois são estruturas integrantes do sistema da língua; como UCE (perspectiva cognitiva), pois transmitem conhecimento específico de uma área ou temática especializada; e como UNICOME (perspectiva comunicativa), pois são utilizadas em uma situação comunicativa especializada.

Ainda de acordo com Bevilacqua (2004, p. 18), as UFE eventivas distinguem-se de outras unidades sintagmáticas, a saber:

- das *unidades terminológicas sintagmáticas* (UTS), que, assim como as UT simples, representam um nó de conhecimento no mapa conceitual de uma especialidade, têm valor referencial e caráter denominativo (p. ex.⁸, *número de repetições, número de séries, intervalo de recuperação, força muscular*);
- das *unidades sintagmáticas discursivas* (USD), que, embora possam conter verbos equivalentes aos NE das UFE eventivas, têm uma função pragmático-discursiva relacionada especificamente ao tipo de texto e não à área temática (p. ex., *analisar os dados, apresentar os resultados, ver a Tabela I*);
- das *unidades sintagmáticas livres* (USL), que, embora possam ter uma UT equivalente a um NT das UFE eventivas, não contêm um verbo ou deverbal que possa

⁸ Os exemplos fornecidos de UTS, USD e USL são nossos, procedentes do âmbito do TF.

adquirir valor especializado e, conseqüentemente, não assumem valor especializado como unidade (p. ex., *constituir o treinamento de força, encontrar a força relativa*).

Como bem adverte Bevilacqua (2004, p. 18-19), “essa distinção nem sempre é tarefa simples, principalmente porque algumas propriedades dessas diferentes unidades podem coincidir, como a categoria gramatical, a estrutura sintática ou a frequência”. Pensando nisso, na seção a seguir apresentamos algumas características observadas preliminarmente nas UFE eventivas do campo do TF que tornam mais clara a distinção das mesmas de outras unidades sintagmáticas.

4. As UFE eventivas no âmbito do Treinamento de Força: observações preliminares

Nossa prática tradutória de mais de quinze anos na área de Educação Física levou-nos a construir manualmente, ao longo desse período, um glossário abrangente e de uso pessoal que, apesar de bastante rudimentar, nos proporcionou um rico conhecimento sobre a terminologia da subárea TF. Essa experiência nos permitiu observar que, no tocante às UFE eventivas, por vezes o valor terminológico do NE equipara-se ao do NT na relação que se estabelece entre esses núcleos. É o caso, por exemplo, das unidades *extensão do cotovelo, flexão do joelho e rotação interna da articulação do ombro*, que descrevem movimentos executados em exercícios de treinamento de força – fato que evidencia o caráter eventivo das mesmas e, ao mesmo tempo, as distingue de UTS e USL.

Expliquemos melhor. Os lexemas *cotovelo, joelho e ombro* são apenas alguns dos inúmeros termos da anatomia do corpo humano que têm grande recorrência na especialidade do TF, pois designam regiões articulares envolvidas nos movimentos. Nesse âmbito temático, eles possuem, portanto, valor terminológico, e constituem os NT nos exemplos de UFE eventivas supracitados. Apesar de sua larga utilização também em textos não especializados, neles se observa um uso mais indiscriminado, menos preciso, dessas palavras. Esse é um claro exemplo do caráter multifuncional dos termos, que se desdobra na “máxima terminológica” defendida pela TCT e por outras teorias descritivas de base linguística de que um termo não é termo, mas *está* termo dentro de uma situação comunicativa especializada, determinado por aspectos semânticos, discursivos e pragmáticos. Nas palavras de Almeida (2010, p. 77):

Que critérios devemos levar em conta para distinguir um termo de uma palavra, já que a partir de uma perspectiva linguística todos são igualmente signos da língua natural? Não existe, pois, um conjunto de termos isolados constituindo uma língua marginal à língua geral; o que há são signos da língua natural que se realizam ora como palavras, ora como termos, dependendo da temática, dos usuários, da situação comunicativa (CABRÉ, 1999; 2003). O que distingue, portanto, termo de palavra são *critérios pragmáticos*. Em outras palavras: quem diz o quê? Para quem? Em que situação?

Seguindo nosso raciocínio, os três termos no TF denominam regiões articulares; e as articulações, por sua natureza, permitem apenas três movimentos principais: extensão, flexão e rotação (os NE de nossos exemplos). Naturalmente, um leigo na área poderia dizer, sem maiores problemas, *esticar o braço, dobrar a perna* ou *girar o ombro*; um especialista, no entanto, para que seu discurso seja bem aceito por seus pares, diria, respectivamente, *estender o cotovelo, flexionar o joelho e rotar o ombro*.

Percebemos, assim, que, nas UFE eventivas que denotam movimentos articulares e em alguns outros casos semelhantes no âmbito do TF, há o que Bevilacqua (2004, p. 82) chama de *restrição combinatória de caráter especializado*. Esta é uma evidência de que as referidas unidades são também UCEs, pois têm a função de transmitir conhecimento especializado – nos exemplos dados, conhecimento anatômico (representado pelo NT) e conhecimento cinesiológico (representado pelo NE). Nesse sentido é que afirmamos que, por vezes, o NE carrega um valor terminológico equivalente ao do NT.

As ocorrências específicas das articulações poderiam ser linguisticamente representadas nas formas a seguir, a partir do verbo no infinitivo, com desdobramentos para o nome deverbal e o particípio, dado o caráter relacional das UFEs eventivas definido na Seção 3. Adotamos aqui a forma no feminino singular:

- a) estender/flexionar/rotar + a + [articulação]
- b) extensão/flexão/rotação + da + [articulação]
- c) [articulação] + estendida/flexionada/rotada

Especificamente em relação ao NT, é importante retomar que, ainda que represente conhecimento especializado, ele comporta variação. Em outro estudo exploratório que

realizamos recentemente⁹, que investigou a variação no emprego da terminologia anatômica em artigos científicos no âmbito da Educação Física, e que inclui alguns artigos sobre TF, verificamos uma significativa variação nos termos anatômicos, mesmo havendo uma Terminologia Anatômica Internacional (TAI) traduzida para o português pela Sociedade Brasileira de Anatomia em 2001 (TAI, 2001). Dentro da classificação anatômica, as “divisões” que mais apresentaram variação foram o sistema muscular (p. ex.: *levantador da escápula* e *elevador da escápula*; *reto femoral* e *reto da coxa*; *transverso do abdome* e *transverso abdominal*) e, em seguida, o sistema esquelético (p. ex.: *cabeça do úmero* e *cabeça umeral*; *cavidade glenoidal* e *cavidade glenóidea*; *manúbrio do esterno* e *manúbrio esternal*). O referido estudo investigou somente a variação denominativa de unidades terminológicas e não de unidades fraseológicas. No presente estudo, pudemos verificar como se dá a variação nas UFE eventivas (ver Seção 6).

Com base na definição de UFE eventivas proposta por Bevilacqua (2003, 2004) e em nossas observações prévias, em princípio conferimos igual importância ao NT e ao NE na conformação dessas unidades, e tal fato orientou as decisões metodológicas tomadas neste estudo. Passemos agora ao detalhamento dessa metodologia.

5. Percurso metodológico

Antes de prosseguirmos, é importante frisar que, apesar da experiência terminográfica já relatada na subárea de TF, esta é a primeira exploração que fazemos das UFE dessa especialidade por meio de *corpus* textual com apoio informatizado. Além disso, o glossário que construímos não registra a frequência dos termos, uma vez que não teve auxílio de ferramenta computacional, razão pela qual decidimos desprezá-lo como ponto de partida possível para a recuperação de UFE eventivas. Tampouco dispomos de um mapa conceitual, que seria de grande utilidade para melhor compreensão da formação dessas unidades, como demonstra Bevilacqua em recente trabalho (no prelo). Esse mapa, ou uma árvore de domínio, será elaborado em etapa posterior da pesquisa. Dessa forma, seguimos aqui um passo-a-passo inicial na seara da Linguística de *Corpus*, na tentativa de nos apropriarmos dos recursos que ela oferece.

⁹ O estudo foi submetido a uma revista nacional no ano de 2014 e encontra-se em fase de avaliação.

O *corpus* de análise foi constituído de 21 artigos científicos originais, publicados em português brasileiro na *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, periódico de grande reconhecimento na área de Educação Física (estrato A2 no sistema WebQualis da CAPES¹⁰), motivo pelo qual nos foi indicado por um especialista na área de TF. A busca dos artigos foi feita na página eletrônica da RBME na base de dados SciELO¹¹, pelo assunto “Treinamento de Força”, e resultou em 21 textos com essa palavra-chave.

O *software* escolhido para exame do *corpus* foi o AntConc (ANTHONY, 2011), versão 3.2.4w¹², cujo acesso é gratuito. O AntConc exige a conversão dos textos para o formato .txt. Feito isso, fizemos a limpeza do *corpus*: deletamos as informações de cabeçalho, título em inglês, autores, universidades de origem, endereço para correspondência, *abstract* e *keywords* (já que, neste estudo-piloto, nosso objeto são unidades em português), figuras, referências bibliográficas, datas de submissão/recebimento/aceite e informações de rodapé da Revista.

No AntConc, primeiramente geramos, como porto de partida, uma *lista de palavras*¹³ (ver Anexo 1) por ordem de frequência, que totalizou 6.358 *types* e 72.773 *tokens*. Contando com nosso conhecimento acumulado sobre a terminologia do TF, neste estudo preliminar não comparamos essa lista com a de um *corpus* de referência de textos não especializados para gerar uma *lista de palavras-chaves*¹⁴ – ou candidatos a termos – específicos do TF, como é, via de regra, recomendado por alguns terminólogos (KRIEGER & FINATTO, 2004; TAGNIN, 2012). Tampouco recorremos a um *corpus* de contraste de outra especialidade (KRIEGER & FINATTO, 2004). Tais procedimentos, no entanto, serão utilizados posteriormente na elaboração do protótipo do glossário.

Da lista de palavras, selecionamos, pelo critério de frequência, dois prováveis NT – *força* e *exercício(s)* – e dois prováveis NE – *treinamento* e *aumento*. Esse equilíbrio entre os dois núcleos deve-se à nossa observação preliminar de que ambos podem ter caráter terminológico no âmbito investigado e ao propósito de testar a eficácia desses dois percursos de recuperação de dados no AntConc.

¹⁰ Disponível em <http://qualis.capes.gov.br/webqualis/principal.seam>. Acesso em 17 dez. 2013.

¹¹ Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1517-8692&lng_pt/nrm_iso. Acesso em 25 nov. 2013.

¹² Disponível para *download* gratuito em <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.html>.

¹³ *Word list*: lista de todas as palavras do *corpus*.

¹⁴ *Keyword list*: lista de palavras com frequência estatisticamente diferenciada no *corpus* de estudo em comparação com um *corpus* de referência.

Como era presumível, as palavras *treinamento* e *força* foram as mais frequentes em cada núcleo, já que, juntas, constituem uma palavra-chave dos artigos. A unidade *treinamento de força* também foi a mais frequente (183 ocorrências) na lista de *n-gramas*¹⁵ que geramos como ponto de apoio. Ainda assim, por se tratar da denominação da própria especialidade investigada, decidimos utilizar as mesmas funcionalidades de busca com cada palavra em separado para verificar se a USE *treinamento de força* caracteriza-se como uma UFE eventiva, sendo *treinamento* uma nominalização do verbo *treinar*, e *força* o objeto dessa ação ou atividade; ou uma UTS, sem caráter eventivo, caso em que *de força* qualificaria um tipo de treinamento. Esta última era nossa hipótese. Além disso, a busca em separado dessas palavras revelaria as demais combinatórias presentes no *corpus*.

Assim, a título de demonstração do método empregado para observação e coleta de dados, listamos os passos seguidos individualmente com as palavras *treinamento* e *força*.

Para *treinamento*, candidata a NE, geramos as seguintes listas:

1. *clusters*¹⁶ com a raiz **trein* alinhada à esquerda, com tamanho mínimo de 2 e máximo de 4, e observamos os resultados com frequência mínima de 2. A análise com o radical mostrou-se difícil, pois a busca resultou em muitos derivados e por ordem de frequência, não alfabética. Então geramos novos *clusters* em separado:
2. *concordances*¹⁷ com *treinar** (10), *treinou** (9), *treinava** (1) e *treinad** (57) para investigar a potencial eventividade de *treinamento*. Para *treinad**, devido ao número expressivo de resultados, geramos *clusters* à direita, de tamanho 2-4 (após testes, este se mostrou um bom tamanho para análise). Em todas as listas, consideramos os resultados com frequência mínima de 2 (21, ver Anexo 2);
3. *clusters* com *treinamento** à esquerda e à direita, com tamanho 2-4, e observamos os resultados com frequência mínima de 2 (153 e 209, respectivamente, cf. Anexo 3).

¹⁵ Sequências de palavras que se repetem no *corpus*. É preciso definir sua extensão mínima/máxima e sua frequência mínima.

¹⁶ Agrupamento de palavras em torno de uma palavra dada. Pode-se posicionar a palavra de busca à esquerda ou à direita, e é preciso definir a extensão mínima/máxima e a frequência mínima do *cluster*.

¹⁷ As “concordâncias” são uma lista das ocorrências de determinada palavra (ou sequência de palavras) com seu contexto no *corpus*.

Para *força*, candidata a NT:

1. geramos *clusters* com *força* à esquerda e à direita, com tamanho 2-4, e observamos os resultados com frequência mínima de 2 (138 e 121, cf. Anexo 4);
2. “cruzamos” manualmente os *clusters* com *força* alinhada à esquerda e à direita para verificar as derivações de um mesmo verbo (verbo, nominalização e particípio);
3. quando os candidatos a NE encontrados não apresentaram todas essas três formas, refinamos a busca observando os *clusters* de *força* de frequência 1 e/ou gerando *concordances* com as diferentes derivações do candidato, para investigar seu caráter eventivo.

Para os demais candidatos a NE (*aumento* e *redução*) e a NT (*exercício* e *RM*), seguimos os mesmos passos aqui numerados¹⁸. Ainda que se possa considerar que duas ocorrências seja uma frequência baixa para configurar uma UFE, decidimos extrair esses resultados pelo fato de nosso *corpus* de análise não ser muito extenso. Nos casos de dúvidas (como aquelas sinalizadas com ?? nos anexos), refinamos as buscas e contamos com nossa experiência de tradução na área de TF para avaliar o significado no cotexto das concordâncias e, quando necessário, do(s) artigo(s). Dessa forma, chegamos aos dados que passamos agora a descrever e analisar.

6. Descrição e análise dos dados

Para uma melhor visualização, listamos as UFEs eventivas extraídas a partir de cada palavra de busca, por ordem semialfabética, agrupadas por NE de mesma família (sombreado intercalado) e, dentro desse grupo, ordenadas pela frequência no *corpus*. Também relacionamos aquelas unidades que suscitaram dúvidas e que, após buscas refinadas, revelaram ser outro tipo de unidade sintagmática. Ao final da lista de unidades de cada palavra-núcleo, analisamos esses dados.

- Para *treinamento*:

Quadro 1. Treinamento.

UFE EVENTIVAS	OUTRAS UNIDADES SINTAGMÁTICAS
Como NE	UTS
<i>treinamento da força</i> (4)	<i>treinamento combinado</i> (20)
Como NT	<i>treinamento de força</i> (182)
<i>intensificação de/do treinamento</i> (4)	<i>treinamento [...] isolado</i> (15)
<i>treinamento intensificado</i> (1)	<i>treinamento resistido</i> (11)

¹⁸ Por limitação de espaço neste artigo, não fizemos busca reversa, ou seja, com os NE encontrados a partir da busca com um NT, não revertemos a busca para encontrar outras coocorrências, ou vice-versa, o que seria aconselhado para ampliar o número de unidades.

<i>monitoramento do treinamento</i> (2)	[indivíduos/sujeitos/jovens/homens/mulheres/idosas] treinados (16)
<i>periodização do treinamento</i> (2)	
<i>prescrição do treinamento</i> (20)	
<i>treinamento [...] prescrito</i> (3)	USL
<i>prescrever o treinamento</i> (2)	<i>investigaram o treinamento</i> (2)
<i>programa de treinamento implementado</i> (3)	
<i>implementaram um programa de treinamento</i> (1)	

As unidades extraídas revelam que:

- na maioria das ocorrências de UFE eventivas, *treinamento* funcionou como NT. Somente em *treinamento da força* ele revelou caráter eventivo, portanto NE;
- a USE *treinamento da força* (4) pode ser considerada uma UFE eventiva, apesar de não termos encontrado nenhuma destas ocorrências: *treinar(am)/treinou-se/treinava(m) força* ou *força treinada*, que caracterizariam uma ação ou atividade e reforçariam sua eventividade. Outra possibilidade seria tratá-la como uma variante de *treinamento de força*, da qual os autores dos dois artigos em que apareceram podem ter lançado mão a fim de evitar repetição. Nesse caso, ela seria uma UTS;
- já a USE *treinamento de força* (182 ocorrências) não se mostrou uma UFE eventiva, e sim uma UTS que designa um tipo de treinamento, o que confirma nossa hipótese levantada na Seção 5. O mesmo se verificou em relação a *treinamento combinado/isolado/resistido*. Vale aqui uma observação importante relativa à variação conceitual entre os termos *treinamento de força* e *treinamento resistido* (11). Alguns estudiosos usam indistintamente o segundo para qualquer tipo de treinamento realizado contra uma resistência. Outros utilizam *treinamento resistido* para o treinamento contra uma resistência não dimensionada, por exemplo, a água de uma piscina ou a resistência elástica; e *treinamento de força* para o treinamento contra uma resistência dimensionada, por exemplo, duas anilhas de 5 kg numa barra, ou 3 pesos de 2 kg num equipamento, ou ainda um haltere de 3 kg;
- o NE do grupo *implementar* na verdade é coocorrente do NT *programa de treinamento*, e não de *treinamento* sozinho, como apareceu nos *clusters* de tamanho 2-4. Ele se apresentou somente como verbo e participio, sendo este o mais frequente;
- o NE do grupo *intensificar* apresentou somente nominalização e participio, sendo a primeira a mais frequente;
- os NE *monitoramento* e *periodização* apresentaram-se apenas na forma nominal;
- o NE do grupo *prescrever* foi o único a se apresentar nas três formas regulares (verbo, nominalização e participio), tendo a nominalização uma alta frequência (20);
- a forma mais frequente dos NE combinados com *treinamento* foi a nominalização;
- as UTS *indivíduos/sujeitos/jovens/homens/mulheres/idosas treinados* foram assim agrupadas e classificadas porque constituem tipos de sujeitos/indivíduos das pesquisas os quais já realizaram treinamento de força; portanto *treinados*, aqui, não tem caráter eventivo. Como mostra o Anexo 2, não há ocorrências (nem com

frequência 1) tais como *treinar(am)/ treinou(-se)/treinava(m) indivíduos*;
 - a USL *investigaram o treinamento* foi assim classificada porque o verbo não tem valor especializado.

- Para *força*:

Quadro 2. Força.

UFE EVENTIVAS	OUTRAS UNIDADES SINTAGMÁTICAS
<i>aferir a força</i> (2)	UTS
<i>aumento de/da força</i> (32)	<i>desempenho da força</i> (8)
<i>aumento(s) na força</i> (9)	<i>destreinamento de força</i> (2)
<i>aumentar a força</i> (8)	<i>destreinamento na força</i> (1)
<i>avaliação de/a força</i> (4)	<i>exercício(s) de força</i> (31)
<i>avaliando a força</i> (1)	<i>ganho(s) de força</i> (30)
<i>desenvolvimento de/da força</i> (9)	<i>ganhos em/na força</i> (4)
<i>força desenvolvida</i> (3)	<i>medida(s) de força</i> (2)
<i>desenvolver a força</i> (1)	<i>teste(s) de força</i> (3)
<i>diminuição de/da força</i> (3)	<i>treinamento de força</i> (182)
<i>a força diminui [diminuir a força]</i> (1)	<i>treino de força</i> (5): variante
<i>decrécimo na força</i> (2)	<i>[homens/sujeitos] treinados em força</i> (5)
<i>incremento(s) de/da força</i> (7)	<i>treinabilidade da força</i> (2)
<i>medida de/da força</i> (2)	
<i>mediam a força</i> (1)	USL
<i>força medida</i> (1)	<i>aprimoramento da força</i> (2)
<i>melhora da força muscular</i> (9)	<i>aquisição de força</i> (2)
<i>produção de força</i> (2)	<i>soma da força</i> (2)
<i>produzir força</i> (1)	
<i>queda na força</i> (4)	
<i>queda de força</i> (2)	
<i>redução de/da força</i> (7)	
<i>redução na força</i> (3)	
<i>treinamento da força</i> (4)	

As unidades extraídas revelam que:

- a unidade *força* confirmou-se como NT em todas as ocorrências de UFE eventivas;
- o NE *aferir* apresentou-se apenas no infinitivo e com baixa frequência (2). Parece ser uma variante denominativa (parassinônimo) menos prestigiada de *medir*, considerando as ocorrências dos derivados deste (4);
- os NE dos grupos *aumentar*, *diminuir* e *produzir* apresentaram somente verbo e nominalização, sendo esta última a forma mais frequente;
- com *aumento*, o NT apresentou as preposições *de* e *em*, fenômeno bastante comum no âmbito investigado. O uso frequente de *em* nessas formações possivelmente se deva à influência da gramática do inglês (*increase in*), língua para a qual os artigos costumam ser traduzidos, e por isso foi computado como uma possível variação de *de*;
- o NE do grupo *avaliar* apresentou-se como nominalização e gerúndio, sendo a

primeira a mais frequente;

- os NE dos grupos *desenvolver* e *medir* apresentaram-se nas três formas regulares (verbo, nominalização e particípio), sendo a nominalização a mais frequente;
- a USE *medida de força* foi classificada como UFE eventiva em 2 ocorrências e como UTS em outras duas. Em todas elas, tivemos de recorrer ao cotexto das concordâncias para verificar que, como UFE eventiva, se tratava de um parassinônimo de *medição de/da força* como uma ação; já como UTS, tratava-se de um tipo de medida;
- os NE *decréscimo*, *incremento*, *melhora*, *queda* e *redução* apresentaram somente a nominalização. Para distingui-los de UTS, consideramos que todos caracterizam um processo que ocasionou uma mudança na força. Com *decréscimo*, *queda* e *redução*, também foi empregada a preposição *em*;
- *incremento* (7) pode ser considerada uma variante denominativa (parassinônimo) menos prestigiada de *aumento* (41); assim como *decréscimo* (2) em relação a *diminuição* (3) e *redução* (10);
- a forma mais frequente dos NE que coocorreram com *força* foi a nominalização;
- a USE *treinamento da força* (4) foi confirmada como UFE eventiva pelo cotejo com a UTS *treinabilidade da força*, que indica que a força pode ser treinada;
- já *treinamento de força* (182) foi reconfirmada como UTS, assim como sua variante *treino de força* (5) e seu antônimo *destreinamento de/na força*. A UTS *treinados em força* refere-se aos sujeitos que realizaram esse tipo de treino;
- as USE classificadas como UTS não apresentaram, nos cotextos de ocorrência, caráter eventivo. Somente na busca por *teste*, encontramos este *hápax legómenon*: *força máxima (testada em equipamento isotônico)*, que indica que a força pode ser testada. No entanto, as 3 ocorrências de *teste(s) de força* designam um tipo de teste, assim como as 31 de *exercício(s) de força* designam um tipo de exercício;
- nas USL *aprimoramento da força* (2), *aquisição de força* (2) e *soma da força* (2), consideramos que as nominalizações não têm caráter especializado. As USE com significados semelhantes aos das duas primeiras e mais frequentes são, respectivamente, a UFE eventiva *melhora da força [muscular]* (9) e a UTS *ganho(s) de força* (30).

- Para *exercício(s)*:

Quadro 3. Exercício.

UFE EVENTIVAS	OUTRAS UNIDADES SINTAGMÁTICAS
<i>exercícios avaliados</i> (2)	UTS
<i>avaliou exercícios</i> (1)	<i>exercício(s) resistido(s)</i> (10)
<i>execução do(s) exercício(s)</i> (17)	<i>exercício(s) de força</i> (31)
<i>exercícios executados</i> (5)	[<i>exercício de</i>] <i>pressão de/das pernas</i> (2)
<i>executa(vam) o exercício</i> (2)	[<i>exercício de</i>] <i>agachamento</i> (9)
<i>ordenação de/dos exercícios</i> (5)	[<i>exercício de</i>] <i>desenvolvimento</i> (4)
<i>prática de exercícios</i> (6)	<i>exercícios de membros inferiores/superiores</i> (3)
<i>havam praticado os exercícios</i> (1)	
<i>prescrição de/do(s) exercício(s)</i> (15)	USL
<i>prescrever exercícios</i> (1)	<i>exercício comparado</i> (2)
<i>realização de/do(s) exercício(s)</i> (19)	<i>exercícios destinados [a]</i> (2)

<i>exercício(s) realizado(s)</i> (15)	<i>exercícios estudados</i> (2)
<i>realizar exercícios</i> (10)	<i>exercícios propostos</i> (5)
<i>exercício(s) selecionado(s)</i> (11)	<i>exercícios utilizados</i> (5)
<i>selecionou-se o exercício</i> (1)	
<i>término do(s) exercício(s)</i> (4)	

As unidades extraídas revelam que:

- a USE *exercício* confirmou-se como NT em todas as ocorrências de UFE eventivas. Não foi encontrada no *corpus* nenhuma realização como ato de exercitar, exercitação;
- os NE dos grupos *avaliar* e *selecionar* apresentaram somente verbo e particípio, sendo este último o mais frequente;
- os NE dos grupos *executar* e *realizar* apresentaram-se nas três formas regulares (verbo, nominalização e particípio). Em *executar*, a nominalização teve alta frequência (17). Esse verbo normalmente refere-se ao movimento do exercício. Já o uso de *realizar* é menos específico, por isso suas três formas tiveram alta frequência (10, 19 e 15, respectivamente), com destaque novamente para a nominalização (19);
- o NE *ordenação* e *término* apresentaram somente a nominalização;
- os NE dos grupos *praticar* e *prescrever* apresentaram somente verbo e nominalização, sendo esta última a forma mais frequente;
- mais uma vez, a forma mais frequente dos NE que coocorreram com *exercício* foi a nominalização;
- as UTS *exercício(s) resistido(s)* (10) e *exercício(s) de força* (31) designam tipos de exercícios. Aqui há uma variação conceitual idêntica à que explicamos em *treinamento de força* e *treinamento resistido*;
- nas UTS [*exercício de*] *pressão de pernas/agachamento/desenvolvimento*, o sintagma *exercício de* tem apenas a função de aclarar que o que vêm depois são denominações de exercícios. O *corpus* também registra ocorrências sem esse sintagma ou sem a preposição *de* antes dos nomes dos exercícios;
- já a UTS *exercícios de membros inferiores/superiores* pode ser entendida ou como a designação de um tipo exercício ou como exercícios *para* os membros. Nas 4 ocorrências, a forma *exercícios*, no plural, deixa claro que não significa o ato de exercitar, portanto não configura um NE;
- nas USL, os participios não têm caráter especializado.

- E para *aumento*:

Quadro 4.

UFE EVENTIVAS	OUTRAS UNIDADES SINTAGMÁTICAS
<i>aumento(s) de/da(s) carga(s)</i> (3)	USL
<i>aumento do cortisol</i> (3)	<i>aumento dos riscos</i> (2)
<i>aumento de/da força</i> (8)	<i>aumento do(s) valor(es)</i> (2)
<i>aumento na força</i> (2)	<i>aumento(s) em/na área</i> (2)
<i>aumento de/da força muscular</i> (18)	

<i>aumento(s) na força muscular</i> (5)	
<i>aumento de/da força muscular periférica</i> (5)	
<i>aumento da glicose</i> (2)	
<i>aumento da LDH [lactato desidrogenase]</i> (2)	
<i>aumento de/da massa magra</i> (5)	
<i>aumento na massa magra</i> (2)	
<i>aumento de/da massa muscular</i> (4)	
<i>aumento(s) na PAS [pressão arterial sistólica]</i> (2)	
<i>aumento da PCO₂ [pressão de dióxido de carbono]</i> (5)	
<i>aumento da PE [percepção de esforço]</i> (4)	
<i>aumento de/da resistência muscular</i> (2)	
<i>aumento da temperatura corporal</i> (3)	
<i>aumento de/da tensão</i> (2)	
<i>aumento da taxa metabólica de repouso (TMR)</i> (2)	
<i>aumento do VO₂ [consumo de oxigênio]</i> (3)	

As unidades extraídas revelam que:

- a USE *aumento* confirmou-se como NE em todas as ocorrências de UFE eventivas, caracterizando um processo que gera mudança de estado;
- as UFE eventivas mais frequentes foram *aumento de/da força muscular* (18), *aumento de/da força* (8), *aumento na força muscular* (5), *aumento de/da força muscular periférica* (5), *aumento da massa magra* (5), *aumento da PCO₂* (5), *aumento de/da massa muscular* (4) e *aumento da PE* (4);
- no total de unidades com frequência igual ou maior que 2, o uso da preposição *de* é bem mais frequente (70) que o da preposição *em* (13);
- o uso do artigo com essas duas preposições (*do, da, na*) é bem mais frequente do que sem (*de, em*). De fato, só foi encontrada uma ocorrência com *em*: na USL *aumento em área*;
- as USL extraídas não possuem valor especializado.

7. Consideração finais

Este estudo demonstrou que o reconhecimento das UFE eventivas revela uma grande rede de relações entre as diferentes USE. Nas unidades extraídas, por exemplo, *treinamento* combina-se à *força* formando a UFE eventiva *treinamento da força* e a UTS *treinamento de força*. Já na busca por *força*, além dessas duas USE, encontramos as UTS *treino de força* e *destreinamento de força*, respectivamente uma variante e o antônimo de *treinamento de força*. Na busca de *exercício(s)*, extraímos a UTS *exercício(s) de força*; e na exploração de *aumento*, encontramos as UFE eventivas *aumento de/da/na força*; *aumento de/da/na força muscular e aumento de/da força muscular periférica*.

Foi possível observar variação denominativa (quase-sinonímia) nos NE das UFE eventivas (*medir/aferir a força; aumento/incremento da força; redução/diminuição/decréscimo da força; realização/execução do exercício*); e, nas UTS, variação denominativa (*treinamento/treino de força*) e conceitual (polissemia) (*treinamento de força e treinamento resistido; exercício de força e exercício resistido*).

Reforçando a tendência observada em textos especializados em geral, nos artigos científicos analisados as nominalizações foram bastante mais frequentes que os verbos e os participios nos NE das UFE eventivas extraídas. Nelas, a preposição *de* do sintagma preposicionado do NT é bem mais frequente que a preposição *em*, como, por exemplo, em *aumento de/da força muscular* (18) e *aumento(s) na força muscular* (5).

Em algumas combinatórias, foi difícil distinguir entre UTS e UFE eventiva com nominalização, especialmente quando esta era a única forma de ocorrência do NE. Foram os casos, por exemplo, de *decréscimo na força, incremento(s) de/da força, queda na/de força, redução de/da/na força e medida de/da força*. Em todos esses casos, foi necessário recorrer ao cotexto das concordâncias e/ou de um trecho maior de texto no interior do artigo para investigar o caráter eventivo da USE. Ainda assim, tal decisão nos parece um tanto subjetiva.

Num *corpus* de análise pequeno como foi o deste estudo, a frequência mostrou-se um indicador válido no reconhecimento das UFE eventivas, mas o cotexto aliado à experiência tradutória no âmbito investigado foi, por vezes, decisivo. Nesse sentido, na continuidade da pesquisa, a consulta a um ou mais especialistas em Treinamento de Força será bastante útil.

Para inclusão das UFE eventivas em nosso protótipo de glossário, será preciso rever o critério de frequência associado à distribuição no *corpus* de análise. Nesse *corpus*, que será maior, avaliaremos se a frequência 2 e a distribuição 2 (isto é, pelo menos duas ocorrências no total, distribuídas em dois artigos científicos) não serão baixas para determinar a inclusão de uma unidade no produto terminográfico oferecido.

Com relação à base teórica da Teoria Comunicativa da Terminologia, destacamos que esta tem a primazia na orientação de nosso trabalho pelo mérito de revelar, ao mesmo tempo, consistência de princípios, abrangência de perspectivas e flexibilidade de metodologias. Por isso mesmo, a TCT defende, como já mencionamos, a interdisciplinaridade como forma de garantir um tratamento mais aprofundado dos diferentes fatos de língua observados nas terminologias. Nesse sentido, no que toca especificamente à variação terminológica –incluindo a fraseológica–, dadas as evidências desveladas neste exercício exploratório e considerando o

espaço privilegiado que lhe reservamos em nosso glossário-piloto, entendemos que o fenômeno merece ser compreendido a partir de diferentes enfoques. Isso porque é nosso propósito oferecer ao usuário tradutor informações que lhe sejam realmente proveitosas no momento de se decidir por uma ou outra variante ou combinatória na sua produção textual. Para tanto, vemos a necessidade de recorrer também aos aportes da Socioterminologia e da Terminologia Sociocognitiva da Terminologia para uma melhor elucidação dos tipos de variação encontrados no âmbito dos artigos científicos sobre Treinamento de Força, com vistas a um tratamento mais qualificado do comportamento variante das UT e UFE eventivas em nosso glossário.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, G. M. B. Fazer Terminologia é fazer Linguística. In: PERNA, C. L.; DELGADO, H. K.; FINATTO, M. J. (Orgs.) **Linguagens especializadas em corpora**: modos de dizer e interfaces de pesquisa. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p. 72-90. Disponível em <http://www.pucrs.br/edipucrs/linguagensespecializadasemcorpora.pdf>. Acesso em 21 dez. 2013.

ANTHONY, L. **AntConc** (Version 3.2.4w) [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University, 2011. Disponível em <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/>.

BEVILACQUA, C. R. Unidades fraseológicas especializadas: elementos para seu reconhecimento em *corpora* textuais. **Intercâmbio**, v. XII, p. 215-223, 2003.

_____. **Unidades fraseológicas especializadas eventivas**: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar. 2004. 242 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Pompeu Fabra, Instituto Universitário de Linguística Aplicada (IULA), Barcelona, Espanha. Disponível em <http://www.ufrgs.br/termisul/biblioteca/teses/teses.php>. Acesso em 21 dez. 2013.

_____. Traducción, terminología y fraseología especializada: relaciones necesarias para la adquisición de la competencia traductora. **Colegio de Traductores Públicos de la Ciudad de Buenos Aires**. (no prelo)

CABRÉ, M. T. **La terminología**: representación y comunicación; elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: IULA/Universitat Pompeu Fabra, 1999a. (Sèrie Monografies, 3) **crossref** <http://dx.doi.org/10.1075/tlrp.1>

_____. Variació per tema. El discurs especialitzat o la variació funcional determinada per la temàtica: noves perspectives. **Caplletra: Revista Internacional de Filologia**, 25. Valencia: Publicacions de l'Abadia de Montserrat, Institut de Filologia Valenciana, p. 173-194, 1999b.

_____. Consecuencias teóricas de la propuesta metodológica. En: CABRÉ, M. T.; FELIU, J. (Ed.). **La terminología científico-técnica**: reconocimiento, análisis y extracción de

información formal y semántica. (Informe DGES PB-96-0293). Barcelona: IULA/Universitat Pompeu Fabra, 2001a, p. 27-36.

_____. Sumario de principios que configuran la nueva propuesta teórica y consecuencias metodológicas. En: CABRÉ, M. T.; FELIU, J. (Ed.). **La terminología científico-técnica: reconocimiento, análisis y extracción de información formal y semántica.** (Informe DGES PB-96-0293). Barcelona: IULA/Universitat Pompeu Fabra, 2001b, p. 17-25.

DEPECKER, L. **Comprender Saussure a partir dos manuscritos.** Trad. Maria Ferreira. Petrópolis: Vozes, 2012. 215 p.

FAULSTICH, E. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. **TradTerm**, v. 7, p. 11-40, 2001. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/view/49140>. Acesso em 04 ago. 2013.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. **Introdução à terminologia: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2004. 224 p.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral.** Org. Charles Bally e Albert Sechehaye; col. Albert Riedlinger. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1971. 280 p.

[TAI] Sociedade Brasileira de Anatomia (SBA). Federative Committee on Anatomical Terminology (FCAT) / Comissão Federativa da Terminologia Anatômica (CFTA). *Terminologia anatômica: Terminologia anatômica internacional.* 1ª ed. (brasileira). São Paulo: Manole, 2001.

TAGNIN, S. E. O. Fraseologia especializada para tradutores: glossários direcionados pelo *corpus*. In: ORTIZ ALVAREZ, M. L. (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**, v. 1. Campinas: Pontes, 2012. p. 333-344.

Corpus textual de análise

ARRUDA, A. F. S. *et al.* Monitoramento do nível de estresse de atletas da seleção brasileira de basquetebol feminino durante a preparação para a Copa América 2009. **Rev Bras Med Esporte**, v. 19, n. 1, p. 44-47, fev. 2013. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922013000100009>

BARROS, M. A. P. *et al.* Reprodutibilidade no teste de uma repetição máxima no exercício de puxada pela frente para homens. **Rev Bras Med Esporte**, v. 14, n. 4, p. 348-352, ago. 2008.

CASTINHEIRAS NETO, A. G.; SILVA, N. L.; FARINATTI, P. T. V. Influência das variáveis do treinamento contra-resistência sobre o consumo de oxigênio em excesso após o exercício: uma revisão sistemática. **Rev Bras Med Esporte**, v. 15, n. 1, p. 70-78, fev. 2009. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922009000100015>

COSTA, J. B. Y. *et al.* Influência do estado de treinamento sobre o comportamento da pressão arterial após uma sessão de exercícios com pesos em idosas hipertensas. **Rev Bras Med Esporte**, v. 16, n. 2, p. 103-106, abr. 2010.

FETT, C. A. *et al.* A suplementação de ácidos graxos ômega 3 e triglicérides de cadeia média não alteram os indicadores metabólicos em um teste de exaustão. **Rev Bras Med Esporte**, v. 10, n. 1, p. 44-49, fev. 2004. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922004000100004>

FONTOURA, A. S.; SCHNEIDER, P.; MEYER, F. O efeito do destreinamento de força muscular em meninos pré-púberes. **Rev Bras Med Esporte**, v. 10, n. 4, p. 281-284, ago. 2004.

GUIDO, M. *et al.* Efeitos de 24 semanas de treinamento resistido sobre índices da aptidão aeróbia de mulheres idosas. **Rev Bras Med Esporte**, v. 16, n. 4, p. 259-263, ago. 2010.

LEMOS, A. *et al.* Desempenho da força em idosas após duas intensidades do exercício aeróbio. **Rev Bras Med Esporte**, v. 14, n. 1, p. 28-32, fev. 2008. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922008000100005>

MATERKO, W.; NEVES, C. E. B.; SANTOS, E. L. Modelo de predição de uma repetição máxima (1RM) baseado nas características antropométricas de homens e mulheres. **Rev Bras Med Esporte**, v. 13, n. 1, p. 27-32, fev. 2007. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922007000100007>

MIRANDA, H. *et al.* Análise da frequência cardíaca, pressão arterial e duplo-produto em diferentes posições corporais nos exercícios resistidos. **Rev Bras Med Esporte**, v. 11, n. 5, p. 295-298, out. 2005. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922005000500010>

MONTEIRO, W. D.; SIMÃO, R. Existe déficit bilateral na realização de 10RM em exercícios de braços e pernas? **Rev Bras Med Esporte**, v. 12, n. 3, p. 115-118, jun. 2006. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922006000300001>

PANISSA, V. L. G. *et al.* Exercício concorrente: análise do efeito agudo da ordem de execução sobre o gasto energético total. **Rev Bras Med Esporte**, v. 15, n. 2, p. 127-131, abr. 2009. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922009000200009>

PEREIRA, M. I. R.; GOMES, P. S. C. Efeito do treinamento contra-resistência isotônico com duas velocidades de movimento sobre os ganhos de força. **Rev Bras Med Esporte**, v. 13, n. 2, p. 91-96, abr. 2007. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922007000200005>

POLITO, M. D. *et al.* Efeito de 12 semanas de treinamento com pesos sobre a força muscular, composição corporal e triglicérides em homens sedentários. **Rev Bras Med Esporte**, v. 16, n. 1, p. 29-32, fev. 2010. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922010000100005>

POLITO, M. D. Força muscular *versus* pressão arterial de repouso: uma revisão baseada no treinamento com pesos. **Rev Bras Med Esporte**, v. 15, n. 4, p. 299-305, ago. 2009.

RIBEIRO, F. M. *et al.* Reprodutibilidade inter e intradias do *Power Control* em um teste de potência muscular. **Rev Bras Med Esporte**, v. 12, n. 5, p. 255-258, out. 2006. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922006000500006>

SILVA, E. G.; DOURADO, V. Z. Treinamento de força para pacientes com doença pulmonar obstrutiva crônica. **Rev Bras Med Esporte**, v. 14, n. 3, p. 231-238, jun. 2008. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922008000300014>

SILVA, N. L.; FARINATTI, P. T. V. Influência de variáveis do treinamento contra-resistência sobre a força muscular de idosos: uma revisão sistemática com ênfase nas relações dose-resposta. **Rev Bras Med Esporte**, v. 13, n. 1, p. 60-66, fev. 2007. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922007000100014>

SOUZA, H. F.; MARQUES, D. C. Benefícios do treinamento aeróbio e/ou resistido em indivíduos HIV+: uma revisão sistemática. **Rev Bras Med Esporte**, v. 15, n. 6, p. 467-471, dez. 2009. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922009000700013>

TIGGEMANN, C. L.; PINTO, R. S.; KRUEL, L. F. M. A Percepção de Esforço no Treinamento de Força. **Rev Bras Med Esporte**, v. 16, n. 4, p. 301-309, ago. 2010.

UCHIDA, M. C. *et al.* Efeito de diferentes protocolos de treinamento de força sobre parâmetros morfofuncionais, hormonais e imunológicos. **Rev Bras Med Esporte**, v. 12, n. 1, p. 21-26, fev. 2006. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-86922006000100005>

ANEXO 1 – LISTA DE PALAVRAS (PARCIAL) NO ANTCONC

(Copiada e formatada no Word)

Total No. of Word Types: 6.358 / Total No. of Word Tokens: 72.773

Rank	Freq	Cluster	Rank	Freq	Cluster	Rank	Freq	Cluster
1	4647	de	19	437	dos	37	254	séries
2	2008	e	20	436	um	38	247	al
3	2001	a	21	394	as	39	245	à
4	1473	o	22	393	exercícios	40	242	ser
5	1222	do	23	387	entre	41	240	et
6	1194	em	24	381	foram	42	239	após
7	1124	que	25	374	RM	43	237	teste
8	1053	da	26	363	uma	44	236	repetições
9	857	os	27	357	exercício	45	231	das
10	837	com	28	334	ao	46	227	muscular
11	821	para	29	333	por	47	219	nos
12	707	treinamento	30	316	estudos	48	200	diferentes
13	658	no	31	295	estudo	49	200	mais
14	537	na	32	294	é	50	199	intensidade
15	524	força	33	276	A	51	190	aumento
16	502	se	34	276	O	52	190	maior
17	490	não	35	270	como	53	188	carga
18	472	foi	36	254	ou			

(Continua até 6.358.)

ANEXO 2 – TESTE DE EVENTIVIDADE

RESULTADOS DE TREINAR*, TREINOU*, TREINAVA*, TREINAD*

(Copiados e formatados no Word)**Concordances de TREINAR* (total de resultados: 10)**

1 sível determinar a intensidade em que os sujeitos **treinaram**, o que pode influenciar as modificações na
 2 de comparação (GC: 25 ± 6 anos; 59 ± 13 kg) e não **treinaram** durante um período de controle de 12 se
 3 aram ganhos em todas as velocidades testadas após **treinar** o agachamento e a extensão de joelho a apr
 4 es, os ganhos médios obtidos pelos indivíduos que **treinaram** com alta intensidade mantiveram-se em t
 5 tiveram-se em torno de 55,6%, enquanto que os que **treinaram** com baixa intensidade ficaram por volta
 6 s intensidades de trabalho, comparando grupos que **treinaram** com duas séries de 15RM, três séries de
 7 mento de força: Durante oito semanas, os sujeitos **treinaram** quatro vezes por semana (segundas, terça
 8 eito de como a força diminui quando elas param de **treinar**. O objetivo deste estudo foi avaliar o efeito d
 9 as. Sete meninos pré-púberes (EX, $9,4 \pm 1,6$ anos) **treinaram** três séries de 15 repetições, três vezes por s
 10 e destreinamento na força muscular de meninos que **treinaram** por 12 semanas. MÉTODOS Sujeitos A

Concordances de TREINOU* (total de resultados: 9)

1 observada quando testada de outra forma. Behm(10) **treinou** o desenvolvimento a $3,14 \text{ rad}\cdot\text{s}^{-1}$ e encontr
 2 , $41-1,50 \text{ rad}\cdot\text{s}^{-1}$. O estudo de Morrissey et al.(11) **treinou** o agachamento em dois grupos, um a $0,87 \text{ rad}\cdot$
 3 indivíduos distribuídos em quatro grupos: um que **treinou** uma vez por semana; outro que treinou duas
 4 pos: um que treinou uma vez por semana; outro que **treinou** duas vezes; um terceiro que treinou três ve
 5 na; outro que treinou duas vezes; um terceiro que **treinou** três vezes por semana; e um quarto que se ca
 6 ixas. O de Hunter et al.(2) comparou um grupo que **treinou** com duas séries à intensidade de 80% de 1R
 7 ies à intensidade de 80% de 1RM, com um grupo que **treinou** um dia da semana a 50%, outro dia a 65%
 8 milar de meninos ($n = 7, 9,7 \pm 1,7$ anos), que não **treinou**, serviu como grupo controle (CO). Após o trein
 9 $10,7\%$ e $29,1 \pm 5,9\text{kg}$, respectivamente. Este grupo **treinou** por 12 semanas. O grupo CO foi composto po

Concordances de TREINAVA* (total de resultados: 1)

1 a 2009, de ligas nacionais em diferentes países e **treinavam** em torno de dez a 12 sessões semanais. Tod

Clusters de TREINAD* à direita (resultados com no mínimo 2 ocorrências: 21)

1	10	não treinadas	12	2	de idosas treinadas
2	6	e não treinadas	13	2	em indivíduos treinados
3	6	e treinados	14	2	esforço de idosas treinadas
4	6	treinadas e não treinadas	15	2	grupo não treinadas
5	4	mulheres treinadas	16	2	grupo treinadas
6	4	não treinados	17	2	grupos (treinados
7	3	ativos e treinados	18	2	homens treinados
8	3	e não treinados	19	2	idosas treinadas
9	3	indivíduos treinados	20	2	sedentários, ativos e treinados
10	3	jovens treinados	21	2	sujeitos treinados
11	3	treinados e não treinados			

ANEXO 3 – CLUSTERS DE TREINAMENTO*, TAMANHO 2-4**(Resultados com frequência mínima de 2, copiados e formatados no Word)****ALINHADO À ESQUERDA (resultados com no mínimo 2 ocorrências: 153)**

1	189	treinamento de	78	3	treinamentos de
2	166	treinamento de força	79	2	treinamento (GT
3	66	treinamento com	80	2	treinamento (GT – n
4	49	treinamento aeróbio	81	2	treinamento (momento
5	39	treinamento com pesos	82	2	treinamento (somatório
6	20	treinamento combinado ??	83	2	treinamento (somatório de
7	19	treinamento contra	84	2	treinamento (somatório de todas
8	19	treinamento contra-resistência	85	2	treinamento aeróbio de
9	15	treinamento de força para	86	2	treinamento aeróbio em

10	14	treinamento em	87	2	treinamento aeróbio isolado ou
11	13	Treinamento de	88	2	treinamento aeróbio prévio
12	12	Treinamento de força	89	2	treinamento aeróbio é
13	11	treinamento resistido	90	2	treinamento com pesos (TP)
14	10	treinamento e	91	2	treinamento com pesos sobre
15	10	treinamento físico	92	2	treinamento com velocidade
16	9	treinamento da	93	2	treinamento com velocidades diferentes
17	8	treinamento para	94	2	treinamento combinado curto
18	7	treinamento de força de	95	2	treinamento combinado foi
19	7	treinamento de força em	96	2	treinamento combinado longo
20	7	treinamento de força isolado	97	2	treinamento combinado longo resultou
21	7	treinamento de força sobre	98	2	treinamento contra-resistência dependem
22	7	treinamento sobre	99	2	treinamento contra-resistência para
23	7	treinamento, o	100	2	treinamento contra-resistência sobre
24	6	treinamento aeróbio e	101	2	treinamento da PM
25	6	treinamento concorrente	102	2	treinamento de adultos
26	6	treinamento de força e	103	2	treinamento de adultos jovens
27	6	treinamento. O	104	2	treinamento de alta
28	5	treinamento aeróbio isolado	105	2	treinamento de alta intensidade
29	5	treinamento com pesos em	106	2	treinamento de força deve
30	5	treinamento de força (TF)	107	2	treinamento de força nos
31	5	treinamento de força é	108	2	treinamento de força não
32	5	treinamento dos	109	2	treinamento de força resulta
33	5	treinamento foi	110	2	treinamento de força são
34	4	treinamento com diferentes	111	2	treinamento de força tenha
35	4	treinamento com ECR	112	2	treinamento de força, exercício
36	4	treinamento da força ??	113	2	treinamento de força, representada
37	4	TREINAMENTO DE	114	2	treinamento de força. Os
38	4	TREINAMENTO DE FORÇA	115	2	treinamento de resistência
39	4	treinamento de força pode	116	2	treinamento dinâmico
40	4	treinamento de moderada	117	2	treinamento distintos
41	4	treinamento de moderada a	118	2	treinamento distintos: Múltiplas
42	4	treinamento dos sujeitos	119	2	treinamento distintos: Múltiplas séries
43	4	treinamento esportivo	120	2	treinamento em equipamento
44	4	treinamento não	121	2	treinamento em equipamento isocinético
45	4	treinamento que	122	2	treinamento físico com
46	4	treinamento regular	123	2	treinamento hipertrófico
47	4	treinamento, velocidade	124	2	treinamento implementado ??
48	4	treinamento, velocidade de	125	2	treinamento implementado foi
49	4	treinamentos com	126	2	treinamento implementado foi bem
50	3	treinamento aeróbio e/ou	127	2	treinamento isotônico
51	3	treinamento com diferentes velocidades	128	2	treinamento na semana
52	3	treinamento com pesos e	129	2	treinamento o
53	3	treinamento com pesos para	130	2	treinamento ou
54	3	treinamento com velocidades	131	2	treinamento para o
55	3	treinamento de força ao	132	2	treinamento por
56	3	treinamento de força foi	133	2	treinamento quando
57	3	treinamento de força na	134	2	treinamento que aliem
58	3	treinamento de força ou	135	2	treinamento que aliem, ao
59	3	treinamento de força tem	136	2	treinamento resistido (TR)
60	3	treinamento em circuito	137	2	treinamento resistido (TR) não
61	3	treinamento mais	138	2	treinamento resistido sobre índices
62	3	treinamento na	139	2	treinamento sistemático
63	3	treinamento resistido sobre	140	2	treinamento sobre os
64	3	treinamento rápido	141	2	treinamento TS
65	3	treinamento sem	142	2	treinamento, a
66	3	treinamento sobre o	143	2	treinamento, apenas
67	3	treinamento é	144	2	treinamento, com
68	3	treinamento, como	145	2	treinamento, no
69	3	treinamento, em	146	2	treinamento, os autores
70	3	treinamento, os	147	2	treinamento. Entretanto
71	3	treinamento, tanto	148	2	treinamento. Nesse
72	3	treinamento, velocidade de execução	149	2	treinamento. Nesse sentido
73	3	treinamento. Em	150	2	treinamento. O programa

74	3	treinamento. No	151	2	treinamento. Tais
75	3	treinamento. Não	152	2	treinamentos de força
76	3	treinamento. Não foram	153	2	treinamentos de força e
77	3	treinamento. Não foram observadas			

ALINHADO À DIREITA (resultados com no mínimo 2 ocorrências: 209)

1	277	de treinamento	98	3	modo de treinamento
2	155	do treinamento	99	3	o volume de treinamento
3	103	o treinamento	100	3	oito de treinamento
4	31	ao treinamento	101	3	outro lado, o treinamento
5	31	semanas de treinamento	102	3	Palavras-chave: treinamento
6	21	O treinamento	103	3	promovidos pelo treinamento
7	21	sessão de treinamento	104	3	pré-treinamento
8	20	efeitos do treinamento	105	3	Quanto ao treinamento
9	20	prescrição do treinamento	106	3	resultados do treinamento
10	19	que o treinamento	107	3	segundo mês de treinamento
11	17	após o treinamento	108	3	sobre o treinamento
12	17	oito semanas de treinamento	109	3	submetidos ao treinamento
13	16	grupo de treinamento	110	3	tipos de treinamento
14	14	no treinamento	111	3	variáveis de treinamento
15	14	os efeitos do treinamento	112	2	a intensificação do treinamento
16	14	programa de treinamento	113	2	a treinamento
17	14	tipo de treinamento	114	2	a treinamentos
18	14	variáveis do treinamento	115	2	adaptação ao treinamento
19	10	a prescrição do treinamento	116	2	aeróbico isolado ou treinamento
20	10	após treinamento	117	2	aeróbico, treinamento
21	10	programas de treinamento	118	2	ano de treinamento
22	9	período de treinamento	119	2	antes do treinamento
23	9	protocolos de treinamento	120	2	ao nível de treinamento
24	8	grupos de treinamento	121	2	apenas treinamento
25	8	para o treinamento	122	2	após 13 semanas de treinamento
26	8	um treinamento	123	2	as pesquisas sobre treinamento
27	7	em treinamento	124	2	as referências sobre treinamento
28	7	nível de treinamento	125	2	as sessões de treinamento
29	7	pelo treinamento	126	2	as variáveis do treinamento
30	7	sessões de treinamento	127	2	as velocidades de treinamento
31	7	sobre treinamento	128	2	associado ao treinamento
32	7	uma sessão de treinamento	129	2	avaliação e de treinamento
33	6	com o treinamento	130	2	benefícios do treinamento
34	6	das variáveis do treinamento	131	2	benefícios promovidos pelo treinamento
35	6	intensidade do treinamento	132	2	cada treinamento
36	6	o grupo de treinamento	133	2	carga de treinamento
37	6	ou treinamento	134	2	carga no treinamento
38	6	pós-treinamento	135	2	com experiência em treinamento
39	6	um programa de treinamento	136	2	controle e treinamento
40	6	volume de treinamento	137	2	crônico do treinamento
41	5	conteúdos do treinamento	138	2	da carga no treinamento
42	5	desse tipo de treinamento	139	2	da periodização do treinamento
43	5	diferentes conteúdos do treinamento	140	2	de 12 semanas de treinamento
44	5	esse tipo de treinamento	141	2	de efeitos do treinamento
45	5	habituais de treinamento	142	2	de experiência em treinamento
46	5	início do treinamento	143	2	de força ao treinamento
47	5	método de treinamento	144	2	de força isolado, treinamento
48	5	mês de treinamento	145	2	de que o treinamento
49	5	no grupo de treinamento	146	2	de treinamentos
50	5	os treinamentos	147	2	de variáveis do treinamento
51	5	para treinamento	148	2	decorrente do treinamento
52	5	protocolo de treinamento	149	2	dia de treinamento
53	5	situações habituais de treinamento	150	2	diferentes de treinamento
54	4	a intensidade do treinamento	151	2	diferentes protocolos de treinamento
55	4	chave: Treinamento	152	2	do conteúdo do treinamento
56	4	consistente do treinamento	153	2	do estado de treinamento

57	4	da sessão de treinamento	154	2	do programa de treinamento
58	4	dois protocolos de treinamento	155	2	dois tipos de treinamento
59	4	durante o treinamento	156	2	dos efeitos do treinamento
60	4	e pós-treinamento	157	2	dos protocolos de treinamento
61	4	e treinamento	158	2	dos treinamentos
62	4	estado de treinamento	159	2	e de treinamento
63	4	experiência em treinamento	160	2	e o treinamento
64	4	forma de treinamento	161	2	efeito crônico do treinamento
65	4	formas de treinamento	162	2	efeito do treinamento
66	4	mais consistente do treinamento	163	2	em centros de treinamento
67	4	meses de treinamento	164	2	em grupo de treinamento
68	4	observaram que o treinamento	165	2	encontrada após o treinamento
69	4	os grupos de treinamento	166	2	entre treinamento
70	4	Palavras-chave: Treinamento	167	2	experiência prévia no treinamento
71	4	pré e pós-treinamento	168	2	final do treinamento
72	4	seis meses de treinamento	169	2	força ao treinamento
73	4	total de treinamento	170	2	força isolado, treinamento
74	4	um período de treinamento	171	2	função pulmonar após treinamento
75	4	volume total de treinamento	172	2	investigaram o treinamento
76	4	à prescrição do treinamento	173	2	isolado, treinamento
77	3	a sessão de treinamento	174	2	metade de treinamento
78	3	as formas de treinamento	175	2	metodológicas do treinamento
79	3	centros de treinamento	176	2	microciclos de treinamento
80	3	chave: treinamento	177	2	monitoramento do treinamento
81	3	conteúdo do treinamento	178	2	métodos de treinamento
82	3	conteúdos de treinamento	179	2	Nesse sentido, o treinamento
83	3	das sessões de treinamento	180	2	níveis de treinamento
84	3	de oito de treinamento	181	2	o efeito do treinamento
85	3	de prescrição do treinamento	182	2	o nível de treinamento
86	3	de programas de treinamento	183	2	o programa de treinamento
87	3	de um treinamento	184	2	obtidos com o treinamento
88	3	diferentes conteúdos de treinamento	185	2	os benefícios do treinamento
89	3	do período de treinamento	186	2	os do treinamento
90	3	do protocolo de treinamento	187	2	os praticantes do treinamento
91	3	duração do treinamento	188	2	pacientes submetidos ao treinamento
92	3	e duração do treinamento	189	2	periodização do treinamento
93	3	grupo treinamento	190	2	pesquisas sobre treinamento
94	3	intensidades de treinamento	191	2	praticantes do treinamento
95	3	intensificação do treinamento	192	2	prescrever o treinamento
96	3	isolado ou treinamento	193	2	primeiro mês de treinamento
97	3	lado, o treinamento			

(Continua até 209.)

ANEXO 4 – CLUSTERS DE FORÇA, TAMANHO 2-4**(Resultados com frequência mínima de 2, copiados e formatados no Word)**

1	103	força muscular	34	4	força para pacientes com
2	30	força de	35	4	força pode ser
3	30	força e	36	4	força, a
4	27	força em	37	4	força, o
5	19	força para	38	3	força ao
6	12	força muscular periférica	39	3	força de idosos
7	10	força de 1-RM	40	3	força desenvolvida
8	10	força máxima	41	3	força deve
9	9	força sobre	42	3	força do quadríceps
10	8	força e aeróbio	43	3	força e massa
11	7	força foi	44	3	força e resistência
12	7	força isolado	45	3	força em adultos
13	7	força muscular em	46	3	força em crianças
14	6	força de 1-RM de	47	3	força em idosas
15	6	força muscular e	48	3	força em idosos
16	6	força pode	49	3	Força muscular
17	6	força é	50	3	força muscular para
18	5	força (TF	51	3	força muscular periférica é
19	5	força foram	52	3	força muscular pode

20	5 força muscular de	53	3 força muscular é
21	5 força nessa	54	3 força muscular. Em
22	4 força absoluta	55	3 força nessa faixa
23	4 força com	56	3 força nos
24	4 força de alta	57	3 força que
25	4 força de alta intensidade	58	3 força sobre o
26	4 força do	59	3 força são
27	4 força muscular, composição	60	3 força tem
28	4 força muscular, composição corporal	61	3 força, de
29	4 força na	62	2 força (AF
30	4 força no	63	2 força (AF) e
31	4 força não	64	2 força (painel
32	4 força ou	65	2 força (painel B
33	4 força para pacientes		(Continua até 138.)

ALINHADO À DIREITA (resultados com no mínimo 2 ocorrências: 121)

1	321	de força	62	3	significativo da força
2	166	treinamento de força	63	3	treino de força
3	86	da força	64	2	a soma da força
4	46	de treinamento de força	65	2	A treinabilidade da força
5	45	do treinamento de força	66	2	A) e de força
6	39	a força	67	2	aeróbicos e de força
7	34	na força	68	2	aeróbio e de força
8	23	o treinamento de força	69	2	aferir a força
9	20	aumento da força	70	2	aprimoramento da força ??
10	19	exercícios de força ??	71	2	aquisição de força ??
11	19	ganhos de força ??	72	2	aumento significativo de força
12	12	exercício de força ??	73	2	aumento significativo na força
13	12	Treinamento de força	74	2	aumentos na força
14	11	o aumento da força	75	2	avaliação da força
15	10	e força	76	2	cada exercício de força
16	9	A força	77	2	componentes de força
17	9	e de força	78	2	da massa e força
18	8	em força	79	2	de 235% na força
19	8	O treinamento de força	80	2	de aumentar a força
20	7	aumentar a força	81	2	de exercício de força
21	7	aumento de força	82	2	de exercícios de força
22	7	desempenho da força ??	83	2	de Força
23	7	ganho de força ??	84	2	decréscimo na força
24	7	sobre a força	85	2	destreinamento de força ??
25	6	após treinamento de força	86	2	do desempenho da força
26	6	desenvolvimento da força	87	2	do exercício de força
27	6	dos exercícios de força	88	2	do treinamento da força
28	6	nos ganhos de força	89	2	dos valores de força
29	6	redução de força	90	2	e aumento na força
30	5	ao treinamento de força	91	2	e da força
31	5	aumento na força	92	2	entre treinamento de força
32	5	DE FORÇA	93	2	ganhos em força ??
33	5	em treinamento de força	94	2	incremento de força
34	5	melhora da força	95	2	induzir aumento de força
35	5	os ganhos de força	96	2	medida de força ??
36	5	significativa da força	97	2	na sessão de força
37	5	significativa na força	98	2	no desenvolvimento da força
38	5	treinados em força	99	2	no ganho de força
39	5	valores de força	100	2	no treinamento da força
40	4	a redução de força	101	2	o desenvolvimento da força
41	4	chave: Treinamento de força	102	2	os treinamentos de força
42	4	comportamento da força	103	2	os valores de força
43	4	melhora significativa da força	104	2	para aumento da força
44	4	no desempenho da força	105	2	percentual da força
45	4	no treinamento de força	106	2	produção de força
46	4	os exercícios de força	107	2	que a força
47	4	para aumentar a força	108	2	queda de força
48	4	treinamento da força ??	109	2	queda significativa na força

49	4	TREINAMENTO DE FORÇA	110	2	redução na força
50	4	à força	111	2	significativo de força
51	3	aeróbios e de força	112	2	significativo na força
52	3	ao comportamento da força	113	2	sobre treinamento de força
53	3	aumento significativo da força	114	2	soma da força ??
54	3	chave: treinamento de força	115	2	subseqüente de força
55	3	desenvolvimento de força	116	2	sujeitos treinados em força
56	3	e treinados em força	117	2	testes de força ??
57	3	massa e força	118	2	TP sobre a força
58	3	o exercício de força	119	2	treinabilidade da força
59	3	o ganho de força	120	2	treinamentos de força
60	3	para treinamento de força	121	2	um treinamento de força
61	3	sessão de força			

Artigo recebido em: 07.08.2014

Artigo aprovado em: 22.11.2014

Domínios de Linguagem

De composição sintática a expressões congeladas: um olhar sintático-semântico sobre o léxico fraseológico e paremiológico

From syntactic composition to *expressions figées*: a syntactic-semantics analysis of the lexicon of phraseology and paremiology

Caroline de Castro Pires*

RESUMO: o presente artigo tem por objetivo apresentar uma proposta de identificação de expressões congeladas por meio do rastreamento do continuum existente entre os vários graus de congelamento, tal conceito permite verificar se uma palavra, expressão ou frase comporta-se como uma unidade semântica indissociável, isto é, comporta-se como um tipo particular de composto. Dessa maneira, pretende-se analisar desde as estruturas mais transparentes, ou seja, as unidades lexicais simples que expressam seu sentido pela denotação; até às estruturas opacas, cristalizadas, ou seja, as unidades lexicais complexas que apresentam um alto grau de deslocamento semântico, exprimindo seu sentido conotativo. A partir disso, este estudo se propõe a descrever o caminho desse continuum, partindo da composição sintática (expressões em vias de congelamento) até as expressões totalmente congeladas do léxico fraseológico e paremiológico

ABSTRACT: This paper aims to present a proposal for identifying frozen expressions by tracking the continuum that exists between the various degrees of freezing. This concept allows to verify if a word, expression or phrases perform an inseparable semantic unit, that is, if they perform a particular sort of composition. This way, we intend to analyze from the most transparent structures, that is, the simple lexical units that express their sense by denotation; the opaque crystallized structures, i.e., the complex lexical units which have a high degree of semantic displacement, expressing its connotative meaning. That said, the aim of this study is to describe the path of this continuum, based on the syntactic composition (expressions in the process of freezing), until completely frozen expressions of phraseological and paremiological lexicon.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora e metonímia. Composição sintática. Expressões congeladas. Fraseologia e paremiologia.

KEYWORDS: Metaphor and metonymy. Syntactic composition. Expressions figées. Phraseology and paremiology.

1. Metáfora e Metonímia

O presente artigo não tratará de um estudo geral sobre metáforas e metonímias, mas os tomará para ilustrar o funcionamento desses processos em sua contribuição para a formação de *nomes compostos, fraseologias e paremiologias*.

Para tanto, é importante iniciar este estudo salientando que o léxico de uma língua é o conjunto de suas lexias, e que as lexias são entidades abstratas que representam uma unidade

* Mestranda em Gramática, Semântica e Léxico. Artigo desenvolvido a partir da disciplina Estudos do Léxico, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

lexical — lexia em realização (POLGUÈRE, 2003, p. 69). As unidades lexicais, de modo geral, podem manter relações de sentido muito variadas no momento em que são empregadas para expressar o conhecimento de mundo de um indivíduo ou grupo de indivíduos sendo, no entanto, possível identificar, em cada unidade lexical, uma significação básica a ser considerada. Cabe observar que o significado básico de uma unidade lexical é muitas vezes designado pelo *sentido próprio* (denotativo), em oposição ao significado que seria derivado, geralmente chamado de *sentido figurado* (conotativo), que, para este estudo, corresponde a *metáforas* ou a *metonímias*.

Sobre a *metáfora*, sabe-se que é uma operação de substituição semântica, porém ela mantém as propriedades sintáticas das palavras-fonte presas na expressão. A metáfora bloqueia possibilidades de reformulação, como a *reconstrução*, o *apagamento* e a *paráfrase nominal* (GROSS, 1996:41). Por exemplo, na expressão metafórica *presente de grego*, não é possível, devido ao bloqueio, a reconstrução, ‘ela ganhou um presente de romano’, o apagamento, ‘ela ganhou um presente’, ou a paráfrase nominal, ‘ela ganhou um presente grego’, pois tais processos alterariam o valor semântico da expressão metafórica *presente de grego*, que significa ‘um presente que é desagradável’. Já a *metonímia* é um processo pelo qual um conceito é designado por meio de um termo diferente do que deveria; os dois conceitos estão ligados: (i) por uma relação de causa e efeito (*moda gestante*), (ii) por uma relação instrumental ou entre conteúdo e objeto (*creme amaciante*), ou (iii) por uma relação entre parte e todo (*tendão de Aquíles*). Nesse último caso, se o todo é designado por uma de suas partes, o último é a característica do conjunto, que constitui uma propriedade prototípica.

Outro ponto distintivo entre os dois processos é a noção de congelamento, esta será explicada nas seções seguintes, mais especificamente na seção 3; porém, é importante ressaltar, já neste momento, que a metáfora, entre os dois processos, é o mais produtivo; logo, é também o processo mais passível ao congelamento; enquanto a metonímia é um processo menos produtivo, sendo mais difícil de ser congelada.

Conforme salientou-se, no início desta seção, a relação semântica entre unidades lexicais pode se dar de formas variadas. Como exemplos para essas relações, são destacados as ligações *causal*, *metafórica* e *metonímica*. Em que a ligação causal ocorre quando lexias de uma mesma unidade lexical se unem. Assim, QUEBRAR₁ [o galho quebrado] coabita com seu causativo, QUEBRAR₂ [João quebrou o galho]; dessa maneira, diz-se que a sentença ‘João quebrou₂ o galho’ iguala-se a ‘João causou a quebra₁ do galho’.

A relação metafórica ocorre quando uma lexia L_2 está relacionada a uma lexia L_1 se denotar um conceito que mantém uma relação de semelhança com o conceito denotado por L_1 , assim pode-se dizer que: $L_2 = \dots$ como se L_1 , ou seja, no exemplo ‘ela é branca₂ como a neve₁’, a lexia BRANCA = como se NEVE.

Por último, a ligação metonímica apresenta-se quando uma lexia L_2 relaciona-se a uma lexia L_1 de um mesmo vocábulo se ele denota um conceito ligado por proximidade (no sentido mais geral) com o conceito denotado por L_1 . Isto é chamado de contiguidade de conceitos.

Conclui-se esta primeira seção introduzindo a parte seguinte, sobre composição sintática, em que proponho a identificação da metáfora ou da metonímia subjacente à estrutura composta. Um exemplo é o nome composto *beija-flor*, que revela uma composição sintática com origem metafórica subjacente: ‘o pássaro que beija a flor’.

2. Composição Sintática

Processa-se a composição sintagmática quando os membros integrantes de um segmento frasal encontram-se numa íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica (ALVES, 1994, p. 50).

Pensar em elementos lexicais, sintaticamente, requer identificar duas vias de inserção da sintaxe nesses elementos: (i) o item lexical gerando condições para a sintaxe (como a regência dos verbos, por exemplo); (ii) a sintaxe gerando condições para a formação de um item lexical. Esta segunda perspectiva é que será abordada nesta seção.

Pela Gramática Tradicional, composição é um processo de formação de palavras que representa, semanticamente, uma ideia única e autônoma, e, morfológicamente, uma união de palavras, radicais ou raízes. No entanto, a interpretação dos compostos está, muitas vezes, dissociada das noções expressas pelas suas partes; isto é, a perda da composicionalidade¹ semântica é resultante de processos de lexicalização vinculado a fenômenos polissêmicos. A tradição gramatical igualmente restringe a descrição dos compostos à descrição dos compostos lexicalizados (itens lexicais), tornando indistintos os conceitos de composição e lexicalização, o que é um equívoco. Segundo Villalva (1994, p. 341-342), a formação de neologismos é um fator que impede que o estudo dos compostos se restrinja aos compostos lexicalizados. De

¹ *Composicionalidade* é um conceito gramatical que diz, de forma geral, que em uma composição, o produto deve refletir o valor das partes, isto é, a direção de uma sequência é o produto dos elementos que a compõem (GROSS, 1996).

acordo com a autora, outra consequência dessa confusão relaciona-se ao que se entende por aglutinação e justaposição, já que a distinção não se relaciona a dois modos distintos do processo composicional, mas sim a dois tipos de lexicalização: em que a *aglutinação* é a composição perfeita, uma vez que origina palavras com um só acento, com ideia singular (*vinagre, morcego*) e permite a lexicalização semântica e morfológica, pois parte da estrutura interna do composto é perdida; e a *justaposição* é a composição imperfeita, já que forma compostos ideológicos, em que cada constituinte tem acento próprio (*cabra-cega, pontapé*), o processo permite apenas lexicalização semântica. Conclui-se que a distinção entre aglutinação e composição pode ser resumida como a oposição entre compostos lexicalizados e não-lexicalizados, ou seja, entre os compostos que perdem e os que preservam sua estrutura interna, além de ambos apresentarem uma interpretação semântica composicional.

Villalva (1994; p. 343) propõe que os compostos sejam identificados como unidades morfológicas constituídas por um número mínimo de duas variáveis lexicais (radicais ou palavras). Logo, a composição relaciona-se à concatenação de, pelo menos, duas variáveis, em oposição ao processo de afixação, que consiste na concatenação de uma constante e de uma variável.

Quadro 1.

COMPOSIÇÃO	AFIXAÇÃO
[[x] [y]]	[a[x]] Prefixação [[x]a] Sufixação

Reproduzido de Villalva (1994, p. 354)

A autora salienta, ainda, que os compostos podem ser divididos em *compostos morfológicos* (formadores de neologismos), e *compostos sintáticos* (formados por palavras que integram estruturas sintáticas). Alves (1994, p. 52), distingue compostos propriamente ditos de composição sintagmática pela ordem das unidades sintagmáticas que sempre apresenta a distribuição determinado seguindo de determinante, o que não é verificado na composição pura, além de salientar que o composto puro obedece a regras de flexão (gênero e número), enquanto que os compostos sintagmáticos conservam as regras flexionais de suas categorias originais, estando em vias de lexicalização.

Para Villalva (1994, p. 346), os *compostos morfológicos* são estruturas resultantes de um processo de concatenação de radicais simples (*raticida*) ou complexos (*luso-brasileiro*), autonomamente existentes na língua, ou não. Tal processo produz palavras que são consideradas empréstimos, e não palavras geradas por processos produtivos, sendo veiculadas

ao domínio das linguagens de especialidade (terminologias técnicas). Os constituintes desses compostos são empréstimos greco-latinos, sendo referidos como compostos neoclássicos ou eruditos que se combinam com outras estruturas vernáculas do Português (composição híbrida) formando neologismos. Os compostos morfológicos caracterizam-se por uma concatenação de radicais, essas unidades podem se combinar livremente ou entre si, seja agregando-se ao primeiro constituinte (*morfologia*), seja agregando-se ao último constituinte da estrutura (*polimorfia*). Tal situação nunca é verificada com os afixos, já que sua posição é fixa na estrutura e sua concatenação geraria estruturas agramaticais (*fazer[des], *[cão]organiza).

Cabe salientar que a distinção entre radicais e afixos nem sempre é fácil de estabelecer. Villalva (1994, p. 351-352) salienta que muitos dos radicais que integram os compostos morfológicos não são verificados em palavras simples (**antropo/homem, *demo/povo*), e que sua semântica nem sempre é identificada, além de ser difícil atribuir-lhe uma categoria sintática, exceto por via etimológica. No caso dos prefixos, muitos apresentam forma livre correspondente na língua (advérbios e/ou preposições) como em *contra-ataque* e *maldizer*; os prefixos não possuem informação relativa à categoria sintática. Não é de se surpreender que na tradição gramatical, muitas vezes, a prefixação seja considerada como um tipo de composição, ou que formas como *auto*² sejam classificadas como prefixóides, por apresentarem certo grau de independência semântica e serem mais ou menos presentes na consciência dos falantes. Martinet (1967) considera este tipo de elemento como fruto da *recomposição*, *uma situação linguística particular que não se identifica nem com a composição propriamente dita, nem tampouco, de um modo geral, com a derivação, que supões a combinação de elementos de estatuto diferente* (MARTINET, 1973, p. 135), em que formas como *automóvel* são reduzidas e recombinaadas, formando novos compostos (*autoestrada*). Rocha (2003) chama tal processo de *truncamento estrutural* e Duarte (2008) denomina de *braquissemia*, isto é a conversão substantival (total ou parcial) do elemento pleno em um elemento truncado, sendo este último anexado a novas bases. Rocha (2003) ainda associa o conceito *prefixóide* para forma *auto-* (redução de *automóvel*) afirmando que este tipo de formativo é caracterizado por se localizar, na estrutura, em posição antepositiva à base. Há igualmente, *suffixóides*, formativos que se caracterizariam por se localizarem, na estrutura, em posição posposta à base, como *-ebre*, em *casebre*, e *-estre*, em *pedestre*, não sendo consideradas formas produtivas na língua; tanto

² *Auto-* como forma reduzida de *automóvel*, não com o sentido do prefixo grego *auto-* ('si mesmo').

prefixóides quanto sufixóides ocorrem apenas em contextos muito restritos, se não em contextos únicos, sendo consideradas formas fossilizadas (ROCHA, 2003). No entanto, formas que ocorrem tanto à direita quanto à esquerda da estrutura deverão ser analisadas de maneira distinta, por meio de uma hipótese mais adequada.

Pode-se assim concluir que a composição morfológica é um processo que opera exclusivamente sobre radicais. Este fato impede que os constituintes de um composto morfológico apresentem contraste de gênero (pelo índice temático e à flexão), dado que a flexão opera sobre temas. Dessa maneira, formas aparentemente idênticas como (*luso-brasileiro* e *surdo-mudo*) exibem contrastes diferentes de gênero e flexão, uma vez que no primeiro exemplo os constituintes são radicais, e no segundo, palavras. Em suma, *luso-brasileiro* é um composto morfológico e *surdo-mudo* um composto sintático.

Compostos sintáticos, tal como os morfológicos, são estruturas formadas por um mínimo de duas variáveis, mas as variáveis são palavras que integram expressões sintáticas. A análise dos compostos sintáticos como palavras geradas a partir de expressões sintáticas é essencialmente motivada por duas constatações, relacionadas (i) com a ordem dos seus constituintes e (ii) com o modo como flexionam e como realizam o gênero. No que diz respeito à ordem dos constituintes, em *homem-bomba* e *bomba-relógio*, *bomba* é modificador do primeiro e núcleo do segundo. Nesses casos, a função será determinada pela posição que o constituinte ocupa na estrutura. Quanto à realização da flexão, esta será idêntica a das expressões sintáticas equivalentes: o valor de número das *estruturas de modificação* é determinado pelo valor associado ao núcleo da expressão sintática; nas *estruturas coordenadas* é idêntico ao valor de número de todos os seus constituintes. O mesmo vale para a expressão de gênero, pois, tal como o número, o gênero das estruturas de modificação e coordenação é determinado pela sua estrutura sintática (VILLALVA, 1994, p. 377-378).

A descrição de flexão reforça a hipótese de que estes compostos têm uma estrutura sintática. No entanto, há compostos como *madrepérola*, *artimanha*, *corrimão*, *grão-duque*, etc., que não se comportam como compostos sintáticos; trata-se de ‘compostos lexicalizados’, ou ‘em curso de lexicalização’. De um modo geral, o efeito de lexicalização sobre os contrastes de gênero e sobre a realização da flexão consiste na adoção dos modelos que operam sobre as palavras simples, por perda da estrutura sintática (VILLALVA, 1994, p. 388).

Os compostos sintáticos não se comportam de forma homogênea, pois apresentam contrastes. Isso se deve ao fato de que não existe um processo único de formação de compostos

sintáticos relativamente aos processos sintáticos e morfológicos. Com efeito, Villalva distingue três tipos de expressões sintáticas em posição X^0 , isto é, em posição de núcleo do sintagma (VILLALVA, 1994, p. 397-398):

1) [V Compl], [$V_{TC1} V_{TC2}$]: a distinção sintática de sequência como *abre-latas* ou *vaivém* distingue a sua ocorrência como expressões sintáticas. Enquanto compostos, têm uma estrutura sintática que é morfológica e sintaticamente opaca.

2) [$N_{NÚCLEO} N$], [$ADJ_{TC1} ADJ_{TC2}$], [$N_{TC1} N_{TC2}$]: a distinção sintática de sequências como *governo-sombra*, *surdo-mudo* ou *saia-calça* é ambígua, mas a interpretação semântica permite distinguir a ocorrência de expressões sintáticas e de compostos. Já que compostos, têm uma estrutura sintática que é sintaticamente opaca, mas morfológicamente transparente.

3) [N SP], [ADJ N], [N ADJ]: a distinção e a interpretação de sequências como *fita métrica* ou *ministro da educação*, ou seja, de sequências semanticamente composicionais é idêntica quer ocorram em estruturas X^0 , que ocorram em posições XP^{Max} . Nesses casos, a sua estrutura sintática é sintática e morfológicamente transparente. Nos restantes casos, ou seja, quando essas sequências são semanticamente lexicalizadas (*curto-circuito*), a distinção sintática é ambígua, mas a interpretação semântica é distintiva. Em posição X^0 , estas sequências têm uma estrutura sintática que é sintaticamente opaca, mas morfológicamente transparente.

Conclui-se, em última instância, que todo o composto é um embrião sintático, pois, em sua base, encontra-se uma estrutura sintática. Assim, como já exemplificado, em *beija-flor*, está subjacente a estrutura ‘o pássaro que beija a flor’. É importante salientar que existem estruturas que são semanticamente opacas e outras que são quase transparentes. Assim há compostos ditos *exocêntricos* e compostos *endocêntricos*. Os compostos *exocêntricos* são expressões congeladas que, diferentemente de uma palavra simples, são polissêmicos e marcados morfológicamente (como em *pé-de-moleque*), seu sentido está fora das partes que os compõem. Quando isso ocorre, diz-se que não há mais individualidade lexical. Compostos *endocêntricos* têm problemas complexos de análise interna, pois não são opacos do ponto de vista semântico já que tem sentido composicional (como em *guarda-roupa*), o sentido é interno às partes. A sintaxe interna deste tipo de sequência não é totalmente livre.

Passemos, agora, às expressões congeladas.

3. Expressões Congeladas

Para designar o fenômeno linguístico descrito neste artigo, o conceito mais apropriado é a noção de congelamento. Para tanto, serão examinadas as propriedades que caracterizam o fenômeno, sob um aspecto mais geral, ou seja, independentemente dos aspectos específicos que o fenômeno possa apresentar e assumir nas diferentes facetas do discurso. Apesar disto, a proposta deste estudo não pretende reduzir o fenômeno a meras considerações generalizadas, uma vez que o conceito de congelamento apresenta mais minúcias do que as noções mais gerais abordadas neste artigo. Pretende-se, assim, apresentar um meio termo para a explicação do processo de congelamento.

Para que se possa introduzir a noção de congelamento, a primeira condição é saber que se está diante de uma sequência de palavras, as quais têm uma existência autônoma, fora da estrutura. No entanto, a mesma sequência apresenta uma relação discreta entre os diferentes elementos lexicais que formam a sequência. Cabe destacar que esta ligação dá-se tanto em nível de afixo + base, que ocorre no processo da derivação, quanto em nível base + base, no processo da composição. Compostos, representados graficamente por diacríticos (*bomba d'água*, *pé-de-moleque*), indicadores de ligação, e por soldadura ou aglutinação (*fidalgo* – ‘filho de alguém’), representam um problema: tais estruturas devem ser consideradas como uma sequência fixa ou como nomes simples? Compostos representados por espaço em branco (como *pé de anjo*) apresentam outro problema: essas formas podem ser consideradas como pertencentes ao processo de composição? Compostos eruditos (como *ribossomo*) pertencem a um limbo, e formas como *supermercado* pertenceriam ao processo derivacional ou composicional? Porém, todos os questionamentos levam à conclusão de que não se pode respondê-los se forem considerados apenas os aspectos formais, deve-se atentar para o dado semântico. Todas as expressões foram, em um dado momento, autônomas (*vide*: ‘filho de alguém’), e perderam sua composicionalidade com o tempo.

Na expressão ‘tirar o cavalinho da chuva’, não se aplica o conceito de composicionalidade, uma vez que o produto das partes é ‘desistir’. Quando há perda total do valor composicional das partes de um composto em prol de um valor distanciado, diz-se, então, que a sequência não tem uma leitura composicional, pois a estrutura, em questão, permite duas leituras distintas, uma transparente (‘retirar o animal da chuva’ ou ‘levar o animal para um local resguardado’), e uma opaca (‘desistir’). Diante de uma expressão como a do exemplo, diz-se

que há uma sequência opaca ou semanticamente congelada, e lexicamente restrita. Para haver opacidade, os elementos não podem contribuir com seus sentidos. A opacidade semântica é uma das características principais do congelamento.

Sobre o *escopo de congelamento* (*portée du figement*), o congelamento pode dar-se (i) em uma parte do grupo nominal, ou (ii) o congelamento pode ser completo. Quando há congelamento de uma parte do grupo nominal, a parte congelada é, frequentemente, uma metáfora. Na estrutura metafórica ‘um luxo de detalhes’ com o sentido de ‘requisite’, a indeterminação do artigo (‘um’), é que está congelada, pois não afeta ‘um qualquer’. No congelamento completo, há opacidade total no produto final do composto, ou seja, são compostos exocêntricos em sua maioria (GROSS, 1996, p. 38-39).

A partir disso, para que se possa falar em *graus de congelamento*, deve-se ter condições de identificar a partir de que momento ele é aplicado, independentemente da categoria da expressão ou composto. Neste ponto é acrescentado um terceiro critério que se estende dos dois anteriores: pode-se falar de sequências compostas quando nenhum dos elementos lexicais constituintes pode ser atualizado. Quando não há atualização dos elementos de uma estrutura composta, diz-se que a estrutura é *cristalizada*. Assim há, em um *continuum*, basicamente, estruturas transparentes, estruturas parcialmente congeladas, estruturas congeladas e estruturas cristalizadas.

Quando há escopo de congelamento, a situação mais comum é quando a estrutura composta inteira é congelada. Esse é o caso dos *provérbios* (‘à noite todos os gatos são pardos’), de *sequências verbais* (‘quebrar a cara’), de *substantivos* (‘beija-flor’), de *sequência adjetiva* ou *locução fossilizada* (‘embora’), de *sequência adverbial* (‘a toda a velocidade’), ou ainda, uma *locução prepositiva* (‘aos cuidados de’). Nesses exemplos, o congelamento afeta toda a sequência.

3.1 Testes para a identificação de congelamento (GROSS, 1996)

Construções livres têm propriedades transformacionais que dependem de sua organização interna. Dessa maneira, a relação entre um verbo transitivo direto (VTD) e seu complemento (COMPL) pode levar a algumas mudanças na estrutura dessas expressões livres, tais mudanças são denominadas de *transformações*. Dada a relação entre o VTD e seu COMPL, podem ser realizadas cinco transformações que, se aplicadas, sistematicamente, podem identificar estruturas sintaticamente congeladas.

É possível salientar que, a partir disso, se há opacidade semântica em uma estrutura esta estará relacionada com a falta de propriedades de transformação, assim, quando há bloqueio das propriedades transformacionais, há opacidade semântica e, conseqüentemente, congelamento da estrutura. As etapas de transformação são as seguintes: a *apassivação*, a *pronominalização*, o *deslocamento*, a *extração* ou *clivagem* e a *relativização*. Tais etapas permitem que uma expressão como *bater um bolão*, seja testada para que se possa conferir a existência de um grau ou não de opacidade semântica e, conseqüentemente, de congelamento da estrutura. A seguir, segue a testagem da seqüência *bater um bolão*.

Antes de iniciar o teste, primeiramente, deve-se inserir a seqüência em um contexto, para que, a partir da frase, se possa aplicar o teste. Se o produto do teste forem estruturas agramaticais, estas deverão ser marcadas com asterisco (*), caso as estruturas sejam imprecisas, deverão ser grifadas com um ponto de interrogação (?). É imprescindível, para o teste, que o sentido da expressão testada seja mantido, assim, ‘bater um bolão’ deve significar, para este teste, ‘ser experto em algo’.

Ex. Essa garota *bate um bolão*. (= ‘essa garota é experta em algo’)

APASSIVAÇÃO: *Um bolão é batido por essa garota.

PRONOMINALIZAÇÃO: *Essa garota bate-o.

EXTRAÇÃO: *Este é o bolão que essa garota bate.

DESLOCAMENTO: *Um bolão, essa garota bate.

RELATIVIZAÇÃO: *Este bolão que essa garota bate.

No exemplo testado (‘essa garota *bate um bolão*’), a expressão *bater um bolão* está totalmente opaca, ou seja, congelada, pois não houve gramaticalidade, na tentativa de se manter o sentido de ‘ser experto em algo’ em nenhuma das etapas do teste. Houve, assim, bloqueio das propriedades transformacionais.

Há a possibilidade de, em seqüências verbais, serem aplicadas como substantivos formando um *grupo nominal*³ composto de um nome e de um adjetivo, este tipo de estruturação pode ser objeto de modificações, como nominalizações, adição de advérbios de intensidade, inserção de advérbio de base nominal e de predicação. Por exemplo, estruturas como *um livro*

³ Um grupo nominal é uma estrutura sintática que pode ser representado como contendo, de forma maximizada, um pré-det, det, pós-det, núcleo, adjetivo. Um grupo nominal comum é uma asserção que um locutor faz seguindo regras gramaticais, enquanto que um composto é uma seqüência que se refere a um objeto ou uma ideia abstrata que o locutor crê, mas que pré-construiu e que faz parte do estoque de itens lexicais assim como os nomes simples (GROSS, 1996).

difficil pode ser transformado em ‘a dificuldade deste livro’ (nominalização), ‘um livro muito difícil’ (adição de advérbios de intensidade), ‘um livro particularmente difícil’ (adição de advérbio de base nominal), ‘este livro é difícil’ (predicação). Porém, em uma estrutura composta congelada, não é possível este tipo de inserção. As transformações exemplificadas são proibidas em compostos como *caixa-forte* (congelado), com o sentido de ‘local protegido’ ou ‘local para manter bens protegidos’, cuja opacidade semântica é evidente. Assim, torna-se impossível inserir elementos na sequência ‘uma caixa-forte’; gerar formas como ‘a fortaleza da caixa’, ‘uma caixa muito forte’, ‘uma caixa particularmente forte’ ou ‘a caixa é forte’, não manteriam o valor semântico da forma opaca *caixa-forte*.

Pode-se perceber, portanto, que o congelamento é um fenômeno que transcende o que é chamado geralmente de diferentes níveis de análise linguística e uma descrição que é apenas sintática ou semântica.

3.2 Graus de Congelamento

Sabe-se que em uma determinada cadeia apenas uma parte do conjunto pode sofrer congelamento, enquanto o restante é uma combinatória livre; com isso, estamos diante de um aspecto diferente do fenômeno, que já não diz respeito à extensão de uma sequência coesa, mas ao *grau de congelamento*. A maioria dos exemplos envolvem sequências com congelamento “completo”, isto é, nenhum dos elementos que compõem a cadeia está autorizado a escolher e, portanto, pode ser considerado um paradigma (GROSS, 1996, p. 16). Nos exemplos levantados por Gross (1996), para exprimir a ideia de ‘bom cozinheiro’ usa-se a expressão ‘*cordon bleu*’, nessa sequência, não é possível substituir *cordon* por outro substantivo, nem *bleu* por nenhum outro adjetivo. Cabe salientar que a falta de paradigma não é um fenômeno independente de outras propriedades, pois, o significado dessa sequência não é composicional, mas opaco, e as propriedades usuais do adjetivo estão bloqueadas. Trata-se, portanto, de uma situação de congelamento total.

Em congelamentos totais, as sequências funcionam de forma compacta, em blocos, assim como as categorias simples. No entanto, há sequência que permite a variação de um elemento da estrutura, assim, na sequência *rater le coche* (‘perder o barco’), pode-se substituir o verbo (*rater*) por *louper* ou *manquer*, permitindo a liberdade lexical, embora o significado da sequência permaneça opaco nos três casos. Variações são mais frequentes que o congelamento total, de acordo com pesquisas sistemáticas feitas em nomes, uma sequência como *vinho tinto*

não é completamente congelada, visto que a posição adjetiva pode ser substituída pelos adjetivos ‘branco’, ‘rosê’, etc. Nota-se que esses adjetivos não são uma fonte de predicados e não tem o significado usual (por exemplo, o ‘vinho branco’ está mais para ‘amarelo’), porém todos esses adjetivos designam diferentes tipos de vinhos.

Em uma dada posição as possibilidades de construção são mais ou menos importantes; nenhum paradigma é um caso limite. No entanto, outro parâmetro deve ser considerado, a natureza não distribucional que calcula as restrições que afetam a natureza semântica e sintática da relação entre os elementos de uma sequência. Há graus de congelamento nas línguas, um contínuo entre as sequências livres e aquelas que são totalmente restritas. A partir disso, pode-se dizer que, em estruturas restritas, como as fraseologias, parêmiias, deve-se atribuir-lhes o último grau de congelamento. Como será visto na subseção seguinte.

3.2.1 Fraseologia e Paremiologia: o último grau de congelamento

Expressões idiomáticas, fraseologias ou *expressões populares* são unidades lexicais complexas que se caracterizam por não possibilitarem a identificação de seus valores semânticos mediante o sentido literal de seus formativos, ou unidades lexicais simples, que as compõem; isto é, não apresentam composicionalidade semântica, sendo consideradas estruturas opacas, congeladas.

Segundo Gross (1996), uma expressão fraseológica opaca ou proverbial configura um sentido não-composicional, ao contrário de estruturas transparentes não fraseológicas. Diz-se, a partir do exposto, que o sentido de um provérbio é, necessariamente, opaco e não transparente; porém, esta opacidade não pode ser considerada como uma não composicionalidade exata, uma vez que esta característica expressa nos provérbios a forma por meio da qual tais fraseologias são percebidos pelos falantes, e a não composicionalidade contribui para a relação existente entre os constituintes do enunciado e o produto final como um todo.

Este tipo de expressão presente na comunicação rotineira é facilmente aceita e reconhecida pelos falantes de uma língua. Normalmente associadas à *gíria* ou *jargão*, que são criados para ser utilizados por um grupo restrito de forma que apenas os participantes daquele grupo possam se comunicar (CAMARA Jr., 1997, p. 127-8); muitas dessas expressões têm uma existência breve, ou ficam restritas a determinados contextos, enquanto outras resistem ao tempo, sendo reproduzidas em contextos mais amplos, fora da contextualização inicial. Muitas vezes, nesse último caso, a etimologia da fraseologia não é recuperada, perdendo seu valor

semântico inicial e sofrendo alargamento de sentido, o que permite sua utilização em contextos variados.

Linguisticamente, entendemos por fraseologia o conjunto de modos de expressões característico de um idioma, atividade ou grupo social, permitindo que muitos linguistas identifiquem enunciados sentenciosos como um tipo específico de unidade fraseológica. Dessa maneira, as fraseologias são percebidas como fórmulas histórico-cultural-coletivas que manifestam a mentalidade de um povo, de acordo com a perspectiva do grupo social que os produz, em última análise, exprimem a visão de mundo de seus falantes. Assim como os provérbios e ditos populares, com o passar dos séculos, essas sequências cristalizaram-se num amplo número de formas portadoras das vivências cotidianas de muitas gerações.

A *paremiologia* é uma área que estuda arquilexemas que englobam os refrãos, provérbios, máximas, sentenças, aforismos, ditos populares, etc., sendo o provérbio um tipo de discurso cristalizado no tempo, com uma origem opaca de difícil recuperação, mas que se mantém surpreendentemente onipresente na memória de seus falantes, transmitindo o senso comum por meio de metáforas de uso coletivo (XATARA, 1998, p. 21). Assim, ‘água mole em pedra dura tanto bate até que fura’, possui um significado parafraseado por ‘ter perseverança’. O valor sentencioso não permite, da mesma forma que as fraseologias, que se identifique o sentido das partes (unidades lexicais simples), isoladamente, mas sim na composição como um todo, isto é, na unidade lexical complexa, pois são estruturas cristalizadas, opacas e totalmente congeladas.

Nas fraseologias, de um modo geral, o valor semântico fechado restringe o uso dos provérbios para contextos mais específicos e não permite a inserção de outros elementos lexicais ou a extração de elementos lexicais de sua estrutura. A partir disso, em uma expressão como ‘uma andorinha não faz verão’, com o sentido aproximado expresso pela paráfrase ‘alguém sozinho não altera ou modifica algo’, não permitiria a inserção de um termo *‘uma andorinha *fêmea* não faz verão’, ou extração de um elemento, *‘uma andorinha não faz’. Tais processos gerariam sentenças semanticamente agramaticais em língua portuguesa, em relação à paráfrase ‘alguém sozinho não altera ou modifica algo’.

Passemos agora à testagem de algumas fraseologias por meio das propriedades transformacionais (apassivação, pronominalização, deslocamento, extração ou clivagem e relativização) que são aplicadas sistematicamente com o intuito de identificar estruturas

sintaticamente congeladas. Sequências congeladas bloqueiam as propriedades transformacionais. Assim, vejamos os exemplos a seguir:

Ex₁. ‘Cão que ladra não morde’. (= quem muito esbraveja não agride)

APASSIVAÇÃO: *Não é mordido cão que ladra.

PRONOMINALIZAÇÃO: impossível realizar este processo.

EXTRAÇÃO: *Cão que não morde.

DESLOCAMENTO: *Cão que morde não ladra.

RELATIVIZAÇÃO: *Este cão que ladra não morde.

No teste anterior, os processos transformacionais de apassivação, extração, deslocamento e relativização propiciaram a interpretação literal da fraseologia, sendo o *cão*, um animal qualquer, não permitindo a interpretação dada (‘quem muito esbraveja não agride’). Por fim, o processo de pronominalização não foi possível de ser aplicado, pois a estrutura da sequência não permite tal processo transformacional.

Ex₂: ‘Uma andorinha não faz verão’ (=‘alguém sozinho não altera ou modifica algo’)

APASSIVAÇÃO: *Verão não é feito por uma andorinha.

PRONOMINALIZAÇÃO: *Uma andorinha não o faz.

EXTRAÇÃO: *Uma andorinha não faz.

DESLOCAMENTO: *Não faz verão uma andorinha.

RELATIVIZAÇÃO: *Esta andorinha que não faz verão.

Todos os testes foram passíveis de aplicação no exemplo acima, no entanto, nenhuma das ocorrências permitiu manter o valor semântico dado (=‘alguém sozinho não altera ou modifica algo’). Mesmo no processo de relativização que gerou a estrutura ‘esta andorinha não faz verão’, altera o valor semântico, pois o pronome *esta* permite uma determinação da palavra *andorinha*, e a expressão original não, já que o artigo *uma* denota indeterminação, e esta indeterminação é que é opaca, uma vez que ‘uma andorinha’ pode-se referir, semanticamente, a qualquer um que haja sozinho.

Ex₃: ‘Água mole em pedra dura tanto bate até que fura’ (=‘ter perseverança’)

APASSIVAÇÃO: impossível realizar este processo.

PRONOMINALIZAÇÃO: *Água mole tanto a bate até que fura.

EXTRAÇÃO: *Mole em pedra dura tanto bate até que fura.

DESLOCAMENTO: *Bate tanto água mole em pedra dura até que fura.

RELATIVIZAÇÃO: *Água que é mole em pedra dura tanto bate até que fura.

No exemplo três, um processo não foi passível de aplicação, a apassivação, dada a extensão e inversão da sentença. Formas muito longas dificilmente permitem a aplicação dos processos transformacionais. Os processos restantes foram aplicados, mas a pronominalização e a extração geraram sentenças agramaticais e não semânticas. Os processos de deslocamento e relativização até permitiram certa estruturação sintático-semântica, mas não com o valor de ‘ter perseverança’, mas sim com um sentido literal. Cabe salientar que o exemplo três trata-se de um refrão; logo, não podem ser reorganizado ou posto em ordem direta. Refrãos são memorizados e transmitidos via oralidade, têm um significado bem marcado, uma vez que muitos transmitem uma moral.

4. Conclusão

Nesse *continuum* que parte das estruturas transparentes (unidades lexicais simples que expressam seu sentido denotado) até as estruturas opacas, cristalizadas (unidades lexicais complexas com deslocamento semântico), o presente artigo se propôs a rastrear, por meio do processo de congelamento, o caminho descrito por esse *continuum*. Dessa maneira, este artigo teve o objetivo de mostrar que a metáfora e a metonímia são dois processos que subjazem à formação de compostos, principalmente, a metáfora ao que compete a composição sintática. Ao salientar que toda a composição foi, em um dado momento, uma estrutura autônoma (*vide*: ‘filho de alguém’ = ‘fidalgo’) e que, com o tempo, suas partes foram perdendo a composicionalidade semântica em prol de um valor distanciado, opaco, cristalizado e, em última análise, congelado; os compostos são vistos como o primeiro passo para a identificação do congelamento ao permitirem a extração da metáfora ou da metonímia por trás de sua estrutura, assim, um exemplo como *beija-flor* revelou uma composição sintática de origem metafórica subjacente: ‘o pássaro que beija a flor’.

Para a identificação dos *graus de congelamento*, foram realizados os testes propostos por Gross (1996), principalmente os testes transformacionais que, por meio do bloqueio, identificam as expressões congeladas. Para detectar o último grau de congelamento, manifesto em fraseologias e paremiologias, aplicaram-se os testes transformacionais, em frases e refrãos. A testagem provou que não é possível realizar apassivação, pronominalização, extração, deslocamento, relativização, sem alterar o valor semântico das sequências, por gerar bloqueio em todos os processos transformacionais e, conseqüentemente, indicar, por meio dos exemplos,

a confirmação de que se tratam de sequências em último grau de congelamento. Essas sequências não aceitam acréscimo ou extração de elementos de sua estrutura, ou o uso de seus formativos isoladamente, pois o sentido é único, complexo, compacto e aplicado em contexto específico, qualquer deslocamento sensível resultaria na descaracterização da fraseologia ou da paremiologia.

Referências Bibliográficas

ALVES, I. M. **Neologismo: criação lexical**. Porto Alegre: Ática, 1994.

CAMARA JR, J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

CAMARA Jr, J. M. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1997. 262 p.

CUNHA, C. F. Da ; CINTRA, L. F. L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

DUARTE, P. M. T. Fronteiras Lexicais: sugestões para uma delimitação dos prefixoides em português. In: **Revista Philologus / Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**. – Ano 14, N° 42, (set/dez.2008) – Rio de Janeiro: CiFEFiL. 2008.

GONÇALVES, C. A. V. Composição e Derivação: polos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos. In: **Domínios da Lingu@gem**, Uberlândia, v. 5, n. 2, p. 63-94, 2011a.

GONÇALVES, C. A. V. Compostos Neoclássicos: estrutura e formação. **REVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, Porto Alegre, n. 9 (especial), p. 5-37, 2011b.

GROSS, G. **Les Expressions figées en Français**. Paris: Ophrys, 1996.

KLARE, J. Lexicología e Fraseología no Português Moderno. In: **Revista de Filologia Románica**, 11.1. Editorial de la Universidad Complutense. Madrid, 1986.

MAFRA, L. M. G.; CUNHA, B. T. F. Estudo de Unidades Fraseológicas e seus Sentidos Metafóricos: análise contrastiva. **Resumo no VII CONNEPI – Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação**. Palmas, Tocantins, 2012.

MARTINET, A. **Elementos de Linguística Geral**. Lisboa: Sá da Costa, 1973.

MARTINET, A. **Grammaire Fonctionnelle du Français**. Paris: Didier, 1979.

MONTEIRO, J. L. **Morfologia Portuguesa**. São Paulo: Pontes, 1989.

PÉREZ, R. A. Paremiología Contrastiva: propuesta de análisis lingüístico. In: **Revista de Investigación Lingüística**. Nº1, Vol. III, p. 7-47, 2000.

POLGUÈRE, A. **Lexicologie at Sémantique Lexicale**: notions fondamentales. Montreal: PUM, 2003.

ROCHA, L. C. de A. **Estruturas Morfológicas do Português**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SAID ALI, M. **Gramática Histórica**, 1931 (reúne Lexeologia do Português Histórico, 1921, e Formação de Palavras e Sintaxe do Português Histórico, 1923).

SANDMANN, A. J. **Morfologia Lexical**. São Paulo: Contexto, 1992.

SANDMANN, A. J. **A Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo**. Ícone, 1989.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

VILLALVA, A. **Estruturas Morfológicas**: unidades hierárquicas nas palavras do português. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, 1994.

XATARA, C. M. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em francês**. 1998. 253 f. Tese (Doutorado em Letras – Área de Lexicologia/Lexicografia). UNESP, Araraquara, 1998.

XATARA, C. M.; SUCCI, T. M. Revisitando o Conceito de Provérbios. In: **Veredas On Line** – Atemática – Vol. 1, p. 33-48. PPG Linguística/UFJF – Juiz de Fora – ISSN 1982-2243, 2008

Artigo recebido em: 07.08.2014

Artigo aprovado em: 04.12.2014

Inclusão e tratamento de unidades fraseológicas no Dicionário de Usos do Português do Brasil (2002)

Inclusion and treatment of phraseological units in the Dicionário de Usos do Português do Brasil (2002)

Carolina Fernandes Alves*

RESUMO: Este trabalho se dedica a verificar como se dá a inclusão e o tratamento de unidades fraseológicas (UFs) no Dicionário de Usos do Português do Brasil (DUPB, 2002). Como metodologia, utilizamos os critérios de análise propostos por Silva (2011) e Tristán Pérez (1997), bem como aplicamos testes em falantes nativos do português brasileiro com o objetivo de qualificar a análise em relação às questões de registro, variação e delimitação das UFs. A análise demonstrou que o DUPB apresenta bastante coerência quanto ao tratamento lexicográfico das UFs analisadas.

PALAVRAS-CHAVE: Fraseologia. Lexicografia. Dicionário de Usos do Português do Brasil (2002).

ABSTRACT: This paper verifies the way in which phraseological units (PUs) are included in the Dicionário de Usos do Português do Brasil (DUPB, 2002). Regarding the methodological procedures, the analysis criteria outlined by Silva (2011) and Tristán Pérez (1997) were used, and tests were applied to native speakers of Brazilian Portuguese to qualify the record, variation and delimitation of PUs analysis. The analysis demonstrates that DUPB is fairly consistent in the lexicographical treatment of the analyzed PUs.

KEYWORDS: Phraseology. Lexicography. Dicionário de Usos do Português do Brasil (2002).

1. Introdução

Segundo Silva (2011), a inclusão de unidades fraseológicas (doravante UFs) em dicionários é uma prática extremamente antiga, estando presente já nos primórdios da lexicografia de língua portuguesa, por exemplo. Entretanto, a autora menciona que, com o passar do tempo, a prática lexicográfica não incorporou os avanços obtidos pelos estudos no campo da Fraseologia¹, havendo, dessa forma, uma dissociação entre Fraseologia e Lexicografia. Portanto, apesar da tradição de registrar UFs nos dicionários, o tratamento lexicográfico das combinatórias léxicas é um tema ainda obscuro para os estudos do léxico.

Considerando que o dicionário cumpre um papel de orientação idiomática bastante importante em uma comunidade linguística e que a fraseologia é um fato ontológico da linguagem, merecendo, por isso, ser registrada em obras lexicográficas, este estudo encontra-

* Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

¹ Adotaremos neste trabalho a escrita em letra maiúscula para os termos que designam áreas de estudos, tais como Fraseologia, Lexicografia, Linguística, etc.

se no âmbito da evidente interface entre Fraseologia e Lexicografia, dentro do campo da Fraseografia, “disciplina linguística que se ocupa dos princípios teóricos e práticos que regem a inclusão da fraseologia em obras lexicográficas” (SILVA, 2011, p. 164). Nosso objetivo foi analisar como o Dicionário de Usos do Português do Brasil (DUPB, 2002) apresenta as UFs a seus potenciais usuários. A escolha desta obra se justifica pelo fato de ser um diferencial na lexicografia brasileira no que diz respeito à delimitação explícita da sincronia e do léxico a serem abrangidos (o português brasileiro usado entre as décadas de 50 e 90), bem como ao emprego de uma teoria linguística subjacente à concepção do dicionário (a Gramática de Valências)².

Foram selecionadas para análise 50 UFs do *Pequeno dicionário ilustrado de expressões idiomáticas* (ZOCCHIO; BALLARDIN, 1999), todas pertencentes ao grupo de expressões idiomáticas, isto é, UFs cujas principal característica é a não composicionalidade semântica (o significado do todo não é obtido pelo significado das partes da expressão, o que as caracteriza como metafóricas). Dessas, 27 foram encontradas registradas no dicionário (cf. anexo 1). Porém, uma delas (*lixar-se*) não é tratada como fraseologia³ na obra, de forma que utilizamos 26 UFs em uma pequena pesquisa realizada com 40 falantes nativos de língua portuguesa⁴ (de diversos níveis de escolaridade e não especialistas em linguística) com o objetivo de qualificar a análise em relação às questões de registro, variação e delimitação das UFs. Para tanto, realizamos duas atividades (cf. anexos 2 e 3): na primeira, os informantes deveriam ler as definições correspondentes a 11 UFs (as quais gostaríamos de analisar quanto aos aspectos de variação e delimitação, pois verificamos diferenças quanto a esses aspectos na comparação do dicionário de Zocchio e Balardin com o DUPB) e escolher a opção que, particularmente, mais costumam usar. Caso a opção não estivesse arrolada, o falante poderia escrever outra opção de uso. Já na segunda atividade (cujo objetivo foi averiguar a questão do registro), deveriam

² Originalmente, a Teoria das Valências foi criada por Tèsniere (1959). Entretanto, Borba (1996) e também Busse; Vilela (1986) adaptaram-na à língua portuguesa.

³ *Lixar-se* (ou *se lixando*, como está, literalmente, no dicionário de Zocchio e Balardin) não recebe o tratamento de UF no DUPB (2002) por tratar-se da forma pronominal do verbo. A rigor, o significado de *lixar-se* é considerado apenas uma acepção coloquial do verbo, assim como pode ser inferido do modo como consta o verbete no DUPB (2002). É por isso que decidimos não incorporá-lo na análise.

⁴ Gostaríamos de salientar como perspectiva para um trabalho futuro a pertinência de aumentar a amostra recolhida com o intuito de obter resultados mais representativos e que, de fato, nos permitam fazer observações mais específicas do que as que são feitas neste artigo, cujo foco não é, especificamente, a pesquisa com informantes, que foi apenas um complemento para que nenhuma afirmação fosse feita com base apenas em nossa introspecção.

escolher a palavra pela qual buscariam saber o significado de cada uma das 26 UFs apresentadas. Os anexos 4 e 5 apresentam os resultados das atividades.

Este artigo está estruturado em 5 seções principais. A partir de uma discussão preliminar sobre a fraseologia como uma ontologia linguística, expomos a Fraseologia como problema teórico para a lexicografia para, em seguida, apresentar a inclusão de UFs como um problema metodológico para esta área. Posteriormente, elencamos alguns critérios de análise propostos por Silva (2011) e Tristán Pérez (1997) para, então, iniciar a análise, cuja seção divide-se em 5 pontos (os quatro primeiros relacionados à microestrutura⁵ da obra): a) concepção de fraseologia; b) marcas diassistemáticas; c) paráfrases explanatórias; d) exemplos; e) variação e delimitação de UFs.

2. A percepção da Fraseologia como inerente às línguas naturais

Uma das propriedades mais características da linguagem é a *recursividade*. Não obstante o termo tenha sido incorporado à Linguística no âmbito da sintaxe⁶, também é perfeitamente possível empregá-lo em outros níveis de organização da língua, como o fez Martinet (1964) ao chamar esse princípio de *dupla articulação da linguagem* para caracterizar a relação de recursividade que se estabelece entre fonemas e morfemas. No âmbito léxico, por outro lado, alguns linguistas, há bastante tempo, já observavam esse fenômeno, questionando-se sobre se a língua estaria composta somente de palavras “isoladas”. Bréal (1897, p. 258) abordou essa noção ao afirmar que “uma língua não se compõe apenas de palavras: compõe-se de grupos de palavras e de frases”. Nessa mesma esteira, Bally (1951, p. 66) afirma que, “na língua materna, a assimilação dos fatos da linguagem é feita por associação e esses agrupamentos podem ser passageiros, mas, à força de sua repetição, podem adquirir um caráter usual e formar unidades indissolúveis⁷”. No Curso de Linguística Geral (CLG, 2006 [1916]), de Saussure, também é possível notar que a noção da recursividade subjaz à concepção saussuriana de sintagma:

⁵ A *microestrutura* é o termo que designa as informações relacionadas à forma e ao significado dos lemas, tais como as informações de classe gramatical, gênero, definição (ou paráfrase explanatória) e exemplos.

⁶ Para uma abordagem detalhada sobre a origem do termo nos estudos da linguagem, cf. Marcilese (2011).

⁷ [Dans la langue maternelle, l'assimilation des faits de langage se fait surtout par les associations et les groupements peuvent être passagers, mais, à force d'être repetés, ils arrivent à recevoir un caractère usuel et à former même des unités indissolubles.]

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua (...). Estes se alinham um após o outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apóiam na extensão, podem ser chamadas *sintagmas*. (CLG, 2006 [1916], p. 142)

(...) a noção de sintagma se aplica não só às palavras, mas aos grupos de palavras, às unidades complexas de toda dimensão e de toda espécie (palavras compostas, derivadas, membros de frase, frases inteiras). (CLG, 2006 [1916], p. 143)

Ainda sobre esse aspecto da linguagem, Coseriu (1980), por sua vez, distingue entre *técnica livre* e *discurso repetido*. A *técnica livre* “corresponde aos elementos constitutivos da língua, assim como às regras *atuais* necessárias para a sua modificação e combinação”, ou seja, é a combinatória *ad hoc* que se estabelece entre duas ou mais palavras. Já o *discurso repetido*, por sua vez,

corresponde a tudo aquilo que na língua de uma dada comunidade se repete de forma mais ou menos idêntica, isto é, como um discurso já constituído, ou como uma combinação fixa, como fragmento curto ou longo de algo *já dito* (grifo no original) (COSERIU, 1980, p. 107).

Acerca do fenômeno da fraseologia, em primeiro lugar, as observações dos estudiosos acima citados são extremamente valiosas para pensá-lo como uma ontologia linguística. Em segundo lugar, uma questão diferente são os procedimentos metodológicos pelos quais se detectam e classificam UFs. Portanto, é possível afirmar que as observações que reconhecem a existência da recursividade no plano léxico correspondem a um questionamento no plano ontológico da linguagem. A descrição e classificação de unidades fraseológicas, por outro lado, pertence ao plano da metodologia linguística, e é justamente esse o ponto em que a fraseologia se torna um problema teórico e metodológico para a Lexicografia, como veremos nas seções a seguir.

3. A Fraseologia como um problema teórico para a Lexicografia

A fim de distinguir entre ontologia linguística e metodologia linguística, Baldinger (1977) propõe a tríade *língua objeto*, *metalinguagem de primeiro nível* e *metalinguagem de segundo nível*. A *língua objeto* é a atividade linguística desenvolvida por todos os indivíduos. Já a *metalinguagem de primeiro nível* corresponde à capacidade de converter a língua em objeto dela mesma. Como falantes nativos de português, por exemplo, nos encontramos no âmbito da metalinguagem de primeiro nível quando formulamos o enunciado “a palavra cachorro se

escreve com *ch*”. Uma criança em fase de alfabetização também se encontra nesse mesmo plano metalinguístico quando elabora hipóteses acerca da grafia das palavras, algo que a permite pensar que “cachorro se escreve com *x*” (*caxorro). Isso é o que Coseriu (1980) chama de *atividade humana universal*, ou seja, a capacidade que todos nós temos de formular hipóteses sobre nossa língua materna a partir do que o *sistema* da língua nos disponibiliza. Por essa razão, pode-se dizer que tal atividade corresponde a um fato ontológico da linguagem. Por fim, a *metalinguagem de segundo nível* diz respeito à metodologia linguística, isto é, à perspectiva com que se analisam fatos linguísticos de acordo com um construto teórico-metodológico, âmbito em que se encontra a Linguística e suas subáreas, como a Lexicografia.

Não obstante se saiba que os falantes “repetem discursos”, no plano da análise e classificação dos fatos linguísticos, isto é, a metalinguagem de segundo nível, é necessário um modelo teórico-metodológico para esse fim, residindo aí a dificuldade em lidar com a fraseologia como ontologia e, ao mesmo tempo, como objeto de estudo. Obviamente, esse construto sempre oferecerá uma visão parcial na medida em que toda teoria, essencialmente, é limitada em certo sentido.

Há uma dificuldade com que justamente as investigações linguísticas mais importantes e engenhosas amiúde se confrontam: muito embora tenhamos uma impressão muito clara e convincente de algo que percebemos a partir do efeito geral de uma língua, ainda assim são fadadas ao fracasso todas as tentativas de identificar esse algo como uma exposição que seja suficientemente completa e que o delimite em conceitos específicos (HUMBOLDT, 2006 [1836], p. 105)

Ao desenhar um dicionário semasiológico, o lexicógrafo encontra-se frente a uma dicotomia: ao mesmo tempo em que a obra é estruturada com ênfase na *técnica livre*, é preciso lidar com a existência do *discurso repetido* como fato ontológico da linguagem. Em outros termos, embora palavras como *rodar, ir, bater, nascer, morrer, baiana, mala, bota, gelado*, por exemplo, façam parte da *técnica livre* da língua portuguesa, podendo compor a macroestrutura⁸ de um dicionário, a realização dessas mesmas palavras em formações como *rodar a baiana, ir de mala e cuia, bater as botas, estupidamente gelado, o que nasce torto morre torto*, faz parte do *discurso repetido* do português e, dada sua condição de fato de *norma* (no sentido coseriano do termo), precisa de alguma maneira estar no dicionário. Contudo, delimitar os padrões

⁸ A *macroestrutura* é o conjunto de lemas que compõem um dicionário, podendo também ser chamada de *nominata*.

combinatórios de uma língua, demarcando fronteiras entre eles, é uma tarefa extremamente difícil, exigindo um posicionamento teórico-metodológico bem definido por parte dos pesquisadores em Fraseologia e também dos lexicógrafos.

No entanto, os dicionários gerais de língua portuguesa revelam “desconhecimento da Teoria Lexical, Gramatical e Linguística” (BIDERMAN, 2003, p. 61), o que interfere também no tratamento que conferem às UFs. Normalmente, a abordagem das UFs é extremamente genérica nessas obras, desde a orientação para a consulta (no *Front Matter*⁹ da obra) até o tratamento lexicográfico das UFs propriamente dito. Não se trata, obviamente, de expor ao consulente da obra uma minuciosa e exaustiva taxonomia das UFs de sua língua (a não ser que o dicionário esteja voltado a um estudioso da área), mas sim de construir uma taxonomia que permita gerar um modelo de tratamento das UFs dentro da obra e, por conseguinte, orientar o usuário quanto à consulta das unidades pluriverbais, uma vez que seus diferentes subtipos não possuem as mesmas propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas, conforme apontam Corpas Pastor (1996) e Tagnin (2013), por exemplo. Nesse sentido é que se pode comprovar a dissociação Fraseologia – Lexicografia mencionada por Silva (2011), pois a lexicografia brasileira ainda não demonstra ter usufruído dos inúmeros contributos oriundos dos estudos em Fraseologia (não necessariamente brasileiros).

Acreditamos, portanto, que a dificuldade em delimitar o discurso repetido com vistas à elaboração de uma obra lexicográfica deve-se, primeiramente, à sua natureza ontológica dentro das línguas naturais, o que inibe a elaboração de modelos totais e demanda a opção por uma perspectiva teórica e metodológica de análise, descrição e registro. Além disso, a dificuldade em estabelecer critérios para essa tarefa provém também das divergências acerca do conceito de *fraseologia* e do seu objeto de estudo apresentadas pelos autores que se dedicam ao tema, conforme defende Corpas Pastor (1996, p. 16). Definições bastante genéricas e até mesmo circulares como “fraseologia é a ciência que estuda os fraseologismos” (WELKER, 2004, p. 162) até outras, mais complexas, como a oferecida por Silva (2011, p. 162)¹⁰, demonstram o quão ampla e multifacetada é essa matéria, na qual cada teórico busca um melhor ponto de vista

⁹ O *Front matter* é o componente canônico introdutório das obras lexicográficas. Segundo Fornari (2008, p. 3), ele “esquematiza, organiza e explica os conteúdos do dicionário, o que só é possível na medida em que se têm parâmetros, princípios ou regras que garantam coerência aos componentes do dicionário”, servindo como “um ponto de comunicação entre o consulente, o lexicógrafo e o próprio dicionário” (FORNARI e BUGUEÑO MIRANDA, 2006, p. 248).

¹⁰ “disciplina linguística que tem por objeto de estudos certos tipos de fenômenos léxicos reunidos, geralmente, sob o termo *unidades fraseológicas* (doravante UF), ou seja, combinações estáveis de palavras que apresentam certa fixação de forma e significado, entre outras características”.

(mais ou menos amplo) a partir do qual olhar o seu objeto. No entanto, Corpas Pastor (1996) aponta para certa homogeneidade quanto ao emprego do termo *fraseologia* (*Fraseologia*, para efeitos deste trabalho) para designar o estudo das combinatórias léxicas. O problema propriamente dito encontra-se em delimitar seu objeto de estudo, as combinatórias (ou fraseologias), que são de diferentes tipos. Nesse campo, a autora nos apresenta um panorama das diferentes designações atribuídas às combinações de palavras na tradição espanhola, tais como *expresión pluriverbal*, *expresión fija*, *unidad fraseológica*, *fraseologismo*, etc, às quais podemos adicionar *frase feita*, *expressão idiomática*, *locução*, entre tantos outros termos empregados em língua portuguesa. Entretanto, ela opta por usar *Unidade Fraseológica* (UF) como o termo mais geral atualmente empregado (na tradição europeia) para designar unidades pluriverbais, termo também adotado no presente trabalho, como já se pode perceber.

Embora muitos tenham sido aqueles que tentaram elaborar uma taxonomia geral de UFs¹¹, a complexidade do tema praticamente impõe a tendência dos estudos fraseológicos em focar tipos específicos de UFs, claro está que não por precariedade intelectual, senão por opção teórico-metodológica, tendo em vista a multiplicidade de variáveis (muitas vezes incompatíveis entre si) a considerar no momento de gerar um construto teórico-metodológico. Alonso Ramos (1997), por exemplo, trata das locuções com verbo suporte, enquanto Ruiz Gurillo (1998) se ocupa das locuções adverbiais, Bevilacqua (2004) das UFs especializadas, Morales Pettorino (2007) das locuções comparativas (assim como Xatara, 1994), Fuenzalida (2007) das locuções verbais com estrutura verbo + objeto direto e Beneduzzi (2008) com as colocações substantivo+adjetivo.

4. A inclusão de UFs no dicionário como um problema metodológico

A inclusão de UFs em um dicionário apresenta-se como problema metodológico em relação aos principais componentes canônicos da obra lexicográfica: macroestrutura, medioestrutura¹² e microestrutura. Trata-se de um problema macroestrutural basicamente no que diz respeito, em primeiro lugar, à delimitação da UF. A característica mais marcante (e

¹¹ Corpas Pastor (1996), no primeiro capítulo de seu “Manual de fraseología española”, após elencar a diversidade terminológica em relação à fraseologia, bem como características gerais que identificariam as UFs, menciona as taxonomias de Casares (1992 [1950]), Coseriu (1964), Thun (1978), Zuluaga (1980), Haensch (1992) e Carneado Moré; Tristán Pérez (1985) antes de propor a sua. Tagnin (2013) também propõe uma taxonomia geral de UFs, assim como Schlaefer (2002) e Hausmann (2007).

¹² A *medioestrutura* é o termo que designa o sistema de remissões utilizado em um dicionário.

unânime) das UFs é a plurilexicalidade. Entretanto, no que concerne à delimitação dos itens léxicos que compõem uma UF, essa característica não é tão óbvia. Em *pagar o pato*, por exemplo, não há problemas quanto a identificar que a soma dessas três unidades significa algo como “sofrer as consequências por algo que não fez”. Entretanto, deve-se delimitar a UF como *em maus lençóis* ou *estar em maus lençóis*? Qual deve ser o limite para *de papo pro ar* ou *estar/ficar de papo pro ar*? No caso de UF constituídas por preposição, o problema da delimitação é ainda maior, demandando uma discussão teórica a respeito, o que não será aprofundado aqui em detrimento do escopo do trabalho. Conforme afirma Tristá Pérez (1997), o equívoco em determinar os componentes de uma UF pode modificar sua categoria gramatical (uma UF com função de advérbio apresentada como verbal, por exemplo) e, adicionamos, pode também comprometer a descrição linguística, acarretando uma possível interferência na visão dos fatos de norma por parte do usuário. Em outras palavras, corre-se o risco de fazer uma descrição que não condiz com a realidade linguística.

Em segundo lugar, a inclusão de UF no dicionário apresenta uma série de problemas em relação à estrutura de acesso. Como são unidades pluriverbais, a primeira decisão a ser tomada diz respeito a estabelecer em qual palavra será registrada a UF. *Dar o passo maior que a perna*, por exemplo, dependendo da decisão adotada pelo lexicógrafo, pode estar arrolada sob os lemas *dar*, *passo* ou *perna*, pela primeira palavra plena (no caso, *dar*), pela palavra considerada o “centro semântico” da unidade (que, dependendo do ponto de vista do lexicógrafo, pode ser o verbo) ou por uma preferência de classe gramatical (que varia de língua para língua e de dicionário para dicionário). É possível também que constitua um lema independente, seguindo a ordenação alfabética do dicionário, ou, ainda, porém menos frequente, pode ser registrada em todos esses lemas (o que isenta o uso de remissões, mas, em contrapartida, aumenta o tamanho da obra)¹³. Cada lexicógrafo opta por uma solução distinta para esse problema imediato, não havendo apenas uma forma através da qual o usuário possa consultar toda e qualquer obra. Nesse aspecto em particular, é indispensável a explicitação, no *Front Matter* do dicionário, dos critérios pelos quais as UFs foram registradas.

Outro problema que concerne à macroestrutura é o registro de variantes. *Colocar os pingos nos is* e *colocar os traços nos tês* são UFs variantes, pois podem ser usadas indistintamente, sem acarretar mudança de significado e inclusive de estrutura sintagmática

¹³ Na seção “critérios para a análise da inclusão de UFs em dicionários”, abordaremos algumas implicaturas para a consultabilidade da obra em relação ao tipo de registro escolhido.

(*Hoje é dia de colocar os pingos nos is* possui o mesmo conteúdo proposicional e a mesma estrutura sintática que *Hoje é dia de colocar os traços nos tês*). Entretanto, torna-se um problema metodológico para o dicionarista decidir se, na condição de variantes, elas serão registradas juntas, sob algum lema que compartilham, como *colocar*, nesse caso, ou, se, por outro lado, cada uma seguirá outro critério previamente estabelecido, como, por exemplo, fazer o registro de UFs em todos os lemas ou por preferência de classe gramatical (substantivo, adjetivo, verbo, etc.). Nesse caso, se o substantivo for a classe gramatical preferencial, *colocar os pingos nos is* e *colocar os traços nos tês* poderão ser arroladas, respectivamente, em *pingos* e *traços*. E, se registradas separadamente, como fazer o usuário saber que são formas variantes? Resolver tal questão terá uma consequência imediata na concepção medioestrutural da obra. Ao optar pelo registro isolado de variantes, o lexicógrafo terá que investir em remissões, deixando à escolha do usuário utilizá-las ou não, pois remissões são, de certa forma, um ônus para a consulta (pelo menos nos dicionários impressos). Além disso, se, por exemplo, *dar o passo maior que a perna* estiver sob o lema *perna*, há a grande probabilidade de que um consulente “desavisado” (seja pela ausência de informações no *Front Matter*, seja por tê-lo ignorado, o que é bastante comum) possa buscá-la no lema *passo*, no lema *dar* ou até mesmo em *maior*. Assim, a configuração do sistema de remissões também deve ser considerada na concepção da obra.

Em relação à microestrutura, as UFs são um problema no que toca ao *comentário semântico*¹⁴, mais especificamente no que diz respeito à paráfrase explanatória e às marcas e notas de uso. Como dito anteriormente, as UFs são unidades pluriverbais. Entretanto, o significado de muitas delas não é obtido pela soma do significado de suas partes. *Rodar a baiana*, por exemplo, não significa, literalmente, que alguém toma uma baiana pela mão e a gira, assim como *bater as botas*, significando *morrer*, não se trata de que, literalmente, antes de morrer (ou como sinal da morte), o indivíduo toca uma bota na outra. Sendo assim, a explanação do significado desse tipo de UF é imprescindível em uma obra lexicográfica. Não basta que as palavras *rodar* e *baiana* estejam lematizadas para que se entenda o significado de *rodar a baiana*. Poder-se-ia pensar, em contraposição, nos exemplos como potenciais substitutos da paráfrase quanto à elucidação do significado, o que é bastante questionável, pelo menos da maneira como hoje são fornecidos exemplos nas obras lexicográficas. Se analisarmos em dicionários os exemplos referentes a *bater as botas*, facilmente podemos concluir que um

¹⁴ O comentário semântico faz parte da microestrutura do dicionário e engloba a definição, marcas e notas de uso e os exemplos.

consultante que não saiba o significado dessa UF, dificilmente o depreenderá somente do exemplo oferecido pela obra consultada.

bater <i>V</i> ★ (...) bater a (s)	bota ¹ [Do fr. <i>Botte</i>] (...) ◆
bota (s) (...) <i>Um bocado</i>	bater a bota (...) bater as
<i>deles já bateu as botas.</i> (...)	botas (...) “recebeu um tiro na costela e <u>bateu as botas</u> ali mesmo na estrada” (...)
DUPB (2002, <i>s.v. bater</i>)	Aurélio (2009, <i>s.v. bota</i>)

Figura 1

5. Critérios para a inclusão de UFs em dicionários

Como vimos, há pelo menos cinco formas de incluir UFs em uma obra lexicográfica: sob a primeira palavra plena, em todas as palavras plenas, por força semântica, por preferência de classe gramatical ou, finalmente, como lema propriamente dito¹⁵. Tristán Pérez (1997) afirma que tais possibilidades podem basear-se em critérios formais, semânticos ou gramaticais. Por critério formal entende-se a incorporação da UF no verbete correspondente à primeira palavra plena de sua estrutura. Não obstante seja um critério extremamente simples para o lexicógrafo, apresenta uma dificuldade de consulta ao usuário, uma vez que

este busca xeralmente no dicionario a palabra que non coñece e non o fraseoloxismo na súa totalidade, do cal, em moitos casos, descoñece os límites e, polo tanto, a primeira palabra plena. (TRISTÁN PÉREZ, 1997, s/p)

Outra restrição ao uso desse critério formal apontada por Tristán Pérez (1997) diz respeito à possibilidade de mudanças na estrutura das UFs. A inversão de um componente em um texto pode motivar a consulta a partir de outra palavra que não aquela considerada pelo dicionarista (a partir dos dados por ele obtidos) como a primeira palavra plena da unidade. Na opinião da autora, o critério formal que garantiria ao usuário total acesso à informação seria o registro da UF em cada uma das palavras plenas que a constituem. Entretanto, em se tratando de dicionários

¹⁵ Essa forma de inclusão não foi mencionada por Tristán Pérez (1997). Porém, tendo em vista a prática lexicográfica brasileira, julgamos pertinente adicioná-la.

impressos, essa é uma realidade muito distante, pois acarreta o aumento das proporções físicas da obra.

De acordo com Tristá Pérez (1997), o registro das UFs também pode ser feito sob a palavra considerada o “centro semântico” da unidade. Entretanto, esse é um critério extremamente subjetivo, pois tanto o lexicógrafo como o usuário, enquanto falantes nativos de uma língua, podem ter uma percepção completamente distinta sobre qual é a palavra semanticamente mais “forte” em uma UF. Conforme aponta, outra possibilidade, menos subjetiva, é a inclusão da UF naquela palavra menos polissêmica ou menos usual que a conformam. Entretanto, segundo afirma a autora, a utilização adequada de tal critério dependeria fortemente de um estudo de frequências atrelado à concepção da obra. Além disso, de maneira fundamental, o usuário deveria ser informado sobre como proceder com a busca.

Por fim, há o critério gramatical segundo o qual, na opinião de Tristá Pérez (1997), a organização das UFs parece ser a mais prática tanto para o lexicógrafo quanto para o consulente, pois as UFs são registradas com base em uma ordem de preferência de classes gramaticais. Para o espanhol (e também para o português), língua da qual trata a linguista, essa ordem é substantivo>verbo>adjetivo>advérbio. O ônus de consulta evidente da utilização desse critério é o fato de que nem todos os usuários sabem identificar formalmente (não intuitivamente, é claro) o que é um advérbio, por exemplo.

Também se trata de um critério gramatical a inclusão de UFs na obra lexicográfica como lemas independentes. Para isso, como a própria designação elucida, esses agrupamentos devem possuir autonomia, tal qual uma palavra. Normalmente, na lexicografia brasileira, enquadrar-se nesses casos aquelas unidades plurilexicais cujo status oscila entre palavras compostas e UFs, tais como *casa da sogra*, *banho de mar*, *dor de cotovelo*, *dedo-duro*, etc.

Acima, falamos sobre os critérios utilizados para o registro das UFs. Em relação ao seu posicionamento dentro do verbete, Tristá Pérez (1997) aponta três formas de fazê-lo: integração, não integração e anexação. As duas primeiras, mais raras, são utilizadas em dicionários cuja preocupação centra-se na diacronia dos signos-lema, incluindo-se as UFs. Dessa forma, as UFs são registradas imediatamente após a acepção da qual derivaram semanticamente, o que caracteriza o critério de integração. Entretanto, há casos em que não há relação evidente entre a UF e seu étimo (em grande parte porque a motivação das UFs se perde ao longo do tempo). Assim, as UFs seguem sendo registradas junto às acepções, mas com alguma marca tipográfica que saliente ao consulente que dada UF não está integrada à acepção

imediatamente anterior. Por último, está o critério mais comumente utilizado na prática lexicográfica. A anexação arrola as UFs totalmente separadas das acepções correspondentes ao signo-lemma, normalmente no final do verbete. Assim como salienta Tristá Pérez (1997), muito embora esse não seja o critério mais interessante para um estudioso do léxico, que busca encontrar em uma obra lexicográfica uma riqueza de detalhes a respeito da relação semântica entre as UFs e as acepções das palavras, para o falante comum da língua, trata-se do critério mais prático em termos da localização da UF. No entanto, os problemas relacionados às distintas maneiras de consulta, salientados anteriormente, não desaparecem com a utilização desse critério. Aliás, poderíamos pensar na hipótese de que o amplo uso de que dele é feito atualmente na lexicografia pode revelar muito mais que praticidade, mas também uma incipiência no que diz respeito ao tratamento mais adequado que as UF merecem ter dentro de um produto lexicográfico, aspecto que, inevitavelmente, passa pela necessidade em delimitar os tipos de UFs existentes. E, novamente, se mostra evidente a dissociação entre Fraseologia e Lexicografia.

No que toca ao que deve ser analisado em um dicionário em relação à inclusão de UFs na obra, Silva (2011) elenca alguns parâmetros básicos:

- 1) A concepção de fraseologia apresentada pela obra (como são definidos os termos fraseológicos e quais informações são fornecidas no *Front Matter* da obra a esse respeito);
- 2) A seleção quantitativa e qualitativa das UFs¹⁶;
- 3) O lema das unidades, atentando para os critérios de registro dos lemas (também apontado por Tristá Pérez (1997)) e o grau de homogeneidade destes critérios. Aqui entram análises a respeito das variantes, por exemplo.
- 4) A lematização e a ordenação das UFs e das acepções (também elencado por Tristá Pérez, 1997);
- 5) A qualidade das definições apresentadas;
- 6) O uso de marcas gramaticais e diassistemáticas, sua coerência e pertinência;
- 7) O uso de exemplos de acordo com as funções que desempenham em uma obra lexicográfica.
- 8) As informações sobre relações semânticas entre as unidades (sinonímia, antonímia, etc.), critério intimamente relacionado à questão da variação.

¹⁶ Nesse caso, Silva (2011) propõe que sejam comparadas as quantidades de palavras simples em relação à quantidade de UFs presentes na obra, assim como a representatividade das UFs registradas. Porém, este critério, assim como o de número 4, não poderá ser utilizado neste trabalho em virtude de questões relativas ao tempo que sua aplicação requer, bem como à utilização de ferramentas eletrônicas que auxiliem no processo, o que demandaria uma pesquisa à parte.

A partir dos critérios expostos por Tristá Pérez (1997) e por Silva (2011) (exceto os critérios 2 e 4), procederemos a seguir com a análise do tratamento lexicográfico das UFs no DUPB (2002).

6. As UFs no DUPB (2002): análise dos dados

6.1. Concepção de Fraseologia e a orientação para a consulta

Ao consultar os termos concernentes ao âmbito da Fraseologia no dicionário em estudo, assim como nos recomenda Silva (2011), seria possível dizer que a análise revelou a diversidade terminológica existente na área, bem como a falta de uma precisão conceitual a respeito, assim como uma espécie de generalização nas paráfrases explanatórias. Buscamos as entradas das palavras *fraseologia*, *frase feita*, *locução*, *expressão idiomática*, *idiomatismo*, *idiotismo*, *dito*, *ditado*, *provérbio*, *adágio*, *máxima* e *colocação*. Dessas doze, não encontramos *expressão idiomática*, *idiomatismo* e *colocação*. Em relação às demais, as paráfrases explanatórias são extremamente breves e simples, podendo ser plenamente questionáveis do ponto de vista de um especialista em Fraseologia. O termo *fraseologia*, por exemplo, é definido como um *conjunto de frases*. Já *frase feita* possui uma paráfrase explanatória sinonímica que a relaciona com *chavão*, *clichê*. Algumas, ainda, trabalham com uma relação de sinonímia entre *dito*, *ditado*, *provérbio*, *adágio* e *máxima*, o que também poderia ser problemático para um estudioso na área. Entretanto, considerando que o dicionário por inteiro foi concebido a partir da análise de um *corpus* que privilegia o português usado no Brasil entre as décadas de 50 e 90, dando ênfase à prosa literária e jornalística das principais capitais do país (cf. ALVES, 2012), acreditamos não ser possível cobrar desta obra a precisão conceitual que se esperaria de um dicionário de Fraseologia, por exemplo, mesmo porque, asseverando o recém exposto, as paráfrases explanatórias, assim como todos os segmentos informativos do dicionário, são fruto de dados obtidos via *corpus* e não apenas da introspecção dos lexicógrafos. Portanto, pensamos que o lugar para se verificar a precisão conceitual fundamentada teoricamente em uma obra lexicográfica é no *Front Matter*, e não na *nominata*.

A propósito desse segmento informativo no DUPB (2002), segundo o que nele consta brevemente, são consideradas entradas independentes palavras simples, compostas e, conforme terminologia empregada pelos autores, *expressões*, ou seja, “grupos complexos autônomos” (DUPB, 2002, p. VI) não introduzidos por artigo, tais como *gente grande*, *boca de siri* e *casada-sogra*. Já todas as construções dependentes, a saber, as iniciadas por preposição e artigo, os

sintagmas verbais fixos e as conjunções complexas, foram registradas como subentradas, assim como as chamadas “frases feitas” (também denominadas pela obra como *ditos* ou *provérbios*). Em todos os casos de agrupamentos dependentes, afirma-se que a busca deve ser realizada a partir da palavra “núcleo do sintagma”:

de pernas pro ar entra em pernas; às vezes entra em vez; dar moleza [=facilitar], dar murro em ponta de faca [=insistir inutilmente], dar para o gasto [=ser suficiente] entram em dar; afim de que entra em fim; assim que, logo que, salvo se entram em assim, logo e salvo, respectivamente (DUPB, 2002, p. VII)

A análise revelou que esse critério é seguido coerentemente nas UFs selecionadas. Das 26 UFs analisadas, 18 estão registradas sob verbos, 5 sob nomes simples e 3 são lemas independentes (cf. anexo 1). A pesquisa com informantes mostrou que 16 UFs seriam procuradas pelos potenciais usuários pela mesma palavra que a empregada pelo DUPB (2002), ao passo que as 10 restantes não. Dessas, é necessário destacar que *chá-de-cadeira*, *peixe fora d'água* e *tempestade em copo d'água* não seriam procuradas como lemas independentes, tal como aparecem no dicionário. Isso poderia comprovar a crença de que a obra lexicográfica organiza o léxico de uma língua palavra a palavra, não sendo comum registrar como lema unidades compostas por mais de uma palavra¹⁷. Além disso, alguns falantes não marcaram nenhuma das opções, mas sugeriram outras palavras pelas quais procurariam saber o significado das UFs apresentadas (cf. anexo 5). O curioso é que as palavras sugeridas não compõem as UFs (para *bater as botas* foi sugerido *morte/morrer*, para *quebrar o galho*, *ajudar*, etc.) o que revela uma tendência pela onomasiologia no momento da busca.

Referente à alocação das UFs, assim como a maioria dos dicionários de língua portuguesa, o DUPB (2002) as inclui ao final do verbete, após o símbolo “▶”, utilizando o critério de anexação (cf. TRISTÁ PÉREZ, 1997), conforme o exemplo abaixo.

quebrar V ★ [Ação-processo] [Compl: nome concreto não animado] 1 reduzir a pedaços; partir; fragmentar: *Tobias pôs-se a quebrar copos e garrafas* (CE) 2 danificar; pôr fora de funcionamento: *fomos quebrar o jornal comunista* (SAR) 3 fazer entortar-se ou curvar-se: *quebrava agilmente a direção pisando no acelerador* (TPR) [...] ▶ **quebrar a cabeça** esforçar-se em reflexões: *Eu não teria que matutar tanto, quebrar a cabeça* (TA); *É autodidata e aprendeu quebrando a cabeça* (VEJ)

¹⁷ Ao serem indagados sobre se UFs são registradas em dicionários, muitos falantes responderam que não, alegando não saberem que, normalmente, elas se encontram ao final dos verbetes.

quebrar a cara bater em: *quebrou a cara do homem* (CAN); *O delegado se fingindo imparcial, dando uma demão na tarefa dos que queriam me quebrar* (ALF) **quebrar o galho** ajudar a remediar situações: *Veja só, a esta hora da noite, estou aqui quebrando o galho* (BB); *Quem manda pegar gente que não é de circo só pra quebrar o galho* (COR) **quebrar o gelo** interromper um silêncio incômodo: *Há uma pausa incômoda. A criada saiu para buscar a xícara. Vera procura quebrar o gelo* (MD) **quebrar o pau** haver briga ou confusão: *foguetes, “sputiniks”, o pau quebrando pra todo lado* (ES) (DUPB, 2002, s.v. *quebrar*)

6.2. Marcas diassistemáticas

Segundo Zanatta (2010, p. 146;148), as chamadas marcas de uso fazem parte do nível pragmático, que o dicionário tenta contemplar. Segundo a autora, por uma parte, têm-se as indicações relativas à norma linguística propriamente dita, ou seja, as notas de uso, e, por outra, as informações que auxiliam o consulente a não empregar a língua inadequadamente no contexto sócio-comunicativo em relação ao qual necessita adequar-se, isto é, as marcas de uso¹⁸. A autora lembra que a questão do emprego das marcas de uso é um tema ainda pouco explorado pela metalexigrafia, acarretando a diversidade de tipos de marcação nos dicionários. *Gíria, chulo, tabuísmo, formal, informal, pejorativo, jocoso, familiar, desusado*, entre outras, são algumas marcas de uso comumente encontradas em dicionários¹⁹.

Segundo Farias (2011, p. 133), o tema dos pós-comentários (notas de uso) é também pouco explorado, carecendo de estudos que delimitem parâmetros formais para o emprego dessa estrutura no dicionário²⁰. Apesar das marcas e notas de uso serem pouco exploradas, sua funcionalidade e importância são evidentes (principalmente em um dicionário de uso), posto que o consulente, ao buscar uma palavra, “saberá que se trata de uma palavra cujo uso está restrito ou é mais adequado a determinados contextos” (ZANATTA, 2010, p. 149). Assim, para os fins da metalexigrafia, torna-se complicado proceder com uma análise que almeje verificar a correspondência entre o que a obra afirma realizar e o que, de fato, realiza. Infelizmente, é o

¹⁸ Também podem ser denominadas marcas diassistemáticas, uma vez que assinalam os eixos do diassistema nos quais a língua varia.

¹⁹ Conforme Hausmann (1989 *apud* WELKER 2004, p. 131), as marcas de uso podem dividir-se em a) diacrônicas (relativas ao tempo); b) diatópicas (relativas ao espaço geográfico); c) diaintegrativas (para assinalar estrangeirismos); d) diamediais (para diferenciar linguagem oral e escrita); e) diastráticas (relativas ao nível social); f) diafásicas (relativas à diferença entre linguagem formal e informal); g) diatextuais (restringir palavra ou aceção a um determinado gênero textual); h) diatécnicas (relativas a palavras pertencentes a tecnoletos); i) diafrequentadas (marcas como *raro, obsoleto*); j) diaevaluativas (relativas à atitude do falante: *pejorativo, eufemismo*); k) dianormativas (relativas à indicação do uso adequado em relação à língua padrão).

²⁰ Farias (2011) esboça de uma proposta interessante sobre o tratamento dos pré- e pós-comentários em uma obra lexicográfica.

que acontece com o DUPB (2002). Dentre as 27 UFs registradas, apenas *bater as botas* e *lixar-se* possuem a marca *coloq.* (coloquial) (cf. anexo 1), ao passo que outras, tais como, *quebrar o galho*, *pisar na bola*, *pentear macaco*, entre muitas outras, têm uma evidente coloquialidade. Tendo em vista que muitas UFs possuem restrições de uso, consideramos a carência de marcas de uso extremamente prejudicial quanto à orientação idiomática oferecida ao potencial usuário da obra.

6.3. Paráfrases explanatórias

O segmento informativo principal em uma obra lexicográfica é a paráfrase explanatória. É por meio dela que os falantes podem sanar suas dúvidas quanto ao significado das palavras e, também, de combinações de palavras, uma vez que, em muitos casos, a somatória dos significados das partes de uma combinação léxica não corresponde ao seu significado como unidade, carecendo, por isso, como dito anteriormente, de uma definição. Nas UFs encontradas no DUPB (2002), verificamos que o dicionário emprega paráfrases explanatórias breves, objetivas e eficientes, em nossa opinião. Exemplo disso são as definições “atingir o objetivo” (para *acertar na mosca*), “resolver um problema difícil” (para *descascar um abacaxi*), “fazer companhia a namorados” (para *segurar (a) vela*), etc. Em duas UFs, *bater as botas* e *pisar na bola*, a paráfrase explanatória foi ainda mais simplificada, optando-se pelo uso da sinonímia (*morrer* e *falhar*), o que consideramos bastante apropriado nesses casos, pois não faria sentido explicar analiticamente o significado de *morrer* e *falhar* se esses verbos são certamente tão conhecidos pelos falantes nativos da língua portuguesa.

Na primeira acepção de *chá-de-cadeira*, a paráfrase explanatória, na verdade, não define o significado propriamente dito da UF em questão, mas descreve o contexto em que ela é empregada²¹, assim como na paráfrase explanatória de *uma mão lava a outra*²², na qual se explica a finalidade com que tal UF é usada. Ambas as paráfrases, portanto, foram construídas em metalinguagem de signo, o que não é propriamente um demérito, embora o segmento informativo mais adequado a esse tipo de informação seria o pós-comentário semântico.

Finalmente, a paráfrase explanatória de *pentear macaco* é também uma UF (sinônima): *ir às favas*. Nesse caso, corre-se o risco de que o consulente não saiba o significado de *ir às*

²¹ “Situação em que fica uma moça quando, num baile, espera inutilmente ser convidada para dançar.” (DUPB, 2002, s.v. *chá-de-cadeira*)

²² “Usada para atestar ou exortar à ajuda mútua” (DUPB, 2002, s.v. *uma mão lava a outra*).

favas, o que demandaria uma nova busca. E, no caso do DUPB (2002), ele não encontraria essa unidade registrada na obra.

6.4. Exemplos

Conforme Farias (2008, p. 102), a lexicografia carece de metodologias que convertam o exemplo num segmento funcional para o consulente²³, ou seja, em uma informação discreta e discriminante²⁴ dentro da obra, já que o fato de um dicionário apresentar exemplos, não o torna, *a priori*, uma ferramenta qualitativamente melhor. A autora (*ibid.*, p. 101) define que o exemplo pode servir para complementar a definição, para apresentar contextos sintáticos, para introduzir informações culturais ou para atestar a ocorrência de palavras ou acepções. Em um dicionário semasiológico, esse segmento informativo pode auxiliar na compreensão (tornando mais clara a definição) ou na produção (apresentando os contextos sintáticos ao levar em conta as possíveis dificuldades do usuário).

Os trabalhos de Atkins e Rundell (2008), Farias (2008), Humblé (2001 *apud* Pontes, 2010), Lara (1992, *apud* Garriga Escribano, 2003), entre outros, atribuem aos exemplos funções bastante semelhantes, sendo possível listar as principais, que possuem um papel fundamental na descrição do uso: a) atestar a ocorrência de uma palavra em um contexto real; b) complementar a definição; c) ilustrar padrões gramaticais; d) introduzir informações culturais; e) distinguir um significado de outro; f) mostrar colocações típicas; g) indicar registros apropriados de níveis estilísticos; h) indicar restrições de uso; i) fornecer modelos para produção.

Uma das características do DUPB (2002) é oferecer exemplos para toda acepção registrada, o que ocorre também com as UFs. A análise dos exemplos das combinatórias encontradas no DUPB (2002) mostra que as funções *a* e *b* se cumprem plenamente porque, além de todos os exemplos serem provenientes de um corpus (justificando *a*), atestam a realização do significado descrito na paráfrase (justificando *b*). Porém, outras funções não se cumprem em virtude de nosso objeto de estudo, que tem um comportamento diferenciado das

²³A autora ressalta que, em muitos casos, a preocupação em distinguir exemplo de abonação sobrepõe-se à discussão das questões referentes à função e geração de exemplos.

²⁴Conforme Bugueño Miranda; Farias (2006, p. 118 e 120), uma informação discreta é aquela “efetivamente relevante ao consulente”, já uma informação discriminante é aquela que permite “ao leitor tirar algum proveito em relação ao uso ou ao conhecimento da língua”. Para que as informações presentes em um artigo léxico sejam funcionais, devem ser, concomitantemente, discretas e discriminantes.

palavras “isoladas”. Sobre esse particular, quanto à função *c*, é inegável que todo exemplo ilustra algum padrão gramatical. Das 26 UFs registradas pelo dicionário, a maioria são locuções verbais cujo padrão mais comum é [V+SN] (cf. anexo 1), por exemplo. Porém, se este padrão não se encontra marcado no comentário de forma, como é o caso do DUPB (2002), não se pode verificar uma sistematização explícita a esse respeito. Quanto à função *e*, ela não se cumpre porque casos de polissemia de UFs são muito raros, ao contrário do que ocorre com itens léxicos que não conformam UFs. De maneira semelhante, os exemplos referentes às expressões idiomáticas não podem atestar colocações típicas, pois essas são outro tipo de UFs. As funções *d*, *g*, *h* ficam extremamente prejudicadas pela ausência quase total de marcas ou notas de uso nas unidades registradas, cabendo ao consulente saber usar sua intuição para delimitar restrições de uso e registro.

Outro aspecto verificado foi o emprego de outras UFs nos exemplos, como no caso de *chá-de-cadeira, uma mão lava a outra* e *soltar a franga*. Na primeira, o exemplo traz a variante *chá de banco*²⁵. Na segunda, *quebrar o galho*²⁶ e, na terceira, *tapar o sol com a peneira*²⁷. Isso seria um problema caso o usuário não conhecesse as UFs registradas nos exemplos, necessitando buscá-las também no dicionário para então poder compreendê-los. Além disso, acerca da ocorrência de *quebrar o galho* na UF *uma mão lava a outra*, há uma relação semântica entre elas bastante clara. Se pensarmos em termos de relações sintagmáticas (cf. Saussure, 2006 [1916]), ou até mesmo em um *frame* (cf. Fillmore, 1982), ambas estão envolvidas com a ideia de *favor* (fazer um favor). Porém, avaliar essa questão como um problema metodológico da obra seria fundamentar a crítica na exigência por uma minúcia descritiva bastante acurada por parte do lexicógrafo. Marcar as relações semânticas entre os itens lexicais, tendo que priorizar certas informações imprescindíveis, atendendo às limitações editoriais, tais como o número de páginas, caracteres por verbete, etc., tornam essa tarefa bastante complexa, muito embora fosse louvável qualquer intento nesse sentido.

²⁵“E, depois de infinitas pernadas e numerosos chás-de-cadeira e banco, reapareceu rindo com o atestado de saúde” (DUPB, 2002 s.v. *chá-de-cadeira*).

²⁶“Pois olha, uma mão lava a outra. Se você me quebrar esse galho, dou o presente que você merece” (DUPB, 2002 s.v. *uma mão lava a outra*).

²⁷“Enquanto aqui no Brasil alguns de seus executivos mais antigos ainda pretendem “tapar o sol com a peneira”, a subsidiária australiana da Shell já soltou a franga e caiu de boca no franchising” (DUPB, 2002 s.v. *soltar a franga*).

6.5. Variação e delimitação

No que diz respeito às relações semânticas entre UFs, é preciso diferenciar variação de sinonímia. Segundo Corpas Pastor (1996), para que UFs sejam consideradas variantes, devem: a) ocorrer dentro da mesma língua funcional; b) não apresentar diferenças de significado; c) serem livres e independentes de seus contextos de ocorrência; d) serem parcialmente idênticas na estrutura e nos componentes e e) serem fixas. Portanto, seriam variantes, por exemplo, *procurar pêlo/cabelo em ovo* ou *meter/trocar os pés pelas mãos*. Por outro lado, seriam sinônimas aquelas UFs que, apesar de se referirem ao mesmo significado, não partilham componentes, como *bater boca* ou *lavar roupa suja*, *resolver um pepino* ou *descascar um abacaxi*, etc. Em geral, a variação é mais fácil de ser marcada nos dicionários. Entretanto, a marcação da sinonímia requer uma concepção medioestrutural mais robusta, pois caberia ao sistema de remissões interligar as UFs no que diz respeito ao seu significado. Ao menos na lexicografia brasileira, esse procedimento não é comum.

No DUPB (2002), das 26 UFs investigadas, para 4 delas (*bater a(s) bota(s)*, (*ter, estar com a faca e o queijo (na mão)*), *entrar bem/em fria/pelo cano*, *pintar e bordar/ pintar o caneco / o sete / pintar o diabo*) são oferecidas variantes²⁸ (cf. anexo 1), que apresentaram bastante frequência nas escolhas dos participantes da pesquisa (cf. anexo 4). Na pesquisa realizada, 24 outras opções foram apontadas pelos participantes como sinônimas das UFs apresentadas no teste (cf. Anexo 4). Porém, além de muitas não possuírem caráter de UF (*isso!*, *devagar*, *tédio*), revelando a dificuldade que muitas vezes os falantes têm em delimitar conscientemente algo tão intuitivo como o uso de UFs, nenhuma se repetiu. No entanto, algumas são, de fato, sinônimas ou variantes das UFs em análise, tais como *passar dessa pra melhor* e *vestir o paletó de madeira* como sinônimas de *bater as botas* e *ir pelo cano* como variante de *entrar pelo cano*. No entanto, os sinônimos e variantes apontados não se encontram registrados no dicionário, muito provavelmente porque não tiveram frequência no *corpus* que o originou.

No que toca à variação, acreditamos que, em maior ou menor grau, está intimamente ligada à delimitação das UFs. *Acertar na mosca e na mosca*, por exemplo, são variantes porque a delimitação da unidade, em alguns casos, inclui o verbo, e em outros não. Se pensarmos, por

²⁸ Segundo os critérios de Corpas Pastor (1996), *pintar e bordar* seria UF sinônima das variantes *pintar o caneco / o sete / pintar o diabo*. Porém, o Front Matter do DUPB (2002) não informa a respeito da diferenciação entre variação e sinonímia. Aparentemente, essa distinção não é feita, sendo priorizada apenas a característica de que podem ser usadas com o mesmo significado.

sua vez, em *engolir sapo* e *engolir (em) seco*, trata-se mais de um problema de variação léxica do que de delimitação, uma vez que não há como delimitar a unidade sem o verbo *engolir*, por exemplo. A maioria das variantes assinaladas pelos informantes coincide com aquelas registradas no DUPB (2002). Gostaríamos, no entanto, de fazer algumas observações acerca de algumas delas, que estão mais relacionadas com sua delimitação.

Em *(ter, estar) com a faca e o queijo (na mão) e segurar (a) vela*, os parênteses indicam a opcionalidade de uso²⁹ de alguns itens lexicais. Nossa investigação mostrou que a maioria dos falantes participantes da pesquisa costuma usar *com a faca e o queijo na mão* e *segurar vela*. O caso de *com a faca e o queijo na mão* representa um típico problema de delimitação por tratar-se de um sintagma preposicionado, isto é, seu emprego está atrelado ao uso de algum verbo. Então, a pergunta que imediatamente se coloca é se o dicionário deveria registrar também o(s) verbo(s) que normalmente ocorrem com as combinatórias identificadas (assim como fez o DUPB (2002) nesse caso) e, mais profundamente, se o verbo faria parte da unidade. Tristán Pérez (1997) defende que, nos casos de UFs que tenham alguma preposição³⁰ como constituinte, os verbos devem ser prescindidos do registro, tendo em vista que vários verbos podem acompanhar determinada locução adverbial, como *coger/estar/sorprender/ver/pillar/atrapar/agarrar con las manos en la masa*, em língua espanhola. Entretanto, é fato que *con las manos en la masa* (e também seu equivalente em português, *com as mãos na massa*) sempre ocorre na companhia de um verbo. Sendo assim, é lícito questionar-nos se registrar somente *com as mãos na massa* corresponderia a um fato de norma ou apenas a uma escolha metodológica.

De qualquer forma, consideramos muito adequada a solução adotada pelo DUPB (2002). Ao mesmo tempo em que é possível inferir que a UF é limitada pela forma *com a faca e o queijo*, o consultante tem acesso a itens lexicais que frequentemente ocorrem com essa UF (os verbos *ter* e *estar* e a locução *na mão*). Por outro lado, a título de comparação, em *acertar na mosca*, o dicionário inclui o verbo como parte da UF, muito provavelmente porque a frequência da combinatória do verbo com o sintagma preposicionado tenha sido mais representativa no *corpus* consultado do que apenas *na mosca*, mesmo porque a combinatória com outros verbos resultaria estranha (**alvejar a mosca*, **atingir a mosca*, **alcançar a mosca*,

²⁹ Em *bater a (s) bota (s)* também vemos os parênteses. Entretanto, consideramos essa UF como um caso estrito de variação (de número), sem acarretar problema quanto ao seu limite.

³⁰ Ainda acerca das preposições, Silva (2011) discute se as preposições em locuções do tipo *tomar pé em* e *pedir a mão de são*, de fato, parte da UF ou apenas parte importante para reconhecer o seu funcionamento, questionando se devem ou não ser marcadas no dicionário.

etc.). Os falantes entrevistados mostraram preferência pelo uso de *acertar na mosca*, assim como está no dicionário. O mesmo ocorre em *meter os pés pelas mãos* e *bater as botas*. Nessa UF, o verbo empregado, indiscutivelmente, faz parte da unidade, pois, além de já estar plenamente institucionalizada (não sendo possível empregar no lugar de *bater* algum verbo como *golpear*), uma delimitação que excluísse o verbo não faria sentido como UF (*as botas). Já naquela, há a possibilidade de algumas variações léxicas, entre verbos e os componentes nominais da unidade, como atestou nossa pesquisa ao mostrar que a maioria dos falantes marcou *trocar os pés pelas mãos*, muito embora alternativas como *enfiar os pés pelas mãos* e *meter as mãos pelos pés* também tenham sido assinaladas. Apesar dessa divergência em relação ao registro do dicionário, podemos notar que, para ambos, falantes e obra, parece haver uma tendência em incluir um verbo nos limites dessa unidade.

Outro caso, oposto aos acima mencionados, diz respeito ao sintagma *de pé atrás*, em que não houve marca de opcionalidade pelo uso de um ou outro item lexical, tampouco a delimitação da unidade abarcando algum verbo. Em nossa pesquisa, os falantes preferiram delimitar a unidade como *com o pé atrás*, estando em segundo lugar *ficar com o pé atrás*. De fato, parece que há uma recorrência de uso da unidade *com o pé atrás* (cujo significado é o mesmo que *de pé atrás*) em conjunto com o verbo *ficar* ou até mesmo *estar*. Entretanto, pela abonação apresentada pelo DUPB (2002)³¹, é possível ver que outros verbos, além de *ficar* ou *estar*, poderiam ser combinados com esta UF (*perguntar de pé atrás*, *falar de pé atrás*, *defender-se de pé atrás*, etc.). Assim, podemos concluir que a marca de opcionalidade é usada no dicionário em análise quando as possibilidades de combinatória são mais restritas, tal como em (*ter, estar*) *com a faca e o queijo (na mão)*. A consequência imediata é que a ausência dessa marca implica uma gama maior de possibilidades disponíveis aos falantes. A questão é se esse mecanismo será ou não percebido pelos usuários da obra.

7. Comentários finais e perspectivas futuras

O presente artigo foi desenvolvido com o objetivo de verificar como se dá a inclusão e o tratamento de UFs no DUPB (2002), obra singular na lexicografia de língua portuguesa por motivos já expostos anteriormente. Antes disso, entretanto, discutimos a inclusão de UF em uma obra lexicográfica do ponto de vista teórico e metodológico, o que é imprescindível em

³¹ “Tio Janjão foi perguntando de pé atrás” (DUPB, 2002, s.v. *de pé atrás*).

um trabalho deste tipo. Baseados nos critérios de Tristá Pérez (1997) e Silva (2011), em conjunto com a pesquisa realizada com 40 falantes nativos do português brasileiro, acreditamos que o dicionário analisado, em geral, procede de maneira bastante coerente com os fatos de norma desta língua funcional. A maioria das UFs de nosso *corpus*, de amplo uso no português do Brasil, consta na obra. Além disso, a orientação para a busca é extremamente clara, assim como os critérios de registro, que são seguidos adequadamente. As paráfrases explanatórias e os exemplos constituem-se como informações discretas e discriminantes na maioria dos casos analisados. Há casos de variantes e sinonímia, embora não sejam marcadas distintamente na obra, que as agrupou juntas, pois possuem o mesmo significado. Pode-se dizer que o único ponto fraco que, de fato, faz diferença quanto à orientação idiomática oferecida pela obra tenha sido a ausência quase total de marcas diassistemáticas, sobretudo se se considera que um dos objetivos da obra é “estimular a pesquisa vocabular e a reflexão sobre o próprio uso da língua” (DUPB, 2002, p. VI).

Como perspectivas futuras, apontamos, primeiramente, a necessidade de ampliar o estudo realizado com falantes nativos, a fim de que futuras análises quanto às paráfrases explanatórias e às estratégias de busca possam ser mais aprofundadas, contribuindo para o desenvolvimento de estudos que contemplem as áreas da Lexicografia e Metalexigrafia e também da Fraseologia e da Fraseografia. Em segundo lugar, salientamos a necessidade de estudar especificamente a concepção macroestrutural (quantitativa e qualitativa) de uma obra lexicográfica a fim de avaliar a pertinência da inclusão de UFs. Por fim, o contraste entre as obras canônicas disponíveis no mercado brasileiro (Aurélio, Houaiss, Michaelis), incluindo o DUPB (2002) e também o Dicionário Unesp do Português Contemporâneo (2004), acerca da inclusão e do tratamento de UFs nos âmbitos macro, micro e medioestruturais pode servir como um panorama extremamente útil para uma visão de conjunto da Fraseologia na lexicografia feita no Brasil, sendo possível também verificar quais tipos de UF comumente são registradas nas obras lexicográficas.

Referências Bibliográficas

ALONSO RAMOS, M. Coocurrencia léxica y descripción lexicográfica del verbo DAR: hacia un tratamiento de los verbos soportes. *Zeitschrift für Romanische Philologie*. Ed. Max Niemeyer Verlag Tübingen, 1997.

ALVES, C. F. **Os dicionários de uso no Brasil: o caso do DUPB (2002) e do DUPC (2004).** 2012. 108f. Trabalho de Conclusão de curso (Licenciatura em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

ATKINS, B. T.; RUNDELL, M. **The Oxford Guide to Practical Lexicography.** London: Oxford University Press, 2008.

BALDINGER, K. **Teoría Semántica.** Madrid: Alcalá, 1977.

BALLY, C. **Traité de stylistique française. Action de l'instinct étymologique et analogique dans l'analyse des locutions composées.** Paris, 1951.

BENEDUZZI, R. **Colocações substantivo + adjetivo: propostas para sua identificação e tratamento lexicográfico em dicionários ativos português-espanhol.** 2008. 212f. Tese (Doutorado). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

BEVILACQUA, C. R. **Unidades fraseológicas especializadas eventivas: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar.** 2004. 241f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada- Léxico). Universidad Pompeu Fabra, Barcelona, 2004. Disponível em: BIDERMAN, M. T. C. Dicionários do Português: da tradição à contemporaneidade. **Alfa**, São Paulo, 47 (1): 53-69, 2003.

BORBA, F. da S. **Uma gramática de valências para o português.** São Paulo: Editora Ática, 1996.

_____. **Dicionário de Usos do Português do Brasil.** São Paulo: Editora Ática, 2002.

_____. **Dicionário Unesp do Português Contemporâneo.** São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

BRÈAL, M. La historia de las palabras. In: **Ensayo de semántica.** Madrid: La España Moderna, 19[1897], p. 247-274.

BUGUEÑO MIRANDA, F. V.; FARIAS, V. S. Informações discretas e discriminantes no artigo léxico. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, n.18, p.115-135, 2006.

BUSSE, W.; VILELA, M. **Gramática de valências.** Coimbra: Livraria Almedina, 1986.

CORPAS PASTOR, G. El ámbito de la fraseología. In: CORPAS PASTOR, G. **Manual de Fraseología española.** Gredos: Madrid, 1996, p. 14-52.

COSERIU, E. **Lições de Lingüística Geral.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

FARIAS, V. S. O exemplo como informação discreta e discriminante no artigo léxico. **Alfa**, São Paulo, n. 52, v.1, p. 101-122, 2008.

_____. Considerações preliminares sobre o pós-comentário na microestrutura de dicionários semasiológicos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 9, p. 109-139, 2011. Disponível em <http://www.revel.inf.br/pt>. Acesso em 12/01/2014.

FILLMORE, C. Frame Semantics. In: **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul: Hanshing Publishing Co., 1982.

FORNARI, M. K. Conceção e desenho do front matter do dicionário de falsos amigos espanhol-português. **Revista Voz das Letras**, n.9, p. 1-15, 2008. Disponível em: <http://www.nead.uncnet.br/2009/revistas/letras/9/95.pdf>. Acesso em 10/01/2014.

_____; BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Análise do dicionário de usos do português do Brasil. **Revista de Iniciação Científica da ULBRA**, v.4, n.4, 2006.

FUENZALIDA, M. Unidades Fraseológicas de estrutura verbo + objeto directo del ámbito semántico ‘hablar’ en el español popular e informal de santiago de chile: propuesta de una taxonomía sintático-semántica (primera parte). **Onomazien**, n. 15, p. 53-100. Disponível em: <http://www.onomazein.net/15/unidades.pdf>. Acesso em 10/12/2013.

GARRIGA ESCRIBANO, C. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. In: MEDINA GUERRA, A. (org.). **Lexicografía española**. Barcelona: Editora Ariel, 2003.

HAUSMANN, F. J. **Collocations, phraesologie, lexicologie**. Études 1977-2007 et bibliographie. Aachen: Schaker Verlag, 2007.

HUMBOLDT, W. V. **Linguagem, Literatura e Bildung**. HEIDERMAN, Werner; WEININGER, Markus J. (orgs.). Florianópolis: UFSC, 2006.

MARCILESE, M. **Sobre o papel da língua no desenvolvimento de habilidades cognitivas superiores**: representação, recursividade e cognição numérica. 2011. 192f. Tese (Doutorado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

MARTINET, A. **Elementos de linguística geral**. Lisboa: Editora Sá da Costa, 1964.

MORALES PETTORINO, F. **El español de Chile: estudios fônicos, gramaticales y léxicos**. Editorial Puntágeles: Valparaíso, 2007.

PONTES, A. L. Exemplo lexicográfico em dicionários escolares brasileiros. **Filologia linguística do português**, n. 12, v. 2, p. 351-370, 2010.

RUIZ GURILLO, L. **La fraseología del español coloquial**. Ariel Practicum: Barcelona, 1998.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHLAEFER, M. **Lexikologie und Lexikographie**. Berlin: Erich Schmidt, 2002.

SILVA, M. E. O. de O. Dicionários: armas de dois gumes no estudo da fraseologia. O caso das locuções. In: Ortíz Alvarez, Maria Luisa; Huelva Unternbäumen, Hnerique (orgs.). **Uma (Re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas: Pontes, 2011, p. 161-182.

TAGNIN, S. E. O. **O jeito que a gente diz**: expressões convencionais e idiomáticas – inglês e português. São Paulo: Disal, 2013.

TESNIÈRE, L. **Èléments de syntaxe structurale**. Paris, Klincksieck, 1959.

TRISTÁ PÉREZ, A. M. Organización do material fraseolóxico nun dicionario xeral: problemas e alternativas. **Actas do I Coloquio Galego de Fraseoloxía – Centro Ramón Piñeiro**. Santiago de Compostela, 1997. s/p.

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

XATARA, C. M. **As expressões idiomáticas de matriz comparativa**. (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 1994.

ZANATTA, F. **A normatividade e seu reflexo em dicionários semasiológicos de língua portuguesa**. 2010. 270f. Dissertação (Mestrado em Teorias Linguísticas do Léxico). Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

ZOCCHIO, M.; BALLARDIN, E. **Pequeno dicionário ilustrado de expressões idiomáticas**. São Paulo: Editora DBA, 1999.

Artigo recebido em: 09.08.2014

Artigo aprovado em: 10.11.2014

Anexo 1 - UFs selecionadas no Pequeno dicionário ilustrado de expressões idiomáticas (ZOCCHIO; BALLARDIN, 1999) e seu registro no DUPB (2002).

	UFs selecionadas ¹	Lema de inserção no DUPB (2002)	Forma de registro no DUPB (2002)	Marcas diassistêmicas no DUPB (2002)
1	acertar na mosca	acertar	acertar na mosca	-
2	agasalhar o croquete	-	-	-
3	andar na linha	-	-	-
4	bater as botas	bater	bater a(s) bota(s)	coloc.
5	carta fora do baralho	-	-	-
6	chá de cadeira	chá-de-cadeira	chá-de- cadeira	-
7	chorar sob o leite derramado	-	-	-
8	chutar o balde	-	-	-
9	com a corda no pescoço	-	-	-
10	com a faca e o queijo na mão	faca	(ter, estar) com a faca e o queijo (na mão)	-
11	com a mão na roda	-	-	-
12	com minhoca na cabeça	-	-	-
13	com o pé atrás	pé	de pé atrás	-
14	descascar um abacaxi	descascar	descascar um abacaxi	-
15	encher linguiça	-	-	-
16	enfiar o pé na jaca	-	-	-
17	engolir sapo	engolir	engolir sapo	-
18	entrar pelo cano	entrar	entrar bem/em fria/pelo cano	-
19	fala com a minha mão	-	-	-
20	fumar uma bomba	-	-	-
21	joão sem braço	-	-	-
22	lavar as mãos	lavar	lavar as mãos	-
23	lixar-se	lixar	-	coloc.
24	mala sem alça	-	-	-
25	marcando touca	-	-	-
26	molhar o biscoito	-	-	-
27	pagar o pato	pagar	pagar o pato	-
28	pau na máquina	-	-	-
29	pedra no sapato	pedra	uma pedra no sapato	-
30	peixe fora d'água	peixe fora d'água	peixe fora d'água	-
31	pendurar as chuteiras	pendurar	pendurar as chuteiras	-
32	pentear macaco	pentear	pentear macaco	-
33	pintar o 7	pintar	pintar e bordar / pintar o caneco/ o sete/ o diabo	-
34	pisar em ovos	pisar	pisar em ovos	-
35	pisar na bola	pisar	pisar na bola	-
36	pôr a barba de molho	pôr	pôr a barba de molho	-
37	procurar pêlo em ovo	-	-	-
38	quebrar o galho	quebrar	quebrar o galho	-
39	quebrar o gelo	quebrar	quebrar o gelo	-
40	queimar o biscoito	-	-	-
41	segurar vela	segurar	segurar (a) vela	-
42	sem pé nem cabeça	pé	sem pé nem cabeça	-
43	soltar a franga	soltar	soltar a franga	-
44	tempestade em copo d'água	tempestade em copo d'água	tempestade em copo d'água	-
45	testa de ferro	-	-	-
46	tirar água do joelho	-	-	-
47	tirar o chapéu	-	-	-
48	trocar as bolas	-	-	-
49	trocar os pés pelas mãos meter os pés pelas mãos	meter	meter os pés pelas mãos	-
50	uma mão lava a outra	mão	uma mão lava a outra	-

¹ Para fins de consulta, foi necessário adaptar algumas unidades que estavam, por exemplo, no gerúndio, como *descascando abacaxi, trocando as bolas*, etc.

1) Leia as definições abaixo e escolha a opção que VOCÊ geralmente usa.

1	atingir o objetivo	a) acertar na mosca b) na mosca c) outra:
2	morrer	a) bater as botas b) bater a bota c) outra:
3	espera demorada e tediosa.	a) chá de cadeira b) chá de banco c) chá de espera d) outra:
4	ter amplo poder; ter vantagem total.	a) com a faca e o queijo na mão b) ter a faca e o queijo na mão c) estar com a faca e o queijo na mão d) ter a faca e o queijo e) estar com a faca e o queijo f) outra:
5	com prevenção; desconfiadamente.	a) com o pé atrás b) de pé atrás c) ficar com o pé atrás d) ficar de pé atrás e) estar de pé atrás f) estar com o pé atrás g) outra:
6	ter de suportar ou aceitar fato desagradável.	a) engolir sapo b) engolir em seco c) outra:
7	ser mal sucedido; dar-se mal.	a) entrar pelo cano b) entrar bem c) entrar numa fria d) outra:
8	1. fazer estrepolias ou travessuras; farrear em exagero. 2. fazer de tudo.	a) pintar o 7 b) pintar o caneco c) pintar e bordar d) pintar o diabo e) outra:
9	prevenir-se; acautelar-se.	a) pôr a barba de molho b) pôr as barbas de molho c) colocar as barbas de molho d) colocar a barba de molho e) deixar as barbas de molho f) deixar a barba de molho g) outra:
10	fazer companhia a namorados.	a) segurar vela b) segurar a vela c) outra:
11	atrapalhar-se; confundir-se.	a) trocar os pés pelas mãos b) trocar as mãos pelos pés c) meter os pés pelas mãos d) meter as mãos pelos pés e) enfiar os pés pelas mãos f) enfiar as mãos pelos pés g) outra:

2) Escolha a palavra pela qual VOCÊ procuraria encontrar as expressões abaixo no dicionário. Escolha APENAS UMA palavra.

1	acertar na mosca	a) acertar	b) em	c) mosca
2	bater as botas	a) bater	b) a	c) bota
3	chá de cadeira	a) chá b) chá-de-cadeira	c) de	d) cadeira
4	com a faca e o queijo na mão	a) com b) a	c) faca d) e	e) o f) queijo g) em h) mão
5	com o pé atrás	a) com	b) o	c) pé d) atrás
6	descascar um abacaxi	a) descascar	b) um	c) abacaxi
7	engolir sapo	a) engolir	b) sapo	
8	entrar pelo cano	a) entrar	b) por	c) cano
9	lavar as mãos	a) lavar	b) a	c) mão
10	pagar o pato	a) pagar	b) o	c) pato
11	uma pedra no sapato	a) um b) pedra	c) em	d) sapato
12	peixe fora d'água	a) peixe b) peixe fora d'água	c) fora	d) água
13	pendurar as chuteiras	a) pendurar	b) a	c) chuteira
14	pentear macaco	a) pentear	b) macaco	
15	pintar o 7	a) pintar	b) o	c) sete
16	pisar em ovos	a) pisar	b) em	c) ovo
17	pisar na bola	a) pisar	b) em	c) bola
18	pôr a barba de molho	a) pôr b) a	c) barba d) de	e) molho
19	quebrar o galho	a) quebrar	b) o	c) galho
20	quebrar o gelo	a) quebrar	b) o	c) gelo
21	segurar vela	a) segurar	b) vela	
22	sem pé nem cabeça	a) sem b) pé	c) nem d) cabeça	
23	soltar a franga	a) soltar	b) a	c) franga
24	tempestade em copo d'água	a) tempestade em copo b) tempestade	c) em d) copo e) água	

2 5	trocar os pés pelas mãos	a) trocar b) o	c) pé d) por	e) mão
2 6	uma mão lava a outra	a) um b) mão	c) lavar d) outro	

	UFs registradas no DUPB (2002)	preferência de delimitação	sinonímia
1	acertar na mosca	d) acertar na mosca (23) e) na mosca (13) f) não marcou (1)	socar a bota (1) isso! (1) alcançar aquilo que almeja (1)
2	bater (a) bota (s)	d) bater as botas (35) e) bater a bota (1) f) não marcou (0)	ir pro dico (1) passar dessa pra melhor (1) pé junto (1) vestir o paletó de madeira (1)
3	chá-de-cadeira	e) chá-de-cadeira (30) f) chá-de-banco (4) g) chá-de-espera (3) h) não marcou (0)	tédio (1) dar cria (1) ai, que saco! (1)
4	(ter, estar) com a faca e o queijo (na mão)	g) com a faca e o queijo na mão (18) h) ter a faca e o queijo na mão (8) i) estar com a faca e o queijo na mão (12) j) ter a faca e o queijo (0) k) estar com a faca e o queijo (0) l) não marcou (0)	uma mão na roda (1) estar por cima da carniça (1)
5	de pé atrás	h) com o pé atrás (22) i) de pé atrás (0) j) ficar com o pé atrás (13) k) ficar de pé atrás (2) l) estar de pé atrás (0) m) estar com o pé atrás (2) n) não marcou (0)	com a pulga atrás da orelha (1)
6	engolir sapo	d) engolir sapo (31) e) engolir em seco (8) f) não marcou (0)	fazer o que? (1)
7	entrar bem / em fria / pelo cano	e) entrar pelo cano (11) f) entrar bem (0) g) entrar numa fria (27) h) não marcou (0)	ir pelo cano (1) estar num mato sem cachorro (1)
8	pintar e bordar / pintar o caneco/ o sete/ o diabo	f) pintar o 7 (11) g) pintar o caneco (6) h) pintar e bordar (20) i) pintar o diabo (2) j) não marcou (0)	se acabar (1)
9	pôr a barba de molho	h) pôr a barba de molho (13) i) pôr as barbas de molho (5) j) colocar as barbas de molho (3) k) colocar a barba de molho (4) l) deixar as barbas de molho (1) m) deixar a barba de molho (5) n) não marcou (3)	na maciota (1) ficar de orelha em pé (1) se cuida, meu filho (1) ir com calma (1) com o pé atrás (1) devagar (1)
10	segurar (a) vela	d) segurar vela (33) e) segurar a vela (7) f) não marcou (0)	

11	meter os pés pelas mãos	h) trocar os pés pelas mãos (20) i) trocar as mãos pelos pés (0) j) meter os pés pelas mãos (14) k) meter as mãos pelos pés (3) l) enfiar os pés pelas mãos (2) m) enfiar as mãos pelos pés (0) n) pés pelas mãos (0) o) não marcou (0)	enfiar os pés na jaca (1)
----	-------------------------	--	---------------------------

Domínios de Lingu@gem

Anexo 5 – Palavra de busca no dicionário: resultados do teste 2

UFs (palavra de entrada no DUPB (2002))		OPÇÕES PARA A BUSCA NO DICIONÁRIO								não marcou	outra
1	acertar na mosca (acertar)	acertar (24)	em (0)	mosca (16)	-	-	-	-	-	-	-
2	bater as botas (bater)	bater (16)	a (0)	bota (21)	-	-	-	-	-	(1)	morrer (1) morte (1)
3	chá de cadeira (chá-de-cadeira)	chá (20)	de (0)	cadeira (14)	chá-de-cadeira (2)	-	-	-	-	(1)	esperar (1) cansaço (1) demora (1)
4	com a faca e o queijo na mão (faca)	com (2)	a (0)	faca (18)	e	o	queijo (8)	em	mão (7)	(2)	bem (1) oportunidade (1)
5	de pé atrás (pé)	de (0)	pé (21)	atrás (17)						(1)	ressabiado (1)
6	descascar um abacaxi (descascar)	descascar (29)	um (0)	abacaxi (9)						(1)	resolver (1)
7	engolir sapo (engolir)	engolir (28)	sapo (11)								aturar (1)
8	entrar pelo cano (entrar)	entrar (11)	por (0)	cano (28)						(1)	
9	lavar as mãos (lavar)	lavar (29)	a	mão (9)							despreocupar-se (1) abandonar (1)
10	pagar o pato (pagar)	pagar (23)	o	pato (14)						(1)	culpa (1) quebrar-se (1) incômodo (1)
11	uma pedra no sapato (pedra)	um	pedra (28)	em (1)	sapato (10)						
12	peixe fora d'água (peixe fora d'água)	peixe (16)	fora (11)	de	água (1)	peixe fora d'água (10)				(1)	excluído (1)
13	pendurar as chuteiras (pendurar)	pendurar (25)	a	chuteira (13)							desistir (1) encerrar (1)
14	pentear macaco (pentear)	pentear (29)	macaco (10)							(1)	
15	pintar o 7 (pintar)	pintar (26)	o	sete (11)						(1)	brincar (1) bagunçar (1)
16	pisar em ovos (pisar)	pisar (25)	em	ovo (13)						(1)	cauteloso (1)
17	pisar na bola (pisar)	pisar (25)	em	bola (11)						(4)	
18	pôr a barba de molho (pôr)	pôr (5)	a	barba (22)	de	molho (11)				(2)	
19	quebrar o galho (quebrar)	quebrar (22)	o	galho (16)						(1)	ajudar (1)
20	quebrar o gelo (quebrar)	quebrar (18)	o	gelo (18)						(3)	descontrair (1)
21	segurar (a) vela (segurar)	segurar (12)	a	vela (26)						(1)	estar sozinho (1)
22	sem pé nem cabeça (pé)	sem (14)	pé (8)	nem (3)	cabeça (11)					(3)	confuso (1)
23	soltar a franga (soltar)	soltar (11)	a	franga (28)						(1)	
24	tempestade em copo d'água (tempestade em copo d'água)	tempestade (29)	em	copo (4)	de	água (1)	tempestade em copo d'água (3)			(1)	exagero (1) dramático (1)
25	trocar os pés pelas mãos (trocar)	trocar (27)	o	pé (3)	por (3)	mão (4)				(1)	enganar-se (1) atrapalhado (1)
26	uma mão lava a outra (mão)	um	mão (7)	lavar (31)	outro					(1)	ajudar (1)

Cultura, cognição e uso: Aspectos de análise das expressões cromáticas fraseológicas e paremiológicas

Culture, cognition and usage: Aspects of analysis of phraseological and paremiological chromatic phrases

Sabrina de Cássia Martins*

RESUMO: Dentre os níveis de análise da linguagem, o léxico recebe especial atenção devido a sua relação intrínseca com a cultura do povo que o utiliza. Por isso, dizemos que o léxico representa a realidade vivenciada por uma sociedade a partir de uma cosmovisão que lhe é própria, variando entre os povos e as línguas. Em relação aos diversos subsistemas em que pode ser dividido o léxico, destacamos aquele composto pelas unidades fraseológicas e pelas parêmiias, em especial, aquelas que contêm em seu interior um ou mais nomes de cores. O presente trabalho enfatizará alguns dos aspectos de análise que podem ser considerados para o estudo de tais itens, particularmente a cultura, a idiomatidade advinda da utilização das metáforas para a formação das expressões, bem como o uso do *Corpus Web* para sua observação e descrição. Por fim, relatamos como tais aspectos são essenciais para a pesquisa que tem como objeto de estudo as expressões cromáticas.

PALAVRAS-CHAVE: Expressões cromáticas fraseológicas e paremiológicas. Cultura. Cognição. Uso.

ABSTRACT: Among the levels of language analysis, the lexicon receives special attention due to its intrinsic relationship with people and cultures which use them. Therefore, it is said that the lexicon represents the reality experienced by a society from its own worldview, varying among peoples and languages. Regarding the various subsystems into which the lexicon can be divided, we highlight the one composed by phraseological and paremiological units, especially those composed by one or more color names. In this paper, we will discuss about some of the aspects of analysis that can be considered for the study of such items, particularly the culture and idioms arising from the use of metaphors for the formation of expressions, and the use of the *Web Corpus* for their observation and description. Finally, we describe how these aspects are essential to the research that has as its object of study the chromatic phrases.

KEYWORDS: Phraseological and paremiological chromatic phrases. Culture. Cognition. Usage.

1. Introdução

Dentre os níveis de análise da linguagem, os estudos relacionados ao léxico caracterizam-se pela sua complexidade, fato esse que instiga o estudioso a se aprofundar cada vez mais na sua descrição, recortando-o, descobrindo novas delimitações e redefinindo fronteiras.

* Doutoranda pelo programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UNESP/IBILCE, *campus* de São José do Rio Preto.

Sua complexidade, pode-se dizer, advém de sua relação intrínseca com a cultura de um povo, pois o léxico é o seu acervo cultural. É ele que expressa toda a vivência adquirida no decorrer da história por uma comunidade. É ele que dá voz às emoções, às sensações, aos sentimentos, como também à ciência e à tecnologia. É ele que transmite o conhecimento, concretizando-o.

O léxico é um conjunto aberto. Isso significa que constantemente novas unidades lexicais são criadas para exprimir novos conceitos, mas, sobretudo, nossas ações, pensamentos, fatos cotidianos; mais ainda, novas expressões são criadas para relacionar o mundo concreto ao nosso psicológico, ressaltando as características do ser humano, entrelaçando língua, cultura, história e sociedade.

Trata-se de um objeto de estudo multifacetado, por isso, sua análise abrange um leque variado de possibilidades que por sua vez podem ser subdivididas, enfatizando aspectos cada vez mais específicos e instigantes. Uma das linhas de pesquisa que envolvem os estudos do léxico tem como foco as unidades fraseológicas e as parêmiias, objeto de duas ciências consideradas de origem recente, a saber, a Fraseologia e a Paremiologia, porém que têm merecido especial atenção devido à importância adquirida nos últimos anos.

No que diz respeito à Fraseologia, Dobrovól'skij (2012) ressalta que, embora os estudos na área tenham origem na década de 50, apenas nos anos 80 tal ciência torna-se internacionalmente reconhecida, quando o interesse na fraseologia é expresso pela grande quantidade de publicações e eventos da área. Posteriormente, já no final da década seguinte, o estabelecimento da Sociedade Europeia de Fraseologia (EUROPHRAS) reafirma a necessidade do intercâmbio internacional entre as pesquisas.

Seu objeto de estudo, isto é, as unidades fraseológicas, são unidades lexicais formadas por, no mínimo, duas palavras gráficas, mas que podem se expandir até o nível da oração, caracterizadas pela estabilidade formal e semântica, pela coocorrência de seus elementos integrantes, pela frequência de uso, pela convencionalidade e pela idiomatidade (CORPAS PASTOR, 1996; COLSON, 2004; SABINO, 2011). Para Colson (2004), o falante e usuário das unidades fraseológicas precisa manusear suas habilidades semânticas para identificar o caráter de idiomatidade da expressão, uma vez que geralmente estamos diante de uma sequência de palavras que podem parecer uma simples combinação livre e isenta de idiomatidade. Enquadram-se na categoria das unidades fraseológicas as locuções, as colocações, as fórmulas rotineiras e as expressões idiomáticas.

Por outro lado, de acordo com Muñoz (2012), a Paremiologia consagra-se como disciplina apenas no final do século XX, quando seus estudos sofrem uma revolução no tocante ao número de trabalhos relacionados e variedade de abordagens, contando, atualmente, com uma diversidade de linhas de pesquisa, com ênfase para o estudo a partir do método comparado, a Didática, a Tradutologia, a Análise do Discurso, a Etnolinguística, a Sociolinguística, a Terminologia, a Terminografia, a Fraseografia e a Lexicografia.

Ainda segundo Muñoz (2012), as parêmiias abrangem os enunciados breves e estáveis que geralmente apresentam caráter moral, meteorológico e temporal, geográfico, supersticioso e de trabalho. A autora ainda faz uma distinção entre parêmiias populares, que compreendem a frase proverbial, a locução proverbial e os dialogismos, e cultas, que englobam o provérbio, a máxima, o aforismo e o apotegma.

No tocante à evolução dessas ciências, podemos dizer que o panorama atual dos estudos da área não alcançou o patamar esperado, fato que pode ser comprovado com base nas deficiências dos dicionários gerais, além da nebulosidade nos critérios de inclusão dessas unidades em obras de referência. Por isso, ainda existe a necessidade de outros estudos teóricos mais aprofundados que possam contribuir para outras disciplinas, tais como a Lexicografia, a Terminologia, a Tradução e até mesmo o Ensino de Línguas.

O presente trabalho objetiva discorrer sobre algumas características dessa fatia do léxico, apontando, em primeiro lugar, para a sua relação com a cultura de um povo, assinalando seu papel fundamental na expressão das singularidades culturais e reflexões da vida cotidiana; em segundo, fazemos menção à sua idiomaticidade, característica que simboliza o conhecimento cultural, como também retrata a imaginação dos falantes que criam, consagram, recriam e transformam as unidades fraseológicas e paremiológicas; posteriormente, trataremos da problemática da descrição do uso dos fraseologismos por meio de *corpora* e da utilização da Web como a ferramenta mais eficaz para tal função, devido a sua dimensão e variedade; por fim, demonstraremos a importância de tais aspectos para o estudo das expressões cromáticas fraseológicas e paremiológicas.

2. A representação cultural por meio do léxico

O conceito contemporâneo de cultura define-se pelo comportamento e pelo que ele significa dentro de uma dada comunidade, concepção que leva a entender que a *cultura* é algo que pertence a todos e que ao mesmo tempo age como contraponto à universalidade, uma vez

que diferentes grupos sociais possuem diferentes culturas. Nesse contexto, a *língua* é o sistema simbólico que possibilita a sua expressão.

Os estudos linguísticos que enfatizam a relação entre língua e cultura têm uma longa tradição. A hipótese de Sapir-Whorf, por exemplo, formulada nos anos 30 pelo linguista e antropólogo americano Edward Sapir e pelo seu discípulo Benjamin Lee Whorf, já atentava para essa relação entre língua, percepção do mundo e interpretação do mesmo, argumentando que a forma como pensamos e agimos é influenciada pela língua que falamos.

Nas palavras de Sapir (1949 *apud* KUMARAVADIVELU, 2008), as línguas não apresentam similaridades suficientes ao ponto de representarem a mesma realidade social, isso porque nossas escolhas na produção e na interpretação são justificadas por nossos hábitos linguísticos. O estudioso enfatizava que a língua age como formadora da identidade, além de influenciar e ser influenciada pelo comportamento social. Para Whorf (1956), o sistema linguístico presente nas nossas mentes reflete as impressões que temos do mundo que nos cerca, delineando, organizando em conceitos e atribuindo significados que serão reproduzidos nos discursos.

É justamente o discurso que desponta nos estudos recentes que envolvem a temática da relação entre língua e cultura. Para Kramsch (2010), o discurso é visto como algo que oferece várias formas de se produzir significado por meio de um sistema simbólico, isto é, a língua, histórica e socialmente localizada nos discursos, articuladora dos sentidos até então inexistentes. Sem dúvida, os discursos são uma forma de organizar sentidos, de acordo com as possibilidades fornecidas pelo sistema, por meio dos quais nos posicionamos e sustentamos nossos interesses.

Estudiosos do léxico têm defendido que é nesse nível de análise em que a realidade de uma cultura está mais expressa, pois muitos dos itens lexicais que compõem o léxico de uma língua se caracterizam por refletir as experiências de um povo adquiridas no decorrer de sua história, perpetuando seu modo de pensar e a sua visão do mundo. Ademais, à medida que a sociedade vai se modificando através do tempo, também seu léxico se modifica para expressar a vivência desse povo. Assim, a percepção pela sociedade e seu repertório lexical estão em perfeita interação, refletindo um ao outro.

Dentre as diversas fatias em que o léxico pode ser dividido, recebe destaque na expressão da cultura e da identidade as unidades fraseológicas e as parêmiat, pois é através delas que

(...) as singularidades de uma língua e a maneira de pensar de uma comunidade melhor se refletem, pois as unidades que a compõem descrevem o mundo real, as experiências cotidianas, o colorido e a sabedoria de um povo, tornando-se num importantíssimo veículo de identidade e de cultura (ÁLVAREZ, 2012, p.11).

Tomemos como exemplo a locução *comer com farinha*, que significa que alguém adora ou tem prazer em comer algo e que também remete ao hábito do brasileiro de compor suas refeições com farinha. Dessa locução deriva a expressão idiomática *X não bebe, come com farinha*, que expressa o prazer do brasileiro por bebidas alcoólicas, sobretudo pela cerveja.

As experiências cotidianas são frequentemente retratadas nos provérbios que representam linguisticamente uma moral comum para a comunidade que o emprega. Citamos como exemplo *Cana na fazenda dá pinga; pinga na cidade dá cana*, que remete em primeiro plano aos engenhos de pinga, bebida típica brasileira, localizados em áreas rurais, e em segundo, à ideia de que a pessoa quando bêbada acaba por se meter em confusão e, conseqüentemente, é presa.

Outro bom exemplo de unidade fraseológica que espelha o mundo real em que o falante se insere é a expressão idiomática *É pra acabar com o pequi de/do Goiás*. Pequi é uma planta nativa da região centro-oeste do Brasil e extremamente comum, cujo fruto é muito utilizado na culinária pelos habitantes dessa região. Tal expressão exprime a ideia de algo absurdo ou uma situação inesperada. São formas derivadas: *É pra acabar com o pequi*; e *é pra acabar*.

Ainda segundo Álvarez (2012), o uso das unidades fraseológicas e das parêmsias é consolidado pelo movimento sócio-histórico e cultural de uma sociedade que conduz as escolhas de um indivíduo não apenas na produção discursiva, como também na sua compreensão em contextos determinados. Exemplificamos com a expressão *só que não*, amplamente utilizada nas redes sociais recentemente para contrariar uma afirmação. Por exemplo, *Dia lindo, só que não* (isto é, o dia não está lindo, ao contrário, está cinza, chuvoso, frio). Assim, cabe ao indivíduo ter a competência metafórica e, acima de tudo, extralingüística para identificar os elementos subentendidos, característicos dessa parte do léxico, para decodificar a mensagem, tarefa esta nem sempre fácil de realizar.

Por fim, reafirmamos que tais unidades lexicais compreendem uma parte do léxico que mais representa a cultura e a história de um povo, por isso a importância de seu estudo, da elaboração de metodologias adequadas que propiciem sua presença em obras de referência, tais como os dicionários mono e bilíngües, de modo a auxiliar no ensino de língüas e na prática

tradutória. Nas próximas linhas, discorreremos sobre a idiomaticidade e o conteúdo metafórico das unidades fraseológicas e das parêmysias.

3. Idiomaticidade e metáfora na construção das unidades fraseológicas e das parêmysias

Uma das características de tais unidades é a idiomaticidade. Em outras palavras, o significado total não é compreendido pela simples soma dos significados de seus componentes lexicais, ao contrário, é figurado, geralmente refletindo as metáforas presentes no cotidiano. Como salientado por Álvarez (2012), trata-se de uma idiomaticidade que expressa, sobretudo, o conhecimento baseado na cultura, ou seja,

(...) cada povo usa de sua própria imaginação para expressar conceitos de forma figurada, sendo a imagem, como um componente das unidades figuradas, um elemento relevante do seu plano do conteúdo. A imagem é uma estrutura conceitual específica que media a estrutura léxica de uma dada unidade fraseológica e seu significado real (ÁLVAREZ, 2012, p. 172).

A expressão idiomática *quebrar o pau*, por exemplo, vale-se de uma imagem para exprimir a ideia de *briga verbal ou física*. Resumidamente, a imagem é entendida como uma ponte conceitual que liga a expressão verbal ao seu significado real ou metafórico e este, por sua vez, geralmente, só pode ser decodificado quando os códigos culturais (tais como crenças, folclore, religião, costumes, artes, etc.) são empregados no processo de decodificação, sobretudo no que diz respeito às unidades lexicais que foram alvo da criatividade do falante, como bem salienta Corpas Pastor (1996). Para a referida autora, a compreensão de tais unidades requer um conhecimento profundo da cultura e da realidade social da comunidade em questão.

Nesse contexto, é reservado um papel especial à metáfora, um mecanismo da linguagem essencial para a compreensão de muitos aspectos da conceituação de experiências do nosso dia a dia e que caracteriza a criatividade dos falantes de uma língua, os quais a usam naturalmente, sem esforço, quando falam de assuntos cotidianos. Além disso, frequentemente nos deparamos com situações problemáticas que requerem raciocínios metafóricos que estabeleçam correspondências entre os domínios envolvidos. O conhecimento metafórico ajuda no mapeamento e resolução das situações.

De acordo com Lakoff e Johnson (2007), a metáfora, assim como outros fenômenos semânticos, estabelece uma relação intrínseca com a cultura de um povo. Isso porque, segundo os autores, o nosso sistema conceitual é culturalmente fundamentado, pois toda experiência

envolve pressuposições culturais. Destarte, a metáfora é fundada em modelos convencionais organizados em relações sistemáticas e colabora para a categorização e compreensão das experiências.

Kövecses (2010) argumenta que as metáforas podem ser classificadas em níveis de convencionalidade que representam a sua consolidação pela sociedade que as emprega. Assim, quanto mais uma metáfora é utilizada pelo falante comum, maior o seu nível de convencionalidade. Por conseguinte, quanto maior o uso natural da sua manifestação linguística, maior será a sua convencionalidade e naturalidade na fala.

Um bom exemplo de presença do caráter metafórico dentre as unidades fraseológicas é a expressão *(não) ser uma Brastemp*. Nesse caso, *Brastemp* representa a empresa fabricante de eletrodoméstico e faz referência à geladeira. Tal locução é derivada do slogan publicitário *Não é, assim, uma Brastemp...* e que, por extensão de sentido, caracteriza situações que não correspondem ao esperado. Devido à propaganda, tal expressão tornou-se amplamente empregada pela sociedade brasileira.

Como pode ser observado a partir da figura abaixo, temos que a figura da Brastemp, isto é, sua imagem, relaciona um domínio fonte ao seu domínio alvo, que representam respectivamente conceitos básicos para o ser humano e sua concretização no mundo real. Assim, a imagem da Brastemp passa a ser símbolo concreto de tudo o que tem qualidade e que supera as expectativas.

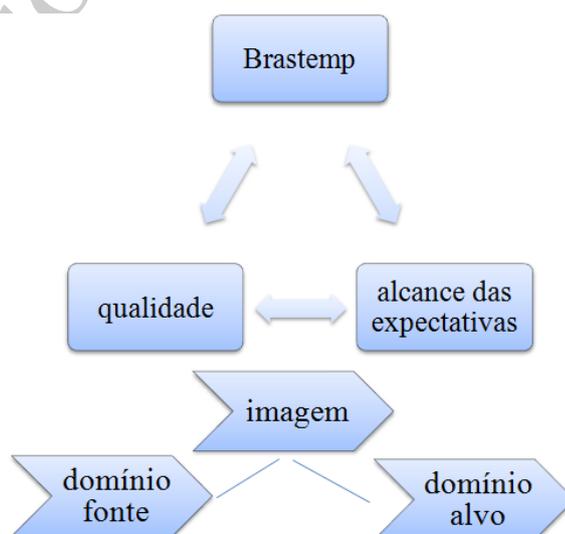


Figura 1: Representação da metáfora e seu esquema de imagem.

No domínio dos estudos cognitivos, a metáfora propicia a compreensão de um domínio conceitual em termos de outro. Em outras palavras, trata-se de uma seleção de aspectos que permite a relação entre o domínio fonte e o alvo, relação esta coerente com a organização da experiência humana e que proporciona sua expressão linguística. Podemos afirmar, portanto, que as metáforas são dotadas de uma função cognitiva na forma de ver e pensar o mundo.

Outro bom exemplo é a locução *rodar a baiana*, que remete à imagem das vestimentas típicas e ao seu movimento circular. Trata-se de uma expressão que significa *fazer uma confusão, brigar, acertar as contas* e dela deriva outra locução metafórica, a saber, *armar um barraco*. Supõe-se que tal locução tenha origem nos desfiles de carnaval do início do século passado, quando as baianas que desfilavam eram assediadas por homens que acompanhavam o desfile. A locução remete à imagem das baianas rodando, o que indicava a confusão entre os participantes e os observadores do desfile.

No tocante à universalidade das metáforas, Kövecses (2005) explicita que se elas estão baseadas no funcionamento do corpo e do cérebro, o que é semelhante para a maioria dos seres humanos, então as metáforas também são semelhantes, isto é, universais, pelo menos no nível conceitual. Para o autor, existe uma estrutura básica das metáforas que envolve a *causa*, ou o sentimento que provoca a sua produção, a *existência*, ou o processo físico associado à emoção, e a *expressão*, ou a forma pela qual o sentimento é expresso em diferentes culturas.

Tomemos como exemplo uma metáfora citada pelo autor baseada no funcionamento do cérebro que é ARGUMENTO é GUERRA e que dá origem às colocações *defender um argumento, atacar um argumento*. Tal metáfora também é constatada nas culturas inglesa e espanhola, apresentando inclusive semelhança linguística, como pode ser visto no quadro abaixo:

Quadro 1: Colocações derivadas da metáfora ARGUMENTO é GUERRA.

	Atacar/defender um	Português
Argumento - Guerra	argumento	
	Attack/defend an argument	Inglês
	Defender/atacar un argumento	Espanhol

Kövecses (2005) argumenta que possíveis razões para a existência de semelhanças de metáforas sejam: o compartilhamento da estrutura por diferentes culturas por coincidência, por meio de transmissão de conhecimento ou porque se trata de uma conceituação humana que é

profundamente influenciada por certas propriedades universais relacionadas ao corpo humano. Já a equivalência de estrutura deve-se ao compartilhamento de uma metáfora central que informa e estrutura os conceitos.

Embora as semelhanças existam, em texto posterior (KÖVECSES, 2010) o estudioso salienta que a variação cultural também existe. Segundo o autor, mesmo que as metáforas sejam semelhantes quando há o confronto entre duas ou mais línguas, também são dotadas de particularidades que cada comunidade reserva para a manifestação de determinados domínios em metáforas, ou seja, alguns princípios que direcionam os conceitos-chave variam de cultura para cultura. Por outro lado, acrescenta o autor, as línguas podem compartilhar da mesma metáfora conceitual, porém, podem expressá-la linguisticamente de formas distintas. Assim, o autor salienta que

O ambiente natural e físico molda a língua, sobretudo o vocabulário, de uma maneira óbvia; conseqüentemente, ele também molda as metáforas. Dado certo tipo de hábitat, os falantes que lá vivem estarão cientes (grande parte subconscientemente) das coisas e fenômenos que são característicos daquele hábitat; e eles farão uso dessas coisas e fenômenos na compreensão metafórica e na criação do seu universo conceitual (KÖVECSES, 2010, p. 119-20, tradução nossa).

Ademais, as variações podem ocorrer inclusive dentro de uma mesma cultura, de indivíduo para indivíduo, a depender, por exemplo, de fatores sociais, geográficos, temporais. Todas essas possibilidades, isto é, as variações dentro de uma mesma comunidade, além do contato entre povos e, por conseguinte, das influências linguísticas e culturais, fazem com que as metáforas se modifiquem. Mais ainda, fazem que novas metáforas sejam criadas e, por sua vez, novas expressões surjam para dar vida às metáforas, caracterizando, assim, as mudanças e a vivacidade da língua.

4. A utilização do *Corpus Web* para o estudo das unidades fraseológicas e das parêmsias

O início das pesquisas em Linguística a partir da utilização de *corpora* simboliza a necessidade de se analisar a língua em uso, observando as unidades lexicais não apenas quanto ao seu significado, como também em relação à sua coocorrência com outras unidades, propondo novas metodologias de estudo nas linhas de pesquisa relacionadas à Lexicografia, Lexicologia, Terminologia, Terminografia, Fraseologia, Fraseografia, Tradução, dentre outras.

No que diz respeito especificamente à elaboração de dicionários, os *corpora* assumiram uma posição fundamental, uma vez que sua utilidade pode ser identificada em todas as suas etapas de elaboração, possibilitando a observação e a análise de uma dada unidade lexical em seu contexto real de uso.

Em se tratando da pesquisa em Fraseologia e Paremiologia, é sabido que os estudos na área ainda se deparam com problemas de ordem prática, tais como a necessidade de grandes *corpora* que facilitarão o reconhecimento e a investigação de seu objeto de estudo. Por se tratar de unidades que se caracterizam pela polilexicalidade, fixidez e idiomaticidade, seu significado total deve ser entendido como um todo, cabendo ao falante identificar a estrutura fraseológica e compreender seu significado metafórico.

A complexidade de identificação recai sobre o fato de que a maioria das expressões pode ser confundida com simples combinações de palavras de sentido literal. Por exemplo, se um indivíduo “tem as costas largas”, para além do sentido metafórico que significa a capacidade de suportar grandes responsabilidades, pode-se compreender que se trata apenas de uma característica física.

Claro que caberá ao contexto a clarificação de ambiguidades. Contudo, se para um falante nativo as dificuldades são evidentes, a identificação de tais unidades pelas máquinas, em contrapartida, mostra-se impossível, visto sua semelhança com palavras que coocorrem livremente. Colson (2004) salienta que estudos recentes em linguística computacional têm desafiado a necessidade de recursos semânticos na análise de textos, na medida em que propõem o acesso indireto ao significado, considerando as estruturas linguísticas.

Outra dificuldade diz respeito à baixa frequência dessas unidades lexicais, pois, apesar da inegável importância assumida pelas unidades fraseológicas e pelas parêmsias no interior dos mais variados textos, tais itens apresentam uma frequência muito baixa nos *corpora* tradicionais. Como poderia, então, um estudioso do léxico descrever uma unidade fraseológica com base nos dados apresentados pelos *corpora* se estes apresentam ocorrências tão baixas de seu objeto de estudo?

Para Colson (2003), o pesquisador se depara com um eterno dilema, pois, se por um lado ele encontra no *corpus* a confirmação da existência do enunciado fraseológico, por outro, não poderá se basear nele para a descrição do seu uso. Com efeito, acrescenta o autor, seria preciso um *corpus* gigantesco e inexistente para as ambições atuais, pelo menos se considerarmos apenas os *corpora* tradicionais.

A fim de comprovarmos a asseveração do autor, tomemos como exemplo a ocorrência das expressões idiomáticas *comer o pão que o diabo amassou*; *abraçar o mundo com as pernas*; *chorar pelo leite derramado* em dois *corpora* de acesso livre: o *Corpus do Português* (disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/> - acesso em 14/08/2013), e o *Corpus Brasileiro* (disponível em <http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html> - acesso em 14/08/2013). O primeiro, composto por 45 milhões de palavras encontradas em 57 mil textos em português (brasileiro e europeu) redigidos entre os séculos XIV e XX. O segundo, composto por um bilhão de palavras encontradas em textos de vários gêneros registrados no português brasileiro. Atentemos para a tabela abaixo:

Tabela 1: Ocorrência das EIs em *corpora* tradicionais.

	<i>Corpus do Português</i>		<i>Corpus Brasileiro</i>	
	Frequência	Exemplo	Frequência	Exemplo
<i>comer o pão que o diabo amassou</i>	1	Sem saber uma palavra de inglês, teve de « comer o pão que o diabo amassou » e enfrentar uma difícil integração no sistema educativo norte-americano.	0	----
<i>abraçar o mundo com as pernas</i>	0	----	0	----
<i>chorar pelo leite derramado</i>	0	----	0	----

A procura por essas EIs nos *corpora* em questão apontou para a baixa ocorrência de tais expressões, fato esse que demonstra a dificuldade de análise dessas unidades lexicais. Observamos a ocorrência de alguns provérbios, tais como: *quem com ferro fere, com ferro será ferido*; *mais vale um pássaro na mão do que dois voando*; *a cavalo dado não se olham os dentes*.

Tabela 2: Exemplos de provérbios em *corpora* tradicionais.

	<i>Corpus do Português</i>		<i>Corpus Brasileiro</i>	
	Frequência	Exemplo	Frequência	Exemplo
<i>quem com ferro fere, com ferro será ferido</i>	1	Uma vez foi para defender a vida do capitão-mór; devia ferir? - Devias, filho. Quem com ferro fere, com ferro será ferido.	0	-----
<i>mais vale um pássaro na mão do que dois voando</i>	1	A senhora falou-me em um apaixonado. Por onde andará ele? Eu estou aqui, e mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.	0	-----
<i>a cavalo dado não se olham os dentes</i>	1	Mas ninguém tinha nada com isso, a cavalo dado não se olham os dentes, Odair que contasse a sua história como quisesse, a vida era dele, cada um pode ter a sua versão, não se ganha nada em especular os enredos de cada um.	0	-----

Como vemos, os dados não diferem muito da tabela anterior. Importa mencionar que procuramos por toda a expressão, como constam acima, ou seja, da forma como um falante comum direcionaria a pesquisa. Ademais, merece destaque o fato de os exemplos acima serem do português de Portugal, o que poderia causar estranhamento a um falante brasileiro.

Tais constatações também remetem a outro problema, que é a ausência dos fraseologismos em dicionários que tomam como parâmetro de inserção na nomenclatura a frequência em *corpora*. Novamente, o único exemplo em português europeu poderia também excluir o fraseologismo da nomenclatura de um dicionário que apresentasse como pressuposto a ocorrência em contextos brasileiros.

Alguns autores (COLSON, 2003; SARDINHA, 2003; XATARA, 2008) defendem a existência desse gigantesco *corpus* necessário para o trabalho dos estudiosos do léxico. Esse *corpus* é a *World Wide Web* ou WWW. Embora haja objeções no tocante à consideração da Web como *corpus*, tais como o tipo de linguagem utilizada, o fato de nem todas as páginas serem escritas por falantes nativos e, o princípio fundamental da Linguística de *Corpus*, isto é, a falta de controle da ferramenta em questão pelo especialista (COLSON, 2007), o seu tamanho faz com que seja o maior *corpus* que temos à disposição atualmente. Além disso, sua facilidade de acesso e a frequência com que é alimentado são fatores que favorecem sua utilização como

ferramenta autêntica para a descrição do léxico. Vejamos a ocorrência dos mesmos exemplos citados anteriormente na Web. Primeiramente para as expressões idiomáticas:

Tabela 3: Exemplos de EIs no *corpus* Web.

<i>Web</i>		
	Frequência	Exemplo
<i>comer o pão que o diabo amassou</i>	208.000	Neymar pode comer o pão que o diabo amassou com milhões na Espanha.
<i>abraçar o mundo com as pernas</i>	34.500	São sentimentos que afloram do nada. Vontade de abraçar o mundo com as pernas, sendo que minhas pernas - coitadas - não conseguem abraçá-lo um terço.
<i>chorar pelo leite derramado</i>	151.000	Se for pra chorar pelo leite derramado, que seja leite condensado!

Agora para os provérbios:

Tabela 4: Exemplos de provérbios no *corpus* Web.

<i>Web</i>		
	Frequência	Exemplo
<i>quem com ferro fere, com ferro será ferido</i>	258.000	O ditado popular “quem com ferro fere, com ferro será ferido” vai ser usado pelo ex-presidente da Câmara, o Deputado petista Marco Maia contra o Superior Tribunal Federal - STF.
<i>mais vale um pássaro na mão do que dois voando</i>	77.500	Se o homem tomasse consciência do valor da paz, não haveria mais guerras no mundo – bastava que cada um parasse para pensar na beleza do sorriso de uma criança e descobrisse que mais vale um pássaro na mão do que dois voando.
<i>a cavalo dado não se olham os dentes</i>	22.900	A cavalo dado não se olham os dentes dirás, à moda de Rui Barbosa: A bucéfalo de oferenda não perquiria a conformação odôntica.

Com base nesses poucos dados, não há dúvidas da importância da Web para o estudo das unidades lexicais em questão. Com dezenas de bilhões de páginas escritas nas mais variadas línguas e um número inestimável de palavras, esse motor de busca torna-se essencial para a descrição do uso, para a busca pelo significado e pelas suas possíveis traduções. Merece atenção o fato de inexistir qualquer outro *corpus* com uma quantidade de palavras suficiente para que

haja um número de ocorrências que propicie a descrição adequada das unidades fraseológicas e das parêmsias como ocorre na Web.

Ademais, por meio da Web também podemos analisar a coocorrência de palavras, no caso das colocações e locuções, além de sua variação, por exemplo, *chorar *pelo leite derramado / chorar *sobre o leite derramado*, bem como variações entre o português brasileiro e o de Portugal, tal como *mais vale um pássaro na mão do que dois *voando* (PT-BR) / *mais vale um pássaro na mão do que dois *a voar* (PT – EU).

Assim sendo, concordamos com a afirmação de Colson (2007) de que a Web pode ser sim considerada o maior *corpus* ao qual o lexicólogo/lexicógrafo tem acesso livre e rápido atualmente, que garante um algoritmo capaz de classificar os exemplos, de isolar partes da expressão procurada e de encontrar suas variantes e suas combinações, garantindo, conseqüentemente, a descrição eficaz da unidade lexical.

Por fim, para além de suas críticas, a Web é um motor de busca que pelo menos coloca em questão a eficiência dos *corpora* tradicionais e que promete revolucionar as pesquisas não apenas relacionadas ao léxico, mas dos estudos linguísticos em geral.

5. As expressões cromáticas fraseológicas e paremiológicas

Explicitamos, no decorrer das últimas páginas, nossa posição em relação ao papel do léxico dentro de uma sociedade. Em concordância com Biderman (2001), acreditamos que o léxico seja um dos nossos maiores patrimônios culturais, uma vez que é por meio dele que categorizamos o mundo à nossa volta de acordo com uma visão que nos é particular, que nos diferencia de outras comunidades. Em contrapartida, também é o léxico que permite a comunicação entre nações e a interação social entre o presente e o passado de uma comunidade.

Na medida em que consideramos o léxico como o acervo cultural de um povo, concluímos que ele pode ser dividido em domínios, que por sua vez podem ser decompostos em subdomínios, todos eles refletindo cultural e socialmente as percepções dos falantes (ZAVAGLIA, 2007). Um desses diversos subdomínios, ou microssistemas, nas palavras de Biderman (2001) e Zavaglia (2007), é formado por nomes de cores, unidades lexicais cujo uso na categorização das experiências é particularmente marcado pela cultura do povo que as utiliza, exprimindo sensações, emoções, estados de ânimo, julgamentos a respeito de determinados fatos, assim como as características intrínsecas das entidades do mundo concreto.

Com efeito, afirmamos que o microsistema relativo aos nomes de cores é composto por uma gama variada de expressões linguísticas empregadas nas mais diversas situações discursivas. Para tanto, o ser humano faz uso do aparato visual para, influenciado pela sua herança sócio-histórica e cultural, segmentar o espectro cromático em categorias bem definidas, cada uma delas dotada de um valor simbólico ditado pelo uso no decorrer da história que provocará as diferenças interlinguísticas. Segundo Zavaglia (2007),

(...) a importância da representação das gamas cromáticas em uma comunidade linguística se concretiza a partir do uso social, artístico e literário que faz o usuário das mesmas. Dessa maneira, a realidade cromática deixa de ser unicamente objetiva (denotativa) e passa a ser indagada no seu uso simbólico (conotativo), diacronicamente e sincronicamente (ZAVAGLIA, 2007, p. 210).

Não obstante as diferenças entre povos, também dentro de uma mesma comunidade são constatadas divergências, a depender do sexo, idade, instrução, classe socioeconômica dos falantes que a compõem, fatores geográficos (GROSSMANN, 1988), que influenciam na percepção da realidade e que direcionam as escolhas linguísticas.

Sem dúvida, como bem afirma Zavaglia (2006, p.26), “(...) o homem foi criando e registrando linguisticamente sua afetividade pelas cores (...) exprimindo suas emoções por meio de cromônimos – hoje tão incorporados a sua realidade”. É esse uso inconsciente e tão assíduo das cores para descrever a relação do homem com o mundo que tem incentivado cada vez mais cientistas da linguagem a se adentrarem nesse domínio que envolve o vocabulário dos nomes de cores.

A mesma autora ressalva que “do mesmo modo que para o físico a palavra cor designa uma luz, ou seja, um comprimento de onda, para os linguistas tal unidade lexical denomina o absorver e o refletir da luz dos corpos, sejam eles naturais ou artificiais” (ZAVAGLIA, 2006, p.26), portanto, acrescenta a mesma, as expressões cromáticas mantêm relação intrínseca com a experiência e a sensibilidade humana perante a realidade externa.

Nesse contexto, recebe destaque a utilização dos nomes de cores para a construção de parênteses e de unidades fraseológicas que representam a percepção do falante numa dada situação, seus sentimentos, emoções, uma moral, reações físicas e psicológicas, entre outros.

Efetivamente, trata-se de um microsistema intimamente relacionado à cultura de um povo, uma vez que a segmentação do espectro, como também o uso dos nomes de cores depende

das particularidades sócio-históricas e culturais de cada povo, o que culmina nas diferenças linguísticas ou até mesmo na ausência de correspondentes entre línguas.

Podemos citar como exemplo o sintagma nominal italiano *camicie azzurre* que denomina um grupo paramilitar nacionalista formado logo após a Primeira Grande Guerra, e que faz referência ao uniforme por eles utilizado, isto é, uma camisa azul. Seguramente, tal expressão diz respeito a uma realidade puramente italiana; sendo assim, outras línguas podem ou não utilizar o item cor em seus correspondentes, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 2: Correspondentes da expressão cromática *camicie azzurre*.

Camicie azzurre	Nacionalistas italianos	Português
	Nacionalistas italianos	Espanhol
	Nationalistes italiens	Francês
	Blue-shirts	Inglês

Vimos que outra característica marcante dessa parte do léxico é a idiomaticidade provocada pela utilização das metáforas, que faz com que o significado total da unidade lexical seja completamente diferente daquele originado da simples soma dos significados de seus componentes. A idiomaticidade derivada das metáforas representa o conhecimento fundado numa dada cultura. Desse modo, existem princípios que direcionam a manifestação de determinados domínios para a construção das metáforas que podem variar de cultura para cultura.

Citamos como exemplo os domínios *Dinheiro – Cor*. Em português, a falta de dinheiro é expressa linguisticamente pela expressão idiomática *Estar no vermelho*. Outras línguas, contudo, não estabelecem a mesma relação, como mostra o quadro abaixo:

Quadro 3: Variação cultural na representação das metáforas.

Estar no vermelho	To be broke	Inglês
	Être à court d'argent	Francês
	Essere al verde	Italiano
	No tener blanca	Espanhol

Constatamos, a partir do quadro anterior, que algumas línguas também se valem do domínio *Cor*, porém por meio de outro subdomínio cromático. É interessante notar que o

subdomínio *verde* em italiano representa a ausência de dinheiro, enquanto na língua portuguesa simboliza a abundância, dando origem à expressão *Estar no verde*, mais comum em Portugal.

Por outro lado, algumas metáforas conceituais podem ocorrer em diversas línguas, porém manifestando diferenças linguísticas (KÖVECSES, 2010), como é o caso da relação entre os domínios conceituais: *Sentimento – Cor*. Os estados de ânimo do ser humano são frequentemente representados pelas cores que caracterizam uma sensação física provocada por um sentimento. Tomemos como exemplo a expressão idiomática *ficar/estar vermelho de inveja*, em que, dos domínios representados acima, manifesta-se a relação entre o sentimento *inveja* e a cor *vermelha*. Como pode ser observado a partir do quadro a seguir, tal relação não é a mesma para as línguas inglesa, francesa, italiana e espanhola:

Quadro 4: Diferenças de manifestação linguística das metáforas.

Estar/ficar vermelho de inveja	To turn green with envy	Inglês
	Être vert de jalousie	Francês
	Farsi/diventare giallo/verde dalla/d' invidia	Italiano
	Ponerse verde de envidia	Espanhol

Contudo, mencionamos as palavras de Kovácses (2005), o qual afirma que metáforas baseadas no funcionamento do corpo e do cérebro ocorrem em todas as culturas. Um bom exemplo, também citado pelo autor, que envolve o microsistema das cores é a metáfora baseada no funcionamento do corpo *RAIVA é FOGO – FOGO é VERMELHO* e, por consequência, a expressão idiomática *ficar vermelho de raiva*. Tal metáfora também é constatada nas culturas inglesa, francesa, italiana e espanhola, apresentando inclusive semelhança linguística, como pode ser visto no quadro abaixo:

Quadro 5: Expressão idiomática derivada da metáfora *RAIVA é FOGO*.

Raiva – vermelho	Ficar vermelho de raiva
	To turn red with anger
	Devenir/être rouge de colère
	Essere/diventare rosso dalla rabbia
	Ponerse rojo de ira

Outro aspecto de análise das unidades fraseológicas e das parêmiias descrito no decorrer deste texto diz respeito à observação do uso de tais itens por meio dos *corpora*, em especial, o *Corpus Web*. Atentamos para a sua característica de baixa frequência, bem como a necessidade de *corpora* de dimensões vultosas que propiciem sua descrição adequada.

De fato, por estarem as expressões cromáticas contidas dentro de um subdomínio do léxico muito restrito, isto é, aquele composto por unidades fraseológicas ou paremiológicas formadas por nomes de cores, é evidente que apresentarão baixo número de ocorrências nos *corpora* tradicionais. Tomemos como exemplos a tabela que segue:

Tabela 5: Ocorrência das expressões cromáticas nos *corpora* tradicionais.

	<i>Corpus do Português</i>		<i>Corpus Brasileiro</i>	
	Frequência	Exemplo	Frequência	Exemplo
<i>(Ter) mão verde</i>	0	-----	0	-----
<i>Sorriso amarelo</i>	14	Seu Manuel franziu o sobrolho com uma cara de apreensão que procurou encobrir com um sorriso amarelo (...)	0	-----
<i>A grama do vizinho é sempre mais verde</i>	0	-----	0	-----

Esses dados representam a dificuldade de estudo das unidades em questão quando a pesquisa se restringe aos *corpora* tradicionais. Observemos agora a frequência dos mesmos itens no *Corpus Web*:

Tabela 6: Ocorrência das expressões cromáticas no *Corpus Web*.

	<i>Web</i>	
	Frequência	Exemplo
<i>(Ter) mão verde</i>	34	Diz-se, por exemplo, que uma pessoa tem "mão verde", isto é, "mão boa" para plantas; outras para acender fogo, outras para achar água, localizar lençóis de água no subsolo, para encontrar minerais e coisas assim.

<i>Sorriso amarelo</i>	159.000	Denise, fala-se sorriso amarelo quando quem ti sorriu forçou, fingiu, provocou um sorriso, ele ficou amarelo por que era falso.
<i>A grama do vizinho é sempre mais verde</i>	112.000	Sabe aquela história de que a grama do vizinho é sempre mais verde do que a nossa? Pura bobagem, colega!

Embora algumas expressões cromáticas apresentem baixa frequência também no *Corpus Web*, como é o caso de *ter mão verde*, é inegável que ele disponibilize uma quantidade de informações muito maior do que as disponibilizadas pelos *corpora* tradicionais. Entendemos, portanto, que a variedade de gêneros textuais abordados contribui para que a Web seja considerada como uma representação da norma, o que faz dessa ferramenta a mais apropriada para o estudo das expressões cromáticas.

6. Considerações finais

A partir do exposto, concluímos que as unidades fraseológicas e as parêmiatas, sobretudo aquelas formadas por nomes de cores, compõem uma parte peculiar do léxico, caracterizada pela sua relação intrínseca com a cultura de um povo, responsável pela manutenção da sua identidade e pela vivacidade da língua. Se tais unidades refletem as impressões que um determinado povo tem do mundo ao seu redor, portanto, sua compreensão dependerá da observação do contexto em que são utilizadas e do movimento sócio-histórico e cultural percorrido pela sociedade que as emprega.

Explica-se, assim, a interdisciplinaridade exigida durante seu estudo, o qual envolve, porém não somente, aspectos culturais, cognitivos e pragmáticos. Nesse contexto, torna-se fundamental a utilização dos *corpora* para a obtenção de informações que propiciem a descrição adequada dessas unidades. Merece destaque o papel da Web, uma vez que sua dimensão e fácil acesso favorecem sua utilização como ferramenta autêntica para a descrição do léxico.

No tocante à utilidade do estudo das parêmiatas e das unidades fraseológicas, pode-se dizer que a tradução e o ensino de línguas, bem como ensino de literatura e cultura, são áreas que mais têm se beneficiado das pesquisas que envolvem tal parte do léxico. Sem dúvida, o conhecimento de tais unidades, assim como a reflexão sobre sua formação e significado dentro de uma cultura, contribuem para o aprendizado de uma língua estrangeira, indicando um maior nível de proficiência nesta. Ademais, são itens que constituem recursos estilísticos e que, portanto, auxiliam no estudo de obras literárias.

É por todos esses fatores que essa fatia do léxico assume importância histórica, linguística, cultural e social, sendo considerada como essencial para se descobrir ou até mesmo reconstruir aspectos da vida cotidiana. Por fim, embora seja reconhecida a importância e até mesmo os avanços das pesquisas na área, é inegável que muito ainda há de ser feito, sobretudo no que diz respeito a sua contribuição para outras linhas de estudo, tais como o Ensino de Línguas, a Tradutologia, a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia, a Terminografia e a Linguística de *Corpus*.

Referências Bibliográficas

ÁLVAREZ, M. L. O. Apresentação. In: ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz (Org.) **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais** – Vol. 1 Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Linguística**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COLSON, J.-P. Corpus Linguistics and Phraseological Statistics: a few Hypotheses and Examples. In: Burger, H.; Häcki Buhofer, A.; Gréciano, G. (Eds). **Flut von Texten - Vielfalt der Kulturen**. Baltmannsweiler: Schneider Hohengehren, 45–59, 2003.

_____. Phraseology and computational corpus linguistics: from theory to a practical example. In: BOUILLON, H. (red.), **Langues à niveaux multiples. Hommage au Professeur Jacques Lerot à l'occasion de son éméritat**. Bibliothèque des Cahiers de l'Institut de Linguistique de Louvain, 113. Louvain-la-Neuve, Peeters, p. 35-45, 2004.

_____. The World Wide Web as a corpus for set phrases. In: BURGER, H. et al. (Ed.). **Phraseologie/Phraseology**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, p. 1071–1077, 2007.

CORPAS PASTOR, G. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.

DAVIES, M.; FERREIRA M. J. (2006-) **Corpus do Português (45 milhões de palavras, sécs. XIV-XX)**. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>

DOBROVOL'SKIJ, D. Phraseology: Historical Development and Theoretical Aspects. In: ALVAREZ, M. L. O. (Org.) **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais** – Vol. 1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

GROSSMANN, M. **Colori e lessico: studi della struttura semântica degli aggettivi di colore in catalano, castigliano, italiano, romeno, latino ed ungherese**. Tubingen: Narr, 1988.

KRAMSCH, C. **The symbolic dimensions of the intercultural**. Plenary Speech at the Second International Conference on the Development and Assessment of Intercultural Competence at the University of Arizona, Tucson, Arizona, USA, 2010.

KÖVECSES, Z. **Metaphor: a practical introduction**. 2nd Edition. New York: Cambridge University Press, 2005.

_____. **Metaphor in Culture: universality and variation**. 2nd Edition. New York: Cambridge University Press, 2010.

KUMARAVADIVELU, B. **Cultural Globalization and Language Education**. New Haven, CT: Yale University Press, 2008.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas de la vida cotidiana**. Trad. Carmen González Marín. 7. ed. Ediciones Catedra: Madrid, 2007.

MUÑOZ, J. S. Trayectoria de los estudios paremiológicos. In: ALVAREZ, M. L. O. (Org.) **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia - Anais** – Vol. 1. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

SABINO, M. A. O campo árido dos fraseologismos. **Revista Signótica**. V. 23, n. 2, p. 385-401, 2011.

SARDINHA, T. B. Que tipo de corpus é a Web? **Revista da ANPOLL**, v. 1, n. 15, p. 191-220, jul/dez 2003.

SARDINHA, T. B.; ALAMBERT, E.; MOREIRA FILHO, J. L. **Corpus Brasileiro (1 bilhão de palavras)**. Disponível em: <http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html>

WHORF, B. L. In: CARROLL, J. B. (ed.). **Language, Thought and Reality. Selected Writings of Benjamin Lee Whorf**. NY: L, 1956.

XATARA, C. M. A web para um levantamento de frequência. In: MAGALHÃES, J. S.; TRAVAGLIA, L. C. (Org.). **Múltiplas perspectivas em linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2008, p. 770-777.

ZAVAGLIA, C. Dicionário e Cores. **Alfa**. São Paulo, v. 50, n. 2, p. 25-41, 2006.

_____. A prática lexicográfica multilíngüe: questões concernentes ao campo das cores. In: ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. (org.). **As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 1.^a ed. Campo Grande; São Paulo: Ed. UFMS; Humanitas, v. 3, p. 209-222, 2007.

Artigo recebido em: 22.08.2014

Artigo aprovado em: 28.09.2014

Identificação de unidades fraseológicas no vocabulário de *Star Trek*: abordagens *corpus-driven* e *corpus-based*

Identification of phraseological units in the vocabulary of *Star Trek*: *corpus-driven* and *corpus-based* approaches

Lucas Maciel Peixoto*

RESUMO: Este artigo analisou unidades fraseológicas a partir do *corpus* formado pelas legendas de todos os filmes e episódios de *Star Trek*, com o objetivo de demonstrar a existência de vocabulário específico em obras de ficção, e possíveis influências desse vocabulário na língua corrente. As bases teóricas foram a Teoria Comunicativa da Terminologia e também a Etnoterminologia, além de estudos sobre a Fraseologia. A Linguística de *Corpus* foi usada como base metodológica, por meio de uma abordagem *corpus-driven* (direcionada por *corpus*) e outra *corpus-based* (baseada em *corpus*). Os dados examinados provieram de um *corpus* de estudo compilado a partir das legendas em inglês dos seriados e filmes de *Star Trek*, e analisado via *WordSmith Tools*, e também de dois *corpora on-line* de língua inglesa: o *Corpus of Contemporary American English* e o *Google Books*. Os resultados do estudo mostraram exemplos de unidades fraseológicas que são usadas dentro do universo da série, inclusive termos específicos. Além disso, também foram encontradas frases criadas pela série e ressignificadas pelos fãs, tornando-se unidades fraseológicas na língua corrente.

PALAVRAS-CHAVE: Fraseologia. Terminologia. Linguística de *Corpus*. Ficção Científica. *Star Trek*.

ABSTRACT: This article analyzed phraseological units from a corpus consisting of the subtitles of all *Star Trek* films and episodes, aiming to demonstrate the existence of specific vocabulary in works of fiction, and possible influences of this vocabulary in everyday language. The theoretical basis was the Communicative Theory of Terminology and also the Ethnoterminology, as well as studies on Phraseology. Corpus Linguistics was used as a methodological basis, by means of a *corpus-driven* approach and a *corpus-based* one. The data examined came from a corpus of English language subtitles from the *Star Trek* series and movies, which was analyzed with *WordSmith Tools*, and also from two English language online corpora: the *Corpus of Contemporary American English* and *Google Books*. The results of the study showed examples of phraseological units which are used within the universe of the series, including specific terms. Additionally, the study also found phrases created by the series and to which new meanings were given by the fans, becoming phraseological units in everyday language.

KEYWORDS: Phraseology. Terminology. Corpus Linguistics. Science Fiction. *Star Trek*.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia. Possui Graduação em Letras – Inglês pela mesma universidade.

“This thing you call language, though. Most remarkable. You depend on it for so very much. But is any one of you really its master?”¹

1. Apresentação

Star Trek é uma franquia de ficção científica criada pelo produtor americano Gene Roddenberry na década de 60. A história fictícia tem início no século XXII, quando a humanidade alcança a capacidade de viagem espacial e inicia explorações interestelares, encontrando novos mundos, seres e fenômenos espaciais. Hoje, *Star Trek* assumiu grande proporção como fenômeno cultural, com uma extensa filmografia composta por seis seriados televisivos², que totalizam 716 episódios, e doze filmes. O conteúdo explorado durante as narrativas vai desde batalhas espaciais até a abordagem de conflitos morais e questões filosóficas, dentro de um universo povoado por inúmeras culturas extraterrestres, em um contexto de intenso avanço tecnológico, tudo isso acompanhado por um vocabulário próprio.

É justamente a existência desse vocabulário próprio que motiva a realização de estudos em Lexicologia e Terminologia sobre esse tipo de obra fictícia. Nesse contexto, este trabalho buscou identificar exemplos de unidades fraseológicas (em língua inglesa) no vasto inventário lexical do universo de discurso de *Star Trek*, e encontrar exemplos de expressões que tiveram sua origem no vocabulário da franquia, e que foram, posteriormente, apropriados e ressignificados na língua corrente, passando a ser usadas e entendidas até mesmo por falantes da língua que não são fãs da série. Pretende-se demonstrar que as bases teóricas da Lexicologia e da Terminologia podem ser aplicadas na análise e descrição do vocabulário de obras de ficção científica, e que as abordagens *corpus-driven* e *corpus-based* da Linguística de *Corpus* podem ser usadas de forma complementar para identificar e analisar fraseologismos sob diferentes olhares metodológicos.

2. Considerações teóricas

Unidades fraseológicas (UFs) são o objeto de estudo da Fraseologia, que, por sua vez, é considerada uma subdisciplina da Lexicologia, a área da Linguística responsável pelo estudo

¹ Kollos, embaixador alienígena, em *Star Trek: The Original Series*, 3ª temporada, 7º episódio.

² *The Original Series* (1966 a 1969), *The Animated Series* (1973 a 1974), *The Next Generation* (1987 a 1994), *Deep Space Nine* (1993 a 1999), *Voyager* (1995 a 2001) e *Enterprise* (2001 a 2005).

do léxico. Uma das atribuições da Lexicologia é a descrição e análise das lexias, que foram assim definidas por Silva (2006):

Lexias são elementos lexicais ou lexemas — unidades funcionais significativas de comportamento lingüístico [*sic passim*] que se opõem ao morfema e à palavra e que assumem o papel central na distinção das partes do discurso. Além disso, as lexias são formas e estruturas lingüísticas de natureza diferente. Suas características comuns consistem em que elas estão acumuladas no léxico, na parte da consciência lingüística que abrange as unidades denominativas, e em que elas exercem uma função denominativa para fenômenos da realidade. (SILVA, 2006, p. 11)

As lexias podem ser classificadas em simples, compostas e complexas. Resumidamente, lexias simples são as palavras simples, ou seja, palavras com um único radical, acrescidas ou não de afixos. Lexias compostas são agrupamentos de lexias simples por aglutinação ou justaposição, algumas vezes com o uso de hífen, gerando integrações semânticas. Lexias complexas, por sua vez, são sequências lexemáticas de alta produtividade e estrutura relativamente fixa (SILVA, 2006).

Lexias complexas podem ocorrer na língua sob a forma de UFs. Por sua complexidade, é difícil obter uma definição formal de UF, e vários autores apresentam ideias divergentes sobre o assunto. Exemplos de fenômenos lingüísticos que costumam ser considerados UFs são: expressões idiomáticas, provérbios, locuções, estruturas características de determinados contextos de comunicação, como abertura e fechamento de textos jurídicos e cartas, entre outros (WELKER, 2004).

Independentemente do que se considera ou não uma UF, é de comum acordo que são construções lexicais fixas que ocorrem com frequência na língua. Um falante nativo do português, por exemplo, provavelmente já ouviu expressões como *estar nas nuvens*, que significa estar feliz ou satisfeito, ou *beco sem saída*, que representa uma situação problemática para a qual não há solução aparente. Frequentemente (mas não necessariamente), esse tipo de expressão possui versões em outras línguas, como *to be on cloud nine* e *dead end*, idiomatismos em inglês que correspondem, respectivamente, aos mencionados acima, em português, com significados semelhantes. Nota-se que são expressões fixas, ou seja, sempre aparecem com as mesmas palavras ou derivações, e possuem um significado único, isto é, a ideia de estar feliz e satisfeito, nesse caso, só é obtida com a frase completa *estar nas nuvens*. Observadas isoladamente, as palavras contidas em *estar / nas / nuvens* não levam a essa interpretação.

Portanto, uma característica importante de uma UF é o fato de que “o significado do todo é diferente da soma dos significados das partes” (WELKER, 2004, p. 165).

Segundo Biderman (2005), expressões idiomáticas como os exemplos citados no parágrafo anterior são o caso mais extremo de UF, mas não são o único exemplo. Também podem ser consideradas UFs: construções substantivo + adjetivo, como *caixa preta* e *mesa redonda*, nas quais o adjetivo é obrigatório e fixo e constitui uma unidade com o substantivo, de forma que *caixa vermelha* ou *mesa quadrada*, por exemplo, são sintagmas livres que não possuem o mesmo valor semântico das UFs; construções com verbos, como *levar calote* ou *ter compromisso*; construções como os *phrasal verbs* da língua inglesa, como *fall for (somebody)* ou *look forward to (something)*, que possuem significado fixo diferente da soma dos significados individuais dos verbos e preposições que os compõem; e vários outros exemplos.

Além de integrar o léxico da língua corrente e possuir significado amplamente conhecido pelos falantes, as UFs também podem ocorrer em contextos específicos de comunicação, como no vocabulário técnico-científico comum em áreas especializadas do conhecimento. Por exemplo: a página da *internet* do Supremo Tribunal Federal conta com um glossário jurídico que contém termos como *transitar em julgado* e *efeito vinculante*, expressões próprias da área que fazem sentido para os profissionais que nela atuam; na economia, a expressão do latim *coeteris paribus (tudo o mais é constante)* é usada em análises de mercado nas quais se considera uma variável de estudo sem que as demais variáveis sofram alterações; no ambiente corporativo, *pensar fora da caixa* significa ter ideias não convencionais ou propor soluções inovadoras.

O significado dos últimos exemplos citados não é amplamente conhecido pelos falantes da língua, uma vez que essas expressões não estão presentes na língua corrente, mas, sim, no vocabulário específico de determinadas especialidades, de conhecimento restrito aos especialistas. Portanto, essas UFs podem ser analisadas como termos, que são o objeto de estudo da Terminologia.

Em linhas gerais, a Terminologia lida com a existência de vocabulário específico nas diversas áreas do conhecimento científico. A teoria da Terminologia que fundamenta este trabalho é a Teoria Comunicativa da Terminologia – TCT (CABRÉ, 1993). De acordo com Sales (2007), a TCT surge como um contraponto à Teoria Geral da Terminologia – TGT, a teoria clássica da Terminologia proposta por Eugen Wüster, que se pautava sobre uma perspectiva prescritiva e normativa dos termos, o que oferecia pouca flexibilidade quanto ao seu contexto

de uso. A TCT, em contrapartida, busca abordar o termo de forma descritiva, levando em consideração sua dimensão textual e discursiva. Isso traz a relativização do que pode ser considerado um termo, de acordo com o contexto em que aparece.

Portanto, a ideia de termo trazida pela TCT estabelece novas diretrizes para o trabalho terminológico, sobretudo a identificação e descrição de termos a partir do seu contexto de uso. Levando em consideração essas novas diretrizes, Tagnin e Bevilacqua (2013) afirmam que, a partir do final da década de 1980, iniciou-se uma interação produtiva entre a Linguística de *Corpus* (LC) e a Terminologia, uma vez que, para se encontrar os contextos de uso de um termo, observam-se suas ocorrências em textos especializados. Dentro dessa perspectiva, isso é feito por meio do levantamento de *corpora* especializados e a posterior identificação, análise e descrição de termos, usando a LC como base metodológica e considerando as situações comunicativas em que se encontram (BEVILACQUA, 2013).

2.1. A Etnoterminologia e o vocabulário de *Star Trek* como texto especializado

Um dos objetivos principais deste estudo é demonstrar que o discurso especializado não está presente apenas nas ciências ou nas atividades profissionais técnicas, mas, também, em obras de ficção. Para tanto, é válido considerar a definição de texto especializado trazida por Oliveira e Müller (2013). Segundo os autores, o texto especializado é um instrumento de comunicação usado por especialistas em determinada área do conhecimento humano, em um contexto caracterizado pela presença de termos específicos. Os autores definem as linguagens especializadas como “um subconjunto léxico que em determinadas situações comunicacionais adquire traços peculiares de significado” (OLIVEIRA, MÜLLER, 2013, p. 52).

O saber especializado e os traços peculiares de significado aos quais se referem os autores, quando inseridos em um universo de discurso etno-literário, são o foco da Etnoterminologia, uma subdisciplina da Terminologia segundo a qual “as unidades lexicais do universo de discurso etno-literário têm um estatuto próprio e exclusivo” (BARBOSA, 2006, p. 48). Barbosa explica que as unidades lexicais próprias do contexto etno-literário possuem valor semântico social e carregam, também, um valor cultural particular a determinado universo de discurso. Como exemplo, a autora cita a história do *Bumba-meu-boi*, na qual a unidade lexical *boi* possui um significado particular. Não se trata do animal encontrado na natureza, mas, sim, de um ser fantástico que integra o mito. Segundo Barbosa, essa particularidade do texto etno-literário justifica a formalização da Etnoterminologia como disciplina científica.

Este trabalho propõe que essa base teórica pode ser aplicada à análise e descrição do vocabulário encontrado na ficção científica. Segundo Bang e Fromm (2013), unidades lexicais terminológicas aparecem em obras ficcionais porque há, nessas obras, uma preocupação com a verossimilhança da narrativa, dos personagens, e do contexto em geral. No modelo proposto pelos autores, *Star Trek* se enquadra no tipo de obra que mistura ficção e ciência na criação do seu vocabulário:

[Nessas obras,] encontramos terminologia própria de áreas reais como Física, Química, Astronáutica, Astronomia, Engenharias, Biologia, etc. No entanto, como a ficção também se faz presente, termos são criados, dentro dessas áreas, para explicar fenômenos que ainda não podem ser explicados ou, ainda, fenômenos inventados. (BANG, FROMM, 2013, p. 5)

Assim, pode-se dizer que o vocabulário de *Star Trek* tem características similares ao vocabulário presente nos textos especializados e etno-literários. Há um vocabulário criado pelos produtores da série e absorvido pelos fãs, que originou formas de expressão tanto dentro quanto fora do contexto da narrativa fictícia. Analogamente ao que ocorre nos universos etno-literários e áreas do conhecimento técnico-científico, há em *Star Trek* um universo de discurso e cultura particulares, acompanhado por um vocabulário específico. Os fãs da série dominam esse vocabulário e fazem uso dele para se expressar e se comunicar uns com os outros, dentro de determinada situação comunicacional. Esse vocabulário será analisado nas seções seguintes.

3. *Corpus* de estudo e metodologia

Este estudo buscou apresentar exemplos de UFs que ilustrem o vocabulário em questão, por meio da análise de um *corpus* de estudo composto pelas legendas de todos os episódios e filmes de *Star Trek* produzidos até o momento da redação deste texto. As legendas foram obtidas por meio de *download* em repositórios de legendas feitas por legendistas não profissionais, na *internet*. Esse tipo de legenda foi escolhido porque pode ser obtido de forma rápida e gratuita, o que é importante devido ao grande número de filmes e episódios que existem na série. O *corpus* de estudo possui 3.070.626 *tokens*, e é composto por porções de fala transcritas em legendas; é sincrônico (limita-se ao período de tempo durante o qual se deu a produção da série *Star Trek*: 1966 a 2013) e em língua inglesa. Os textos foram analisados pelo programa de análise lexical *WordSmith Tools* (SCOTT, 2008), em busca de informações sobre a frequência de ocorrência das UFs de interesse, e também em busca de contextos para

exemplificar o uso pragmático dessas UFs. Também foram analisadas informações advindas de *corpora* disponíveis *on-line*: o *Corpus of Contemporary American English* – COCA³ (DAVIES, 2014) e o *Google Books*⁴ por meio da ferramenta *Google Ngram Viewer*⁵ (MICHAEL, et al, 2010). Ao manusear esses *corpora*, foram usados dois caminhos diferentes: uma abordagem *corpus-based* (baseada em *corpus*) e outra *corpus-driven* (direcionada por *corpus*).

A abordagem *corpus-based* é tradicionalmente usada para “explicar, testar ou exemplificar teorias e descrições que foram formuladas antes de os grandes *corpora* terem se tornado disponíveis para informar o estudo da língua” (TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 65⁶). Assim, o ponto inicial de uma análise *corpus-based* é a existência prévia de determinada formulação sobre a língua, que pode ser fruto de uma teoria anterior ou mesmo da reflexão intuitiva e da curiosidade. Partindo-se disso, usa-se a metodologia da LC para contrastar essa formulação prévia com dados empíricos provenientes de um *corpus*. Geralmente, a observação desses dados ratifica parcialmente a hipótese inicial e, ao mesmo tempo, costuma explicitar casos em que ela não se aplica. Cabe ao linguista escolher a melhor maneira de lidar com esses casos excepcionais. Tognini-Bonelli (2001) explica que, para isso, existem três caminhos possíveis, a saber: (i) isolamento, ou seja, manter a hipótese inicial intacta e isolar os casos não explicados, considerando-os exceções; (ii) padronização, ou seja, reformular parcialmente a hipótese inicial, tornando-a mais geral ou ampla para que abarque os novos casos encontrados, enriquecendo-a; e (iii) instanciação, ou seja, “inserir os dados em um sistema de possibilidades abstratas, um conjunto de escolhas paradigmáticas disponível em qualquer ponto, no texto” (TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 74⁷). Esses três caminhos não são mutuamente excludentes, podendo ser usados em conjunto de forma complementar. A noção principal é a de que o uso de um *corpus* permite a verificação de evidências explícitas para confirmar, refutar ou aprimorar uma teoria ou formulação linguística ou uma simples indagação sobre determinado fenômeno linguístico.

³ <http://corpus.byu.edu/coca/>

⁴ <http://books.google.com/>

⁵ <https://books.google.com/ngrams>

⁶ Todas as traduções são de minha autoria. No original: the term *corpus-based* is used [...] mainly to expound, test or exemplify theories and descriptions that were formulated before large corpora became available to inform language study.

⁷ No original: [...] building the data into a system of abstract possibilities, a set of paradigmatic choices available at any one point in the text.

A abordagem *corpus-driven*, por sua vez, “busca derivar categorias linguísticas sistematicamente a partir dos padrões recorrentes e das distribuições de frequência que emergem da língua em contexto” (TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 87⁸). O estudo direcionado por *corpus* tem início com o próprio *corpus*, e não se baseia em formulações teóricas previamente construídas. São estudados os padrões que emergem das linhas de concordância do *corpus* com o objetivo de elaborar teorias que reflitam as evidências, seguindo as seguintes etapas: observação, hipótese, generalização, unificação. Nota-se que a hipótese não é a primeira etapa da abordagem; é formulada após a observação inicial. O foco em dados empíricos torna essa abordagem mais indutiva do que a *corpus-based*. No entanto, “não existe indução pura” (TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 85⁹), e a interpretação dos dados continua sujeita à percepção individual do pesquisador, que “faz sua própria seleção e agrupamento dos fatos, determinados pelas suas atitudes e teorias e pela natureza da sua experiência de realidade da qual ele mesmo faz parte” (J. R. FIRTH, 1969, p. 29, *apud* TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 85¹⁰).

Grande importância e ênfase são dadas à abordagem *corpus-driven*, por se tratar de um tipo de análise que, frequentemente, desafia teorias linguísticas baseadas na intuição individual. De acordo com Tognini-Bonelli (2001), John Sinclair chegou a denominar as formulações linguísticas baseadas somente na intuição como “crenças pré-*corpus*”. Nas palavras da própria autora, “as constatações inesperadas derivadas de evidências de *corpus* levam à conclusão que a intuição não é uma fonte absolutamente confiável de informações sobre a língua” (TOGNINI-BONELLI, 2001, p. 86¹¹).

Neste trabalho, escolheu-se analisar o vocabulário de *Star Trek* sob a ótica de ambas as abordagens, cada uma em um momento. Considerando-se os objetivos da análise, tanto uma quanto a outra forneceram resultados relevantes e distintos, constituindo dois olhares complementares e direcionados ao mesmo objeto. Aqui, entende-se *corpus-driven* como uma forma de olhar para a linguagem de *Star Trek* partindo do que aparece no *corpus* de estudo, procurando identificar UFs por um procedimento que não pressupõe conhecimento prévio da série. Já o olhar *corpus-based* partiu de frases amplamente conhecidas por fãs da série,

⁸ No original: [...] aims to derive linguistic categories systematically from the recurrent patterns and the frequency distributions that emerge from language in context.

⁹ No original: There is no such thing as pure induction.

¹⁰ No original: Each scholar makes his own selection and grouping of facts determined by his attitudes and theories and by the nature of his experience of reality of which he himself is part.

¹¹ No original: The unexpectedness of the findings derived from corpus evidence leads to the conclusion that intuition is not comprehensively reliable as a source of information about language.

buscando constatar se essas frases são ou não UFs, e descrever o seu uso. As seções seguintes serão dedicadas a demonstrar esse processo e os resultados obtidos¹².

4. Identificação de UFs em *Star Trek*: abordagem *corpus-driven*

Buscando seguir os princípios de uma abordagem direcionada pelo *corpus*, foi estudada, primeiramente, a lista de palavras e a lista de palavras-chave do *corpus* de estudo, geradas a partir do *WordSmith Tools* (WST) e expostas abaixo.

N	Word	Freq.	%	Texts	%
1	CAPTAIN	12,944	0.17	665	91.35
2	SIR	7,915	0.11	632	86.81
3	TIME	7,791	0.10	727	99.86
4	WERE	7,265	0.10	726	99.73
5	SHIP	6,392	0.09	673	92.45
6	MR	5,890	0.08	585	80.36
7	L'M	5,635	0.08	236	32.42
8	BACK	5,515	0.07	719	98.76
9	GOOD	4,823	0.06	719	98.76
10	MAKE	4,337	0.06	716	98.35
11	FIND	4,032	0.05	708	97.25
12	PEOPLE	3,875	0.05	649	89.15
13	LIFE	3,780	0.05	678	93.13
14	DOCTOR	3,379	0.05	583	80.08
15	LTS	3,245	0.04	221	30.36
16	LT	3,183	0.04	362	49.73
17	LONG	3,170	0.04	668	91.76
18	ENTERPRISE	3,143	0.04	413	56.73
19	COMMANDER	3,024	0.04	582	79.95
20	YEARS	2,913	0.04	641	88.05

Figura 1. Lista de Palavras do *corpus* de estudo (com *stoplist*).

¹² Na literatura sobre esse assunto, como visto em Tognini-Bonelli (2001), costuma-se falar primeiro sobre a abordagem *corpus-based* e, depois, sobre a *corpus-driven*. No entanto, na análise feita por este trabalho, optou-se por apresentar a abordagem *corpus-driven* primeiro e a *corpus-based* em segundo lugar, pois acredita-se que, nesse caso, essa sequência permite visualizar melhor a diferença entre os dois procedimentos.

N	Key word	Freq.	%C.	Fred	Keyness
1	CAPTAIN	12,944	0.17	20,395	60,945.01
2	MR	5,890	0.08	0	47,666.33
3	L'M	5,635	0.08	0	45,602.49
4	SHIP	6,392	0.09	1,974	42,657.03
5	BACK	5,515	0.07	2,146	35,619.99
6	MAKE	4,337	0.06	1,721	27,927.61
7	DOCTOR	3,379	0.05	49	26,832.44
8	SIR	7,915	0.11	29,931	26,295.90
9	LTS	3,245	0.04	0	26,259.86
10	LT	3,183	0.04	0	25,758.11
11	SPOCK	2,586	0.03	0	20,926.74
12	WARP	2,701	0.04	293	19,949.42
13	STARFLEET	2,401	0.03	0	19,429.60
14	LF	2,246	0.03	0	18,175.25
15	L'VE	2,226	0.03	0	18,013.40
16	L'LL	2,022	0.03	0	16,362.52
17	SHE'S	1,750	0.02	0	14,161.37
18	DR	1,665	0.02	0	13,473.51
19	HOME	1,691	0.02	74	13,072.24
20	WORF	1,466	0.02	0	11,863.12

Figura 2. Lista de Palavras-Chave¹³ do *corpus* de estudo (baseada na Lista de Palavras com *stoplist*).

Essas listas iniciais foram construídas com uso de *stoplists*, com o objetivo de filtrar as ocorrências de palavras gramaticais (preposições, artigos, pronomes etc), uma vez que se pretende estudar as palavras que tem significado no contexto específico do *corpus* de estudo. As listas permitem as primeiras suposições sobre as características do vocabulário usado em *Star Trek*. Nota-se, por exemplo, que a palavra *captain* é, ao mesmo tempo, a mais frequente e a mais chave, o que condiz com o fato de que a maior parte da narrativa acontece dentro de espaçonaves cujo capitão é, sempre, um dos personagens principais.

Como o interesse deste estudo foi identificar UFs, o próximo passo foi encontrar palavras que co-ocorram frequentemente com os candidatos a termo constantes nas listas iniciais, constituindo frases. Na computação, a co-ocorrência de itens em uma cadeia de dados é denominada N-Grama. Em outras palavras, um N-Grama é uma porção de N itens ocorrendo próximos uns dos outros em um trecho de informação (CAVNAR, TRENKLE, 1994). Se a informação for linguística, os dados serão itens linguísticos como letras, sílabas ou palavras inteiras. Programas de análise lexical permitem visualizar N-Gramas formados por palavras

¹³ *Corpus* de referência usado para produzir a lista de palavras-chave: *COCA 100k Wordlist*

dentro de um *corpus*. No WST, os N-Gramas são denominados *clusters*. Um *cluster* é um conjunto de palavras que co-ocorrem com uma palavra inicial de busca, permitindo a observação de padrões de fraseologia a partir de linhas de concordância (SCOTT, 2014). Assim, para identificar UFs no *corpus* de estudo, foi usada a ferramenta de concordância¹⁴ do WST para visualizar *clusters* com as palavras-chave obtidas nas listas iniciais. A Figura 3, abaixo, demonstra alguns dos *clusters* (com duas palavras) mais frequentes com a palavra *captain*.

N	Cluster	Freq.	Set	Length
1	THE CAPTAIN	1,404		2
2	CAPTAIN KIRK	543		2
3	CAPTAIN I	380		2
4	TO CAPTAIN	334		2
5	AYE CAPTAIN	323		2
6	YOU CAPTAIN	322		2
7	CAPTAIN JANEWAY	306		2
8	CAPTAIN THE	267		2
9	CAPTAIN ARCHER	244		2
10	YES CAPTAIN	230		2
11	CAPTAIN WE	202		2
12	IS CAPTAIN	180		2
13	YOUR CAPTAIN	177		2
14	CAPTAIN SISCO	163		2
15	CAPTAIN YOU	143		2
16	TO THE CAPTAIN	142		3
17	THIS IS CAPTAIN	140		3
18	CAPTAIN AND	138		2
19	CAPTAIN OF	133		2
20	ME CAPTAIN	130		2

Figura 3. Lista de *clusters* com a palavra *captain*.

Como visto, a palavra *captain* está frequentemente associada a nomes próprios (Kirk, Janeway, Archer, Sisko), e também à palavra *aye*, entre outras. No WST, é possível expandir cada um desses *clusters*, visualizando-os em listas de linhas de concordância para observar o contexto em que ocorrem. A análise de contextos com a frase “*Aye, Captain*” permite concluir seu significado:

- 1) - I'll expect a full report in the morning.

¹⁴ No *WordSmith Tools* (e nos programas de análise lexical em geral), o levantamento de *clusters* é feito pela ferramenta de concordância.

- **Aye, captain.**

2) - Prepare to lock on to the crewmen.

- **Aye, Captain.**

3) - Lay in a course for the Tzenkethi border.

- **Aye, aye, Captain.**

4) - Scotty, lock the transporter on that small vessel. We're going to rescue that pilot.

- **Aye, aye, Captain.**

5) - Mr. Scott, lock phasers onto our coordinates.

- **Aye, captain.** All phasers locked on.

Pelo contexto, podemos concluir que “*Aye, Captain*” é uma frase dita por membros da tripulação ao obedecer às ordens dadas pelo capitão. É uma *lexia* usada com frequência, de forma fixa, e sempre no mesmo contexto (após uma instrução dada pelo capitão), o que a torna uma candidata a UF.

Seguindo os mesmos passos, podemos encontrar outros possíveis candidatos a UF, como demonstrado a seguir:

6) - We must evacuate decks 20 to 24.

- **Make it so.** Shut down life support to those decks.

7) - Captain, transfer complete, we are ready to leave orbit.

- **Make it so,** Number One.

8) - Can you modify an emergency beacon to operate on UV?

- Yes, sir.

- **Make it so.**

9) - Course for Station McKinley laid in.

- **Make it so,** Number One.

10) - I recommend we launch a probe.

- **Make it so.**

Na Figura 2, a palavra *make* ocupa o 6º lugar na lista de palavras-chave, o que sugere que seu uso no vocabulário de *Star Trek* pode aparecer em contextos passíveis de análise. Com efeito, foram encontradas 99 ocorrências da frase “*Make it so*”, entre outras *lexias* com *make*. A análise de contextos como os exemplificados acima demonstra que essa frase sempre é usada

pelo capitão da nave em resposta a um membro da tripulação, orientando o cumprimento de determinada tarefa. O número de ocorrências, o contexto e a fixidez da frase indicam um possível candidato a UF.

Vejamos outros contextos:

- 11) Our **warp core** is designed to operate for up to three years before refueling.
- 12) - Mr. La Forge, prepare to initiate **warp drive**.
- There's too much interference to form a **warp field**.
- 13) - **Warp engines** are now available.
- Very good. Number One, get us to Daled as quickly as possible.
- 14) At **maximum warp**, we can be there in less than three days.
- 15) Commander Tucker believes it's safe to maintain this **warp factor**.
- 16) - Helm, give us **warp speed**.
- Warp one, sir.
- 17) I remember. The ship was destroyed by a **warp-core breach**.

Nos contextos acima, as lexias destacadas são formadas a partir da palavra *warp*, que ocupa a 12ª posição na lista de palavras-chave. O número total de ocorrências de cada uma dessas lexias está detalhado no Quadro 1. Pelos contextos, observa-se que *warp* está relacionado à velocidade da espaçonave e aos equipamentos necessários para obter essa velocidade. Pela ocorrência frequente e estrutura fixa, essas lexias podem ser consideradas candidatas a UF e, também, a termos, integrando o vocabulário específico de *Star Trek*.

Quadro 1. Lexias com a palavra *warp* e número de ocorrências.

Lexias com a palavra <i>warp</i>	Número de Ocorrências
<i>warp core</i>	260
<i>warp drive</i>	249
<i>warp engines</i>	128
<i>warp field</i>	114
<i>maximum warp</i>	105
<i>warp factor</i>	89
<i>warp speed</i>	83
<i>warp core breach</i>	44

Foram apresentados alguns exemplos de lexias formadas a partir de palavras-chave encontradas no *corpus* de estudo. Destacam-se as UFs formadas a partir da palavra *warp*, que ocorrem com grande frequência e são termos específicos da série, de grande relevância na narrativa. Seria possível continuar a análise e encontrar ainda mais lexias, usando o procedimento demonstrado ou outros métodos e ferramentas; no entanto, este trabalho não objetiva a identificação e descrição exaustiva dos fraseologismos em *Star Trek*, bastando demonstrar alguns exemplos que evidenciam a presença desse vocabulário específico.

Todas essas lexias foram encontradas a partir de uma abordagem *corpus-driven*, pela observação de *clusters* com as palavras-chave encontradas pelas ferramentas do WST. Essa análise direcionada pelo *corpus* poderia ter sido feita por qualquer pesquisador que usasse o mesmo *corpus* de estudo e as mesmas ferramentas. Ou seja, nesse caso, não seria necessário ter conhecimento prévio sobre o vocabulário da série, ou ser um fã de *Star Trek*, para encontrar as mesmas UFs ou outros exemplos.

5. Identificação de UFs em *Star Trek*: abordagem *corpus-based*

Como visto, em uma abordagem baseada em *corpus*, supõe-se que há conhecimento prévio sobre determinado objeto de estudo dentro do *corpus*, e se pretende usar a metodologia da LC para confirmar a existência desse objeto ou analisar suas características mais detalhadamente. Assim, diferentemente da abordagem anterior, foram estabelecidas previamente algumas lexias de interesse, já conhecidas dentro do universo de *Star Trek*, para um estudo aprofundado.

Certas frases enunciadas por personagens da série são amplamente conhecidas pelos fãs. Algumas delas ocorrem com grande frequência; outras ocorreram apenas uma ou algumas vezes, mas o contexto em que apareceram foi o suficiente para torná-las favoritas. Informalmente, esse tipo de frase pode ser chamado de *catchphrase*; ou seja, são frases que, devido ao seu uso peculiar, “pegaram” e passaram a ser comumente usadas e referidas. É comum encontrar artigos sobre o assunto na *internet*, como Marshall (2013) e outros.

O interessante é que o uso lúdico dessas frases pelos fãs, de forma literal ou metafórica, costuma produzir ressignificações e novas formas de expressão. Com base nisso, as frases listadas abaixo foram selecionadas para uma análise detalhada porque, supõe-se, podem ser fraseologismos ou, ao menos, ocorrer de forma peculiar, já que são amplamente conhecidas pelos fãs e frequentemente usadas para remeter à série ou de forma ressignificada, como será

possível observar nos exemplos que serão listados. A observação de exemplos do seu contexto de uso determinará se são ou não UFs:

- a) Space, the final frontier.
- b) To boldly go where no man has gone before.
- c) Beam me up, Scotty!¹⁵

A seguir, essas frases serão analisadas tanto no *corpus* de estudo quanto em outros *corpora* de língua inglesa, buscando demonstrar seus significados tanto dentro quanto fora da narrativa fictícia da série.

No *corpus* de estudo, as frases *a* e *b* ocorrem nas séries *The Original Series*, *The Animated Series*, e *The Next Generation*. Na entrada de cada episódio dessas séries, um personagem profere a seguinte mensagem, que diz respeito à sua missão:

Space, the final frontier. These are the voyages of the starship Enterprise. Its five-year mission: to explore strange new worlds, to seek out new life and new civilizations, to boldly go where no man has gone before.

A mensagem sofre algumas alterações durante os anos de produção das diferentes séries. A frase *a* ocorre 272 vezes. A frase *b*, exatamente como escrita acima, ocorre 101 vezes. Há uma variação da frase em que a palavra *one* é usada ao invés de *man* (*To boldly go where no one has gone before*). Essa variação ocorre 175 vezes. Observa-se, ainda, que a frase com *man* ocorre apenas em episódios da série original da década de 60, enquanto a frase com *one* ocorre em episódios das séries *The Next Generation* e *The Animated Series*, que foram produzidas depois da série original. Isso indica que os produtores substituíram *man* por *one* em produções mais recentes, provavelmente em uma tentativa de tornar o vocabulário mais neutro em relação aos gêneros.

Dentro da narrativa de *Star Trek*, essas frases não são UFs. Embora apareçam com frequência e sejam fixas, seu significado não pode ser unificado como explicado por Welker (2004), e são, portanto, sintagmas livres. No entanto, a mensagem inicial da entrada de cada episódio tornou-se amplamente conhecida e referida pelos fãs, ultrapassando a narrativa e

¹⁵ Conforme será explicado mais adiante neste texto, essa frase não ocorre no *corpus* de estudo exatamente como escrita aqui. “*Beam me up, Scotty!*” é uma expressão comumente usada pelos fãs a partir da condensação do verbo frasal *beam up*, que se tornou comum a ponto de ser dicionarizado, como em Prucher (2007).

chegando à língua corrente. É possível observar o uso dessas lexias na língua inglesa em um *corpus* monitor como o COCA, que possui 450 milhões de palavras e cuja extensão vai desde 1990 até 2012 (no momento da redação deste texto), incluindo textos de cinco diferentes gêneros: língua falada, ficção, revista, jornal e texto acadêmico.

Alguns exemplos de uso da frase *the final frontier*, retirados do COCA:

18) - And I know, Dr. Herr, that you are now about to do something that would be even revolutionary stuff, which is people who are having their legs amputated above the knee. Sort of been **the final frontier** in terms of the technology until now, right?
- Yes, we're just now offering this technology for people that are amputated about the knee. So, we're just -- from the ground up, we're rebuilding people.

19) - Bill, that has a wonderful beat. You can dance to that.
- You can, but I can't.
[laughter]
- No, I just can't -- if I could dance, that would be the -- that's **the final frontier** for me. If I could do that, I probably do anything.

20) - Let's get you, Amy, away from the piano a bit. Have you sing. Now is it embarrassing to sing?
- Yes. It's **the final frontier**.

Nos exemplos acima, a frase é uma UF, porque aparece de forma metafórica com significado unificado. No primeiro exemplo, representa um estágio de desenvolvimento científico considerado uma “fronteira final”, uma barreira tecnológica a ser ultrapassada. No segundo e terceiro exemplos, representa um obstáculo pessoal de grande significância.

Embora *the final frontier* seja uma UF quando usada em contextos como os citados, resta saber se é um fraseologismo que surgiu do vocabulário de *Star Trek*, ou se existe na língua inglesa de maneira independente. Afinal, a intuição nos leva a crer que é plenamente possível usar essa frase de forma metafórica sem a influência da série.

Uma maneira de buscar evidências da influência de *Star Trek* no vocabulário da língua corrente é usar um *corpus* que permita uma análise diacrônica, possibilitando visualizar a evolução do uso de determinada frase ao longo do tempo. Considerando-se que *Star Trek* começou em 1966, o COCA não permite essa análise, pois sua amostra da língua começa no ano de 1990. Um *corpus* mais apropriado para esse tipo de consulta é o *Google Books*, que reúne milhões de livros e revistas em várias línguas, conta com mais de um trilhão de *tokens*, e tem um escopo que se inicia a partir do ano de 1500. A ferramenta *Google Ngram Viewer*

permite a visualização de N-Gramas provindos do *Google Books*. A Figura 4, abaixo, exhibe a distribuição de ocorrências de *the final frontier* nesse *corpus* a partir de 1900.



Figura 4. Ocorrências de *the final frontier* a partir de 1900. O eixo vertical do gráfico representa a porcentagem normalizada de ocorrências dessa frase em relação ao restante dos N-Gramas indexados pela ferramenta em um dado ano. Fonte: *Google Books Ngram Viewer*.

O gráfico mostra que já havia ocorrências da frase antes da existência de *Star Trek*. No entanto, há um visível aumento do uso da frase a partir da década de 80, cerca de 15 anos após o início da série. Esses dados podem ser interpretados como indicação de uma possível influência da série no vocabulário da língua corrente, embora de maneira inconclusiva.

A ferramenta permite, ainda, visualizar os contextos de uso da frase, representados no gráfico, a partir de exemplos do banco de dados do *Google Books*. O Google disponibiliza algumas obras completas para visualização e outras apenas em forma de fragmentos ou *snippets*. A seguir, alguns exemplos de *the final frontier* encontrados entre 1950 e 1962 (antes da existência de *Star Trek*):

- 21) Additional official luggage of the two Parties shall likewise be passed without customs inspection if it carries customs seals and if measures are taken that this luggage be handed over to the couriers only at **the final frontier** point. (1950)
- 22) This provisional, ethnic, and minimum border had few intrinsic merits, and "both the French and the Americans believed that **the final frontier** line should be farther to the east." (1962)
- 23) Men and women of science are pushing toward **the final frontier** of infectious disease, toward the day when mankind will no longer be at the mercy of such invaders. (1952)
- 24) For this immense moment in history will be the launching of the first earth satellite vehicle, man's first exploratory step in the conquest of **the final**

frontier — space itself. (1957)

Os dois primeiros exemplos evidenciam usos literais da frase, referindo-se à fronteira entre países vizinhos, o que é reforçado pelas palavras *point*, no exemplo 21, e *line*, no exemplo 22. O terceiro exemplo é uma UF, com sentido semelhante aos contextos retirados do COCA e demonstrados anteriormente (uma barreira ou obstáculo a ser ultrapassado). No último exemplo, a frase é utilizada de forma muito semelhante ao modo como aparece na série, mostrando de forma clara que a ideia do espaço como a última fronteira já existia antes de *Star Trek*.

O seguinte exemplo é de 1999, também retirado do *Google Books*:

- 25) Perhaps, contrary to popular belief, the neural network of the human brain is truly **the final frontier**, and our greatest mission is to **go to places where no one has gone before**.

Nesse exemplo, o vocabulário usado tem, claramente, influência da série: foi retirado de um texto escrito após o início de *Star Trek*, menciona uma missão, e finaliza com uma variação da frase *b*, listada anteriormente.

Considerando esses dados, é possível concluir que a frase *the final frontier* sempre existiu na língua, tanto de forma literal quanto metaforicamente. No entanto, seu uso foi, possivelmente, popularizado após a criação de *Star Trek*.

Vejam, agora, alguns exemplos da frase *b*, provindos do COCA:

- 26) Costing nearly \$100 million, this three-acre high-tech greenhouse, sealed from the outside and completely self-sufficient, will become home to eight humans, a few wide-eyed primates and a creeping, crawling, climbing cast of thousands - a Noah's Ark in the desert, **boldly going where no ecologist has gone before**.
- 27) If you want to live more dangerously, go with a brand-new 100-MHz Pentium, a Cyrix MI, or an AMD K5. You can be the first in your town **to boldly go where no computer user has gone before**.
- 28) To coin a phrase, Sister Wendy Beckett is a riddle wrapped in an enigma wrapped in a habit, a combination that's worked with British audiences, and those in America can now look forward to watching this nun who **boldly goes where no nun has gone before**.

Aqui, a frase é uma UF que tem o sentido metafórico de aventurar-se de forma ousada e trilhar caminhos previamente inexplorados. Além desse valor semântico, a frase possui uma estrutura peculiar. Os exemplos demonstram a frequente substituição da palavra *man* por outra palavra que se adeque ao contexto do que está sendo dito. A derivação, como ocorre com o verbo *go* (*going*), é esperada em qualquer UF, para adaptar a lexia à estrutura do restante da frase. Observa-se, também, que o advérbio *boldly* foi usado, sempre, antes do verbo *go*, assim como no original em *Star Trek*. Isso é uma ocorrência incomum na língua inglesa, uma vez que os advérbios costumam ser usados após os verbos. Essa construção invertida é chamada de *split infinitive*¹⁶ e, na verdade, *to boldly go where no man has gone before* é um dos exemplos mais conhecidos dessa estrutura, de acordo com a *Wikipedia*¹⁷ (ver artigo: *Split Infinitive*, em inglês) e com Edmondson (2013). Há controvérsias sobre o uso do *split infinitive*, e algumas gramáticas consideram essa uma construção incorreta, uma vez que, no latim, o infinitivo é formado por uma única palavra; portanto, separá-lo seria incorreto. Sobre a frase em *Star Trek*, Edmondson (2013) escreveu em seu *blog*:

Não há problemas com *split infinitives*, se usados com cuidado. Na frase de *Star Trek*, “*To boldly go where no man has gone before*,” a sentença não teria o mesmo efeito se fosse formulada de maneira diferente. Por exemplo: “*To go boldly where no man has gone before*,” ou “*To go where no man has gone before boldly*”. Essas últimas duas sentenças simplesmente não têm o mesmo efeito. (EDMONDSON, 2013¹⁸)

Este trabalho advoga que, se se considerar que *split infinitives* são construções que cabem no sistema da língua inglesa, não há motivo para considerá-las incorretas, o que seria uma postura excessivamente prescritiva. Em todo caso, para esta análise, a estrutura incomum tem a vantagem de tornar a frase em questão ainda mais singular.

¹⁶A construction consisting of an infinitive with an adverb or other word inserted between *to* and the verb, e.g., *she seems to really like it*. (Fonte: www.oxforddictionaries.com). Em português: Uma construção que consiste em um infinitivo com um advérbio (ou outra palavra) inserido entre o *to* e o verbo, por exemplo: *she seems to really like it*.

¹⁷ Neste caso, considera-se que a *Wikipedia* é uma referência relevante, já que *Star Trek* é uma série popular com informações amplamente disponibilizadas e discutidas no ambiente da internet.

¹⁸ No original: I think split infinitives are okay if used with caution. In the *Star Trek* statement, “*To boldly go where no man has gone before*,” the sentence would not have the same effect if it were worded differently. E.g., “*To go boldly where no man has gone before*,” or “*To go where no man has gone before boldly*”. These last two sentences just don’t have the same effect.

Um fato curioso sobre essa UF: há uma passagem na novela *The Dream-Quest of Unknown Kadath*, de H. P. Lovecraft, que contém uma frase muito parecida, o que leva alguns fãs a indagar se não seria essa uma possível fonte de inspiração:

At length, sick with longing for those glittering sunset streets and cryptical hill lanes among ancient tiled roofs, nor able sleeping or waking to drive them from his mind, Carter **resolved to go with bold entreaty whither no man had gone before**, and dare the icy deserts through the dark to where unknown Kadath, veiled in cloud and crowned with unimagined stars, holds secret and nocturnal the onyx castle of the Great Ones. (LOVECRAFT, 1943)

Independentemente da inspiração original que levou à formulação da frase em *Star Trek*, o fato é que a forma como está escrita na série é a que se tornou popular e se transformou em uma UF, em determinados contextos. A Figura 5 ilustra a distribuição de ocorrências de *where no man has gone* no *Google Books* a partir de 1900 (a ferramenta possui um limite máximo de cinco palavras por N-Grama):



Figura 5. Ocorrências de *where no man has gone* a partir de 1900. O eixo vertical do gráfico representa a porcentagem normalizada de ocorrências dessa frase em relação ao restante dos N-Gramas indexados pela ferramenta em um dado ano. Fonte: *Google Books Ngram Viewer*.

A interpretação desse gráfico pode ser feita mais diretamente do que o da frase anterior (Figura 4). Ocorrências da frase são praticamente inexistentes antes da metade da década de 60, quando *Star Trek* foi criado. O gráfico parece mostrar uma quantidade mínima de ocorrências em meados das décadas de 30 e 50. No entanto, uma análise de contextos pertencentes a essa época demonstrou que essas ocorrências aparecem erroneamente datadas no gráfico, pois se referem a um livro de 1989. Apesar dessas possíveis imperfeições da ferramenta, parece claro que se trata de uma UF que existe por influência da série. Um adendo: é importante lembrar que, apesar de sua grande extensão, o *corpus* do *Google Books* possui apenas livros e revistas em sua amostra. Um *corpus* com a mesma extensão, mas com maior variedade de gêneros

textuais, incluindo transcrições de língua falada, provavelmente forneceria evidências ainda mais consistentes.

Por fim, analisemos as características da frase *c*, “*Beam me up, Scotty*”. Apesar de ser uma frase de conhecimento geral, curiosamente, não há nenhuma ocorrência de uma construção usando exatamente essas palavras no *corpus* de estudo. Ao invés disso, aparecem exemplos como os seguintes:

29) **Beam me** home, Riker.

30) **Beam me up**, Mr. Spock.

31) Prepare to **beam up** party of four.

32) Two to **beam up**, **Scotty**.

33) Three to **beam up**, **Mr. Scott**.

Assim como as frases *a* e *b*, dentro da narrativa de *Star Trek*, essa frase tem um sentido literal. Comumente, na série, um grupo de personagens realiza missões na superfície de um planeta, enquanto sua espaçonave permanece em órbita. Ao fim da missão, os personagens na superfície usam a frase *beam up*, como nos contextos acima, para solicitar um teletransporte de volta à nave. Nesse contexto fictício, isso é feito por meio de um raio transportador (*beam*) emitido pela nave, que está acima do planeta (*up*). Na série original, “Scotty” é o engenheiro-chefe da espaçonave, e opera o equipamento do raio transportador.

No entanto, da mesma forma como ocorreu com as frases *a* e *b*, “*Beam me up, Scotty*” pode deixar de ter um significado literal e ser resignificada quando usada na língua corrente, tornando-se uma UF, como pode ser observado nos exemplos do COCA, a seguir:

34) Hornbeck took off his jacket and sat at the table. The hot kitchen smelled of old grease and Lysol, and now, of him. A covered aluminum pot rattled on the stove, steam jetting from the lid. “**Beam me up, Scotty**,” he sighed.

35) This is the science of Star Trek. No other fictional science has so thoroughly weaved its way into the fibers of our culture. If you express frustration by saying “**beam me up, Scotty**,” chances are darned good that the person you're talking to will know exactly what you're talking about.

O primeiro exemplo é uma narrativa durante a qual o personagem usa a frase como uma UF, para expressar frustração com a situação. O segundo exemplo é, na verdade, um contexto explicativo, que afirma justamente que a frase é comumente usada como uma UF para expressar frustração. Outro exemplo encontrado no *Google Books* segue essa mesma linha de sentido:

36) The minute it was over, I was wishing I were in another city. No, another country. **Beam me up, Scotty.**

Nesse exemplo, a UF foi usada para expressar o desejo de sair rapidamente ou desaparecer para evitar uma situação negativa.

Pode-se dizer que essa frase é a mais facilmente identificável como uma UF originada em *Star Trek* e ressignificada na língua corrente. Com efeito, “*Beam me up, Scotty*” é uma UF tão comum, que foi dicionarizada como uma expressão “usada figurativamente para expressar incredulidade ou um desejo de partir rapidamente” (PRUCHER, 2007, p. 13¹⁹). Seguindo o mesmo raciocínio das duas figuras anteriores, a Figura 6 demonstra a distribuição de ocorrências de *beam me up scotty* no *Google Books*:



Figura 6. Ocorrências de *beam me up scotty* a partir de 1900. O eixo vertical do gráfico representa a porcentagem normalizada de ocorrências dessa frase em relação ao restante dos N-Gramas indexados pela ferramenta em um dado ano. Fonte: *Google Books Ngram Viewer*.

Nesse caso, usando como base os dados do *Google Books*, a frase (aparentemente) passou a existir como UF na língua inglesa a partir da metade da década de 70, pouco depois do início de *Star Trek*. Esse e os demais dados são evidências que indicam que a frase seria uma UF originada na série.

¹⁹ No original: **beam me up (Scotty)** used figuratively to express disbelief or a desire to depart quickly.

Esta seção demonstrou exemplos de frases de *Star Trek* que, em maior ou menor medida, ultrapassaram o vocabulário da narrativa e passaram a ser usadas de forma corrente como UFs. Destaca-se a expressão “*Beam me up, Scotty,*” que foi ressignificada a ponto de se tornar uma expressão idiomática no inglês, demonstrando a influência do universo de discurso ficcional na língua corrente.

A abordagem adotada, nesse segundo momento, foi a *corpus-based*. Partiu-se do conhecimento prévio sobre as frases analisadas, e comprovou-se a hipótese (em alguns casos, apenas parcialmente) de que essas frases podem existir como UFs no léxico da língua inglesa. Dado tempo suficiente, um linguista poderia fazer uma análise semelhante com uma abordagem *corpus-driven*. No entanto, poderia ser necessária uma grande quantidade de tempo e análise (ou ajuda do acaso) até que as três frases aqui apresentadas emergissem dos dados, ou até que o pesquisador dirigisse seu olhar para elas, sem saber previamente de sua existência. A frase “*Beam me up, Scotty,*” especialmente, poderia demorar a aparecer nos dados, uma vez que essa frase não existe, formulada exatamente dessa maneira, no *corpus* de estudo.

6. Considerações finais

Este artigo enunciou as principais teorias relacionadas aos trabalhos com o léxico com o auxílio de *corpora*. Mais especificamente, buscou-se estabelecer um paralelo entre a base teórica da Etnoterminologia e a análise do vocabulário em uma obra de ficção científica, *Star Trek*, um objetivo que foi alcançado ao se demonstrar que o universo de discurso dessa série possui cultura e vocabulário próprios.

Seguindo as premissas da TCT, foi usado um *corpus* de estudo e *corpora* da língua inglesa geral para a obtenção de exemplos pragmáticos das unidades terminológicas de interesse. Os contextos de uso encontrados nesses *corpora* permitiram a identificação de fraseologismos no vocabulário de *Star Trek*, tanto a partir de uma abordagem *corpus-driven* quanto de uma abordagem *corpus-based*. O percurso utilizado para a obtenção dos dados buscou demonstrar que as duas abordagens podem ser usadas de forma complementar, havendo espaço tanto para a observação de dados empíricos encontrados de forma concreta quanto para a intuição individual e conhecimento prévio.

Neste ou em qualquer outro trabalho que faça uso de *corpora*, o caminho metodológico da Linguística de *Corpus* exige o manuseio de dados tanto de forma quantitativa, considerando

informações sobre o número de ocorrências e co-ocorrências de padrões lexicogramaticais, quanto qualitativa, examinando os dados e propondo interpretações.

Em suma, *Star Trek* provou ser um terreno fértil para os estudos do léxico, de forma que se propõe que mais estudos como este sejam feitos, a partir de universos de discurso de outras obras de ficção científica, uma vez que, pelo menos no caso dos *corpora* compostos por legendas de filmes e séries, as informações podem ser obtidas com relativa facilidade e de forma gratuita, e contrastadas com outros *corpora* de grande representatividade e também disponibilizados gratuitamente para consulta *on-line*. O linguista moderno possui ao seu dispor um número cada vez maior de ferramentas para a análise e descrição do seu objeto de estudo, a língua, garantindo vida longa e próspera aos estudos linguísticos.

Referências Bibliográficas

BANG, M.; FROMM, G. Terminologia em série: House M. D. In: **EntreLetras**, v. 4, n. 2. Araguaína: UFT, 2013. Disponível em: www.uft.edu.br/pgletras/revista/capitulos/8_terminologia_em_s%C3%A9rie.pdf. Acesso em 10 de dez. 2013.

BARBOSA, M. A. Para uma Etno-Terminologia: Recortes Epistemológicos. In: **Ciência e Cultura**, Campinas, v. 58, n. 2, p. 49-51, 2006.

BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O.M.; Silva, F. (Org.). **Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. 1ªed.Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. 2,p. 747-757, 2005.

CABRÉ, M. T. **La Terminologia**: teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Antartida/Empuries, 1993.

CAVNAR, W. B., TRENKLE, J. M. **N-gram-based text categorization**. Michigan: Environmental Research Institute of Michigan, 1994.

DAVIES, M. **The Corpus of Contemporary American English**: 450 million words, 1990-present. 2008. Disponível em:<http://corpus.byu.edu/coca>. Acesso em 25 de ago. 2014.

EDMONDSON, R. **What is a Split Infinitive**: Grammar Guide.2013. Disponível em: http://hubpages.com/hub/Grammar_Mishaps__To_Boldly_Go_Where_No_Man_Has_Gone_Before. Acesso em 31 de ago. 2014

LOVECRAFT, H. P. The Dream-Quest of Unknown Kadath. In: **Beyond the Wall of Sleep**, Arkham House, 1943. Disponível em: http://en.wikisource.org/wiki/The_Dream-Quest_of_Unknown_Kadath. Acessoem: 01 de set. 2014.

MICHAEL, J. B., et al. Quantitative Analysis of Culture Using Millions of Digitized Books. **Science**, 2010.

MARSHALL, R. **The Origins of 11 Famous Star Trek Lines**. 2013. Disponível em: <http://mentalfloss.com/article/50607/origins-11-famous-star-trek-lines>. Acesso em 01 de set. 2014.

OLIVEIRA, L. H. M.; MÜLLER, A. F. A. Terminologia e a Utilização de Ferramentas Computacionais de Análise de *Corpus*. In: TAGNIN, S. E. O.; BEVILACQUA, C. (Org.) **Corpora na Terminologia**. São Paulo: Hub Editorial, p. 47-61, 2013.

PRUCHER, J. **Brave New Words: The Oxford Dictionary of Science Fiction**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

SALES, R. Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) como Aporte Teórico para a Representação do Conhecimento Especializado. In: **VIII ENANCIB – Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**. Salvador, 2007. Disponível em www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT2--036.pdf. Acesso em 27 de fev. 2014.

SCOTT, M. **WordSmith Tools**. Versão 5. Oxford: Oxford University Press, 2008.

_____. **WordSmith Tools Help**. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2014.

SILVA, M. B. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. In: **Revista de Letras**, Universidade Federal do Ceará, v. 1/2m n. 28, p. 11–20, 2006.

TAGNIN, S. E. O.; BEVILACQUA, C. **Corpora na Terminologia** (Introdução do livro). São Paulo: Hub Editorial, 2013.

TOGNINI-BONELLI, E. **Corpus Linguistics at Work**. Amsterdam e Philadelphia: John Benjamins, 2001. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1075/scl.6>

WELKER, H. A. **Dicionários** - uma pequena introdução à lexicografia. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2004.

Artigo recebido em: 03.09.2014

Artigo aprovado em: 19.11.2014

“Dar uma colher de chá”: uma análise de expressões idiomáticas em dicionários de língua portuguesa

“Cut some slack”: an analysis of idioms in Portuguese language dictionaries

Gislene Lima Carvalho*

RESUMO: As expressões idiomáticas se caracterizam por serem compostas por duas ou mais palavras e apresentarem um significado opaco, não compreensível pela soma das palavras que as compõem. Devido a estas características, o ensino/aprendizagem destes elementos linguísticos se torna difícil ou sequer é mencionado em materiais de ensino como livros didáticos e dicionários. Considerando que o dicionário serve de apoio ao aprendizado do léxico por estudantes nativos e estrangeiros, neste trabalho temos o objetivo de analisar qual o tratamento dispensado às expressões idiomáticas em dicionários de português língua materna e de língua estrangeira com base nas classificações propostas pelos dicionaristas. Este trabalho é fruto de uma pesquisa-piloto realizada no âmbito do grupo Lexicografia, Terminologia e Ensino (LETENS) da Universidade Estadual do Ceará (UECE) que desenvolve pesquisas sobre e nos dicionários.

ABSTRACT: Idioms are characterized by being composed of two or more words and submit one opaque meaning, not understandable by the sum of their words. Due to these characteristics, the teaching / learning of these linguistic elements become difficult and they are scarcely mentioned in teaching materials like textbooks and dictionaries. Whereas the dictionary serves to support the learning of vocabulary by native and foreign students, in this paper we aim to analyze the treatment given to idioms in dictionaries of Portuguese native language and foreign language based on classifications proposed by lexicographers. This work is a pilot study conducted under Lexicography, Terminology and Teaching Group (LETENS) of Universidade Estadual do Ceará (UECE) that develops research in dictionaries.

PALAVRAS-CHAVE: Expressões idiomáticas. Dicionários. Cultura. Léxico.

KEYWORDS: Idioms. Dictionary. Culture. Lexicon.

1. Considerações iniciais

O léxico corresponde ao vocabulário usado pelos falantes para a comunicação. É com o uso dos elementos lexicais que os falantes interagem, trocam informações, vivenciando o ato comunicativo. Léxico é, portanto, elemento de veiculação de significados, sendo de total relevância para a comunicação linguística.

O léxico é formado pelo conjunto de vocábulos que existem em determinada língua e é tido como o patrimônio linguístico da sociedade que o utiliza. É um conjunto complexo que,

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

como afirma Biderman (2005, p. 747), “inclui unidades muito heterogêneas – desde monossílabos e vocábulos simples até sequências completas formadas de vários vocábulos e mesmo frases inteiras...”.

Ele está composto de estruturas distintas que compõem o conjunto de elementos utilizados na interação verbal e que estão armazenadas também na memória linguística dos falantes. Estas estruturas podem ser simples, uma só palavra, ou compostas, formadas por duas ou mais palavras. São as chamadas lexias complexas, dentre as quais estão os fraseologismos, objeto de análise neste artigo.

Contudo, o léxico não é uma entidade autônoma. Ele sofre a influência direta de fatores externos que irão contribuir para sua formação, entre eles: a cultura, contato com outras línguas, arcaísmos, neologismos, enfim, as experiências dos falantes determinam as mudanças pelas quais passará o léxico de uma sociedade.

É através do léxico que percebemos as mudanças de uma língua, pois ele reflete diretamente as influências internas e externas. Ele está relacionado ao conhecimento da comunidade na qual se insere e às formas que essa comunidade interpreta o mundo que a cerca. Como afirmam Carvalho e Bagno (2011, p. 9), o léxico:

está sempre em processo de formação: a todo momento, novas palavras são incorporadas ao patrimônio lexical do idioma, assim como antigas palavras perdem e/ou ganham novos sentidos, decorrentes das práticas sociais da linguagem.

O conjunto lexical de um povo engloba as variadas maneiras de expressar-se verbalmente, utilizadas pelos falantes. Além das palavras comuns de uso e conhecimento universal, cada sociedade desenvolve e mantém um grupo de expressões peculiares que, muitas vezes, são motivos de dificuldades na comunicação, uma vez que, para que seu significado seja compreendido, é necessário que os interlocutores compartilhem da mesma cultura. Estas unidades são criadas para a transmissão de ideias ou sentimentos que a língua em si não contempla, transmitem a visão de mundo, costumes e ideologias dos falantes, sendo, pois, representação cultural de um povo. Dentre estas, encontramos as expressões idiomáticas, elementos que tentaremos definir a seguir relacionando-as à cultura.

2. Cultura e expressões idiomáticas

A concepção primeira de cultura remete aos gregos e refere-se a conhecimento, educação e expressões artísticas praticadas por alguém. Esta visão de cultura privilegia os letrados e considera que apenas estes eram detentores de cultura. Assim, cultura resumia-se a conhecimento e saber literário ou artístico.

Em uma rápida consulta ao verbete *cultura* nos dicionários - Aurélio (2010), Houaiss (2004) e Dicionário da Academia Brasileira de Letras (2008) -, encontramos como primeira acepção o ato de cultivar a terra. Em uma segunda acepção, temos cultura referindo-se a comportamento, crenças, costumes e manifestações artísticas típicas de um povo e que são transmitidas coletivamente às novas gerações. Nesta segunda definição, entendemos cultura como toda e qualquer manifestação de um povo, sem distinção de classe social.

Sob esta visão mais ampla do termo, reconhecemos que todas as sociedades, seja antiga ou moderna, apresentam visões de mundo, costumes e crenças que definem sua forma de viver e que identificam e personalizam os indivíduos pertencentes a elas, sem as quais, segundo Geertz (1989), o homem não existiria. Estas visões caracterizam a carga cultural deste povo e a cultura tem se tornado tema de inúmeros trabalhos que tentaram definir e delimitar o que é cultura.

O desafio de ensinar uma língua, atualmente, tem trazido à tona o debate sobre a importância da cultura e da participação desta no processo de ensino-aprendizagem. Isto, segundo Kramsch (1996, p. 1), deve-se ao fato de que os “educadores temem que a simples aquisição de sistemas linguísticos não seja garantia de paz e compreensão mundial.”¹ O fato é que a cultura passou a fazer parte das salas de aula. No entanto, a definição do que seja cultura ainda é algo que apresenta variadas faces e gera controvérsias.

O conceito de cultura perpassa diversas áreas do saber – antropologia, educação, psicologia - podendo referir-se aos costumes de uma sociedade, conhecimento adquirido por esta sociedade ao longo do tempo, ou comportamento desta diante da vida e sua forma de encará-la. Tudo isso forma a cultura de um povo. Como afirma Ortíz Alvarez (2002, p. 158),

[...] cada sociedade tem características próprias que a diferencia das demais, o conteúdo do que é cultura, sua dinâmica e sua importância, enfim, tudo isso deve variar bastante de uma comunidade para outra, inclusive dentro de uma mesma também acontece, portanto, seria mais do que interessante e de grande

¹ Tradução nossa do original: “Educators fear that the mere acquisition of linguistic systems is no guarantee of international peace and understanding.” (p.1)

motivação, com certeza imprescindível, o estudo e análise dos valores culturais da língua-alvo.

Portanto, há variadas definições de cultura que vão além da distinção culto-inculto, erudito ou popular. Propõe-se cultura como tudo o que é aprendido, adquirido por um povo e passado de geração a geração. Assim, são manifestações culturais: a música, a dança, os costumes, a culinária e, principalmente, a linguagem. Nesse sentido, o meio de comunicação e, do mesmo modo o uso da língua, é forma representativa desta cultura.

Em uma visão mais ampla, o termo também pode ser usado para fazer menção a um conjunto de elementos artísticos de dada comunidade ou comportamentos comuns a esta. Geertz (1989) define cultura com um conjunto de mecanismos de controle - planos, receitas, regras, instruções - para governar o comportamento. Concordamos que estes mecanismos são adquiridos, porém não se restringem a conhecimento literário ou artístico, mas sim “conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo [ser humano] como membro de uma sociedade”. (EDWARD TYLOR [1871] apud LARAIA, 1986, p. 25).

Esta noção mais abrangente de cultura é utilizada para referir-se às formas de viver e de agir de um povo, bem como suas manifestações artísticas, vestimentas, comportamento, literatura, língua e tudo o que lhe seja peculiar. É essa concepção ampla de cultura como conhecimento, ideias e crenças que determinam a vida social de um grupo ou nação, que adotaremos neste trabalho.

Dentre as manifestações culturais, entendemos linguagem como um dos componentes da cultura. É uma manifestação cultural que individualiza, de certa forma, a maneira de se expressar de cada sociedade e que deve ser ensinada e aprendida em relação com os costumes da comunidade de fala em questão. A língua é, portanto, elemento de valor social e está intimamente relacionada à cultura do povo que a utiliza.

Nesta perspectiva, abordaremos a relação existente entre cultura e língua. Acreditando que são lexias indissociáveis, utilizaremos, pois, o termo língua-cultura, pois “a linguagem é um dos principais componentes da cultura” (FONTES, 2002, p. 178), e “uma das principais formas em que a cultura se manifesta”² (KRAMSCH, 1996, p.3), não podendo língua ser vista dissociada da cultura ou vice-versa. Esta relação torna-se mais perceptível no ensino de línguas.

² Tradução nossa do original: “One of the major ways in which culture manifests itself is through language.” (p.3)

Quando falamos em língua-cultura, estamos falando da estreita relação que existe entre a língua de um povo e a cultura por ele compartilhada. Dentro do léxico de um idioma, existem expressões que representam a cultura de maneira mais clara por terem seus significados convencionados a partir dela, são as expressões idiomáticas, elementos que definiremos a seguir.

A linguagem verbal é composta por lexias simples, compostas, complexas e textuais (POTTIER, 1975). As simples são compostas por apenas uma palavra, as compostas, por duas ou mais e são ligadas por hífen; as complexas seriam as combinações fixas e indecomponíveis, as chamadas expressões cristalizadas; as textuais seriam pequenos textos como provérbios e orações.

Os fraseologismos estariam entre as complexas e textuais. Para Zuluaga (1980, p.21), “os fraseologismos fazem parte do acervo ou repertório de elementos linguísticos, anteriores à fala, conhecido pelos falantes.” Mesmo as categorias fraseológicas mais transparentes não são combinações livres, pois seu significado, embora dedutível, só será conhecido em bloco e não pela soma das partes isoladas.

Neste grupo, encontramos as expressões idiomáticas (EI) que são elementos linguísticos formados por duas ou mais palavras que apresentam fixação/repetição no uso, cujo valor semântico não corresponde à soma de seus elementos constituintes. São fortemente influenciadas pela cultura que subjaz à língua em questão e, geralmente, não são compreendidas por falantes que não compartilham desta cultura.

Embora as EIs sejam peculiares à língua que as utiliza, são expressões universais visto que todas as línguas naturais fazem uso delas. No entanto, cada sociedade apresenta um conjunto de expressões que são criadas e utilizadas de acordo com suas visões de mundo e suas manifestações culturais.

As EIs perderam totalmente o valor semântico de seus elementos isolados e adquiriram um valor convencionado pela sociedade, ou seja, o plano da expressão não corresponde ao plano do conteúdo, são, portanto, idiomáticas já que seu significado, na maioria dos casos, é opaco por não ser deduzido por suas partes.

As EIs não são autônomas, elas carecem de um sujeito determinado para que sejam inseridas na oração, no discurso. Estas expressões fazem parte das línguas e, segundo Jorge (2001, p. 216), elas

descrevem, pelas imagens que sugerem, o mundo real, os lugares, as experiências quotidianas, os sentires... Mantêm intacto o colorido de um povo, constituem uma voz rica de sabedoria que soube imprimir na linguagem a sua identidade.

Devido ao seu carácter cultural, estas expressões devem figurar em materiais de apoio ao processo de ensino/aprendizagem com o objetivo de formar falantes competentes que conheçam o “colorido do povo” que utiliza a língua em questão.

EIs são, portanto, idiossincrasias que individualizam uma dada comunidade, são, pois, particularidades que caracterizam um povo e representam a cultura partilhada por ele. Elas foram criadas no decorrer do tempo a partir das vivências e experiências de um povo, sendo metáforas do que se passou. São “espelhos de uma cultura, ajudando os homens a comunicar e a interpretar o mundo que os circunda.” (MORAIS POLÓNIA, 2009, p.18)

3. Dicionários

O dicionário é um “repertório de palavras, organiza-se, na maioria das vezes, por ordem alfabética para facilitar a consulta. Nele há informações gramaticais, semânticas, pragmáticas discursivas e socioculturais” (PONTES, 2009, p. 24). Material que serve de apoio ao professor, é considerado, pejorativamente, “o pai dos burros”, pois é a ele que recorremos quando estamos em dúvida com relação à grafia, significado ou classificação de um vocábulo de nossa língua materna. É ele também que nos orienta quando iniciamos os estudos em uma língua estrangeira e nos vemos em situação de desconhecimento de palavras ou expressões naquela língua.

O dicionário atua no ensino/aprendizagem de línguas como elemento norteador dos valores semânticos do léxico de uma língua e deve, pois, trazer em si os valores culturais que subsidiam estes significados. É, antes de tudo, um material de apoio ao aprendizado de línguas, uma vez que é riquíssimo em informações sobre um idioma, pois traz um vasto repertório lexical com informações linguísticas e socioculturais sobre a língua em questão permitindo que seja possível maior conhecimento sobre a visão de mundo que subjaz cada uma das lexias que

compõe este material. Dada sua importância, faz-se necessário que sejam realizadas pesquisas nos e sobre os dicionários de todos os tipos.

O dicionário é utilizado, no ensino de línguas, como um instrumento linguístico e, de acordo com Nunes (2006), ele confere alteridade ao falante e interfere na relação que este tem com sua língua. Para Krieger (2004/2005), o uso adequado do dicionário pelos estudantes pode ajudá-los no desenvolvimento das capacidades de leitura e escrita. Ainda segundo a autora, o dicionário serve como base ao desempenho lexical do aluno que chega à escola com um vocabulário limitado e, portanto, sua escolha deve ser baseada na organização apresentada bem como na proposta lexicográfica, tendo em vista os objetivos do aluno.

Nunes (2006, p.11) afirma que as significações dos dicionários “não são aquelas que se singularizam em um texto tomado isoladamente, mas sim as que se sedimentam e que apresentam traços significativos de uma época”. O dicionário seria, então, mais que uma simples lista de definições de palavras corretas, seria um discurso no qual se percebe a cultura de uma época em uma dada sociedade, de seus falantes e da sua interferência na língua.

Neste trabalho, analisaremos os verbetes das palavras que compõem dez expressões iniciadas pelo verbo “dar”. Inicialmente, será analisado o verbeito relacionado ao verbo “dar” e, em seguida, os substantivos que formam as expressões. Buscamos expressões idiomáticas, sua definição e como estas são classificadas pelo dicionarista.

4. As expressões idiomáticas nos dicionários

As EIs apresentam como característica a pluriverbalidade, ou seja, são formadas sempre por duas ou mais palavras. São expressões fixas, com alta frequência de uso nas línguas e possuem graus de idiomaticidade, o que significa dizer que seu significado não pode ser deduzido pela soma de seus elementos, diferentemente do que acontece com as composições livres de palavras. Estas características dificultam o tratamento, nos dicionários, a estas unidades linguísticas, pois há uma dificuldade em definir qual lexia dará entrada à expressão.

Para a realização deste trabalho, delimitamos dez expressões idiomáticas retiradas de materiais didáticos de português para falantes de outras línguas. Estas expressões fazem parte do resultado da dissertação de mestrado de Carvalho (2011). Optamos por expressões iniciadas pelo verbo “dar” com o objetivo de verificar em qual dos vocábulos que compõem a expressão estes elementos linguísticos são apresentados e verificar qual a classificação dada pelos dicionaristas a estas.

A análise foi feita em dois dicionários de língua portuguesa. O primeiro, publicado no Brasil, *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa* (2004), dicionário escolar com 27.036 verbetes é voltado a estudantes de português língua materna, usado nas escolas, no ensino fundamental II (6° ao 9° ano).

O segundo material analisado, *Dicionário da língua portuguesa: ensino português no estrangeiro* (2011), publicado em Portugal, contém cerca de 52.000 definições e tem como público-alvo estudantes estrangeiros da língua portuguesa.

A análise das expressões em questão nos permitirá ter uma ideia de como os fraseologismos estão sendo abordados nestes materiais. Considerando que as expressões idiomáticas refletem a cultura do povo que as utiliza, veremos de que forma estas divergências são refletidas nos dicionários analisados.

As expressões definidas para análise foram:

Dar com a língua nos dentes
 Dar de cara com
 Dar no pé
 Dar o bolo
 Dar o cano
 Dar o fora
 Dar o golpe do baú
 Dar um fora
 Dar um nó na garganta
 Dar uma colher de chá

Inicialmente, procuramos na macroestrutura qual o tratamento pretendido pelos dicionaristas quanto às fraseologias. No primeiro material, Houaiss, encontramos que as locuções ou frases feitas aparecerão na definição dos verbetes e serão indicadas pelo símbolo (■). O segundo dicionário faz menção a “expressões com significado próprio”, elas serão inseridas pela figura (◆).

Vejamos como são apresentadas as expressões nos dicionários citados.

Quadro 1. Minidicionário Houaiss.

Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa		
Expressão	Verbetes analisado	Classificação
Dar com a língua nos dentes	Língua/Dente	fraseol. fig. inform. Cometer uma indiscrição ao falar; contar o que não devia.

Dar de cara com	Cara	-
Dar no pé	Pé	loc. vs. Inform. Fugir; debandar
Dar o bolo	Bolo	loc. vs. Inform. Faltar a compromisso ou encontro.
Dar o cano	Cano	-
Dar o fora	Fora	loc. vs. Inform. Sair, fugir
Dar o golpe do baú	Golpe / Baú	-
Dar um fora	Fora	recusa; rejeição
Dar um nó na garganta	Nó/ Garganta	-
Dar uma colher de chá	Colher/Chá	fraseol. Facilitar; favorecer.

Quadro 2. Dicionário da Língua Portuguesa.

Dicionário da língua portuguesa: ensino português no estrangeiro		
Expressão	Verbetes analisado	Classificação
Dar com a língua nos dentes	Língua/Dente	coloq. Revelar um segredo
Dar de cara com	Cara	-
Dar no pé	Pé	-
Dar o bolo	Bolo	-
Dar o cano	Cano	-
Dar o fora	Fora	coloq. Sair; fugir.
Dar o golpe do baú	Golpe / Baú	casar por interesse econômico.
Dar um fora	Fora	-
Dar um nó na garganta	Nó/ Garganta	sensação de pressão na garganta por efeito de qualquer comoção.
Dar uma colher de chá	Colher/Chá	-

Os quadros acima mostram como são apresentadas as expressões nos dicionários analisados. A primeira constatação diz respeito ao verbo que dá entrada às expressões. Percebemos que no verbo verbal – *dar* – não se apresenta nenhuma expressão idiomática. Aquelas que estão presentes nestes materiais, estão em verbetes substantivos. Após esta constatação, passamos à análise dos verbetes substantivos presentes nas expressões.

A expressão *dar com a língua nos dentes*, encontrada no verbo *língua*, está presente nos dois dicionários. Porém, no material brasileiro, encontramos uma classificação mais específica, no que se refere à marca de uso, uma vez que a expressão é tida como um fraseologismo, e uma definição mais ampla com duas opções de significado. O material de Portugal limita-se a classificá-la como coloquial e dá-lhe apenas um significado, o mais acessado pelos falantes quando se usa esta expressão.

As expressões *dar de cara com* e *dar o cano* não foram encontradas nos verbetes dos substantivos que as compõem, *cara* e *cano*. Embora estas expressões sejam utilizadas pelos falantes nativos com o sentido de ficar frente a frente com algo/alguém e dar um calote/não cumprir com o combinado, respectivamente, elas não estão ainda dicionarizadas nestes materiais.

Dar no pé e *dar o bolo* foram encontradas apenas no dicionário brasileiro, sendo classificadas como locuções verbo-substantivas de valor informal (loc. vs. Inform.). O material português não apresenta estas expressões em seus verbetes.

As expressões *dar o fora* e *dar um fora*, embora semelhantes, possuem significados diferentes e aparecem de formas distintas nos dicionários em questão. *Dar o fora* aparece nas duas publicações com o mesmo valor semântico, porém, no material brasileiro é classificado como locução verbo-substantiva de valor informal, enquanto no material português aparece como coloquialismo. *Dar um fora*, por sua vez, aparece apenas na publicação brasileira, como uma das acepções do substantivo “fora”, com o sentido de rejeitar.

Dar o golpe do baú e *dar um nó na garganta* tiveram analisados os verbetes relativos aos substantivos que apresentam - golpe/baú, nó/garganta – ambas as expressões não aparecem no dicionário brasileiro em nenhum dos verbetes analisados. No dicionário de Portugal, as duas expressões são apresentadas: *golpe do baú* aparece no verbe *golpe* e é classificada como fraseologismo; *dar um nó na garganta* está no verbe *nó* e não apresenta classificação.

A expressão *dar uma colher de chá*, também com dois verbetes analisados, apresenta definição apenas no dicionário brasileiro, no verbe *colher*, no qual é classificado como fraseologismo.

Consideramos que a presença das expressões nos dicionários é de fundamental importância para aqueles que o utilizam para enriquecimento vocabular. A análise dos materiais de uma mesma língua, mas de países e objetivos distintos, nos mostra que, no que concerne ao tratamento das expressões idiomáticas, estes materiais não se diferenciam muito. Das expressões delimitadas, apenas duas não estão registradas nos dicionários em questão. As demais são contempladas e suas entradas se dão pelos substantivos que a compõem. No entanto, é necessário que esta informação seja dada ao consultante para, assim, facilitar a busca destas unidades por quem desejar conhecê-las.

A classificação destas expressões mostra que este é ainda um campo de grandes contradições quando se trata da inserção nos dicionários. Não há uma regularidade quando se

deseja classificar as EIs, embora apresentem características semelhantes, as classificações são difusas. Percebemos que foi criada, inclusive, uma nova categoria de locução – verbo-substantiva – encontrada apenas no dicionário Houaiss.

Acreditamos que essa confusão terminológica deva-se ao caráter coloquial e informal das expressões que, muitas vezes, não gozam de tratamento no ensino/aprendizagem de línguas fazendo com que não haja uma preocupação em tratá-las sistematicamente nos materiais analisados.

5. Considerações finais

No início deste trabalho, discutimos acerca do conceito de cultura e de como as expressões idiomáticas representam a cultura de um povo. Cientes de que estas são expressões existentes nas línguas naturais e que apresentam características peculiares que a tornam de difícil compreensão, analisamos dois dicionários de uma mesma língua, a língua portuguesa, porém de países diferentes e com objetivos diferentes.

Buscamos, por meio desta breve análise, verificar de que forma os fraseologismos são tratados nestes materiais que são considerados como grande apoio aos que pretendem aprender uma língua, seja ela materna ou estrangeira.

Visto que analisamos apenas dez expressões delimitadas pelo verbo que as inicia – dar – não pretendemos aqui tecer considerações definitivas, muito menos esgotar o assunto em questão. No entanto, com esta breve análise, concluímos que uma mesma língua pode apresentar diferentes expressões linguísticas a depender de sua forma de ver o mundo e de seus costumes. Podemos perceber também que uma expressão que é muito utilizada no Brasil, por exemplo, *dar o golpe do baú* e *dar um nó na garganta* não aparecem no dicionário brasileiro, no entanto, aparecem no dicionário português destinado a falantes estrangeiros.

Da mesma maneira, constatamos que há expressões comuns aos dois países, embora compartilhem culturas diferentes, é o caso de *dar o fora* e *dar com a língua nos dentes*.

Considerando as dez expressões analisadas, quatro delas não estão no dicionário brasileiro e seis não estão no dicionário português. Quanto à classificação destes elementos linguísticos, o dicionário brasileiro classifica algumas como fraseologismos, o que não ocorre no dicionário lusitano, todavia, ainda há uma variação nessa classificação, uma vez que expressões com as mesmas características são definidas como fraseologismo, locução verbo-substantiva ou coloquialismo.

É importante destacar que este trabalho não pretende criticar o trabalho dos dicionaristas, porém, sabendo da importância dos fraseologismos na comunicação humana e do grande uso que os falantes fazem deles, além das características bastante peculiares a estas expressões, faz-se necessário que elas figurem nestes materiais já que eles são apoio aos que pretendem “aprender” a língua portuguesa em toda sua cultura e sua riqueza.

Consideramos, portanto, que as expressões idiomáticas estão nos dicionários analisados, com definições úteis ao consulente, porém, é preciso uma melhor sistematização no que diz respeito à classificação destes elementos, além da definição de qual verbete servirá de entrada quando se trata de expressões com dois ou mais substantivos.

Referências bibliográficas

Academia Brasileira de Letras. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O.M; Silva, F. (Org.). **Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. 1ªed. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade de Porto, 2005, v. II, p. 747-757.

CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, M. (Orgs.). **Dicionários escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CARVALHO, G. L. **As unidades fraseológicas no ensino de português língua estrangeira: os últimos serão os primeiros**. 2011. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

COROA, M. L. Para que serve um dicionário?. In. CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, M. (Orgs.). **Dicionários escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p.61-72.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8. ed. Curitiba: positivo, 2010.

FONTES, S. M. Um lugar para a cultura. In. CUNHA, M. J. C; SANTOS, P. **Tópicos em português língua estrangeira**. (Org.). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HOUAISS, A. (Org.). **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

JORGE, G. Algumas reflexões em torno das expressões idiomáticas enquanto elementos que participam na construção de uma identidade cultural. In: **Polifonia**. Lisboa: Edições Colibri, n.º

4, 2001, pp.215-222. Disponível em: http://www.fl.ul.pt/unil/pol4/mesa_txt5.pdf. Acesso em 12 set. 2009.

KRAMSCH, C. The cultural component of language teaching. In: **Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachenunterricht** [Online], 1(2), 13 pp., 1996. Op: http://www.spz.tu-darmstadt.de/projekt_ejournal/jg_01_2/beitrag/kramsch2.htm. Acesso em 20 setembro 2012.

KRIEGER, M. G. Dicionários para o ensino de língua materna: princípios e critérios de escolha. In: **Revista Língua e Literatura**. Frederico Westphalen: Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, 2004/2005, v. 6-7, p. 101-112.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

MORAIS POLÓNIA, C. P. F. **As expressões idiomáticas em português língua estrangeira: uma experiência metodológica**. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto, 2009.

NUNES, J. H. **Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX**. São Paulo: Pontes, 2006.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. Os fraseologismos como expressão cultural: aspectos de seu ensino em PLE. In: CUNHA, M. J. C; SANTOS, P.(Org.). **Tópicos em português língua estrangeira**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar: o que é como se lê**. Fortaleza: EdUECE, 2009.

PORTO EDITORA. **Dicionário português ensino português no estrangeiro**. Porto Editora: Porto, 2011.

POTTIER, B. **Estruturas linguísticas do Português**. São Paulo: Difel, 1975.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ZULUAGA OSPINA, A. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Frankfurt a. M., Bern, Cirencester/UK: Lang, 1980.

Bibliografia

CORPAS PASTOR. G. **Manual de fraseologia española**. Madrid: Gredos, 1996.

RANGEL, E. de O. Dicionários escolares e políticas públicas em educação: a relevância da “proposta lexicográfica”. In: CARVALHO, O. L. de S.; BAGNO, M. (Orgs.). **Dicionários escolares: políticas, formas e usos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, p. 61-72.

TAGNIN, S. E. O. **O Jeito que a Gente Diz: expressões convencionais e idiomáticas**. São Paulo: Disal, 2005.

TRISTÁ, A. M. **Fraseología y Contexto**. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales. 1988.

Artigo recebido em: 05.11.2014

Artigo aprovado em: 13.09.2014

Domínios de Lingu@gem

Ach Já! Fraseologismos em pomerano e em alemão

Ach Já! Pomeranian and German Phraseologisms

Neubiana Silva Veloso Beilke*

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de evidenciar fraseologismos em pomerano extraídos de *corpora* de estudos, o *Pommersche Korpora*. O texto se fundamenta em alguns conceitos básicos a respeito de expressões idiomáticas e fraseologismos. Primeiramente, citamos noções gerais sob o tema, depois definições de fraseologismos e expressões idiomáticas sob a perspectiva da língua alemã. Posteriormente, citamos alguns exemplos do *Hochdeutsch* – *alto alemão* ou *alemão-padrão* – para então listar vários exemplos em pomerano, dentre eles expressões, ditados e versos popularmente conhecidos nas comunidades desse grupo étnico presente no Brasil. Os principais referenciais teóricos adotados neste trabalho são Martins (2002), Camargo (2003), Welker (2004), Xatara e Succi (2008), Xatara e Seco (2014), Xatara e Santos (2014) e Pamies Bertrán (2008), além de uma breve passagem por alguns exemplos de frases levantados por Bossmann (1953).

PALAVRAS-CHAVE: Fraseologismos. Expressões idiomáticas. Culturemas. Pomerano. Alemão.

ABSTRACT: This article aims to study Phraseologisms in Pomeranian extracted from corpora of study, the *Pommersche Korpora*. The text is based on some basic concepts about idiomatic expressions and phraseologisms. First, we present general notions about phraseologisms, idiomatic expressions and then we work briefly on phraseologisms and idioms from the perspective of the German language. Subsequently, we present some examples of *Hochdeutsch* - High German or standard German - and then list several examples in Pomeranian language, including expressions, sayings and verses popularly known in the communities from this ethnic group in Brazil. The main theoretical framework adopted in this work relies on Martins (2002), Camargo (2003), Welker (2004), Xatara & Succi (2008), Xatara & Seco (2014), Xatara & Santos (2014) and Pamies Bertrán (2008), besides a brief overview of some phrasemes examples raised by Bossmann (1953).

KEYWORDS: Phraseologisms. Idioms. Culturemes. Pomeranian. German.

1. Apresentação

Propomos discutir brevemente noções de fraseologismo, expressões idiomáticas e culturemas. E também expor nossa metodologia para coleta de fraseologismos em alemão e, principalmente, em pomerano, comparando alguns casos entre as duas variedades germânicas para focar em variados exemplos em pomerano.

Então traçaremos um percurso teórico para explorar diversas considerações teóricas que subsidiem o trabalho com os fraseologismos. Começaremos por Martins (2002), Xatara e

* Mestranda do Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL/ILEEL/UFU), afiliado à linha de pesquisa 1 - Teoria, descrição e análise linguística. Email para contato: neubianabeilke@mestrado.ufu.br

Santos (2014), Xatara e Seco (2014) e Pamies Bertrán (2008). Então prosseguiremos com Camargo (2003), que realizou discussões teóricas a respeito de expressões idiomáticas em alemão. Nesse momento, traremos alguns exemplos em alemão e em pomerano, pois acreditamos que a exemplificação torna mais clara a teoria. De modo que aproveitaremos alguns exemplos levantados pelos teóricos que citaremos, relacionando-os com as noções sobre fraseologismos, trabalhando suas traduções e comparando com versões em pomerano.

Na sequência, vamos expor a nossa metodologia de trabalho e o que vem a ser o *Pommersche Korpora*, além de nos posicionarmos em relação ao que representa o pomerano no Brasil atualmente, enquanto definição de uma variedade linguística.

Posteriormente, desenvolveremos o tema, ainda dialogando com algumas referências teóricas; nesse momento, trabalharemos com Welker (2004), apoiados em sua visão mais ampla a respeito do tema e também na concepção de paremiologia por intermédio de Xatara e Succi (2008), a fim de trabalharmos um conto alemão coletado em pomerano. No mesmo íterim abordaremos brevemente alguns casos de fraseologismos levantados por Bossmann por volta de 1953.

A partir disso listaremos exemplos de fraseologismos diversos em pomerano e em alemão e por fim vamos demonstrar para o leitor alguns ditados e versos rimados em pomerano com base, principalmente, no banco de dados que estamos construindo.

Resolvemos adotar marcas tipográficas para padronizar os tipos de traduções dos fraseologismos que citaremos neste artigo. Assim, fica aqui convencionado: toda vez que a tradução estiver precedida de um asterisco tratar-se-á de uma tradução literal. Toda vez que a tradução estiver entre aspas tratar-se-á de um significado. Por fim, toda vez que a tradução estiver em itálico tratar-se-á de uma versão pomerana para um fraseologismo já existente ou uma equivalência fraseológica portuguesa ou alemã. Ressalvamos ainda que embora reconheçamos a relação entre significados e culturemas, sentidos e subjetividades, fazemos essa convenção apenas por uma questão de organização textual.

Traçado o percurso a ser percorrido, vamos às discussões teóricas.

2. Considerações teóricas

A respeito dos conjuntos lexicalizados compostos e complexos, aos quais nos referimos de modo geral como fraseologismos, Martins (2002, p.1) se refere à lexia complexa como um conjunto lexicalizado de dois ou mais vocábulos que são contíguos, indissociáveis e

monossêmicos. Para ele, as lexias compostas e complexas não são distintas sob o ponto de vista semântico.

Martins considera que a unidade lexical em questão é semanticamente indecomponível, não permitindo troca nem acréscimo de componentes, como é o caso das expressões idiomáticas, onde um valor sintático se cristaliza gerando um novo valor morfológico. Assim uma sequência de palavras se tornaria uma sequência fixa, conforme Sandman (1999, p. 4 *apud* MARTINS, 2002, p. 3).

Nessa lógica, o vocábulo composto é “o resultado de um enunciado que se cristalizou após sofrer reduções e petrificações”, corrobora Said Ali (*apud* MARTINS, 2002, p.2), porém algumas teorias recentes questionam essa ideia de petrificação, pois talvez seja melhor considerarmos que o significado estável de uma expressão se deve muito à cultura na qual foi gerado e está intimamente ligado à ela.

Adotamos a definição de expressões idiomáticas tendo por base a atualidade da discussão desse tema que permite uma visão menos restrita e incorpora a noção da variação linguística. Assim, tomamos Expressões Idiomáticas (EI) como unidades fraseológicas “representadas por lexias complexas conotativas, abundantemente utilizadas na linguagem padrão” (XATARA; SANTOS, 2014, p. 413).

As autoras discutem ainda a suposta cristalização e estabilidade das EI, pois a visão tradicional tem sido questionada, verificando-se que existem pequenas variações que não alterariam o “núcleo” semântico das mesmas.

Xatara e Santos (2014) afirmam que a existência de expressões idiomáticas sinônimas é algo que faz parte da realidade linguística. Elas seriam comuns, pois revelariam:

[...] uma necessidade do usuário de se referir a situações utilizando criações figuradas e pitorescas. Essas expressões similares não possuem a mesma intersecção, pois não são intercambiáveis em todos os contextos, sob as mesmas condições de uso, com o valor expressivo (intensivo, melhorativo, pejorativo etc.) e o nível de linguagem (coloquial, culto, vulgar etc.) (XATARA; SANTOS, 2014, p. 414).

Ao analisar as variações intralinguísticas das expressões idiomáticas, através dos estudos de Pastor (1996), as autoras apontam que

[...] as variações nos idiomatismos e todas as outras unidades fraseológicas seriam uma característica natural e não excepcional, sempre possíveis, embora com restrições, por apresentarem diferentes graus de cristalização. Desse modo, a cristalização dessas expressões descreve, muitas vezes, apenas uma

estabilização estrutural e semântica relativa [...], que favorece as variações nessas unidades consideradas cristalizadas, nos estudos fraseológicos tradicionais. (XATARA; SANTOS, idem).

Ainda a respeito do estudo das variações que possam ocorrer nas expressões idiomáticas, importante é a afirmação de Xatara e Seco, ao tratarem da relação do sentido de uma expressão idiomática e o sentido que a constitui, quando da discussão dos *culturemas* em contraste:

Quando se trata da relação do sentido de uma EI e o sentido do que a constitui, percebemos que essa não é sempre uma relação arbitrária e pode então ser motivada por uma metáfora conceitual subjacente. Temos, portanto, a origem de um *culturema*. Os *culturemas* estão na base da criação idiomática e geralmente apresentam uma complexidade simbólica por apresentar mais expressividade estética – pelo uso original dos recursos linguísticos disponíveis – e argumentativa – por vezes a intenção é de apresentar, de forma persuasiva, aquilo em que se acredita através do uso de recursos discursivos. [...] Adotamos o conceito de *culturema* proposto por Pamies Bertrán (2008) como símbolos extralinguísticos culturalmente motivados, a matéria-prima para que as diversas línguas produzam suas UFs. (XATARA; SECO, 2014, p. 503).

Essas reflexões a respeito dos fenômenos que envolvem as expressões idiomáticas levam a um questionamento da sua fixidez. Xatara e Seco procuram desmistificar esse “pretenso caráter fixo” das expressões idiomáticas através da sua vinculação aos *culturemas* e suas equivalências extralinguísticas e intralinguísticas. Assim, vale a pena observarmos o conceito de *Culturemas*:

Los *culturemas* son símbolos extralinguísticos culturalmente motivados que sirven de modelo para que las lenguas generen expresiones figuradas, inicialmente como alusiones o reaprovechamiento de dicho simbolismo, y que pueden generalizarse y hasta automatizarse. Una vez que han entrado en la lengua como palabras o componentes de frasemas, conservan aun así algo de su “autonomía” inicial, en la medida en que cohesionan conjuntos de metáforas, e incluso permiten añadir otras a partir del mismo valor, asequibles para la competencia metafórica (PAMIES BERTRÁN, 2008, p. 54)¹.

¹ Os *culturemas* são símbolos extralinguísticos culturalmente motivados que servem de modelo para que as línguas gerem expressões figuradas, inicialmente como alusões ou reaproveitamento de dito simbolismo, e que podem se generalizar e até se automatizar. Uma vez dentro da língua como palavras ou componentes de frasemas, conservam, ainda assim, algo de sua “autonomia” inicial, na medida em que unem conjuntos de metáforas, e até permitem a adição de outras a partir do mesmo valor, acessíveis para a competência metafórica.

Resumindo a definição de Pamies Bertrán (2008, p. 54), podemos dizer que os *culturemas* são símbolos extralinguísticos culturalmente motivados que podem servir de modelo para que as línguas gerem expressões figuradas, que tendo seu simbolismo reaproveitado, são automatizadas e se conservam, embora possam permitir a adição de outras expressões figuradas do mesmo valor fazendo com que a competência metafórica seja a mesma.

Para compreendermos o nível de abstração dos fraseologismos em pomerano e em alemão que trabalharemos, a noção de “*culturema*” é salutar, como conjuntos de elementos culturais que formam na língua, ao longo do tempo, metáforas que fazem sentido para um determinado povo, no contexto de sua cultura. Corroboramos essa explicação com as palavras de Xatara e Seco:

Dessa forma, os *culturemas* são o resultado da condensação de elementos que formam, ao longo do tempo, metáforas consideradas aceitas como tradicionais por um povo em particular, ou por povos num sentido mais amplo. Essas metáforas criadas pelos *culturemas* acabam por ultrapassar o nível simbólico e se concretizam nos fraseologismos. Cada povo utiliza seu repertório de imagens para manifestar em determinada estrutura léxica conceitos específicos, sendo as imagens, uma ponte conceitual entre a estrutura léxica e seu significado real (DOBROVOL’SKIJ, PIIRAINEN, 2005). Assim, muitos dos fenômenos que aparecem na linguagem figurada somente podem ser descritos de forma correta se recorrermos a códigos culturais, como crenças religiosas, costumes, literatura, artes etc [...] (XATARA; SECO, 2014, p. 503-504).

Com base nesses desdobramentos e no contexto linguístico, compreendemos *culturemas*, *stricto sensu*, como elementos provenientes do comportamento cultural expressos em símbolos, ou seja, sinais que possuem valor simbólico atrelados à cultura de origem e que se manifestam linguisticamente devido à necessidade de se recorrer aos recursos discursivos como a expressividade estética e a argumentativa.

Atualmente, o termo “fraseologismo” tem sido tomado como uma nomenclatura que engloba expressões, ditados populares, versos, entre outros frasemas. Mas algumas concepções trazem as expressões idiomáticas como núcleo da fraseologia e indicam que as expressões idiomáticas constituiriam uma parte das estruturas fraseológicas (CAMARGO, 2003, p.174). Nessa perspectiva, consideramos tanto a fraseologia quanto as expressões idiomáticas como “convencionalismos da linguagem”.

Ao trabalhar expressões idiomáticas do alemão e do português, Camargo traça um percurso que opta por definir primeiramente o que é fraseologismo e depois expressão idiomática, que também chama de fraseolexema, para usar uma terminologia alemã. Assim, o

autor parece acreditar que o fraseologismo seja algo maior e que dentre suas subdivisões e/ou tipologias existiriam as expressões idiomáticas.

Nossa intenção é citar algumas expressões idiomáticas em *alto alemão* e apresentar suas versões em pomerano, bem como trazer variados exemplos de fraseologismos, como ditados populares e versos muito conhecidos na cultura linguística pomerana, pois em nosso entendimento todas essas tipologias se enquadram nos convencionalismos da linguagem que operam segundo culturemas específicos que são ativados, conforme já discutimos acima. O entendimento de Camargo não foge muito dessa perspectiva, pois admite que pode haver graus diferentes na fixidez dos fraseolexemas, que o autor define como “estruturas linguísticas recorrentes”, conforme podemos verificar abaixo:

[...] estruturas linguísticas recorrentes compostas de pelo menos dois lexemas que apresentam sempre a mesma forma com maior ou menor grau de fixidez, e cuja existência se explica por se tratar de uma convenção estabelecida para uma comunidade linguística ao longo do tempo (CAMARGO, 2003, p. 174-175).

Para Camargo, *Wortpaare* (binômios) seriam a ocorrência de dois lexemas da mesma categoria gramatical e um ou mais conectores, preposições ou conjunções, geralmente com os mesmos termos constituintes e na mesma ordem, embora o autor não arrisque a afirmar que trata-se de uma “ordem **sempre** fixa” [grifo nosso]. Assim, tomando o exemplo do autor *von Kopf bis Fuß*, percebemos que em pomerano esse *Wourdpåre* (o mesmo que *Wortpaare*) também existe e se manifesta em *fon Kopp bet Faut*, em português, *da cabeça aos pés.

Outro exemplo de *Wourdpåre* em pomerano é *Hals upa kopp* – “precipitado” – literalmente seria uma pessoa que põe o *pescoço em cima da cabeça, equivalente ao *por o carro na frente dos bois*, frequente em português do Brasil.

Ainda segundo Camargo (2003), os fraseologismos podem ser classificados em três níveis: sintático, semântico e pragmático. A partir dessa constatação, informamos que nossa pretensão é focar nos fraseologismos em nível semântico. Sob essa proposta, em nível semântico, concordamos que os fraseologismos se caracterizam pelo convencionalismo, que são:

[...] aquelas estruturas cujo sentido não corresponde a soma do significado de cada um dos termos que as compõem e cuja estrutura sintática mais ou menos fixa consiste de uma frase verbal. Trata-se, portanto, de estruturas de significado não composicional e dentre elas encontramos as assim

denominadas expressões idiomáticas e os provérbios. (CAMARGO, 2003, p. 177).

Como exemplo de expressão idiomática em *alto alemão* poderíamos citar *den Kopf zerbrechen* e em pomerano *de kopp zerbreecka*, ambas correspondendo a *quebrar a cabeça*.

Como exemplo de fraseologismos em nível semântico podemos citar também alguns provérbios e ditados em pomerano, conhecidos justamente pelo convencionalismo que apresentam, característica esta que por sua vez os fazem permanecerem conhecidos ao longo do tempo. Listamos alguns, a seguir:

Em alto alemão – *Lügen haben kurze Beine*.

Em pomerano – *Loigen heva klain bain*.

Em português – A mentira tem pernas curtas.

Quanto ao verbo citado no ditado acima, observamos que encontramos no *Pommersche Korpora* o verbo ter escrito como *heww*, *häwa* e *héva* e também as versões mais próximas ao *alto alemão* *klein* e *Bein* para pequeno e perna.

Observamos que em nenhuma das formas escritas encontradas do pomerano aparecem os substantivos com letra maiúscula, conforme convenção presente no *alto alemão*.

Um exemplo de provérbio em pomerano é:

Ales hät ain ein; blous dai wurst hät twai (TRESSMANN, 2006).

Traduzindo seria **tudo tem um fim, apenas a linguiça tem dois – dois fins, ou seja, duas pontas*. Nesse exemplo, pudemos notar que *ein* – fim – parece ser mais próximo do neerlandês *einde* do que do alto alemão *Ende*.

Na perspectiva de Camargo, as expressões idiomáticas se encontram além do domínio das regras gramaticais e do léxico de uma língua, pois muitas vezes uma frase é coerente do ponto de vista formal, mas seu significado não é exatamente o que é dito literalmente, por isso não bastaria decodificar a sentença e sim entender que não se trata da soma dos significados de unidades lexicais, mas de captar seu sentido figurado, que acreditamos ter sido construído culturalmente e partilhado socialmente, ou seja, voltamos à questão dos fraseologismos serem vinculados aos culturemas. Por isso, acreditamos que a compreensão dos culturemas são importantes para a compreensão dos fraseologismos em pomerano. Ao conhecer a cultura

pomerana e a visão de mundo implícita em suas expressões linguísticas poderemos compreender melhor os fraseologismos em pomerano.

Para corroborar esse entendimento, podemos inserir também a definição de expressão idiomática elaborada pelo linguista alemão Fleischer (1982 *apud* CAMARGO, 2003, p. 178) que a define como duas ou mais palavras que apresentam sentido figurado, estabilidade semântico-sintática, lexicalização e recorrência. Porém, conforme já tentamos desconstruir, quando tratamos das ideias de sentido petrificado e fixidez, falar em estabilidade é discutível, tendo em vista a questão da variação e de que o sentido figurado já indica essa recorrência de significação necessária para uma expressão.

O sentido figurado seria o que Fleischer chama também de idiomaticidade, a característica da não correspondência de significado com a soma do significado dos componentes da expressão.

A expressão idiomática se subdividiria, ainda, em totalmente idiomática e parcialmente idiomática (totalmente idiomática, como em *quebrar galho*, ou parcialmente idiomática, como em *comprar briga*). Porém ambos tipos constituem fraseolexemas (FLEISCHER, 1982 *apud* CAMARGO, 2003, p. 178) e em ambos os casos a presença do sentido figurado é uma prerrogativa para que sejam consideradas expressões idiomáticas.

Segundo CAMARGO (2003, p. 181), os fraseolexemas podem ser distinguidos em quatro classes: fraseolexemas nominais ou substantivos (*bessere Hälfte*, “pobre diabo”), fraseolexemas adjetivos (*zum Malenschön*, “de mão cheia”), fraseolexemas adverbiais (*von A bis Z*, *de A a Z, equivalente ao nosso “de fio a pavio”) e fraseolexemas verbais (*im selben Boot sitzen*, “estar no mesmo barco”).

Mas se analisarmos esses exemplos de fraseologismos acima, veremos que o conhecimento da cultura e da língua em que foram gerados realmente influencia muito na visão que se constrói sobre eles; vejamos que, no caso de *bessere Hälfte*, “pobre diabo”, se fez uma tradução para se relacionar a uma expressão também conhecida em português, então desse ponto de vista seria um caso de totalmente idiomático.

No caso de *zum Malenschön*, “de mão cheia”, que em uma tradução literal seria *pintar bonito, quer dizer que quando alguém pinta bem, ele o faz de mão cheia, pois o sentido em ambas as línguas é fazer algo bem feito, então ela seria parcialmente idiomática.

Já no caso de *von A bis Z*, que seria *de A a Z, ou seja, “fazer algo do início ao fim”, a idiomaticidade é bem pequena, poderíamos chamar de relativamente idiomática, pois nesse

caso a idiomaticidade ficou mais na forma em que foi traduzida para o português como *de fio a pavio*; o mesmo ocorre em *im selben Boot sitzen*, “estar no mesmo barco”, ou literalmente, *sentar-se no mesmo barco, que tanto no português quanto no alemão significa estar juntos em alguma situação, o que revela um grau de idiomaticidade pequeno.

Com base nisso, podemos pensar que o conhecimento da cultura e da língua – que é a expressão mais forte da cultura – a partir das quais as expressões são geradas, faz muita diferença na forma de identificarmos e nos posicionarmos em relação às expressões idiomáticas, já que na maioria vezes são justamente a aceitação de um significado como tradicional por um povo em particular que as definem como EI, ideia essa acrescida pelo conceito de culturema.

3. Metodologia

Escolhemos falar de “expressões figuradas lexicalizadas” (XATARA; SECO, 2014, p. 504) com base nas teorias acima discutidas a fim de trabalhar variados exemplos de fraseologismos em pomerano, comparando este com o *Hochdeutsch*, *alto alemão* em alguns casos.

A partir daqui, adotaremos somente a expressão *alto alemão* quando necessário para nos referirmos ao *Hochdeutsch* – também conhecido como *alemão clássico* ou *alemão-padrão*, que teve sua ortografia padronizada somente por volta de 1860 e adotado como padrão definitivo somente em 1901, através da publicação do *Duden Handbuch*². Considerando isso, pretendemos traçar um comparativo, na medida do possível, com o pomerano.

Então mencionamos, sobretudo em pomerano, variados exemplos de expressões idiomáticas, provérbios, ditados populares e versos rimados, pois adotamos todos eles como fraseologismos associadas aos culturemas germânicos do alemão e do pomerano. E adotamos também a visão democrática de Paremiologia de Xatara (2008), para trabalhar um conto pomerano coletado da oralidade.

Optamos por considerar o pomerano como uma variedade germânica cuja língua viva mais próxima hoje é o alemão, este considerado neste momento de forma genérica, devido ao contexto próprio em que os *Mundarten* – dialetos sem sentido pejorativo - se constituíram. Acreditamos que a forma mais prudente de nomear o pomerano em nosso contexto seja

² Conforme pesquisa realizada sobre o assunto e conteúdo disponível em: www.duden.de. Acesso em: 10 de setembro de 2014.

Brasilianische-Pommersch (ou seja, um pomerano que sobrevive no Brasil, transformado pelo contato do português e que “mesclou” o antigo *Westpommersch/Vorpommersch* com o *Ostpommersch/Hinterpommersch*), pois em contexto brasileiro os pomeranos de ambas regiões da Pomerânia ficaram juntos e não separados em áreas ocidental e oriental como acontecia na sua origem, antes de emigrarem de lá para o Brasil.

O atual *Mecklenburgisch-Vorpommersch* (*pomerano anterior mecklemburguense*) - por vezes tomado como forma atual do *Plattdüütsch*, *baixo alemão*, é a variedade linguística mais próxima do pomerano e, por não haver estudos no Brasil que tenham conseguido separar a variedade pomerana ocidental da variedade oriental, o pomerano é, de modo geral, referido como o *Platt*, mas acreditamos que existe atualmente no Brasil uma variedade brasileira do pomerano. Assim, de agora em diante no presente texto, quando nos referirmos ao pomerano, estaremos nos referindo ao *Brasilianische-Pommersch*, conforme decidimos nomear, levando em consideração inclusive suas manifestações linguísticas em diversas regiões do Brasil, conforme mapeamento prévio realizado por Beilke (2013).

Acreditamos que as transformações linguísticas ao longo do tempo permitiram um ambiente favorável ao surgimento de uma variedade com características peculiares de escrita e pronúncias, embora consideremos haver ainda um nível de inteligibilidade entre o *Brasilianische-Pommersch* e o *Hochdeutsch*, que conhecemos hoje e que é o padrão ensinado nas escolas que lecionam língua alemã.

Então, do nosso ponto de vista linguístico, a nomenclatura *Brasilianische-Pommersch* seria mais prudente para definir o pomerano, pois nos baseamos nas transformações linguísticas e históricas ao longo do tempo e temos em conta o distanciamento do lugar de origem³, bem como o contato com outras variedades germânicas e com o português no Brasil.

Nosso método para levantamento dos fraseologismos em pomerano foi a pesquisa no banco de dados, o *Pommersche Korpora* e também pesquisamos fraseologismos pomeranos em exemplos do dicionário de Tressmann (2006). Porém, fizemos tradução própria em alguns casos e cruzamos informações com trechos do próprio *Pommersche Korpora*, na fase de compilação textual.

Informamos que muitos dos textos utilizados neste trabalho são excertos do referido *Korpora* – que é uma coletânea de textos de diversos tipos e autorias, provenientes de diferentes

³Nordeste da Alemanha e norte da Polônia – antigo reino da Prússia.

lugares, coletados, compilados e organizados pela autora do presente artigo. Os textos foram criteriosamente selecionados para compor um *Korpus*, mas como são textos provenientes de diferentes áreas, temos *Korpora* no plural e adotamos a escrita com K, referenciados no instituto para a língua alemã (IDS – *Institut für Deutsche Sprache*).

Na primeira fase do projeto, estamos coletando *Korpora* desta variedade através de fontes escritas, como, por exemplo, jornais pomeranos, cartas, diários, receitas, músicas, registros eclesiásticos, inscrições em túmulos, legendas de documentários, conteúdo de blogs e *sites*, trechos de artigos em pomerano etc. Além da coleta por meios digitais, foram também coletados textos pessoalmente em municípios do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Espírito Santo. A esse conjunto denominamos *Pommersche Korpora*. A multiplicidade de origens se justifica pela dificuldade de encontrar textos escritos em pomerano, embora atualmente nosso banco de dados conte com 175.545 *tokens*, o que para a realidade linguística da variedade pomerana é bastante significativo.

Na segunda fase da pesquisa, pretendemos coletar *Korpus* de atos reais da fala, para transcrição e composição de um *Korpus* oral que será nosso *Pommersch Korpus Oral*. A partir disso iremos diferenciar o *Korpora* textual e o *Korpus* oral. Assim, da união do PKT – *Pommersche Korpora Textual* – do PKO – *Pommersch Korpus Oral* – teremos o *Pommersche Korpora Online*. Por enquanto, manteremos a nomenclatura *Pommersche Korpora*, que por estar no plural já indica a multiplicidade de fontes.

4. Desenvolvimento - Estudo de casos extraídos do *Pommersche Korpora*

4.1 Um conto alemão em pomerano como expressão coletiva de uma comunidade linguística

Existem várias concepções de fraseologia, Welker (2004) a propõe num sentido mais amplo; indica, apoiado em Vellasco (1996 *apud* WELKER, 2004, p.162), que frases inteiras como provérbios, máximas, aforismos, entre outros exemplos, podem ser considerados fraseologismos. Welker também entende o fraseologismo como um lexema complexo e o chama de *frasema*. Nesse sentido, o autor menciona “Há também quem entenda que textos inteiros (por exemplo, poemas, orações), desde que conhecidos por grande parte da comunidade linguística, podem ser comparados a fraseologismos (cf. Burger 1998: 15)” (WELKER, 2004, p. 164).

Welker insere essa consideração tendo em vista que para ele os fraseologismos são caracterizados pela polilexicalidade e pela relativa fixidez. Se adotarmos a perspectiva citada acima, talvez possamos considerar que contos comumente repetidos na oralidade e arraigados na cultura de uma comunidade poderiam ser considerados fraseologismos, porém não chegariam a ser casos de cristalização e não teriam uma ordem fixa, pois nesse caso trata-se de uma tradição de memória oral na qual os contos, poemas e orações quando recontados apresentam variações no conteúdo das narrativas. Para exemplificar, citaremos um conto muito conhecido da cultura pomerana.

Observemos, antes, que não existe um padrão oficial da escrita pomerana no Brasil e os trechos que utilizaremos abaixo são apenas uma das possíveis versões do conto. A versão escolhida foi escrita por pomeranos de acordo com a percepção que possuem dos sons de sua fala e de acordo com sua interpretação registrada por eles com os caracteres que teriam o valor de tais sons.

Desse modo, estaremos também valorizando a forma de escrita transliterada⁴, pois são formas que estão vinculadas às escolhas dos sinais gráficos que representam a fala na visão dos pomeranos alfabetizados somente em português, visto que assim se comunicam e se identificam. Este conto, provavelmente, é uma referência ao conto original “O lobo e os sete cabritinhos”, publicado pelos Irmãos *Grimm* em 1812, com o título *Der Wolf und die sieben jungen Geißlein*.

Nesse sentido, expomos abaixo o conto “Os Sete Cabritinhos”, em pomerano, que na versão transliterada é chamado *Dai zuovan klaina seicha*⁵:

⁴Definimos aqui que transcrição se refere a escrever uma língua seguindo o vínculo existente entre os sons e as formas gráficas já convencionadas para a língua padrão de origem ou a língua viva mais próxima da variedade que se quer registrar. Já a transliteração seria o “convencionamento” de formas gráficas que partem da língua do registrante, do proponente da forma escrita, ou da língua majoritária em contato com a variedade ágrafa minoritária a ser registrada. Na transliteração entendemos que os sons vão ser grafados conforme interpretação dos sons pelo ouvinte, com base no código linguístico que ele conhece, com base numa convenção prévia que ele já tem internalizada. Assim, aquele que translitera vincula os sons a determinadas formas gráficas pelas quais fora alfabetizado. Se optarmos pela transcrição, ela deve ser detalhadamente explicada com fundamentação das escolhas realizadas e com base no padrão da língua padrão mais próxima da variedade a ser descrita na grafia e a qual essa escrita se vincula.

⁵Inserimos aqui uma versão do conto “Os sete cabritinhos” em língua portuguesa: “Era uma vez, o pai e a mãe tinham sete cabritinhos e numa noite o pai e a mãe resolveram ir a um baile, mas os pais proibiram os cabritinhos de abrir a porta por causa do lobo preto e aí os pais saíram e eles ficaram brincando mas dali a pouco ouviram um barulho batendo na porta e um cabritinho logo quis abrir a porta, aí o outro disse “não abre, pode ser o bicho”. Aí o outro disse “vamos olhar por debaixo da porta”, eles olharam e viram que eram pernas pretas, aí eles disseram “não vamos abrir, é o lobo”. Aí o lobo viu que tinha um saco de farinha e se pintou de branco e voltou a bater na porta, eles olharam por debaixo da porta e viram que eram pernas brancas e abriram a porta e era o lobo e começou a comer os cabritinhos e apenas um conseguiu se esconder debaixo da cama. Dali a pouco seus pais voltaram do

Dátvázazuóvankláinaséichaunzinschuésta, pápaunmámavúlanambalgo, undunhetmámazécht “óvanidóaupmókaven a kómadêit, blóusvenpápaunmámatuskimt”. Dunhévasantdóaklopt, “ismámadát”? “Ió”! Dunhévasupmukt, vêia da grôutlêif dat. Hetdáizuóvankláinaséichaupfréta, blóusdáischuéstaisbléva. Dunkimtpápaunmámatus “vozindái anda zuóvan”? “Hía is grôutlêif vest un het ála up fréta”. “Nei! Dem mufaszúigavo de lêif is”! Dun hévas de lêifbukupschnéra, dun zinálalévanschrútakóma, da séicha. Dun hévasfulschtáinpacktuntáunêicht. Dun is da lêif up vokt, dáí re zôunadest, is ínabrunaschtéicha het vutvótadrínga, mitdemgívícht, fu de schtáina, is intvótafála. Un de nóchahéva da klánaséicha a festmukt (D. A. *Pommersche Korpora* – Coletado em São Lourenço do Sul/RS, 2013).

O exemplo que trouxemos da versão de “*Dai zuovan klaina Seicha*” pode causar certo estranhamento à primeira vista. Mas é visualmente interessante ao leitor, pois a partir dele, poderíamos cogitar até que ponto a oralidade preserva as divisões das unidades lexicais como fazemos na escrita, visto que o sujeito que escreveu não dividiu as unidades como nós faríamos em uma língua padrão escrita. O autor do referido exemplo parece enxergar as unidades lexicais em grupos de palavras maiores, talvez agregados pelo ritmo que a fala imprime ao rememorar o conteúdo. Tais agrupamentos e divisões fazem sentido para quem escreveu; contudo, as lexias necessárias para a construção de sentido estão ali presentes, conforme divisão que fazemos abaixo à guisa de tentativa de esclarecimento.

Exemplo: “Dátvázazuóvankláinaséichaunzinschuésta, pápaunmámavúlanambalgo”.

Separação das lexias: “Dát váz a zuóvan kláina séicha un zin schuésta, pápa un máma vúla nam bal go”.

Nossa leitura de como poderia ser em alto alemão: “Das war ein sieben kleinen Ziegen und sein Schwester. Pappa und Mamma wollten nach Ball gehen”.

Nossa tradução para o Português do Brasil: “Era uma vez sete cabritinhos e sua irmã. Papai e mamãe queriam ir para o baile”.

No caso do conto “Os Sete cabritinhos”, talvez seja possível falarmos em Paremiologia, visto que, segundo Amadeu Amaral (1976), Paremiologia é “o estudo das formas de expressões

baile e viram que só um cabritinho estava ali e perguntaram “o que houve”, “o lobo comeu todos os outros”, e aí saíram a procurar o lobo e viram ele deitado numa sombra dormindo, aí o pai disse “vamos cortar a barriga dele” e assim todos cabritinhos saíram e encheram a barriga de pedra e costuraram. Dali a pouco o lobo acordou com uma sede tremenda e foi beber água num poço profundo e daí as pedras rolaram pra frente e ele caiu no poço, se afogando. E aí os cabritinhos dançaram e pularam em volta do poço porque o lobo se afogou. E assim todos cabritinhos se salvaram. Menos o lobo” (SILVA, 2013, p. 10-11).

coletivas e tradicionais incorporadas à linguagem cotidiana”, conceito apropriado através da leitura de Xatara e Succi, que em 2008 propõem estarmos “revisitando o conceito de provérbio”.

4.2. Fraseologismos em pomerano e em alemão baseados no *Pommersche Korpora*

Mas voltemos aos fraseologismos, a partir dos quais Welker propõe ainda as divisões terminológicas “fraseologismo idiomático” e “fraseologismo não-idiomático”. O primeiro termo é conceituado como situação em que o todo é diferente da parte, são as expressões que literalmente não trariam o sentido que imprimimos ao conteúdo total expressado, ou seja, o sentido da frase não é a soma de cada um dos itens lexicais da frase, mas há um sentido no conjunto da frase, pois está associado a um culturema específico.

Já no segundo caso, o do “fraseologismo não-idiomático”, seria quando, ao traduzir, o sentido literal é bem próximo ao sentido recorrente na cultura linguística; porém, nesse caso, há uma compreensão mais fácil, inclusive por aqueles que não têm um conhecimento mais profundo do culturema que teria gerado tal expressão. Nesse sentido, exemplificamos a seguir:

Geizige Hals, em alto alemão e *gaitsig hals*, em pomerano – seriam equivalentes ao nosso *pão duro*, mas literalmente a tradução seria *pescoço avarento.

Tanto em alemão quanto em pomerano observamos que é frequente o uso de partes do corpo para gerar expressões de sentido figurado, pois em nossas leituras e contatos linguísticos temos notado que o pescoço parece estar sempre relacionado com alguma atitude pessoal como avareza, precipitação etc. Então poderíamos dizer que, segundo a teoria de Welker, esse seria um exemplo de fraseologismo idiomático.

Inserimos abaixo três exemplos em pomerano retirados do *Pommersche Korpora*:

- 1) *Von hals lous wara* – o sentido é de “safar-se de um chato”, literalmente *escapar de um pescoço, seria o nosso *sair fora* de uma pessoa desagradável e/ou mesquinha.
- 2) *Loigensak* – “mentiroso” – *saco de mentiras.
A mesma fórmula é usada em:
- 3) *Prålsak* – “convencido” – *saco de falação, “um saco de exibicionismo”, de falação sobre si mesmo – uma variante desse léxico encontrada no leste de Minas Gerais é *Prevållsack* ou *Prellårsack*, que seria “tagarela”, “falador”, literalmente *um saco de falação.

O exemplo 1 acima corrobora nossa hipótese de que tanto no alemão quanto no pomerano as partes do corpo, nesse exemplo o pescoço, se ligam a fraseologismos que ganham sentidos de atitudes pessoais, nesse caso o pescoço, se refere a uma pessoa chata, seria próximo ao nosso *fulano é carne de pescoço*, ou seja, uma pessoa difícil de conviver. Em um momento posterior deste texto trabalharemos exemplos utilizando a cabeça para indicar atitudes pessoais.

Bossmann, pesquisador que descreveu em sua obra a mescla linguística teuto-brasileira (*Deutsch-brasilianischen Mischsprache*), levantou, por volta de 1953, alguns exemplos de frases, pois ele percebia uma influência da estrutura da língua portuguesa na formação de frases convencionais nas variedades alemãs faladas no Brasil, que por vezes diferiam das mesmas expressões idiomáticas na versão em *alto alemão*.

Sobre o referido levantamento de frases realizado por Bossmann (1953), gostaríamos de citá-los abaixo:

Zweifellos – não há dúvida (BOSSMANN, 1953, p. 107) – Também poderíamos traduzir como *sem dúvida, em *alto alemão* teríamos também *Es besteht kein Zweifel*.

Gemeinheit – barbaridade (Idem) – *Gemein* que vem da palavra *comum e nesse caso recebeu o sufixo *heit*.

Schweinerei – porcaria (Ibidem) – em *alto alemão* seria *Scheiße*, pois *Schweinerei* que vem de *Schwein* – *porco, geralmente é usado para bagunça, mas no contexto brasileiro foi encontrado no sentido de “porcaria”.

nicht der Mühe wert – não vale a pena (Ibidem) – em *alto alemão* seria *es lohnt sich nicht*, *isso não vale a pena ou *não compensa*.

O autor cita também algumas expressões em que o léxico usado foge ao padrão para os contextos em questão, mas que adquiriram no Brasil um outro sentido:

Heute hat's keine Kraft (für Strom; wörtl. Übersetzung von força) (Ibidem) – A tradução literal seria *hoje não tem força, mas o sentido nesse contexto é de “hoje estamos sem energia elétrica”.

Ich mache den Kaffee kochen (faço ferver) (Ibidem) – literalmente seria *eu faço o café cozinhar, mas em português não faria sentido, não seria uma tradução daquilo que se pretenderia dizer, pois a semântica desse fraseologismo é de “fazer o café ferver”, “esperar levantar fervura”, como dizemos em português, em Minas Gerais, por exemplo.

Ich will mit ihm keine Freundschaft machen (fazer amizade) (Ibidem) – Em *alto alemão* seria *Freundschaft schließen* – Aqui podemos perceber que a expressão “fazer amizade”, conforme expressão em português, exerceu influência sobre a versão alemã no sul do Brasil, onde Bossmann coletou os exemplos, visto que em *alto alemão*, a mesma expressão seria formada utilizando *schließen* – fechar e não o verbo fazer, ou seja, *machen*.

Im Merkado hat es viele Bankas (Ibidem) – “No mercado tem muitas bancas”, frase em que o léxico *Bankas* parece ser uma forma germanizada de bancas. Em *alto alemão* seria *Auf dem Markt gibt es viele Stände* – *No mercado há muitas bancas.

Os “fraseologismos não-idiomáticos” trariam um significado “transparente”, pois o sintagma seria resultado da soma dos significados individuais de seus componentes (WELKER, 2004, p. 143), nesse caso trariam um sentido mais próximo ao literal.

Citamos abaixo alguns exemplos de fraseologismos de sentido claro, de fácil compreensão. São exemplos retirados, na maioria das vezes, do nosso *Pommersche Korpora*. Dentre eles há também alguns exemplos em que nos baseamos em frases citadas no dicionário enciclopédico de Tressmann (2006), embora não haja indicação da autoria de frases de exemplos nem dos textos que o autor utilizou em sua obra. Aliás, nem sempre optamos por seguir estritamente as traduções do referido autor, por discordar da tradução e/ou da forma escrita de alguns verbetes, pois nos baseamos também no *Pommersche Korpora* e nessa fonte encontramos outras formas de escrita das mesmas lexias, bem como consideramos que possam haver pequenas variações regionais no pomerano falado no Brasil.

Dat bliwt sou as dat is – Isso fica como está – (TRESSMANN, 2006) – *Isso fica assim como isso está.

Dat bliwt uuner ous – Isso fica entre nós – (Idem) – *Isso permanece entre nós.

Upm walach rijra – andar a cavalo – (Ibidem) – *Correr sobre o cavalo.

Dat wourd hula – manter a palavra – (Ibidem) – *A palavra conservar.

Dat wourd breeka – quebrar a palavra – (Ibidem) – A tradução do autor já está em sentido literal.

So waick as wul (Pommersche Korpora) – “macio como pluma”, mas *wul*, literalmente, seria nuvem – *Tão macio como nuvem. Também encontramos nuvem escrito na forma *vólga* em pomerano, em *alto alemão* seria *Wolken*.

Hai deit feel waita (Idem) – “Ele é sábio” – esta é uma expressão para chamar

alguém de sábio, literalmente *ele sabe muito (mesmo), aqui o *deit*, parece funcionar apenas como partícula enfática.

Observamos que a partícula “*deit*”, presente no exemplo acima, também foi encontrada no *Pommersche Korpora* nas formas “*däit*”, “*dêit*”, “*deyt*” e “*deet*”.

Percebemos, também, que a relação entre sentido transparente e não transparente é muito tênue; algumas expressões parecem estar em um nível intermediário, pois as leituras que podem ser feitas a partir delas dependem muito da cultura e do conhecimento da língua por parte do leitor. As expressões que citaremos abaixo podem ter um sentido mais imediato, de compreensão mais racional e menos cultural, ou não. Vejamos:

Uuner mij un ehm is nischt wat is ni fom andra wät – “Entre mim e ele não há segredos”, literalmente seria *entre mim e ele não há nada que não seja sabido pelo outro.

Hai wät alla utm kopp – literalmente seria *ele sabe tudo com a cabeça ou de cabeça, seria equivalente ao nosso “saber de cor”, mas para os germânicos, devido à racionalidade de sua língua, não seria aceitável formar essa expressão com *Herz* (coração em *alto alemão*, *herts* em *pomerano*), pois para eles não se sabe de cor e sim de mente. Em português, por exemplo, usamos frequentemente “saber de cor” que etimologicamente remete a *Core*, coração. Nas variedades linguísticas em questão, alemão e pomerano, essa expressão é formada com outra parte do corpo *kopp* (cabeça), então fica “sabe tudo de cabeça”, pois se pensa com a cabeça e não com o coração.

Seguindo a temática de fraseologismos utilizando membros do corpo humano: Cabeça, *kopp* em pomerano, citamos abaixo mais alguns fraseologismos em pomerano, retirados do *Pommersche Korpora*:

Dat hät kaina faut un ouck kaina kopp – “isso não tem nem pé nem cabeça”.

Dat hät kair kopp un kair ârs – outra forma encontrada para “isso não tem pé nem cabeça”.

De kopp kuld hula – estar “despreocupado”, literalmente *manter a cabeça fria.

De kopp hänga lâta – “desanimar”, literalmente *deixar a cabeça pendurada.

Sai hät nischt im kopp – “imatura”, literalmente *ela não tem nada na cabeça.

De kopp velora – “perder o equilíbrio”, o controle do comportamento, *perder a cabeça.

Hai hât strou im kopp – “ele é tolo”, literalmente seria *ele tem palha na cabeça, mas seria equivalente ao nosso *ele não tem nada na cabeça*.

Nesse mesmo sentido, citaremos abaixo três amostras da variedade alemã *Mecklenburgisch-Vorpommersch*, o “pomerano anterior mecklemburguense”:

- 1) *Stroh in'n Kopp hemm' – dumm sein, auch verrückt* (HERMANN-WINTER, 2008, p. 312) – traduzindo seria *ter palha na cabeça, “ser estúpido”, “maluco”.
- 2) *Stroh in'n Schauh hemm' – nicht normal sein* (Idem) – “não ser normal”.
- 3) *Mit Stroh backen – dumm sein* (Ibidem) – literalmente seria *assar com palha, mas significa “ser estúpido”, “ser babaca”.

Outros exemplos de diversas expressões extraídas do *Pommersche Korpora*:

Hai fuirt den as dai blits – “Ele dirigia como um relâmpago”, *Ele dirigia assim como o relâmpago.

Hai hât sich dat leewend noohma – “Ele se suicidou” – literalmente seria *ele levou a sua própria vida ou ainda poderíamos traduzir como *ele tomou para si a sua própria vida.

Im ber leiga – “estar doente”, “acamado”, mas literalmente seria *ficar deitado na cama.

Hai hât kain blijwend stel – “sem parada permanente”, literalmente seria *ele não tem permanecido no local, porém refere-se a pessoas que não param em lugar algum devido a frequentes mudanças de endereço.

Gaigen de Stroumm schwemma – *nadar contra a corrente. Seria o equivalente ao *nadar contra a correnteza*, frequente em português do Brasil.

Listamos abaixo algumas expressões idiomáticas pesquisadas no Dicionário Enciclopédico Pomerano-Português. Nos casos abaixo decidimos listar as expressões apenas com as traduções realizadas pelo autor do dicionário. Essas expressões foram encontradas como frases de exemplos de usos dos verbetes:

Nacht blijwa – “pernoitar” – (TRESSMANN, 2006).

Lât dat blijwa – “deixe disso” – (Idem).

ana [einer]blöigen anfänga – “desabrochar” – (Ibidem).

Wald afhouga – “desmatar” – (Ibidem).

Am leewend blijwa – “sobreviver” – (Ibidem).

As hai taum doud blijwen laig – “estar à beira da morte” – (Ibidem).

4.3 Ditados populares e versos rimados em pomerano e sobre os pomeranos

Ein pommerscher magen kann alles vertragen – significa “um estômago pomerano tudo consegue aguentar”. (ROLKE, 1996, p. 56) – ditado popular em *alto alemão* sobre os pomeranos.

Drai up ainem walach. Neem ala mijn wrata mit (TRESSMANN, 2006) – significa “Três pessoas montadas num mesmo cavalo. Leve embora todas as minhas verrugas”. Ditado popular em pomerano.

Wee sündag arbeit, dai kümt in dai Mån – significa “Quem trabalha no domingo não vai para o céu mas para a Lua” (Idem).

Wee mândags wegtrekt dai wart swijn up passe (Ibidem) – *quem se muda na segunda-feira vai ficar vigiando porcos, porém o sentido aqui é de que “quem se muda na segunda-feira vai ficar pobre”.

Am mândag gäit dai arbeit werer lous (Ibidem) – “Segunda-feira o trabalho continua”.

Morgen is werer bläg mândag (Ibidem) – “amanhã novamente será um dia de muitos trabalhos”, mas literalmente a tradução é *amanhã será novamente segunda-feira, muito utilizada após dias de festa, por causa da ressaca e da longa duração das festas pomeranas.

Frijdag is air frijgdag (Ibidem) – “sexta-feira é dia de casamento”, literalmente seria *sexta-feira é o dia de *Frija*.

Aqui cabe uma explicação: entre os povos germânicos havia antigamente o costume de dedicar a sexta-feira à divindade feminina *Frija*, *Frigg* ou *Frida*, que era esposa do deus *Wotan*. E como *Frija* era a deusa dos afazeres femininos, do amor e do casamento, atualmente quando se diz entre os pomeranos que sexta-feira é o dia de *Frija*, é equivalente a dizer que sexta-feira é dia de casamento. Observamos ainda que o casamento pomerano dura cerca de três dias, pois começa na sexta-feira e termina no domingo à noite.

Temos ainda alguns adágios, que são provérbios que recordam o que é usual, sentenças difundidas pelo conhecimento popular pomerano:

Der Vater ist im Krieg, die Mutter ist in Pommerland. Pommerland ist abgebrand. (FOLHA POMERANA, Ed.13, 2013).

A tradução seria “O pai está na guerra, a mãe está na Pomerânia. A Pomerânia foi queimada”. Aqui o ditado sobre os pomeranos escrito em alto alemão produz uma rima.

Fo dai airsta da Doud, fo dai zweita dat broudt, fo dai drütda dat Frou (FOLHA POMERANA, Ed.32, 2013).

O ditado popular escrito em pomerano significa “Aos Primeiros a morte, aos segundos o pão e aos terceiros a satisfação”. E parece ser uma menção ao processo de imigração para o Brasil.

Wen ik wüst dat dai wild morgen uunergüing, den wü ik hüüt nog aine boum plante (WILLE, 2011).

A versão dessa máxima em alto alemão seria: *Und wenn ich wüßte, daß morgen die Welt unterginge, würde ich noch heute ein Apfelbäumchen pflanzen.* Frase famosa de autoria de Martin Luther, que traduzindo para o português significa: “Se soubesse que o mundo terminaria amanhã, hoje mesmo ainda plantaria uma árvore.”

Citamos também alguns versos rimados encontrados e compilados durante a coleta do *Pommersche Korpora*:

Ick bin klain. Mein herts ist drein. Wo niemand nie einwohnen als Jesus allein (Pommersche Korpora – MG). Esse verso em pomerano parece ser uma versão do alto alemão com algumas “alterações”.

Ich bin klein, mein Herz ist rein. Soll niemand drin wohnen als Jesus allein. Aqui apresentamos a versão em alto alemão.

Encontramos um texto em uma forma de escrita transliterada, o qual parece se referir aos mesmos versos:

Ich vin klain mai rets so laine. So limen tro bana e ets so laine. Amen. (Blog Pommerplattdütsch).

Podemos traduzir as três versões do verso acima para o português do Brasil: “Eu sou pequeno, meu coração é puro. Ninguém deve viver nele, somente Jesus”.

Ick bin klain, du bist grôute, jetzt ein jounq, wil pala tôuce (Pommersche Korpora – MG). Agora o exemplo já indica uma influência da língua portuguesa porque

“pala tôuce”, se refere a bala doce ou balinha. Uma tradução aproximada dessa versão seria: “Eu sou pequeno, tu és grande, enquanto ainda jovem, quero bala doce”.

Lass mich gehn, lass mich gehn, dass ich Jesus möge sehn. (Pommersche Korpora. Lápide de Cemitério - MG). Trata-se de um verso rimado encontrado no túmulo de uma criança de família pomerana em um cemitério de imigrantes pomeranos em Minas Gerais. Traduzimos como: “Deixe-me ir, deixe-me ir, para que eu possa ver Jesus”.

Citamos também outros tipos de versos rimados, trata-se de um trava-línguas ou *Zungenbrecher* na versão em pomerano:

klaina kina kana kaina kuli kafi koka (Pommersche Korpora, 2014).
Kleiner Kinder können keiner kalter Kaffee kochen – nossa tradução para o alto alemão.*Crianças pequenas podem nenhum café frio cozinhar.

Embora não faça muito sentido em português, essa é uma brincadeira comum entre as crianças pomeranas. Esse trava-línguas foi coletado em São Lourenço do Sul/RS.

Outros versos que produzem rimas em pomerano:

<i>Wist duu wurst?</i>	Você quer linguiça?
<i>Wen duu wurst wist</i>	Se você quer linguiça,
<i>den neem dij wurst</i>	então pegue a linguiça,
<i>wen duu wurst eeta wust!</i>	Quando você quer linguiça comer
(Ditados pomeranos <i>apud</i> TRESSMANN, 2006)	

5. Considerações Finais

Carneiro (2013) reuniu em seu texto algumas definições de fraseologia. Ele lista alguns exemplos como colocações, binômios, expressões idiomáticas, locuções nominais e verbais, estruturas típicas de um determinado tipo de comunicação, além de fórmulas e frases padronizadas pelo uso frequente como ocorrências fraseológicas de uma língua. Assim, poderíamos afirmar que, de modo geral, fraseologismo é uma unidade de sentido em torno de determinados assuntos, colocação essa que permite maior flexibilidade quanto à extensão do segmento textual em questão, importando o fato de que veiculem um novo sentido no conjunto.

Por isso, optamos por uma visão mais ampla de fraseologismo, que entende unidades fraseológicas como sequências de palavras que têm uma coesão interna do ponto de vista

semântico e que possuem propriedades morfossintáticas específicas (BIDERMANN, p.750, 2005), porém assim não nos limitamos ao número de palavras, se é apenas duas palavras, uma frase ou um texto.

Acreditamos também que o conceito de *culturema* desenvolvido por Pamies Bertrán e esclarecido por Xatara, Santos e Seco contribui para compreendermos as relações motivadas e não motivadas que envolvem os fraseologismos, desmistificando a ideia de petrificação; porém, consideramos que há situações em que há uma relativa fixidez, conforme apontado por Welker e verificado através de exemplos em que do alemão para o pomerano há uma pequena variação, mas a estrutura permanece a mesma. Assim, mesmo que comparemos fraseologismos entre línguas diferentes, não podemos esquecer que há *culturemas* específicos que são “ativados” de acordo com o contexto que motivou o surgimento e veiculação dos mesmos.

Assim, depois do percurso teórico que desenvolvemos neste texto e do trabalho com variados exemplos de fraseologismos em pomerano e em alemão, através de expressões, adágios, ditados populares, provérbios e versos rimados, gostaríamos de concluir este instrumento com a expectativa de contribuir, mesmo que timidamente, para a temática em questão e fazer com que o léxico pomerano, aqui definido como o léxico da variedade *Brasilianische-Pommersch*, uma variedade germânica que sobrevive no Brasil, seja conhecido pelo público em geral.

Ainda com tal intuito decidimos inserir também os significativos versos abaixo que manifestam aspectos da cultura pomerana, como por exemplo, a simplicidade e a valorização do conhecimento popular enquanto comunidade linguística:

Wij eeta wat wij häwa

Un singa wat wij waita

Wat ik ni wait,

Mökt mij ni hait

Un bringt mij ni im swait

(Ditados pomeranos *apud* TRESSMANN, 2006)

Nós comemos o que temos

Cantamos o que sabemos

O que eu não sei

não me preocupa

e não me faz suar

Referências bibliográficas

BEILKE, N. S. V. Pomerano: uma variedade germânica em Minas Gerais. In: **Anais do SILEL**. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. ISSN: 2237-6607. Disponível em: <http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel>. Acesso em 24 de junho 2014.

_____. Do nativo ao pomerano: as línguas, os dialetos e falares vivos de um Brasil pouco conhecido. In: **Revista Domínios de Linguagem**, v. 7, n. 1. Jan./Jun. 2013. p. 264-283. ISSN 1980-5799. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>. Acesso em 24 de junho 2014.

PAMIES BERTRÁN, A. Productividad fraseológica y competencia metafórica (inter)cultural. In: **Paremia**, v. 17, p. 41-57, s/l., 2008.

BIDERMAN, M. T. C. Unidades complexas do léxico. In: Rio-Torto, G.; Figueiredo, O.M.; Silva, F. (Org.). **Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela**. 1ªed. Porto, Portugal: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. 2, p. 747-757, 2005.

BOSSMANN, R. Zur deutsch-brasilianischen, Mischsprache. In: **Letras I**, s.e., Curitiba, 1953.

CAMARGO, S. Expressões Idiomáticas do alemão e do português. – Linguistik und Sprach didaktik. In: **Pandaemonium germanicum**, v. 7, p. 173-189, s/l., 2003.

CARNEIRO, R. M. O. **Fraseologia e Padronização Linguística**: colocação, coligação, preferência semântica e prosódia semântica. Uberlândia, Universidade Federal de Uberlândia, 2013.[artigo não publicado].

FOLHA POMERANA EXPRESS. Informativo das Comunidades Pomeranas Brasileiras. Ano I - Edição nº 13. Venâncio Aires, 2013.

_____. Informativo das Comunidades Pomeranas Brasileiras. Ano I - Edição nº 32. Venâncio Aires, 2014.

HERRMANN-WINTER, R. **Plattdeutsch-hochdeutsches Wörterbuch für den mecklenburgisch-vorpommerschen Sprachraum**. 5. Veränd. Aufl. – Hinstorff. Rostock, 2003.

KRAUSE, M. **Up Pommersch – Em pomerano**. Disponível em <http://pommerplattdeutsch.blogspot.com.br/2010/07/up-pommersch-em-pomerano>. Acesso em 24 de junho 2014.

MARTINS, E. S. O tratamento das lexias compostas e complexas. In: **Revista do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**. v.4, 2002. Disponível em http://www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_15.pdf. Acesso em 12 de março 2014.

SILVA, D. K. Dái zuóvan kláina séicha: memória e cultura pomerana através de um (re)conto. In: **Revista História e História**, Campinas, 2013. Disponível em <http://historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=255>. Acesso em 24 junho 2014.

_____. **Projeto Pomerando**: língua pomerana na Escola Germano Hübner.1. ed., s.e., São Lourenço do Sul, 2012. ISBN 978-85-914716-1-4.

TRESSMANN, I. **Dicionário Enciclopédico Pomerano-Português**. Ed. Farese. Santa Maria de Jetibá, 2006.

XATARA, C. M. ; SANTOS, M. M. O. A variação intralinguística nas expressões idiomáticas sinônimas em português do Brasil e francês da França. In: **Domínios de Linguagem**, v. 8, n. 1 (jan./jun. 2014), p. 413-421. ISSN 1980-5799. Disponível em: <http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel>. Acesso em 24 de junho 2014.

XATARA, C. M.; SECO, M. Culturemas em contraste: idiomatismos do português brasileiro e europeu. In: **Domínios de Linguagem**, v. 8, n. 1 (jan./jun. 2014), p. 502-519. ISSN 1980-5799. Disponível em: <http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel>. Acesso em 24 de junho 2014.

XATARA, C. M. ; SUCCI, T. M. Revisitando o conceito de provérbio. In: **Revista Veredas**. PPGL/UFJF, v. 1. Juiz de Fora, 2008, p. 33-48. ISSN 1982-2243. Disponível em: <http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel>. Acesso em 24 de junho 2014.

WELKER, H. A. **Dicionários - uma pequena introdução à lexicografia**. 2. ed., Thesaurus. Brasília, 2004.

WILLE, L. **Pomeranos no sul do Rio Grande do Sul: trajetória, mitos, cultura**. Ed. ULBRA. Canoas, 2011.

Bibliografia

BURGER, H. et al. **Handbuch der Phraseologie**. De Gruyter. Berlin, New York, 1982.

FLEISCHER, W. **Phraseologie der deutschen Gegenwartssprache**. VEB Bibliographisches Institut, Leipzig, 1982.

NADAL, L. L. Los culturemas: ¿unidades lingüísticas, ideológicas o culturales? In: **Language Design**, p. 93-120, s/l., 2009.

SANDMAN, A. J. O que é composto. In: **D.E.L.T.A**, v. 6. UFP. Curitiba, 1990.

Artigo recebido em: 15.09.2014

Artigo aprovado em: 08.12.2014

A tradução de fraseologismos no jornal *El País*: um estudo contrastivo em espanhol e português

The translation of phraseologisms in the newspaper *El País*: a contrastive study in Spanish and Portuguese

Ariel Novodvorski*

Mariama de Lourdes Alves**

RESUMO: Este artigo apresenta um estudo sobre a tradução de fraseologismos, mais especificamente de colocações, num corpus jornalístico em espanhol e português, relacionado à última Copa do Mundo (2014), a partir das edições Espanha e Brasil do jornal *El País*. A fundamentação teórica adotada está circunscrita à taxonomia proposta por Corpas (2010), para a análise de unidades fraseológicas, aos Estudos da Tradução (HURTADO ALBIR, 2008) e à concepção de cultura formulada por Santos (1985) e Brown (1994). A Linguística de Corpus forma parte dos procedimentos metodológicos e da abordagem empírica empregada. Por meio de uma análise inicial dos dados colhidos num texto jornalístico de opinião e sua respectiva tradução, foi verificada a produtividade tanto da temática quanto das referências teóricas e métodos de análise escolhidos. A análise contrastiva dos fraseologismos encontrados aponta para a função de mediação cultural exercida na tradução. As operações gramaticais realizadas nos fraseologismos estudados são uma mostra de criatividade, nas escolhas léxico-gramaticais realizadas em ambas as línguas, além de uma adequação aos contextos socioculturais dos leitores, tanto de uma quanto da outra edição do jornal.

PALAVRAS-CHAVE: Fraseologismos. Estudos da Tradução. Linguística de Corpus. Copa do Mundo.

ABSTRACT: This paper investigates the translation of phraseologisms, more specifically of collocations, in a journalistic corpus in Spanish and Portuguese, related to the last World Cup (2014), comparing the Brazilian and Spanish editions of the newspaper *EL PAÍS*. The adopted theoretical foundation is limited to the taxonomy proposed by Corpas (2010), for the analysis of phraseological units, to Translation Studies (HURTADO ALBIR, 2008) and to the concept of culture formulated by Santos (1985) and Brown (1994). Corpus Linguistics is part of the methodological procedures and the empirical approach employed. Through an initial analysis of the collected data in a journalistic text of opinion and their translations, it was tested the productivity of both the thematic and theoretical references and methods for analysis. The contrastive analysis of phraseologisms points out to the function of cultural mediation exercised in translation. Grammatical operations performed in the studied phraseologisms are a sample of creativity in the lexicogrammatical choices made in both languages, as well as an adaptation to the socio-cultural contexts of readers in both editions of the newspaper.

KEYWORDS: Phraseologisms. Translation Studies. Corpus Linguistics. World Cup.

* Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professor Adjunto no Curso de Graduação em Letras e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) do Instituto de Letras e Linguística (ILEEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: arivorski@gmail.com.

** Graduada em Letras. Professora substituta da ESEBA - Escola de Educação Básica da UFU. E-mail: mari_ama@hotmail.com.

1. Introdução

O artigo se concentra no estudo da tradução de fraseologismos, presentes numa coluna de opinião do jornal *El País*, em suas versões espanhola e brasileira, com o tema da última Copa do Mundo, ocorrida no Brasil. Ao analisarmos a importância do tema, verificamos sua relação com outras questões locais que demandam conhecimentos prévios sobre economia, educação e política brasileira. As reflexões iniciais sobre esse assunto surgiram a partir de um primeiro contato com as áreas da Tradução e da Linguística de Corpus, no âmbito das disciplinas *Língua Espanhola: estudos em tradução* e *Língua Espanhola: estudos descritivos e linguística de corpus*, oferecidas pelo Curso de Graduação em Letras, da Universidade Federal de Uberlândia. Por meio desse contato, foi possível analisar as dificuldades encontradas ao se fazer uma tradução, principalmente quando os textos estão inseridos num contexto com costumes locais e tradições.

Com essa inquietação, começamos a participar do *Grupo de Estudos Contrastivos* (GECon), que tem como foco o estudo de aspectos léxico-gramaticais em uma abordagem descritivo-contrastiva. Nesse grupo e, em particular, com o presente trabalho, inauguramos a linha de pesquisa que intitulamos *Fraseologia e Tradução*, com o objetivo de analisar aspectos da tradução em unidades fraseológicas (UFs) à luz da Linguística de Corpus (LC). Este artigo é uma análise inicial, inserida numa pesquisa em nível de mestrado, ainda a ser desenvolvida. Apresentaremos aqui apenas os resultados encontrados na análise contrastiva de um texto em relação tradutória, que forma parte de um *corpus* bilíngüe espanhol/português, com a temática da última Copa de Futebol, que se encontra em fase de compilação.

Especificamente no que tange à língua espanhola como língua estrangeira (ELE) no Brasil, vemos a importância da realização de estudos como o que se propõe neste trabalho, uma vez que a tradução de fraseologismos não forma parte das explicações encontradas nos dicionários mais utilizados dessa língua, fato que dificulta a compreensão tanto de estudantes como de tradutores. Essa dificuldade com a tradução da fraseologia não é novidade; segundo Timofeeva (2008), as unidades fraseológicas não poderiam ser traduzidas sem existir uma perda ou transformação importante no resultado final. Algumas das dificuldades do tradutor surgem com relação aos heterossemânticos (popularmente conhecidos pelo questionável termo de “falsos amigos”, assunto que já daria um capítulo à parte e que não cabe aqui) presentes na língua espanhola, principalmente quando estão no âmbito fraseológico.

Os princípios básicos caros à Linguística de Corpus serão utilizados na pesquisa, como abordagem e metodologia para a coleta de dados em termos quantitativos e qualitativos, tomando por base Berber Sardinha (2004; 2009). O *corpus* será preparado e sistematizado, para emprego das ferramentas presentes no programa *WordSmith Tools*®, em sua versão 5,0 (SCOTT, 2008)¹. Já para a análise do *corpus*, utilizaremos a fundamentação teórica presente na área da fraseologia e da tradução, para investigar o tratamento dado nas traduções às unidades fraseológicas. Por ser considerada uma área interdisciplinar, tal combinação abarca aspectos de morfologia, sintaxe, léxico, semântica e também de pragmática.

Para uma abordagem específica sobre a fraseologia, apoiamo-nos no conteúdo sobre a cultura e sua relação com as línguas estrangeiras, com base em Santos (1985) e Brown (1994). Acerca dos fraseologismos, especificamente, partimos dos seguintes autores: Corpas (2010), Xavier López (2012), Alvares (2002), Sirlene Oliveira (2009) e Casares (1992). Já com relação à tradução, escolhemos Hurtado Albir (2008), Souza (1998), Rodrigues (2000) e Timofeeva (2008), para apresentarmos e discutirmos diferentes posicionamentos teóricos sobre a temática.

Como principal objetivo da pesquisa, buscamos analisar os dados encontrados num *corpus* jornalístico com a temática da Copa do Mundo ocorrida em Brasil (2014), para tentar compreender e explicar de que maneira os fraseologismos são traduzidos da língua espanhola para o português, em termos de técnicas e procedimentos de tradução, nas edições espanhola e brasileira veiculadas pelo jornal *El País*². Para o presente artigo, os objetivos específicos são descrever, comparar e analisar os fraseologismos conforme a taxonomia proposta por Corpas (2010), encontrados no texto *No hubo Copa en Brasil*³, de autoria do colunista Juan Arias (2014), e as soluções e recursos utilizados na tradução para o português brasileiro, publicada como *Não houve Copa*⁴ (ver Anexo).

A respeito da questão de autoria, da não indicação do tradutor e de uma possível autotradução do artigo, isto é, que o próprio autor poderia ser também o tradutor, apresentaremos algumas observações no início da seção de análise. Cabe destacar, contudo, que

¹ Cabe destacar aqui que, como não faremos um uso específico e avançado de ferramentas e de princípios caros à Linguística de Corpus no presente artigo, tampouco faremos uma explanação detalhada sobre essa área no texto.

² Edição Espanha, disponível em: <<http://elpais.com/?cp=1>> e edição Brasil, disponível em: <<http://brasil.elpais.com/?cp=3>>. Acesso em: 13 set. 2014.

³ Texto publicado na edição Espanha do jornal El País, seção Internacional. Disponível em: http://internacional.elpais.com/internacional/2014/09/01/actualidad/1409524081_365779.html. Acesso em: 10 set. 2014.

⁴ Texto publicado na edição Brasil do jornal El País, seção Opinião. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/31/opinion/1409517709_164489.html>. Acesso em: 10 set. 2014.

a relação tradutória dos textos que compõem nosso corpus de análise está dada na direção espanhol (texto original) e português (texto traduzido).

A próxima seção circunscreve em termos teóricos o presente trabalho.

2. Fundamentação teórica

Após uma breve exposição acerca das relações entre cultura e língua estrangeira (SANTOS, 1985; BROWN, 1994), apresentamos conceitos básicos sobre fraseologismos, principalmente uma aproximação à taxonomia proposta por Corpas (2010), e sobre a tradução, com destaque em Hurtado Albir (2008), Souza (1998) e Timofeeva (2008).

2.1 Cultura e língua estrangeira

Pesquisando sobre fraseologismo, encontramos diversos trabalhos relacionados à elaboração de dicionários de unidades fraseológicas. Estes visam facilitar o trabalho de tradutores, mas é preciso considerar um fator essencial: a cultura. De que maneira está contextualizada com a língua estrangeira, para que seja entendida a relação com a tradução?

Segundo o antropólogo Santos (1985), há duas concepções básicas sobre a cultura. A primeira é relacionada aos fatores que individualizam a existência social de grupos na sociedade. Já a segunda, refere-se aos conhecimentos, ideias, práticas costumeiras e crenças de um grupo e a suas atitudes numa sociedade.

Segundo Brown (1994, p. 165), “uma língua é parte de uma cultura e a cultura é parte da língua, as duas são intrinsecamente interligadas de modo que não se pode separar uma da outra sem perda do significado de uma delas”. Nesse sentido, aprender uma língua estrangeira significa também aprender sobre sua cultura e vice-versa. Para que a aprendizagem seja completa, é necessário que esses dois fatores estejam relacionados, pois assim o aprendiz irá se envolver na compreensão do idioma e se identificar com o povo, a história, a comida do país estrangeiro, sua cultura.

López (2012), por sua vez, parte do pressuposto de que uma língua é como os produtos da cultura, refletindo a própria sociedade, e o conjunto de unidades fraseológicas de uma língua destacam todo o grupo de conhecimento cultural que define essa comunidade linguística, de disposição social ou política. A próxima subseção introduz as noções de fraseologismos e uma aproximação à proposta de taxonomia feita por Corpas (2010).

2.1 Fraseologismos

Especificamente sobre os fraseologismos, contamos primeiramente com a colaboração de Alvares (2002), que nos explica que é importante considerar que cada sociedade possui suas próprias características, o que a diferencia das demais. Pensando nisso, Alvares expõe a grande importância que se tem em “ouvir o povo”, por meio de unidades fraseológicas como: *fazer de gato e sapato; tal pai tal filho; estar com a corda toda; dor de cotovelo; pagar o pato*; entre outros fraseologismos. Segundo o mesmo autor:

Essas unidades, chamadas genericamente de fraseologismos, mostram o lado dinâmico da língua, a sua adaptação constante às necessidades comunicacionais do momento, tanto que podem desaparecer logo depois de seu surgimento, principalmente a gíria (se bem que algumas ficam e se incorporam ao inventário lexical da língua sendo fornecidos pela tradição). É obvio admitir que cada comunidade tem uma espécie de inventário de fórmulas conhecidas por seus membros o que pode inferir que comunidades diferentes tenham diferentes inventários (ALVARES, 2002, p. 6).

Ao relacionar os fraseologismos com a língua estrangeira e a tradução, Oliveira (2009) relembra que a língua está em constante mudança, que não se pode esquecer que ao pensar na tradução, sempre haverá algumas expressões que serão consideradas um desafio ao tentar traduzi-las, e os fraseologismos fazem parte desse conjunto. Juntamente à fraseologia, a tradução tem tido uma grande dificuldade em explicar esses termos fraseológicos por meio da literalidade, sem o contato com a cultura que se constitui no e pelo idioma.

Com base nesse problema, Oliveira (2009) explicita que o tradutor se envolve com textos de várias áreas, épocas e contextos, sendo os dicionários seus instrumentos principais para a tradução de “expressões e contextos ignotos”. Os tradutores convivem em uma realidade em que os espaços para informações sobre fraseologia ainda são restritos e com informações confusas, no auxílio às investigações sobre essas estruturas.

Ao explicar sobre os fraseologismos na linguística espanhola, Casares (1992) os relaciona às “locuções”, ou seja, integrariam o conjunto de duas ou mais palavras que “não formam uma oração perfeita”. Nas palavras de Casares (1992, p. 170), fraseologismos são uma “combinação estável de dois ou mais termos, que funcionam como elemento oracional, cujo sentido unitário consabido não se justifica como uma soma do significado dos componentes”.

Considerando as definições anteriores, encontramos a referência tanto a “um inventário de fórmulas” como a “locuções”, em alusão aos fraseologismos. A definição e taxonomia

propostas por Corpas (2010) também incluem esses aspectos. Segundo essa autora (*idem*, p. 125), independentemente da língua que for, as diferentes correntes vêm reconhecendo a fraseologia como uma disciplina ou subdisciplina da lexicologia, que se ocupa das combinações de palavras e unidades fraseológicas. Partindo de uma concepção ampla, Corpas (2010, p. 126) aponta que a fraseologia

engloba todas aquelas combinações formadas por, no mínimo, duas palavras, cujo limite superior se encontra na oração composta, caracterizadas por uma alta frequência de ocorrência na língua e de coocorrência de seus elementos integrantes, além da institucionalização, a estabilidade, a idiomaticidade e a variação que tais unidades apresentam em diferente grau⁵.

Para a Unidade Fraseológica (UF), Corpas (2010, p. 126) propõe a seguinte definição: “uma combinação estável de, pelo menos, duas palavras que, conforme as diferentes correntes, terá como limite superior o sintagma ou a oração composta e apresentará como traços inerentes a fixação ou a idiomaticidade por si mesmas, ou então uma combinação de ambos os critérios”⁶.

Já definindo uma taxonomia das unidades fraseológicas, Corpas (2010, p. 127-137) descreve um primeiro nível de estruturação em três esferas. Na primeira esfera, a autora situa as *colocações*⁷, fixadas pelo uso, com algum grau de restrição combinatória. À segunda esfera correspondem as *locuções*, fixadas no sistema. As unidades destas duas esferas, destaca Corpas, não chegam a formar enunciados completos em si mesmas, nem realizam atos de fala, porque precisam da combinação com outros elementos no discurso. Esse é o ponto em que se diferenciam das unidades da terceira esfera, os *enunciados fraseológicos*. A diferença consiste em que estes, por um lado, constituem enunciados e atos de fala em si mesmos. Além disso, os enunciados fraseológicos (parênteses e fórmulas) estão fixados na fala e formam parte do acervo sociocultural da comunidade do falante.

⁵ Nossa tradução de: “Partimos de una concepción amplia de la fraseología, que engloba todas aquellas combinaciones formadas por al menos dos palabras y cuyo límite superior se sitúa en la oración compuesta, caracterizadas por una alta frecuencia de aparición en la lengua y de coaparición de sus elementos integrantes, así como la institucionalización, la estabilidad, la idiomaticidad y la variación que dichas unidades presentan en diverso grado”. [Observa-se que todas as traduções feitas no artigo são de nossa autoria]

⁶ “Por unidad fraseológica se entiende una combinación estable de al menos dos palabras, que, en virtud de las distintas corrientes, tendrá como límite superior el sintagma o la oración compuesta y presentará como rasgos inherentes la fijación o la idiomaticidad por si solas, o bien una combinación de ambos criterios”.

⁷ Há divergências com relação à inclusão ou não das *colocações* no âmbito dos fraseologismos (ZULUAGA, 2002). Contudo, consideraremos as colocações, nesta etapa inicial dos nossos trabalhos, como elementos dentro dessa primeira esfera de fraseologismos, conforme a concepção original de Corpas (2010).

2.2 Estudos da Tradução

A tradução é considerada uma habilidade, especificamente intitulada como um “saber fazer”. Segundo Hurtado Albir (2008), é um conhecimento operacional que é adquirido por meio da prática. É considerada também uma disciplina que tem como necessidade para seu funcionamento a relação com outras disciplinas, ou seja, possui como característica o fato de ser interdisciplinar, com uma grande discursividade com outras áreas do conhecimento.

É importante destacar as questões básicas nas reflexões sobre a tradução, que conduzem a um conjunto de finalidades e características típicas. Hurtado Albir (2008, p. 28) explica com mais detalhes a respeito:

Se traduz porque as línguas e as culturas são diferentes; a razão de ser da tradução é, desse modo, a diferença linguística e cultural. Se traduz para comunicar, para traspasar a barreira da incomunicação que surge dessa diferença linguística e cultural; a tradução tem, então, uma finalidade comunicativa. Se traduz para alguém que não conhece a língua e, geralmente, tampouco a cultura, em que está formulado um texto (escrito, oral ou audiovisual). O tradutor não traduz para si próprio (exceto em raras ocasiões), traduz para um destinatário que precisa dele, como mediador linguístico e cultural, para ter acesso a um texto⁸.

Importante destacar que a finalidade do tradutor irá influenciar em como a tradução será feita e, principalmente, no resultado final e na interpretação que será dada ao texto. Destacamos também que o foco principal dessa ciência e conhecimento operacional é a comunicação, uma vez que facilita o entendimento dos leitores de diferentes contextos sociais, culturais e também linguísticos. O tradutor é considerado, nesse sentido, como um mediador linguístico e cultural para o acesso aos textos.

Especificamente sobre a tradução, Souza (1998) explica que esta possui dois tipos válidos: a tradução literal, centrada na forma; e a tradução livre, centrada no sentido, ideias ou conceitos. O tradutor tem a liberdade de opção que vai focar as equivalências formais, preservando o sentido semântico do texto original, ou as equivalências funcionais, que irão preservar o valor comunicativo do texto.

⁸ “Se traduce porque las lenguas y las culturas son diferentes; la razón de ser de la traducción es, pues, la diferencia lingüística y cultural. Se traduce para comunicar, para traspasar la barrera de incomunicación debida a esa diferencia lingüística y cultural; la traducción tiene, pues, una finalidad comunicativa. Se traduce para alguien que no conoce la lengua, y generalmente tampoco la cultura, en que está formulado un texto (escrito, oral o audiovisual). El traductor no traduce para sí mismo (excepto en raras ocasiones), traduce para un destinatario que necesita de él, como mediador lingüístico y cultural, para acceder a un texto”.

Timofeeva (2008), em sua tese de doutorado, faz uma relação entre a tradução e a fraseologia. Levando em consideração as dificuldades encontradas no processo de tradução, é importante ressaltar esse fator, e como dicionários e outros materiais que focam nos termos fraseológicos podem colaborar nessa etapa do trabalho do tradutor:

As raízes eminentemente empíricas dos estudos de tradução já corroboram a natureza essencialmente prática desta disciplina. De fato, no seu âmbito não fazem sentido especulações teóricas se não apresentam uma aplicabilidade prática. A razão de ser da disciplina da tradução é uma realidade que se manifesta num resultado concreto como um texto traduzido ou um intercâmbio comunicativo entre duas pessoas que não compartilham nenhuma língua em comum. É aí onde a figura do tradutor sempre aparece como um elemento terciário, mas a sua presença resulta imprescindível⁹ (TIMOFEEVA, 2008, p. 504).

E a autora conclui que “a tarefa de traduzir supõe com frequência o ‘sacrifício’ de certos valores presentes no original, em prol de conseguir uma solução comunicativamente mais adequada”¹⁰ (TIMOFEEVA, 2008, p. 502).

3. Metodologia

Os procedimentos metodológicos que fazem parte do trabalho incluem as etapas de:

- Compilação do *corpus* de estudo: levantamento dos textos originais com suas respectivas traduções, dentro da temática escolhida;
- Preparação do *corpus* para leitura com as ferramentas do programa *WordSmith Tools* (WST);
- Alinhamento do *corpus*, para estudo contrastivo das ocorrências;
- Armazenamento do *corpus* nos formatos DOC e TXT;
- Inserção de cabeçalhos com metadados dos textos que integram o *corpus*;
- Levantamento dos dados gerais do *corpus*;

⁹ “Las raíces eminentemente empíricas de los estudios de traducción ya corroboran la naturaleza esencialmente práctica de esta disciplina. En efecto, en su ámbito de nada sirven especulaciones teóricas si no presentan una aplicabilidad práctica. La razón de ser de la disciplina de la traducción es una realidad que se manifiesta en un resultado concreto como un texto traducido o un intercambio comunicativo entre dos personas que no comparten ninguna lengua en común. De ahí que la figura del traductor siempre aparece como un elemento terciario, pero su presencia resulta imprescindible”.

¹⁰ “la tarea de traducir supone a menudo el ‘sacrificio’ de ciertos valores presentes en el original en aras de conseguir una solución comunicativamente más adecuada”.

- Identificação dos fraseologismos (colocações, locuções e enunciados fraseológicos);
- Etiquetagem dos fraseologismos, para posterior levantamento quantitativo e análises qualitativas das ocorrências;
- Elaboração de tabelas, gráficos e quadros, a partir dos dados obtidos;
- Contraste dos resultados, para verificação se os fraseologismos são traduzidos também por fraseologismos na língua de chegada, por paráfrases ou por nada, e também para constatar a possível ocorrência de fraseologismos nas traduções, que não derivem exatamente de ocorrências no texto original;
- Análise dos dados.

A próxima seção apresenta os dados encontrados e as respectivas análises realizadas.

4. Análise inicial dos dados

A autoria do texto *No hubo Copa en Brasil* é de Juan Arias, correspondente para *EL PAÍS* no Rio de Janeiro há mais de quinze anos, como o próprio autor informa no jornal. É importante salientar que, na versão do texto disponibilizada em língua portuguesa, na edição brasileira do jornal, não se faz menção ao nome do tradutor¹¹. Esse fato nos leva a pensar, por um lado, que o próprio autor poderia ser o tradutor do texto, se levamos em consideração seu tempo de vivência em Brasil, ou, por outro lado, que os textos traduzidos seriam publicados simultaneamente com os originais. Ainda pensando nessa mesma direção, a partir da conferência das datas (31/08/14 e 01/08/14) e dos horários de publicação (17:41 horário de Brasília e 00:39 horário de verão na Europa Central), respeitando-se a diferença horária entre os países, constatamos que ambos os textos foram publicados praticamente de modo simultâneo. Essa observação também nos conduz ao pensamento de que o próprio autor poderia haver feito a tradução do artigo original em espanhol à língua portuguesa, embora não tenhamos conseguido confirmar a possibilidade de autotradução.

¹¹ No próprio jornal *El País* encontramos o artigo *¿Quién traduce en El País?* Nesse texto é feita uma crítica justamente pela falta de menção ao nome dos tradutores, em vista do tanto que se traduz no jornal. Disponível em: <http://elpais.com/diario/2003/03/16/opinion/1047769209_850215.html>. No texto *Bienvenidos a EL PAÍS Brasil*, que divulga o início da edição brasileira do jornal, tampouco se faz nenhuma alusão à tradução dos textos. Disponível em: <http://internacional.elpais.com/internacional/2013/11/25/actualidad/1385413079_095322.html>. Acesso em: 14 set. 2014.

Os dados estatísticos mais gerais, dos textos que utilizamos na presente análise, foram extraídos com a ferramenta *WordList* do programa *WST* e podem ser apreciados na seguinte tabela:

Tabela 1: Dados estatísticos dos textos

	Itens	Formas	Razão Forma/Item
<i>No hubo Copa en Brasil</i>	474	208	44,54
<i>Non houve Copa</i>	481	217	45,68

Cada uma das três esferas de análise das unidades fraseológicas admite um segundo nível de estruturação, segundo Corpas (2010, p. 127). Nesse sentido, para a identificação das *colocações*, escolhemos o critério gramatical, pela relação sintática existente entre os colocados, considerando indiretamente a relação semântica. Algumas das principais colocações em que identificamos diferenças, no contraste entre o texto original e a tradução, com fraseologismos formados por [Verbo + Substantivo (sujeito ou objeto)], podem ser observadas nos seguintes exemplos:

1) *El ministro de Economía reconoce que la celebración del campeonato de fútbol no favoreció al crecimiento del país.*

Segundo o ministro da Economia, Guido Mantega, foi por culpa dessa Copa do Mundo que o país deixou de crescer.

2) *El ministro de Economía, Guido Mantega, ha respondido a los brasileños por qué no hubo Copa del Mundo para Brasil.*

O ministro da Economia, Guido Mantega, revelou aos brasileiros um segredo: não houve Copa.

3) *Mantega opina que la razón por la que en Brasil “no hubo Copa” es la recesión técnica a la que ha entrado el país. Que Brasil ha dejado de crecer.*

Segundo Mantega foi por culpa dessa Copa do Mundo que o país entrou em recessão técnica, ou seja, deixou de crescer.

Nesses três exemplos temos uma situação análoga, em que o ministro de Economia participa em processos verbais que projetam uma locução (fala ou pensamento): *El ministro / Mantega + reconoce / ha respondido / opina*. No texto original o ministro cumpre a função sintática de sujeito nas três ocorrências, já no texto em português somente no exemplo 02. No primeiro e terceiro exemplos, o tradutor optou por uma circunstância de ângulo (HALLIDAY;

MATTHIESSEN, 2004), que também expressa o ponto de vista do ministro, introduzida pela frase preposicional *Segundo + o ministro de Economia / Mantega*.

Comparando ainda os exemplos 01 e 03, observamos duas situações em que o tradutor opta por orações clivadas *foi por culpa de... que...*, na tradução de fragmentos em que há presença de nominalizações: *celebración, crecimiento e recesión*. Na clivagem, além da topicalização do fator da “culpa”, acréscimo nas orações traduzidas se comparadas às do texto original, também foi incluído um uso depreciativo do pronome demonstrativo em “ *dessa Copa do Mundo*” nos dois casos. Em 01 ainda temos uma operação gramatical em que o nome processual presente em “ *crecimiento del país*” é processado como verbo em “*o país deixou de crescer*”. Em 02 também verificamos outra opção criativa na tradução, por meio da colocação *revelar um segredo* que, na sequência e após o sinal de dois pontos, traz a informação “*não houve Copa*”. Cabe destacar que essa colocação foi a tradução de “*ha respondido a los brasileños por qué no hubo Copa del Mundo para Brasil*”.

Uma situação um pouco diferente das comentadas acima pode ser observada no seguinte fragmento:

- 4) *Ganaron los que salieron a la calle para protestar y pedían que no se realizara. Ganharam os que saíram às ruas para impedir sua realização.*

Nesse exemplo (04), temos uma nominalização no texto traduzido, em “*para impedir sua realização*”, derivada de “*pedían que no se realizara*” (*exigiam que não fosse realizada*). Por outro lado, a oração final “*para protestar*” é omitida na tradução. Também encontramos a colocação “*salieron a la calle*”, que na tradução pluraliza o termo “*ruas*”, algo que em língua espanhola já é definido pelo singular, e mantém a escolha do processo verbal *sair*. O próximo exemplo introduz uma colocação de [adjetivo + substantivo] no original, em que o nome processual que faz alusão à derrota do Brasil contra Alemanha na Copa será parafraseado em processo verbal na tradução.

- 5) *No fue por la dolorosa derrota de 7 a uno1 contra Alemania. Es algo más serio. Não é brincadeira. Nem se trata do fato de que o Brasil perder de 7 a 1 da Alemanha foi pior do que não ter havido Copa. É algo mais sério.*

No fragmento anterior, a colocação “*dolorosa derrota*” é traduzida por uma estrutura comparativa em que se contrastam os fatos da derrota do Brasil para a Alemanha e da

possibilidade de a Copa não ter acontecido, no sentido de o que seria pior. Essa comparação é completada, na sentença seguinte, com a informação de que não é disso do que se trata, mas de “algo mais sério”.

Ainda no exemplo 05, é interessante observar a presença de uma parêmia encontrada apenas na tradução “Não é brincadeira”, com a qual se constitui um ato de fala independente, que denota a seriedade do assunto tratado, isto é, algo mais sério do que a própria derrota. Tal parêmia encontra um equivalente natural em língua espanhola “no es chiste/broma”, que poderiam ter sido usados. Segundo Corpas (2010, p. 81), as *parêmias* são unidades fraseológicas capazes de constituir atos de fala por si mesmas e podem funcionar como enunciados com caráter de texto. Nesse sentido, a justificativa que encontramos pela presença desse fraseologismo, apenas na versão do texto em língua portuguesa, consiste em que as expectativas de crescimento da economia com a realização da Copa dizem respeito à realidade brasileira. Essa publicação, circulando na edição Brasil do jornal, busca dialogar com seu provável leitor sobre um assunto que faz parte de seu meio sociocultural mais direto.

Ao apresentar uma das razões pelas quais o Brasil não cresceu economicamente, tal como era esperado a partir da realização da Copa, o ministro justificou:

- 6) “porque *hubo demasiados feriados*”, según Mantega.
“porque *houve feriados demais*”, segundo Mantega.

Nesse fragmento, vemos como se colocam os elementos em cada uma das línguas, anteposto ou posposto ao núcleo “feriados”. O jornalista, a partir dessa justificativa apresentada pelo ministro, formula um questionamento:

- 7) La pregunta que se podría hacer es por qué *el Gobierno concedió* tantos días libres.
A pergunta que poderia ser feita é por que *o Governo se viu obrigado a dar* tantos dias livres.

Aqui temos que a colocação presente no texto original, *el Gobierno conceder*, é traduzida por uma perífrase que também introduz uma informação nova, o aspecto de *ser (ver-se) obrigado a dar*. Complementando a explicação de que as infraestruturas prometidas para a realização da Copa não estavam concluídas, o jornalista aponta que

8) *las autoridades temieron que el tráfico aumentara el caos urbano y elevara la violencia y los asaltos en las ciudades.*

o governo teve medo de que as cidades da Copa acabassem não só paradas no trânsito como também se tornassem mais perigosas e alvo de assaltos e violência.

Na passagem anterior, verificamos que a colocação *las autoridades temer* foi traduzida por *o governo ter medo*, e que o objeto desse medo ou temor também foi construído em termos fraseológicos de um modo diferente, na versão em língua portuguesa. Sintaticamente, a colocação “el caos urbano” passa de objeto, no texto original, a sujeito na tradução “as cidades da Copa”. Mas, semanticamente, mantém a mesma condição de afetadas pelos processos de *acabar paradas no trânsito, tornar-se mais perigosas e alvo de assaltos e violência*. Desse modo, a relação semântica é equivalente entre os textos em língua espanhola e portuguesa, mas com uma estruturação fraseológica diferente. Com os próximos dois exemplos, encerramos esta seção de análise inicial dos dados.

9) Es decir, que *las ventajas* que debería de haber traído la Copa de Copas —mayor movilidad, modernidad y crecimiento de la economía— *se esfumaron*.

Assim, *as vantagens* que a Copa das Copas deveria ter trazido, como maior mobilidade, maior modernidade e crescimento da economia, *acabaram se esfumando*.

10) ¿La Copa del Mundo Brasil 2014? Mejor olvidarla. Mejor imaginemos que no se jugó. Así ni la eliminación hubiera existido. En Brasil estaríamos mejor y estaríamos esperando el hexacampeonato feliz y contento, *sin el peso de la histórica derrota sobre los hombros*.

A Copa? Melhor esquecê-la. Imaginemos que não foi disputada. Assim, nem a eliminação teria existido. Estaríamos todos melhores e o Brasil ainda estaria esperando o hexa feliz e contente, *sem o peso da derrota histórica pesando sobre seus ombros*.

Em 09 observamos uma ocorrência de perífrase, na tradução da colocação “*las ventajas se esfumaron*”. O acréscimo do auxiliar *acabar*, em “*as vantagens acabaram se esfumando*”, incrementa o resultado final do processo de *esfumarse*. Já em 10 destacamos a intensificação observada no fragmento da versão portuguesa da locução adverbial “*sem o peso da derrota histórica pesando sobre seus ombros*”, em que se enfatiza o valor do peso por meio do acréscimo do gerúndio *pesando*.

5. Algumas considerações

A redação do presente texto nos possibilitou uma aproximação ao objeto de estudo que selecionamos, a tradução de fraseologismos num *corpus* jornalístico, e à delimitação de alguns métodos de análise. A partir da fundamentação teórica adotada, pudemos circunscrever de modo mais direto a área em que se situa esta pesquisa. Também por meio de uma análise inicial dos dados colhidos em um único texto jornalístico de opinião e sua respectiva tradução, acerca da última Copa do Mundo ocorrida no Brasil em 2014, tivemos a possibilidade de verificar a produtividade tanto da temática quanto das referências teóricas e métodos de análise escolhidos.

O contraste dos fraseologismos encontrados no texto em língua espanhola e portuguesa corroboram, por um lado, a noção dupla de cultura apontada por Santos (1985): individualização de grupos na sociedade (os que saíram às ruas, o ministro de economia, entre outros), a partir de determinados fatores (a recessão, a expectativa de crescimento, a realização da Copa, etc.); e os conhecimentos, costumes, crenças e atitudes dos grupos (derrota do Brasil na Copa, a tradição do futebol no país, os protestos para a não realização da Copa, etc.).

Com essas observações, a inseparabilidade de língua e cultura (BROWN, 1994) se torna um fato inquestionável, comprovado também na função de mediador cultural exercida na tradução (HURTADO ALBIR, 2008): as escolhas observadas nos fraseologismos, dependendo da versão Espanha ou Brasil do texto jornalístico analisado, ilustram amplamente essa questão. As operações gramaticais realizadas, nos fraseologismos estudados (clivagem, nominalizações, perífrases, paráfrases, acréscimos, inserção de parêmia, topicalização, entre outros), são também uma mostra de criatividade, nas escolhas léxico-gramaticais realizadas em ambos os textos, além de uma adequação aos contextos socioculturais dos leitores de uma ou de outra edição do jornal.

Referências bibliográficas

ALVARES, O. Os fraseologismos como expressão cultural: aspectos de seu ensino em PLE. In: CUNHA, M. J. C.; SANTOS, P. (Orgs.). **Tópicos em Português língua estrangeira**. Brasília: Editora UnB, 2002, p. 157-172.

BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.

BERBER SARDINHA, T. **Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tools**. 2006. Disponível em: http://sis.posugf.com.br/AreaProfessor/Materiais/Arquivos_1/13879.pdf. Acesso em: 23 jun. 2014.

BERBER SARDINHA, T. **Pesquisa em Lingüística de Corpus com WordSmith Tools**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

BROWN, H. D. **Principles of Language Learning and Teaching**. New Jersey: Prentice Hall Regent, 1994.

CASARES, J. **Introducción a la lexicografía moderna**, Madrid: CSIC, 1992 [1950].

CORPAS, G. **Diez años de investigación en fraseología**: Análisis sintáctico-semánticos, contrastivos y traductológicos. Madrid: Iberoamericana, 2010.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3 ed. London: Edgard Arnold, 2004.

HURTADO ALBIR, A. **Traducción y Traductología**: Introducción a la traductología. Madrid: Cátedra, 2008.

LÓPEZ, X. **Fraseologia española de origen latino y motivo grecorromano**. Universitat de Lleida: [s.n.], 2012.

OLIVEIRA, S. T. **Comparação de Fraseologismos Franceses em Dicionários Bílingues Brasileiros**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Brasília: UNB: [s.n.], 2009.

RODRIGUES, C.C. **Tradução e Diferença**. São Paulo: Editora UNESP, 2000, 237 p.

SANTOS, J.L. **O que é cultura?** Coleção Primeiros Passos. n. 110. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

SCOTT, M. *WordSmith Tools*, versão 5.0. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2008.

SOUZA, J.P. **Teorias da Tradução**: uma visão integrada. Revista de Letras. v. ½ - jan/dez. n. 20, [S.I]: [s.n.], 1998.

TIMOFEEVA, L. **El pasado y el presente de la traductología fraseológica**. Universidad de Alicante: [s.n.], 2008.

ZULUAGA, A. Los “enlaces frecuentes” de María Moliner. Observaciones sobre las llamadas colocaciones. **PhiN. Philologie im Netz**, 22, p. 56-74. Disponível em: <<http://www.phin.de>>. Acesso em: 12 set. 2014.

Anexo: Textos analisados

<p>No hubo Copa en Brasil</p> <p>El ministro de Economía reconoce que la celebración del campeonato de fútbol no favoreció al crecimiento del país</p> <p>El ministro de Economía, Guido Mantega, ha respondido a los brasileños por qué no hubo Copa del Mundo para Brasil. No fue por la dolorosa derrota de 7 a 1 contra Alemania. Es algo más serio.</p> <p>Mantega opina que la razón por la que en Brasil “no hubo Copa” es la recesión técnica a la que ha entrado el país. Que Brasil ha dejado de crecer. Si eso es cierto, quiere decir que, en efecto, no hubo Copa. Ganaron los que salieron a la calle para protestar y pedían que no se realizara.</p> <p>¿Por qué no la hubo? Muy sencillo: El Mundial de Fútbol que Brasil consiguió realizar en su suelo debía haber servido, según el Gobierno, para “hacer crecer la economía”. Suele serlo así en todos los lugares donde se celebra. La Copa mueve toda una serie de engranajes industriales, comerciales y de infraestructuras que anima a la economía del país.</p> <p>Si la economía brasileña, a poco más de un mes del acontecimiento, se ha parado y no crece es porque “no hubo Copa”. No la hubo como había sido concebida.</p> <p>Brasil no solo no creció con el Mundial de Fútbol que trajo a Brasil a 600.000 extranjeros, sino que encogió su economía “porque hubo demasiados feriados”, según Mantega.</p> <p>La pregunta que se podría hacer es por qué el Gobierno concedió tantos días libres. El motivo real es que, al faltar las infraestructuras prometidas para la celebración de la Copa (nuevas líneas de</p>	<p>Não houve Copa</p> <p>Segundo o ministro da Economia, Guido Mantega, foi por culpa dessa Copa do Mundo que o país deixou de crescer</p> <p>O ministro da Economia, Guido Mantega, revelou aos brasileiros um segredo: não houve Copa. Não é brincadeira. Nem se trata do fato de que o Brasil perder de 7 a 1 da Alemanha foi pior do que não ter havido Copa. É algo mais sério.</p> <p>Segundo Mantega foi por culpa dessa Copa do Mundo que o país entrou em recessão técnica, ou seja, deixou de crescer. Se isso é verdade, quer dizer que não houve Copa. Ganham os que saíram às ruas para impedir sua realização.</p> <p>Por que não houve? Muito simples: a Copa do Mundo que o Brasil conseguiu realizar em seu território deveria ter servido, segundo o Governo, para “fazer a economia crescer”. Costuma ser assim em todos os lugares onde acontece. A Copa movimentava uma série de engrenagens industriais, comerciais e de infraestrutura que estimula a economia do país.</p> <p>Se o Brasil, pouco mais de um mês depois do evento, parou e não cresce é porque "não houve Copa". Não como tinha sido concebida.</p> <p>O Brasil não só não cresceu com a Copa do Mundo que trouxe ao país 600.000 estrangeiros como encolheu sua economia “porque houve feriados demais”, segundo Mantega.</p> <p>A pergunta que poderia ser feita é por que o Governo se viu obrigado a dar tantos dias livres. O motivo de verdade é que, como a infraestrutura que costuma ser feita nesses eventos não foi concluída nas cidades da</p>
--	---

<p>metro, carreteras, transporte público) en las sedes, las autoridades temieron que el tráfico aumentara el caos urbano y elevara la violencia y los asaltos en las ciudades.</p> <p>Es decir, que las ventajas que debería de haber traído la Copa de Copas —mayor movilidad, modernidad y crecimiento de la economía— se esfumaron. Brasil 2014, en lugar de beneficios, trajo, o al menos anticipó, el regalo envenenado de la recesión.</p> <p>O sea, lo que ha querido decir Mantega es que no hubo Copa. No hubo beneficios. Incluso, habría sido mejor que no se hubiese celebrado. Brasil estaría mejor sin ella.</p> <p>Con estos resultados, más el bochorno del 7 a 1 contra Alemania, ¿cómo no dar razón a los que pedían que no hubiera Copa?</p> <p>A Brasil queda la esperanza de que en 2016 pueda celebrar los Juegos Olímpicos de Río de Janeiro como algo de lo que no necesite después arrepentirse, que en esta ocasión la celebración deje prosperidad y una ciudad más moderna, vivible y segura.</p> <p>¿La Copa del Mundo Brasil 2014? Mejor olvidarla. Mejor imaginemos que no se jugó. Así ni la eliminación hubiera existido. En Brasil estaríamos mejor y estaríamos esperando el hexacampeonato feliz y contento, sin el peso de la histórica derrota sobre los hombros.</p>	<p>Copa —no caso, novas linhas de metrô, novos meios de comunicação rápida, novas estradas, etc. —, o governo teve medo de que as cidades da Copa acabassem não só paradas no trânsito como também se tornassem mais perigosas e alvo de assaltos e violência.</p> <p>Assim, as vantagens que a Copa das Copas deveria ter trazido, como maior mobilidade, maior modernidade e crescimento da economia, acabaram se esfumando. O resultado foi que a Copa, em vez de benefícios, nos trouxe, ou pelo menos antecipou, o presente envenenado da recessão.</p> <p>Ou seja, o que Mantega quis dizer com sua acusação aos feridos é que não houve Copa. Mais ainda, foi pior do que se não tivesse havido. Hoje, estaríamos melhor sem ela.</p> <p>Com esses resultados, mais o constrangimento do 7 a 1 contra a Alemanha, como não dar razão aos que pediam que não houvesse Copa?</p> <p>Resta ao Brasil apenas a esperança de que, em 2016, possa realizar a Olimpíada do Rio como algo do qual não se arrependa depois, porque dessa vez os Jogos teriam deixado prosperidade, uma cidade mais moderna, mais habitável e mais segura.</p> <p>A Copa? Melhor esquecê-la. Imaginemos que não foi disputada. Assim, nem a eliminação teria existido. Estaríamos todos melhores e o Brasil ainda estaria esperando o hexa feliz e contente, sem o peso da derrota histórica pesando sobre seus ombros.</p>
---	--

Artigo recebido em: 16.09.2014

Artigo aprovado em: 01.12.2014

"Não caber em si", "Ficar sem pinga de sangue": estudo comparativo de expressões idiomáticas do domínio dos sentimentos no português brasileiro e no português europeu

Feeling idioms in Brazilian and European Portuguese: a comparative study

Laís Moreira Nogueira*
Diogo Oliveira R. Pinheiro**
Maria Lúcia L. de Almeida***

RESUMO: Os sentimentos são universais e inerentes ao ser humano, mas a forma como cada língua ou variante linguística os conceptualiza e lexicaliza é culturalmente situada. A fim de verificar como se dá esse processo de variação intercultural, este trabalho analisa, à luz do paradigma da Linguística Cognitiva, expressões idiomáticas (EIs) do domínio dos sentimentos nas variantes brasileira e europeia do português. Para isso, foram selecionadas, para ambas as variantes, EIs associadas a cinco tipos de sentimentos: amor, raiva/ódio, felicidade/alegria, tristeza e medo. Um teste offline de acessibilidade foi aplicado a falantes nativos das duas variantes, a fim de avaliar as convergências e divergências interpretativas. Verificou-se uma situação de predominante convergência em relação ao reconhecimento e à interpretação das expressões, ao lado de algumas divergências que parecem revelar diferenças significativas no que tange à conceptualização de determinados sentimentos.

PALAVRAS-CHAVE: Expressões idiomáticas. Sentimentos. Estudo comparativo. Linguística Cognitiva.

ABSTRACT: Although feelings are universal and inherent to human nature, their construal and lexicalization are language-specific. Drawing on cognitive linguistics framework, this paper aims to investigate such a process of intercultural variation by analyzing feeling idioms belonging to both Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP). After selecting idioms expressing five different feelings – love, anger/hate, happiness/joy, sadness and fear –, we have conducted an offline comprehension experiment with native speakers of both varieties trying to identify interpretive convergences and divergences. The results show a high degree of convergence between BP and EP regarding the recognition and interpretation of the expression, as well as certain significant divergences, which seem to suggest relevant differences in the conceptualization of specific feelings.

KEYWORDS: Idioms. Feelings. Comparative study. Cognitive Linguistics.

1. Introdução

Graças à ênfase dada à regularidade gramatical, que motiva a busca por regras e princípios minimamente gerais, os idiomatismos sintáticos e semânticos têm permanecido à

* Mestra, Faculdade de Letras – UFRJ.

** Professor Doutor, Faculdade de Letras – UFRJ.

*** Professora Doutora, Faculdade de Letras – UFRJ.

margem do interesse da linguística gerativa *mainstream*. Por outro lado, expressões idiomáticas (EIs) têm estado no centro das investigações de outras linhagens teóricas, como a longa tradição fraseológica europeia (BALLY, 1905; CASARES, 1992 [1950]; GUIRAUD, 1962 [1954]) e, mais recentemente, a Linguística Cognitiva (LC), que emerge nos Estados Unidos nos anos 80 do século passado (LAKOFF, 1987; FILLMORE *et al.*, 1988).

Na seara específica da LC, os usos idiomáticos se converteram em foco de interesse por duas razões distintas e complementares. De um lado, o desenvolvimento da Gramática de Construções foi impulsionado pela constatação de que a abordagem gerativista, baseada no modelo dual *léxico mais regras*, tinha dificuldade em lidar com as sentenças sintática ou semanticamente irregulares (FILLMORE *et alii*, 1988). De outro, o interesse pela base experiencial da linguagem e do pensamento e pelos processos cognitivos subjacentes à linguagem figurativa (LAKOFF JOHNSON, 1980; JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987; SWEETSER, 1990; LAKOFF; JOHNSON, 1999), em grande medida tributário do estudo de Reddy (1979) sobre a metáfora do conduto, conduziu naturalmente ao interesse pelos idiomatismos semânticos.

Este trabalho se alinha a essa segunda tradição da Linguística Cognitiva: focalizando expressões semanticamente (mas não sintaticamente) idiomáticas, voltamos-nos para o domínio conceptual dos sentimentos, observando especificamente cinco deles: amor, raiva/ódio, felicidade/alegria, tristeza e medo. A abordagem proposta é comparativa e experimental: por meio de um teste *offline* de acessibilidade lexical, são cotejadas expressões do português brasileiro (PB) e do português europeu (PE), com o objetivo de avaliar as diferenças e semelhanças na conceptualização dos sentimentos contemplados, bem como os processos conceptuais que alicerçam a conceptualização das EIs investigados nas duas variantes.

Com isso, este trabalho busca se somar ao conjunto de estudos desenvolvidos, nos últimos anos, em torno da representação de sentimentos no português. Exemplos recentes são o trabalho de Batoréo (2006), que trata da relação entre Linguagem e Emoção em narrativas produzidas por falantes do PE, a dissertação de Land (2008), que analisa a ocorrência e a frequência de enunciados referentes a emoções ativadas em contexto de terrorismo, e o estudo de Nunes e Teixeira (2012), que descreve os correlatos acústicos da expressão de emoção espontânea no PE. Ao optar por uma abordagem comparativa e com foco sobre as expressões idiomáticas (EIs), o presente artigo pretende fornecer sua contribuição para a compreensão da expressão e conceptualização dos sentimentos no português.

2. Fundamentação teórica

A história da Linguística Cognitiva (LC) se inicia em fins da década de 70 do século passado. É nesse momento que um pequeno grupo de pesquisadores, trabalhando de forma independente, começa a questionar o princípio gerativista da autonomia da forma gramatical. Embora desenvolvidos a partir de interesses teóricos diversos, os trabalhos pioneiros de George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconier compartilham a crença de que a linguagem humana é *conceptualmente motivada*. Na prática, isso significa que a forma linguística não se encerra nos limites estreitos da própria forma. Em vez disso, ela reflete, em larga medida, habilidades cognitivas gerais (quer dizer, não especificamente linguísticas), como a capacidade de estabelecer relações analógicas entre domínios, categorizar entidades, deslocar o foco de atenção e assumir diferentes pontos de vista, entre muitas outras. Em suma, para citar o *slogan* apenas aparentemente tautológico de Goldberg (1995, p. 5), a ideia fundamental é a de que “conhecimento linguístico é conhecimento”.

Na medida em que abandona a compreensão da linguagem como *sistema formal autônomo e desencarnado*, a Linguística Cognitiva representa uma ruptura epistemológica profunda em relação aos paradigmas gerativista e estruturalista. Fundamentalmente, do ponto de vista da LC, a linguagem constitui uma forma de conceptualização da realidade. Isso significa que o significado de uma expressão linguística não se esgota no conteúdo objetivo que ela evoca; a maneira como o conceito é construído pelo sujeito cognitivo é tão relevante quanto o cenário objetivamente descrito.

Ao mesmo tempo, o paradigma tende a enfatizar a centralidade das experiências sensorio-motoras, para a cognição humana. Em outras palavras, assume-se que a conceptualização do mundo se funda nas experiências corporais. Dessa ideia, frequentemente referida como a hipótese da *corporificação* da cognição e da linguagem, decorre o pressuposto de que a linguagem refletiria, em alguma medida, a experiência do corpo no mundo real. Sob essa ótica, o corpo e a mente não serão entendidos, naturalmente, como entidades independentes (LAKOFF; JOHNSON, 1980; JOHNSON, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1999).

Da mesma maneira, a já mencionada hipótese da motivação conceptual da forma gramatical implica a eliminação das fronteiras clássicas entre conhecimento de dicionário e conhecimento enciclopédico. Afinal, se não é possível isolar o sistema linguístico do restante da cognição do sujeito falante, também não é possível demarcar os limites entre o linguístico e

o não-linguístico. Para além disso, em termos práticos, tentativas anteriores de isolar o suposto núcleo semântico estável do significado revelaram-se infrutíferas (COULSON, FAUCONNIER, 1999; TAYLOR, 2006).

O restante desta seção se ocupa de duas tarefas. Em primeiro lugar, apresentamos e definimos alguns dos instrumentos teóricos empregados na análise das expressões idiomáticas do PB e do PE. Em particular, discutimos os conceitos de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), Esquema Imagético (EI), Metáfora Conceptual e Metonímia Conceptual. Em seguida, discutimos as propriedades caracterizadoras das *expressões idiomáticas*, a fim de delimitarmos a unidade de análise deste trabalho.

2.1. Modelo Cognitivo Idealizado (MCI), Esquema Imagético (EI), Metáfora Conceptual e Metonímia Conceptual e língua como base de conhecimento.

Para dar conta da análise dos processos semântico-cognitivos envolvidos na conceptualização dos eventos codificados por expressões idiomáticas, este estudo recorre às seguintes categorias de análise: MCI, EI, Metáfora Conceptual e Metonímia Conceptual.

O conceito de MCI foi desenvolvido por Lakoff (1987, p. 68-75) para fazer referência a estruturas de organização do conhecimento associadas a categorias não-aristotélicas e capazes de produzir efeitos prototípicos. O MCI é um todo complexo que se sustenta sobre outras estruturas de conhecimento, como os *frames*, processos cognitivos (metáfora e metonímia) e EIs¹.

Os MCIs estão vinculados à significação das palavras dentro de uma construção em que o falante precisa da base cultural para acessar o significado, como no caso clássico do substantivo *bachelor* em inglês (LAKOFF, 1987, p. 70), cujo significado só pode ser compreendido com base no conhecimento social sobre as expectativas relativas a casamento e à existência de uma idade apropriada para se casar².

Os Esquemas Imagéticos (LAKOFF, 1987; JOHNSON, 1987; LAKOFF e TURNER, 1989) são representações pré-linguísticas, sem conteúdo proposicional. Trata-se de padrões

¹ “Cada MCI é um todo estruturado complexo, uma gestalt, que usa quatro tipos de princípios estruturadores:
- estruturas proposicionais, como os frames de Fillmore
- estruturas de esquemas de imagem, como na Gramática Cognitiva de Langacker
- mapeamentos metafóricos, tais como descritos por Lakoff e Johnson
- mapeamentos metonímicos, tais como descritos por Lakoff e Johnson” (LAKOFF, 1987, p. 68)

² O exemplo é originalmente de Fillmore (1982), que recorre ao termo "bachelor" para ilustrar o conceito de *frame*.

abstratos que codificam experiências ancoradas nas experiências corpóreas universais da espécie humana, tais como: nossa cabeça fica acima, os pés nos apoiam, somos capazes de olhar acima e abaixo. Alguns desses padrões abstratos, ou Esquemas Imagéticos, são: CONTÊINER, CAMINHOS, FORÇA, EQUILÍBRIO, CIMA-BAIXO, FRENTE-COSTAS, PARTE- TODO etc.

Por sua vez, a Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980) nos faz entender a metáfora não apenas como recurso poético ou estilístico, mas como um processo cognitivo fundamental para linguagem e pensamento. Geeraerts (2010, p. 204-210) estabelece três pilares para descrever a Metáfora Conceptual.

O primeiro consiste no insight de que a metáfora é um fenômeno cognitivo e não apenas lexical, ou seja, não está situada no nível superficial da linguagem. Na verdade, trata-se de um fenômeno conceptual que está enraizado na forma como pensamos e conceptualizamos a realidade.

O segundo é a ideia de que a metáfora deve ser analisada como um mapeamento entre dois domínios. As metáforas permitem conceptualizar um domínio-alvo em termos de um domínio-fonte, e o mapeamento toma forma na relação entre aspectos da fonte e do alvo.

O terceiro consiste na ideia de que o significado linguístico está enraizado na experiência: a experiência humana dá forma à linguagem. Não só entendemos um conceito a partir do outro, como também estruturamos conceitos menos concretos e mais vagos em termos de outros mais concretos e bem definidos. Sob essa ótica, o próprio corpo humano é um domínio-fonte particularmente relevante.

A metonímia, assim como a metáfora, é um fenômeno conceptual, e não puramente linguístico. Afinal, metonímias conceptuais nos permitem pensar em um conceito em termos de sua relação com outro conceito contíguo. Outro ponto em comum com as metáforas consiste na sua sistematicidade: as metonímias formam padrões que não se aplicam a apenas um item lexical. Além disso, tais estruturas não se encontram apenas na linguagem, mas na vida em geral, no pensamento e nas atitudes dos usuários da língua, estando ancoradas na experiência (GEERAERTS, 2010, p. 214).

2.2 Definição e características das EIs

De acordo com certa tradição de estudos gramaticais (CUNHA; CINTRA, 1985; CÂMARA Jr., 1978), uma expressão idiomática é um conjunto de palavras que transmitem um único significado, no mais das vezes desligado do significado de suas partes constitutivas.

Xatara e colegas (2002) buscam sistematizar essa intuição por meio da seguinte definição: “expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural” (XATARA *et alii*, 2002, p. 184). Segundo esses autores, para identificarmos uma expressão idiomática, é necessário considerar a

indecomponibilidade da unidade fraseológica (quase não existindo possibilidade de substituição por associações paradigmáticas), a conotação (sua interpretação semântica não pode ser feita com base nos significados individuais de seus elementos) e a cristalização (consagração de um significado estável) (XATARA *et alii*, 2002, p. 184).

Para Vilela (2002, p. 160), a fraseologia representa as “combinações fixas” de uma língua que podem assumir a função e o significado de palavras individuais (ou lexemas). Teriam, assim, a função de ampliar o léxico, em especial na “área da expressividade”, através de processos de “lexicalização da conceptualização e categorização da nossa experiência quotidiana”.

É necessário salientar, de acordo com as definições acima, três características relacionadas às EIs: **idiomaticidade** (a possibilidade de interpretação de um significado único, que não dependa da interpretação de cada uma das partes constituintes); **fixidez** (a tendência a uma indecomponibilidade da forma, que impossibilitaria substituições sem perdas semânticas); e **cristalização** (a consagração do significado através do uso).

O problema das definições de Xatara, Riva e Rios, de um lado, e de Vilela, de outro, é que apresentam características do comportamento de uma parte das EIs como se fosse o comportamento padrão, ou único. Uma solução para parte dessas definições estanques pode ser vista em Fillmore *et alii* (1988), que propõe a distinção entre expressões de codificação (expressões que podem ser entendidas de maneira composicional) e expressões de decodificação (expressões em que o falante precisa recorrer à idiomática para acessar o significado).

Assim como a **idiomaticidade** não é característica *sine qua non* para a interpretação das EIs, também a noção de **fixidez** não pode ser imediatamente evocada como traço definidor dessas construções. Em primeiro lugar, porque não se trata de um conceito simples. Como

observa Zuluaga (1980), a "fixidez fraseológica" pode envolver diferentes propriedades: fixidez na ordem dos componentes, fixidez das categorias gramaticais (tempo verbal, gênero, número...), fixidez do inventário dos componentes (impossibilidade de suprimir ou incluir elementos) e fixidez transformacional ("carta blanca" / "la blancura de la carta"). Além disso, trata-se de uma medida relativa: se existem de fato EIs totalmente invariáveis, há também aquelas que podem sofrer variações, sejam elas fonéticas, léxicas, sintáticas ou semânticas (SUÁREZ CUADROS, 2006, p. 77).

Por fim, a **crystalização** se apresenta, de fato, como uma característica geral das EIs. Esse critério está relacionado à convencionalidade das expressões, ou seja, a consagração através do uso que é comum a todas as expressões independentemente da sua forma, grau de preenchimento/fixidez etc.

Após essa breve discussão sobre a definição e características das EIs, é preciso salientar que, para fins deste estudo, uma característica tomada como crucial das é o fato de as EIs serem consideradas como pertencentes à herança linguística e cultural de um povo, na medida em que cristalizam na língua experiências e maneiras de ver o mundo.

De acordo com Fillmore *et alii* (1988), além de as EIs serem classificadas em expressões de codificação/decodificação, também podem ser divididas em gramaticais ou extragramaticais, de um lado, e substantivas ou formais, de outro.

No presente trabalho, trataremos de expressões tanto de codificação quanto de decodificação. Além disso, focalizamos tão-somente as EIs gramaticais, ou seja, aquelas que obedecem às regras usuais da gramática do português, sem exibirem estrutura sintática idiossincrática. Por fim, limitamo-nos, ainda, às EIs substantivas, vale dizer, àquelas que preenchem todas as posições previstas na estrutura sintática, sem apresentarem *slots* abertos.

Finalmente, é necessário salientar, na esteira de Kövecses (2010), que um idiomatismo não é apenas uma expressão com significado especial em relação aos significados de suas partes constituintes; é preciso acrescentar que ele surge a partir de nosso conhecimento mais geral do mundo incorporado em nosso sistema conceptual. Em outras palavras, expressões idiomáticas (ou, pelo menos, a maior parte delas) são, por natureza, conceptuais, e não meramente linguísticas. Tomando como exemplo algumas expressões contendo a palavra "fogo", o autor mostra como outras palavras do mesmo domínio semântico podem aparecer, como "vela", "queimar" etc. Diante disso, ele afirma que é o domínio conceitual de fogo, e não as próprias palavras individuais, que participam no processo de criação de expressões idiomáticas. As

palavras individuais, portanto, apenas revelam esse processo mais profundo de conceptualização. Em suma, expressões idiomáticas são produtos de nosso sistema conceptual, e não simplesmente uma questão de linguagem.

3. Metodologia

3.1. Visão geral

O cotejo entre EIs do PB e do PE foi realizado, conforme já ficou dito, por meio de um teste offline de acessibilidade lexical. Os itens abaixo fornecem uma primeira visão geral do experimento:

- 1) Inicialmente, foram selecionadas EIs correspondentes a cinco sentimentos: amor, raiva/ódio, felicidade/alegria, tristeza e medo. Essas EIs foram retiradas do Dicionário Analógico da Língua Portuguesa (AZEVEDO, 2010) e da dissertação de Draguici (2010). Não foi feita uma separação quanto à forma, de maneira que foram utilizadas tanto expressões como “vivaz” (item pertencente à classe dos adjetivos) quanto “levantar o espírito” (padrão sintático verbo-objeto).
- 2) Em seguida, foi conduzido um teste de acessibilidade lexical, com o objetivo de verificar o reconhecimento de diferentes EIs por parte dos falantes do PB e do PE, bem como os significados que eles poderiam construir a partir delas (ver desenho do experimento na seção 3.3).
- 3) Por fim, os resultados foram analisados de duas maneiras: por meio de uma análise quantitativa, a fim de aferir o grau de reconhecimento da expressão idiomática (ver, na seção 3.5, as categorias utilizadas para fins de classificação das respostas); e, no caso das respostas em que houve interpretação convergente entre os participantes porém desviante do sentido convencional da EI, também por meio de uma análise qualitativa, com vistas a reconstruir os processos cognitivos que levaram à interpretação construída. Neste trabalho, focalizamos em particular esta segunda análise, como se verá na seção 4.

3.2 Participantes

Os testes foram aplicados a nove informantes do PB e nove do PE, de ambos os sexos e com diferentes ocupações. Os informantes foram divididos em grupos iguais de acordo com a faixa etária: 18 a 30 anos, 31 a 60 anos e mais de 60 anos. A divisão da faixa etária tinha como intuito verificar uma possível influência geracional no reconhecimento das expressões. O recorte em relação à escolaridade foi o nível universitário.

3.3 Desenho do experimento

Para os testes de acessibilidade, foram selecionadas, a partir das fontes indicadas acima, cinco EIs para cada sentimento (amor, raiva/ódio, felicidade/alegria, tristeza e medo) e cada variante (PB e PE), totalizando 25 EIs do PB e 25 EIs do PE (conforme anexo 1). Para a escolha das expressões, adotou-se, como critério, que deveria haver tanto expressões (presumivelmente) reconhecíveis quanto expressões (presumivelmente) opacas para falantes do PB.

3.4 Tarefa

Foi pedido aos informantes que fizessem uma paráfrase de cada uma das expressões e que o fizessem da forma mais espontânea possível, sem interromper a tarefa para analisar as respostas e sem alterá-las posteriormente. As instruções foram transmitidas oralmente antes da entrega da folha do teste (anexo 2). A tarefa requerida se prestava a dois objetivos: de um lado, verificar o reconhecimento ou não reconhecimento de cada EI por parte dos falantes nativos de cada variante; de outro, compreender os processos de construção do significado que levam à interpretação das EIs não reconhecidas.

3.5 Categorias e procedimentos de análise dos resultados

Conforme já ficou dito (seções 3.1 e 3.4), a análise se dividiu em duas etapas: uma primeira parte quantitativa, que buscou mapear os resultados do teste de acessibilidade, e uma segunda parte qualitativa, que buscou reconstruir os processos de construção de sentido à luz da semântica cognitiva.

Em relação à primeira parte da análise, considerou-se que uma classificação dicotômica das paráfrases fornecidas pelos participantes, do tipo *acessou* ou *não acessou* o significado, seria excessivamente simplista e não capturaria plenamente a complexidade do processo de construção de sentidos. Por isso, essas paráfrases foram divididas em quatro classes, a saber.

1) Acessou o significado convencional

Foram incluídas no primeiro caso as respostas nas quais o informante apresentou a denominação do sentimento tal como retirada do dicionário (ou termo cognato). Por exemplo: se a expressão “ser vivaz” evoca, conforme o significado dicionarizado convencional, ideia de alegria, incluímos no primeiro caso uma paráfrase como “ser alegre”.

2) Acessou significado próximo ao convencional

Foram incluídas no segundo caso as respostas em que o informante se aproximava do significado esperado (sempre conforme o significado convencional do dicionário). Por exemplo: se, para a expressão “Estar aos pés de alguém”, o informante apresenta a paráfrase “estar apaixonado / dominado por alguém”, ele se aproximava do significado esperado, mas não utilizava exatamente a palavra que denomina o sentimento.

3) Não acessou o significado convencional

Foram incluídas no terceiro caso as respostas em branco ou respostas nas quais o significado apresentado não era alcançado, nem mesmo como aproximação, e tampouco era compartilhado com outros informantes (o que sugere não se tratar de uma tendência para uma mudança na interpretação da expressão).

4) Alterou o significado

Finalmente, foram incluídas no quarto caso as respostas em que a paráfrase apresentada não alcançava o significado esperado, mas, tal interpretação era compartilhada por outros informantes. Foi o que ocorreu, por exemplo, com a expressão “Sacudir a poeira”, em que diferentes interpretações estiveram associadas à ideia de superar uma dificuldade e não ao sentimento dicionarizado de alegria.

A partir da divisão descrita acima, e para fins operacionais, foram consideradas reconhecidas pelos falantes as expressões que se enquadravam nos grupos 1 e 2; inversamente, as expressões que se enquadravam nos grupos 3 e 4 foram consideradas não reconhecidas.

À luz dessa classificação, foi possível obter um panorama que conduziu à segunda parte da análise: a verificação das bases de conhecimento e processos cognitivos recrutados para a construção do sentido. Para essa etapa, interessavam as respostas enquadradas nas categorias 3 e 4.

No intuito de identificar os mecanismos cognitivos subjacentes na interpretação das expressões, recorreu-se ao instrumental teórico-analítico da Linguística Cognitiva, em particular os conceitos de esquema imagético (JOHNSON, 1987; SWEETSER, 1990), metáfora

conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 1980; 1999; LAKOFF, 1987; KOVECSES, 2002) e metonímia conceptual (LAKOFF, 1987; RADDEN, 2000; PANTHER; THOENBURG, 2003).

4. Análise dos resultados

Iniciamos a apresentação dos resultados pela etapa da análise quantitativa (cf. Metodologia). Os gráficos abaixo apresentam um panorama quantitativo geral de acessibilidade das EIs das duas variantes do português investigadas, segundo falantes nativos do PE e do PB.

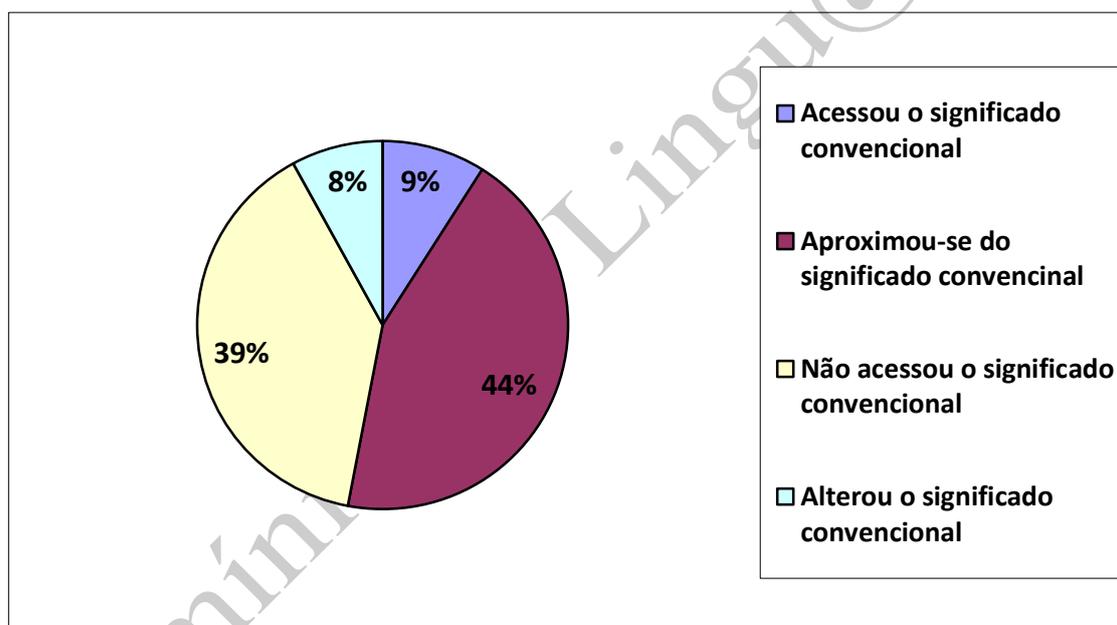


Gráfico 1: Expressões do PB interpretadas por falantes do PB

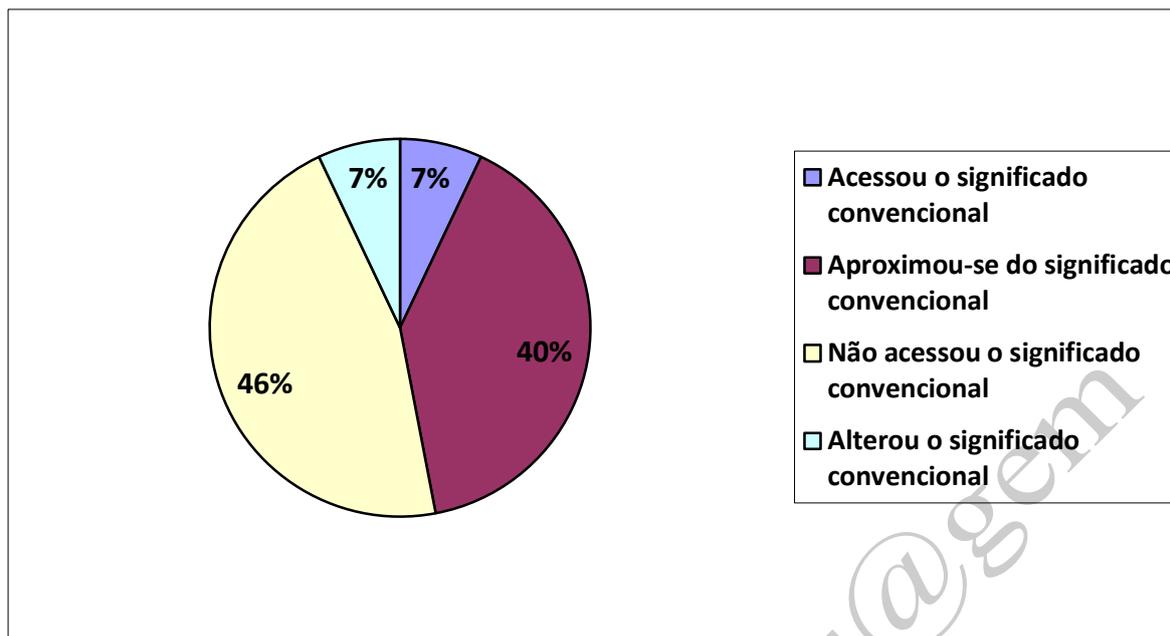


Gráfico 2: Expressões do PB interpretadas por falantes do PE

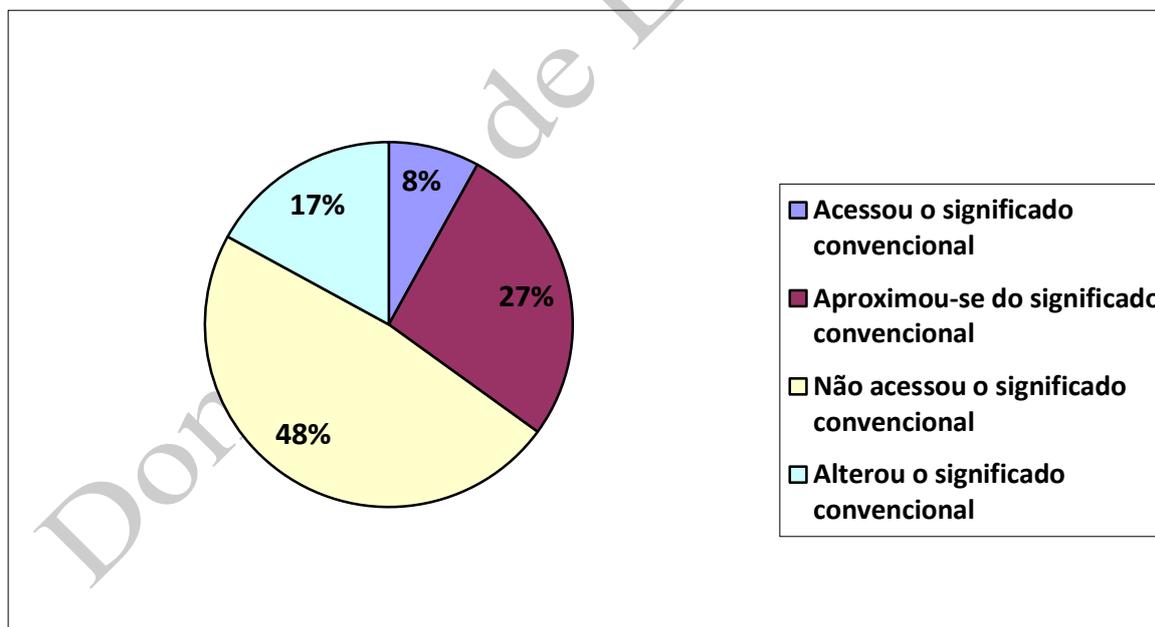


Gráfico 3: Expressões do PE interpretadas por falantes do PE

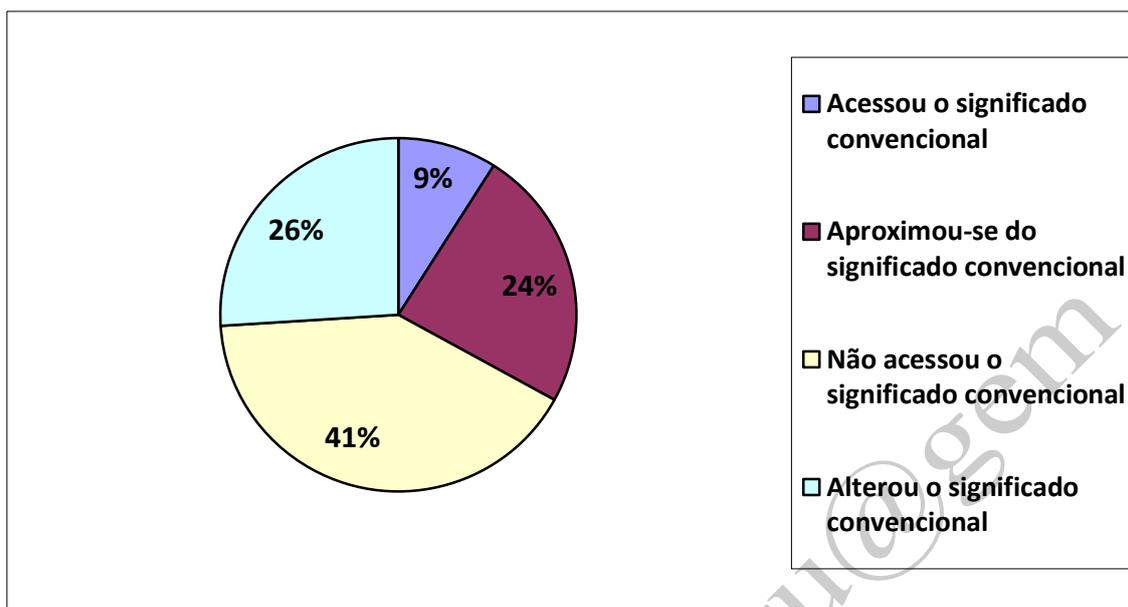


Gráfico 4: Expressões do PE interpretadas por falantes do PB

Como se pode verificar, existe mais convergência do que divergência em relação à acessibilidade das expressões nas variantes estudadas. Por exemplo, considerando-se as expressões idiomáticas do PB, o nível de reconhecimento foi de 53% para os falantes brasileiros e apenas um pouco inferior, 47%, para os falantes portugueses³. Em relação aos EIs do PE, 35% delas foram reconhecidas por falantes portugueses e 33% pelos falantes brasileiros.

Certamente, uma investigação das motivações culturais por trás dessa diferença seria da máxima relevância. Como já ficou dito, no entanto, para os propósitos deste estudo, o interesse central recai sobre os casos específicos que apresentaram diferença em relação ao reconhecimento, ou seja, as EIs que se enquadraram nas classes de expressões reconhecidas (1 e 2) para os falantes de uma nacionalidade e não reconhecidas (3 e 4) para os falantes da outra nacionalidade.

Dito isso, passamos a focalizar aqui as diferenças entre as variantes estudadas, observando, especificamente, as expressões que apresentaram diferenças quanto à acessibilidade. Para isso, isolamos, nas próximas sub-seções, as EIs cujo significado foi considerado acessado em uma variante e não acessado em outra (cf. Metodologia).

³ Lembramos que as EIs enquadradas nos grupos "Acessou o significado convencional" e "Aproximou-se do significado convencional" são consideradas reconhecidas, ao passo que as EIs que se enquadram nos grupos "Não acessou o significado" ou "Alterou o significado" são consideradas não reconhecidas.

5.1 Expressões do PE não reconhecidas por falantes do PB

Das dez expressões do PE consideradas reconhecidas por falantes portugueses, oito também foram consideradas reconhecidas por falantes brasileiros, a saber:

- 2. Ferver-lhe o sangue na cabeça
- 11. Comer alguém com os olhos
- 9. Ter os nervos à flor da pele
- 13. Estar louco por alguém
- 15. Ter um fraco por alguém
- 17. Levar alguém no coração
- 18. Arrepiarem-se os cabelos
- 20. Esfregar as mãos de contente

Aqui, detemo-nos sobre as duas EIs que apresentaram diferença no reconhecimento; a saber:

- 3. Ficar sem pinga de sangue
- 21. Não caber em si

As tabelas abaixo sintetizam os resultados referentes à primeira delas. Por razões de clareza visual, nesta tabela e nas próximas, só estão expressas as respostas dadas. Como são nove informantes para cada variante, as tabelas que apresentam menos de 9 colunas indicam implicitamente o número de respostas em branco.

Tabela 1: Acesso do significado da EI "Ficar sem pinga de sangue" no PE

PARÁFRASES	1	2	3	4
Assustar-se , ficar surpreendido por algo desagradável e inesperado.		X		
Ficar assustado		X		
Assustar-se muito, ficar, por vezes, pálido devido a um trágico acontecimento		X		
Ficar muito pálido devido a um susto		X		
Levar um susto enorme		X		
Ficar muitíssimo assustado		X		
Apanhar um grande susto		X		
Ficar lívido		X		

Tabela 2: Acesso do significado da EI "Ficar sem pinga de sangue" no PB

PARÁFRASES	1	2	3	4
Ficar com medo	X			
Ficar pálido, abatido		X		
Ficar lívido, semi desfalecido		X		
Cansado				X

Como é possível observar, os falantes do PE se aproximaram mais do significado dicionarizado da expressão: basta notar que muitos informantes brasileiros se abstiveram de apresentar uma paráfrase e que apenas nesse grupo se constatou uma interpretação claramente distanciada do significado original, tendo sido incluída no grupo 4 ("Cansado").

Apenas uma paráfrase do PE baseou-se na interpretação linguística, mais básica ("Ficar lívido"); todas as demais acessaram o significado idiomático ao apresentar "susto" e suas variações nas paráfrases. Já no PB, é interessante notar que o contrário aconteceu: apenas um informante apresentou uma paráfrase que aponta para uma interpretação idiomática ("Ficar com medo"). A grande maioria dos informantes, por outro lado, ou não chegou sequer a construir qualquer hipótese semântica ou buscou utilizar a informação linguística para alcançar o significado. É possível perceber assim que, quando a interpretação é calculada composicionalmente, a partir da informação linguística, nem sempre o significado é acessado, como no caso da paráfrase "Cansado". Trataremos disso em uma próxima análise.

Até este ponto, portanto, foi possível verificar que, para a EI "Ficar sem pinga de sangue", os falantes do PE acessaram de forma efetiva o significado idiomático, enquanto os do PB não foram tão eficientes, não chegando a construir um significado possível ou buscando uma interpretação com base no material linguístico disponível.

No que diz respeito à segunda EI, não reconhecida pelos falantes do PB de acordo com os critérios estabelecidos para o teste de acessibilidade lexical, "Não caber em si", os resultados podem ser vistos nas duas próximas tabelas.

Tabela 3: Acesso do significado da EI "Não caber em si" no PE

PARÁFRASES	1	2	3	4
Extremamente (feliz)		X		
Sentir uma forte emoção, alegria		X		
Não poder conter-se (em geral pela alegria que se sente)		X		
Estar muito feliz		X		
Ficar muito entusiasmado		X		

Não caber em si [de contente]: excitação decorrente de algo agradável e inesperado		X		
Não ter noção de..				X
Estar perante algo inacreditável				X

Tabela 4: Acesso do significado da EI "Não caber em si" no PB

PARÁFRASES	1	2	3	4
Muito feliz	X			
Felicidade	X			
Felicidades	X			
Estar muito feliz ou orgulhosa	X			X
Extravasar				X
Plenitude de alguma qualidade positiva ou negativa				X
Extrapolar				X
Deslumbrada, exibicionista				X

Verificamos que, em Portugal, a expressão "Não caber em si" está fortemente associada à ideia de alegria. Ao mesmo tempo, sua interpretação está associada ao esquema imagético do contêiner (JOHNSON, 1980); não à toa, alegria e felicidade apareceram ou entre parênteses ou como aposto. No Brasil, em contraste, a produtividade dessa EI é sensivelmente menos significativa. De qualquer forma, os falantes das duas variantes compartilham da interpretação pautada pelo esquema imagético do contêiner, que sustenta a metáfora O CORPO É UM CONTENTOR DE EMOÇÕES. Os falantes do PB, porém, apresentaram uma tendência maior para essa interpretação.

5.2 Expressões do PB não reconhecidas por falantes do PE

Das dez expressões reconhecidas no Brasil, sete também foram consideradas reconhecidas em Portugal, a saber:

5. Estar com o semblante carregado.
10. Estar vendo tudo negro.
12. Ser louco por alguém.
13. Ficar petrificado.
19. Estar babando por alguém.
21. Não querer ver alguém nem pintado de ouro.
23. Estar com os cabelos arrepiados.

Foram analisadas as três expressões que apresentaram diferença no reconhecimento, a saber:

1. Ser vivaz.⁴
9. Estar aos pés de alguém.
14. Estar de quatro por alguém.

As tabelas abaixo sintetizam os resultados referentes à primeira expressão.

Tabela 5: Acesso do significado da EI "Ser vivaz" no PB

PARÁFRASES	1	2	3	4
Ser alegre / movimentado / agitado	X			
Esperto, vivo, alegre	X			
Uma pessoa expressiva, alegre	X			
Alegre	X			
Que tem vivacidade, que está viva, força, sentido de energia também		X		
Cheio de vida		X		
Cheio de vida		X		
Ser sagaz				X

Tabela 6: Acesso do significado da EI "Ser vivaz" no PE

PARÁFRASES	1	2	3	4
É alegre	X			
Muito alegre, ativo	X			
Cheio de vida, dinâmico, extrovertido		X		
Esperto, compreende tudo rapidamente				X
Pessoa calorosa, explosiva				X

⁴ No dicionário analógico utilizado como fonte, essa expressão aparece associada ao sentimento de alegria. Entende-se que a expressão não está sendo utilizada de maneira literal; em vez disso, ela envolve um uso metafórico/metonímico de vida como alegria. Por essa razão, é considerada uma expressão idiomática.

Verificamos que, no Brasil, a expressão está mais fortemente associada à ideia de alegria ou vivacidade. Já em Portugal, esse sentido é menos acessível, como se comprova pelo maior número de respostas em branco e pelo fato de que alguns informantes buscaram construir interpretações diversas, conforme mostram as paráfrases com o substantivo “esperteza” e os adjetivos “calorosa” e “explosiva”.

Algo semelhante ocorre em relação ao par de EIs "Estar aos pés de alguém" e "Estar de quatro por alguém", como se vê abaixo.

Tabela 7: Acesso do significado da EI "Estar aos pés de alguém" no PB

PARÁFRASES	1	2	3	4
Subserviente, amando, apaixonado	X			
Apaixonado/dominado		X		
Faz tudo que a pessoa quer		X		
Apaixonado, caído		X		
Apaixonado, caidinho, “pau mandado”		X		
Faz qualquer coisa pela pessoa		X		
Estar caído		X		
Faz o que quer com a pessoa		X		

Tabela 8: Acesso do significado da EI "Estar aos pés de alguém" no PE

PARÁFRASES	1	2	3	4
Apaixonado		X		
Sob o domínio				X
Encontra-se à mercê				X
Caído por		X		

Tabela 9: Acesso do significado da EI "Estar de quatro por alguém" no PB

PARÁFRASES	1	2	3	4
Apaixonado, faria qualquer coisa		X		
Está caído por		X		
Completamente apaixonado		X		
Apaixonado		X		
Apaixonado		X		
Apaixonado		X		
Apaixonado		X		
Apaixonado/Caidinho		X		
Tá perdido, coitado		X		

Tabela 10: Acesso do significado da EI "Estar de quatro por alguém" no PE

PARÁFRASES	1	2	3	4
Apaixonado		X		
Apaixonado		X		
Está aos pés		X		

Caidinho / apaixonado		X		
-----------------------	--	---	--	--

Neste par de expressões (“Estar aos pés de alguém” e “Estar de quatro por alguém”), ao se atentar para a diferença de paráfrases produzidas pelos informantes do PB e do PE, observa-se uma diferença em relação à produtividade⁵ dessas EIs nas duas variantes. O fator cultural parece explicar tal diferença, na medida em que o MCI de AMOR, no Brasil, parece incluir um ponto de vista negativo referente à subserviência do ser que ama em relação ao ser amado. A produtividade da expressão e suas paráfrases indicam que, para nós, amar significa também estar preso às vontades do outro, estar em uma relação de inferioridade em relação ao outro, ou seja, “estar perdido, coitado!”.

6. Conclusão

A questão que motivou o presente estudo foi a seguinte: como se dá a conceptualização dos sentimentos humanos básicos nas variantes brasileira e europeia do português? Para isso, investigamos como falantes de ambas as variantes buscavam construir interpretações para expressões idiomáticas associadas ao domínio dos sentimentos.

À guisa de conclusão, passamos a sintetizar os resultados alcançados:

1) os esquemas imagéticos do CONTÊINER e CIMA BAIXO têm grande participação nas interpretações das EIds.

2) o número de expressões consideradas do PB e o de expressões consideradas PE reconhecidas por falantes europeus foi reduzido em ambas as variantes, o que mostra que os dicionários não são boas fontes para observar as EIds em uso na língua.

De maneira geral, as formas de categorização dos sentimentos nas variantes do PB e do PE evidenciam que a linguagem reflete capacidades cognitivas gerais do ser humano e que a cultura em que se está inserido tem participação nesse processo. A influência do conhecimento cultural foi observada na análise, dado que as expressões “Estar aos pés de alguém” e “Estar de quatro por alguém” apresentaram considerável diferença de produtividade. Tal resultado foi relacionado a diferenças no MCI em torno do sentimento amor nas duas variantes, tendo na variante do PB um ponto de vista negativo associado a “prisão”, “submissão”.

⁵ Neste trabalho, empregamos o termo produtividade em referência à frequência de ocorrência de uma EI.

Assim como é o caso com outras construções gramaticais, o conhecimento idiomático se configura a partir do uso em contextos específicos; fora desse contexto, a significação idiomática é perdida, mas não deixa de ser possível a formação de “imagens mentais ricas”. Isso permite que a conceptualização da expressão envolva o aspecto idiomático, mas, eventualmente o transcenda. Exemplos são o *slogan* “Um filme de arrepiar os cabelos”, do filme *Enrolados*, produzido pela Disney, e a expressão “Sacode a poeira”, que parece ter sofrido um processo de mudança semântica, evoluindo da ideia de alegria para a de superação.

A título de encerramento, pode ser interessante citar as palavras de Batoréo, para quem

a conceptualização das emoções tanto pode ser vista com a motivação fisiológica como com a motivação cultural, tal como mostram ao longo dos anos os estudos de A. Wierzbicka (sobretudo 1992 e 1996) e, ultimamente, D' Andrade (1987) e Geeraerts e Grondelaers (1995). Apesar da aparente contradição entre as duas correntes, a tendência actual é, antes, para tratar as duas perspectivas como complementares (BATORÉO, 2001, p. 449).

Ao fim e ao cabo, foi possível constatar, neste trabalho, a complementaridade entre os processos conceptuais de base corpórea e pretensamente universais, de um lado, e a variação intercultural, associada a representações histórica e geograficamente situadas.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, F. F. dos S. **Dicionário Analógico da Língua Portuguesa: ideias afins/ thesaurus.** Lexikon, 2010.

BALLY, C. **Précis de stylistique. Esquisse d'une méthode fondée sur l'étude du français moderne.** Genebra: Eggimann, 1905. ([1909] 1951): *Traité de stylistique française.* 2 vol. Paris: Klincksieck.

BATORÉO, H. J. O espaço das emoções no Português Europeu: reflexões metodológicas sobre a ponte entre neurociências e linguística cognitiva. In: **Linguagem e Cognição: A Perspectiva da Linguística Cognitiva.** Org.: Augusto Soares da Silva. Ed.: Associação Portuguesa de Linguística/ Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia de Braga, 2001.

_____. Expressão de emoções e discurso: Aspectos de estratégias linguísticas de avaliação em narrativas produzidas por falantes não nativos do Português Europeu. In **Textos seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística,** Lisboa, APL, 2006. 219-230 p.

CAMARA Jr., J. M. **Dicionário de Linguística e Gramática.** Petrópolis: Vozes, 8ª ed. 1978.

CASARES, J. **Introducción a la lexicografía española.** Madrid: CSIC, 1992 [1950].

CUNHA, C.; CINTRA, F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.

DRAGUICI, C. **Expressões idiomáticas na área das emoções em Português e Romeno**. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa). Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2009.

FAUCCONNIER, M.; COULSON, S. Fake guns and stone lions: conceptual blending and private adjectives. In: FOX, B.; JURAFSKY, D.; MICHAELIS, L. (Eds.) **Cognition and Function in Language**. Palo Alto, CA: CSLI, 1999.

FILLMORE, C. Frame semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (Ed.), **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul: Hanshin, 1982. 111-137 p.

_____. KAY, P., O'CONNOR, M. C. Regularity and idiomatity in grammatical constructions: the case of let alone. **Language**, v. 64, 1988.

GEERAERTS, D.; GRONDELAERS, S. Looking back at Anger: Cultural Traditions and Metaphorical Patterns. J. Taylor & R. E. MacLaurry (eds.), **Language and the Construal of the World**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1995.

_____. **Theories of Lexical Semantics**. Oxford: Oxford University Press [2010]

GUIRAUD, Pierre. **Les locutions françaises**. Paris: Presses Universitaires de France, 1962 [1954].

JOHNSON, M. **The body in the mind: The bodily basis of meaning, imagination, and reason**. Chicago: University of Chicago Press. 1987.

KÖVECS, Z. **Metaphor: a practical introduction** / Zoltán Kövecses; exercises written with Szilvia Csábi . . . [et al.].—2nd ed. 2010.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University Press, 1980.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: Chicago University Press, 1987. **crossref**
<http://dx.doi.org/10.7208/chicago/9780226471013.001.0001>

_____; TURNER. **More than Cool Reason**. A Field Guide to Poetic Methafor, 1989.

_____; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.

_____; JOHNSON, M. **Metáforas da vida Cotidiana**. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002 [1999].

LAND, A. I. C. M. **Heróis, vilões, vítimas e emoções no discurso jornalístico em relação ao terrorismo**: de Nova Iorque a Madrid e Londres. Uma abordagem cognitiva. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.

LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**, Volume I, Theoretical Prerequisites. Stanford, California: Stanford University Press, 1987.

_____. **Grammar and Conceptualization**. Mouton de Gruyter, New York. 1999. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1515/9783110800524>

MARMARIDOU, S. On the conceptual, cultural and discursive motivation of Greek pain lexicalizations. In: **Cognitive Linguistics**. Mouton de Gruyter. Volume 17-3, 2006.

NUNES, A.I.; TEIXEIRA, A. Estudo de emoção espontânea em Português Europeu utilizando Feeltrace – primeiras observações. **Journal of Speech Sciences**. Em: www.journalofspeechsciences.org/index.php/.../article/download/59/54, 2012.

REDDY, M. J. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. **Metaphor and thought**. Cambridge University Press, 1984.

SANTOS, M. A. **Dicionários de provérbios, Adágios, Ditados, Máximas, Aforismos e Frases Feitas**, Porto, Porto Editora, 2000.

SILVA, A. S. da. **O Mundo dos Sentidos em Português**: Polissemia, Semântica e Cognição. Coimbra: Almedina, 2006.

SUÁREZ CUADROS, J. S. **Análisis comparativo de las unidades fraseológicas que incluyen algún zoomorfismo en los idiomas Ucraniano y Español**. Tese (Doutorado em Linguística). Estudios superiores de filología eslava y lingüística indoeuropea. Universidade de Granada, 2006. Disponível em: <<http://hera.ugr.es/tesisugr/16540955.pdf>>.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: University Press, 1990. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511620904>

VILELA, M. **Metáforas do nosso Tempo**, Coimbra, Almedina, 2002.

XATARA, C. M.; RIVA, H. C.; RIOS, T. H. C. **As dificuldades na tradução de idiomatismos**. Cadernos de Tradução, Florianópolis, NUT, v. 8, 2002. 183-194 p.

ZULUAGA, A. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Bern: 1980.

WIERZBICKA, A. **Semantics: Primes and Universals**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

Bibliografia

BYBEE, J. **Language, Usage and Cognition**. Cambridge: Cambridge University Press., 2010, 262 pages. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511750526>

CROFT, W.; CRUSE, A. D. **Cognitive linguistics**. Cambridge: University of Cambridge Press, 2009 [2004].

DAMÁSIO, A. R., **O Erro de Descartes. Emoção, Razão e Cérebro Humano**, 12ª edição, Lisboa, Publicações Europa-América, 1995 (col. Forum da Ciência, 29).

_____. **O Mistério da Consciência**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000.

FAUCONNIER, G. **Mappings in Thought and Language** (Cambridge: Cambridge University Press, 1997).

GEERAERTS, D. **Cognitive Linguistics: Basic Readings**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GIBBS, R. W.; STEEN, G. What's Cognitive about Cognitive Linguistics, in Eugene H. Casad (ed.), in **Cognitive Linguistics in the Redwoods: The Expansion of a New Paradigm in Linguistics**, 27-53, Berlin: Mouton de Gruyter, 27-53, 1996.

HARKINS, J.; WIERZBICKA, A. **Emotions in Crosslinguistic Perspective**. Ed. by Jean Harkins, Anna Wierzbicka, 2001. **crossref** <http://dx.doi.org/10.1515/9783110880168>

KÖVECS, Z. Metonymy: developing a cognitive linguistic view. **Cognitive Linguistics**, 1998. 9-7, 37-77 p.

TURNER, M.; FAUCONNIER, G. **Conceptual Integration and Formal Expression. Metaphor and Symbolic Activity**, 10 (3), 1995. 183-204 p.

Anexo 1

Expressões do PB

1. Ser vivaz
2. Querer fuzilar os olhos de alguém
3. Ficar sem um pinga de sangue
4. Sacudir a poeira
5. Estar com o semblante carregado
6. Levantar o espírito
7. Estar embeijado por alguém
8. Não estar para festas
9. Estar aos pés de alguém
10. Estar vendo tudo negro
11. Estar nublado
12. Ser louco por alguém
13. Ficar petrificada
14. Estar de quatro por alguém
15. Querer beber o sangue de alguém
16. Estar jurando pela pele de alguém

17. Querer engolir alguém
18. Estar de boa data
19. Estar babando por alguém
20. Estar vendo o lado brilhante do quadro
21. Não querer ver alguém nem pintado de ouro
22. Estar com o sangue gelado nas veias
23. Estar com os cabelos arrepiados
24. Estar com o coração caído aos pés
25. Estar de má data

Expressões do PE

1. Cair a alma aos pés
2. Ferver-lhe o sangue na cabeça
3. Ficar sem pinga de sangue
4. Ter o fígado ao pé da boca
5. Ter o coração leve
6. Afogar-se em pouca água
7. Estar com o coração nas mãos
8. Ter o pavio curto
9. Ter os nervos à flor da pele
10. Beber os ares/ ventos por alguém
11. Comer alguém com os olhos
12. Ter o coração pesado
13. Estar louco por alguém
14. Fazer tremer a barba a alguém
15. Ter um fraco por alguém
16. Cair o coração aos pés
17. Levar alguém no coração
18. Arrepiarem-se os cabelos
19. Com a carinha na água
20. Esfregar as mãos de contente
21. Não caber em si
22. Ter a morte no coração
23. Não caber o coração no peito
24. Beber lágrimas e gemidos
25. Sentir um nó na garganta

Anexo 2

1. Maria é vivaz.

[] Não conheço [] Uso esta expressão

2. Jéssica quer fuzilar os olhos de Armando.

[] Não conheço [] Uso esta expressão

3. Jorge ficou sem um pingo de sangue.

Não conheço Uso esta expressão

4. Suzana sacudiu a poeira.

Não conheço Uso esta expressão

5. Marisa está com o semblante carregado.

Não conheço Uso esta expressão

6. Mario levantou o espírito.

Não conheço Uso esta expressão

7. Gerson está embeijado por Juliana.

Não conheço Uso esta expressão

8. Caio não está para festas.

Não conheço Uso esta expressão

9. Pedro está aos pés de Júlia.

Não conheço Uso esta expressão

10. Márcio está vendo tudo negro.

Não conheço Uso esta expressão

11. João está nublado.

Não conheço Uso esta expressão

12. Thiago é louco por Mara

Não conheço Uso esta expressão

13. Fátima ficou petrificada

Não conheço Uso esta expressão

14. Fernando está de quatro por Nara

Não conheço Uso esta expressão

15. João quer beber o sangue de Nina.

Não conheço Uso esta expressão

16. Júlia está jurando pela pele de Augusto.

Não conheço Uso esta expressão

17. Carlos quer engolir Maria.

Não conheço Uso esta expressão

18. Joana está de boa data

Não conheço Uso esta expressão

19. Cézar está babando por Carmen

Não conheço Uso esta expressão

20. João está vendo o lado brilhante do quadro

Não conheço Uso esta expressão

21. Maria não quer ver André nem pintado de ouro

Não conheço Uso esta expressão

22. Henrique está com sangue gelado nas veias

Não conheço Uso esta expressão

23. José está com os cabelos arrepiados

Não conheço Uso esta expressão

24. O coração de Fernando caiu aos pés

Não conheço Uso esta expressão

25. Pedro está de má data.

Não conheço Uso esta expressão

Artigo recebido em: 15.09.2014

Artigo aprovado em: 23.11.2014

Teimoso como uma mula e mais carregado que burro de mascate: heranças linguístico-culturais em expressões idiomáticas de matriz comparativa
Stubborn as a mule and loaded as a donkey: cultural and linguistic heritage in comparative idioms

Giselle Olivia Mantovani Dal Corno*
Odair José Silva dos Santos**
Cristina Benedetti***

RESUMO: Estudar a fraseologia de uma determinada língua permite observar aspectos sociais e culturais da(s) comunidade(s) que a fala(m). Ao investigar o papel dos tropeiros na história do Brasil nos séculos XVIII e XIX, bem como sua contribuição para o acervo lexical da língua portuguesa, deparamo-nos com muitas expressões idiomáticas que refletem o modo de vida daqueles que cruzaram o país, do sul ao nordeste, transportando mercadorias para abastecer os mercados e levando muare para serem comercializados na grande feira de Sorocaba. Este trabalho volta-se para as expressões idiomáticas de matriz comparativa que incluem os zoônimos *burro* e *mula* em sua relação com o fenômeno do tropeirismo. Inicialmente, apresentamos algumas informações de cunho teórico a respeito de expressões idiomáticas, focalizando as de matriz comparativa. A seguir, apresentamos dados relevantes sobre o tropeirismo e o papel de burros e mulas nesse contexto. São então apresentadas e analisadas 16 expressões idiomáticas de matriz comparativa, coletadas em antologias e dicionários de fraseologia. Buscamos, por fim, evidenciar traços da herança linguístico-cultural deixada pelo tropeirismo em seus mais de dois séculos de atividade no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Fraseologia. Expressões idiomáticas de matriz comparativa. Zoônimos. Tropeirismo.

ABSTRACT: By studying the phraseology of a language it is possible to observe social and cultural aspects of the communities that speak that language. While investigating the role of muleteers in Brazil during the 18th and 19th centuries, as well as their contribution to the lexicon of Portuguese, one comes across many idioms that reflect peculiarities of the life of those who crossed the country from south to northeast carrying goods to supply markets and providing draft animals to be sold at the great Sorocaba fair. This paper focuses comparative idioms that include the zoonyms *donkey* and *mule*, in their relation with the muleteers. Some theoretical information on idioms and comparative idioms are provided; then information on the routines of muleteers in Brazil and on donkeys and mules is added. Sixteen idioms, collected from phraseological anthologies and regional dictionaries are then presented and analyzed. Final remarks are then made in an attempt to highlight linguistic and cultural traits that can be traced in over two centuries of muleteer activities in Brazil.

KEYWORDS: Phraseology. Comparative idioms. Zoonyms. Muleteers.

* Doutora em Letras. Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul (RS) – giselle.mandal@gmail.com

** Mestre em Letras, Cultura e Regionalidade. Professor de Língua Portuguesa e Língua Espanhola do IFRS (Câmpus Feliz – RS) – odairzile@hotmail.com

*** Acadêmica do curso de Licenciatura em Letras Inglês – Universidade de Caxias do Sul (RS) – tina_benedetti@yahoo.com.br

1. Introdução

A linguagem verbal é constitutiva do ser humano e o distingue dos outros animais, ditos irracionais. A linguagem se concretiza socialmente no discurso, e o discurso, por sua vez, “torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive” (ORLANDI, 2005, p. 15); eis porque “o trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana” (ORLANDI, 2005, p. 15). Como nos diz Alvarez (2012, p. 11), é a produção verbal de um falante em resposta a uma dada situação contextual que origina o discurso.

Para expressar-se, o ser humano pode lançar mão de todo o acervo lexical existente em sua língua – e até de línguas estrangeiras –, combinando unidades lexicais ou mesmo criando novas, obedecendo a regras subjacentes e a regras de língua em uso. Entre as inúmeras possibilidades está também a de utilização de combinações poliléxicas para designar e/ou referir algo ou expressões multipalavra para expressar um pensamento. Quando um pensamento é expresso tantas vezes por uma mesma fórmula relativamente fixa, esta deixa de ser uma instância pontual *ad hoc* de discurso. Muitas dessas fórmulas, mesmo quando aplicadas a diferentes contextos, já se encontram cristalizadas em sua forma e significado. Pelo seu caráter de fixidez e pela amplitude de seu uso social, esse tipo de combinação de palavras passa a ser estudado como uma unidade, e como tal merece atenção especial nos estudos da linguagem, sendo objeto de estudo da *fraseologia*.

De modo amplo, chamamos *frasesmas* às unidades de análise da fraseologia. Mattoso Câmara (1984, p. 122) refere-se a “frases feitas, isto é, fossilizadas em sua forma e seu sentido e usadas no discurso à maneira de uma locução.” Mejri (cf. 2012, p. 140-142) procura encontrar os critérios por detrás da profusão de termos usados para referir essas unidades, que apresentam como característica mínima o fato de serem uma sequência fixa. Em língua portuguesa, são mais comuns os termos *unidade fraseológica* ou *fraseologismo*, e diferentes autores, ao mesmo tempo em que propõem diferentes denominações para tipos específicos dessas unidades, reconhecem a importância de seu emprego na linguagem cotidiana, como ilustra Urbano (2008):

São provérbios, ditados, lugares-comuns, circunlóquios populares que agilizam e dão colorido e expressividade às frases dos falantes, quando em situações distensas e descontraídas, discorrendo sobre temática utilitária ou livre do cotidiano, por meio de linguagem totalmente informal, espontânea e despolicada. (URBANO, 2008, p. 40).

De acordo com Meiri (1998), subjacentes aos comportamentos sintáticos das sequências fixas estão mecanismos semânticos profundos. Considerados sob esse viés, os estudos na área da fraseologia não só permitem refletir sobre questões no campo da linguagem, como também contribuem para compreender determinada comunidade por meio do registro e análise das expressões que compõem seu acervo linguístico-cultural.

Conforme Alvarez (2012),

É através da fraseologia que as singularidades de uma língua e a maneira de pensar de uma comunidade melhor se refletem, pois as unidades que a compõem descrevem o mundo real, as experiências quotidianas, o colorido e a sabedoria de um povo, tornando-se num importantíssimo veículo de identidade e cultura. [...]

As convenções são socialmente motivadas e, conseqüentemente, relativas a uma cultura específica e ao movimento histórico-social, o que conduz o indivíduo a escolhas informadas por uma compreensão de sua relação com o discurso no determinado contexto, no qual se inserem e no interior do qual negociam uma identidade para si próprios. (ALVAREZ, 2012, p. 11)

Neste trabalho, focalizaremos o tipo de unidade fraseológica conhecida como *expressão cristalizada*, *expressão idiomática* ou *idiomatismo*, e mais especificamente o subtipo que Xatara (1997) denomina *expressão idiomática de matriz comparativa*. Com o objetivo de contribuir para os estudos da fraseologia em língua portuguesa, enfatizando sua relação com os aspectos sociais e culturais de uma comunidade, tomaremos como unidades de análise expressões idiomáticas de matriz comparativa que fazem referência ao fenômeno histórico-econômico-social do *tropeirismo* no Brasil e que incluem as lexias *burro* e *mula*. Primeiramente, faremos uma retomada teórica sobre as expressões idiomáticas de matriz comparativa, explicitando alguns critérios de análise. Em seguida, apresentaremos algumas informações sobre o tropeirismo, de modo a possibilitar a compreensão sobre esse fenômeno e os “modos de falar” a ele relacionados; essas informações servirão de base para acompanhar a proposta de análise de 16 expressões contendo *burro* e *mula*, coletadas em antologias e dicionários de fraseologia, bem como em dicionários de expressões regionais e outras obras de cunho regional. Buscaremos, por fim, evidenciar traços da herança linguístico-cultural deixada pelo tropeirismo em seus mais de dois séculos de atividade no Brasil e o modo como esses traços se manifestam nas unidades fraseológicas analisadas.

2. Expressões idiomáticas

No âmbito dos estudos fraseológicos, merecem destaque as sequências fixas conhecidas como *expressões cristalizadas*, *expressões idiomáticas* ou *idiomatismos*, não só por sua abundância e frequência na linguagem cotidiana quanto pela diversidade de formas em línguas diferentes, inclusive o português. Neste trabalho, usaremos o termo *expressão idiomática* (doravante EI), adotando a definição proposta por Xatara (1998b, p. 170): uma “lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma pela tradição cultural”.

Para Xatara (1998a), duas são as principais razões para essa profusão de EI em um determinado idioma:

Em primeiro lugar, porque podemos contrapor a seu caráter previsível e a seu automatismo, desgastado pela frequência de emprego, um poder surpreendentemente criativo de seus efeitos sobre os usuários, através do jogo entre suas relações, sobretudo metafóricas e metonímicas, e do recurso ao seu sentido literal. Em segundo lugar, porque o mundo das EI revela uma espessura simbólica, em que aflora o inconsciente, acionando transferências semânticas regulares, do concreto ao abstrato, do físico ao psíquico, exprimindo julgamentos sociais e compartilhando das mais diversas sensações e emoções. (XATARA, 1998a, p.148)

Tagnin (2005, p. 62) lembra que uma estrutura idiomática apresenta um significado não-composicional, apontando para o fato de “o significado da expressão toda não ser previsível a partir do significado de suas partes.”. Enfatiza, porém, que a “idiomaticidade de uma expressão pode ser apenas parcial” e que “é um aspecto que pode existir em maior ou menor escala numa expressão, ou seja, uma expressão não é necessariamente idiomática ou não-idiomática, podendo apresentar maior ou menor grau de idiomática” (TAGNIN, 2005, p. 62).

Ao comentar seu aspecto de fixidez ou cristalização, Riva (2009, p. 31) ressalta a relativa “estabilidade na significação de uma EI” no âmbito de uma comunidade, e sua “restrita possibilidade de variação” (RIVA, 2009, p. 44). Lembra também que a “consagração do uso de uma EI pela tradição cultural da comunidade linguística em que ela se encontra é imprescindível para que o idiomatismo seja considerado como tal” (RIVA, 2009, p. 30).

Para Baranov e Dobrovolskij (2008, apud DOBROVOL'SKIJ, 2012, p. 22), as EI são uma importante categoria de frasemas, incluindo várias subclasses, entre as quais se encontram as *expressões binomiais* e as *expressões formulaicas*, além dos *símiles* ou *comparações*, que são o foco principal deste trabalho.

Entre os diversos pesquisadores que se debruçaram sobre a presença da comparação em

expressões idiomáticas, merecem destaque os trabalhos de Xatara, desde sua dissertação de mestrado, de 1994. Em artigo de 1997, a autora identificou dez subtipos de expressões idiomáticas que chamou de “casos especiais”, entre as quais localizou aquelas de matriz (ou base) comparativa, sobre as quais discorreremos a seguir.¹

2.1 Expressões idiomáticas (EI) de matriz comparativa

As EI de matriz comparativa têm como característica principal sua estrutura formal, construída a partir da figura de linguagem conhecida como *símile*, que é assim definida por Azeredo (2011, p. 496): “Comparação assimilativa por meio da qual uma coisa é explicitamente equiparada a outra”. O gramático ressalta que, geralmente, a comparação é “realizada mediante o uso da conjunção *como* ou equivalente (*tal como, tal qual, etc.*)”, através do que se dá

o cotejo de formas de significação diferente, de sorte que o receptor da mensagem é induzido a projetar, no termo comparado [...] propriedades relevantes do termo comparante [...]. A finalidade do *símile* é orientar o pensamento do receptor da mensagem, tornando mais perceptível a relação que se pretende estabelecer entre os fatos ou seres envolvidos no processo de comparação. (AZEREDO, 2011, p. 496)

Deste modo, quando nos referimos a algo ou alguém usando, por exemplo, a expressão idiomática *Rápido como um raio*, queremos exaltar, pela aproximação às características conhecidas de um raio (descarga elétrica que se manifesta como luz), a rapidez desse referente (a velocidade da luz), e é o *símile* que torna a comparação mais clara.

Para Xatara (1997), assim como

qualquer expressão idiomática, as expressões idiomáticas de matriz comparativa são frases mínimas, formas em que os elementos – propriedades adjetivas ou verbais e comparantes – não podem ser omitidos, mas não resultam de um processo de criação de um indivíduo, num determinado momento, constituindo um recurso poético que garante o caráter de surpresa; representam, sim, um automatismo desgastado pela frequência (XATARA, 1997, p. 220).

A autora cita Mejri (1994) quando afirma que essas expressões “servem para marcar um grau de intensidade mesmo se a relação semântica entre os dois elementos da comparação for

¹ Os outros nove tipos de EI mencionadas por Xatara são: alusivas, análogas, apreciativas, deformadas, hiperbólicas, irônicas, negativas e numéricas.

indireta” (XATARA, 1998b, p. 172-173), o que ocorre quando se atribuem ao comparante semas de maneira imotivada (como, por exemplo, *Burro como uma porta*, em que *porta* não contém o sema inteligência/falta de inteligência), ou de modo sincronicamente arbitrário (*Trabalhar como um negro* – referência ao trabalho escravo no Brasil, hoje oficialmente inexistente), ou, ainda, quando a comparação não necessariamente reflete o pensamento do locutor. De fato, Azeredo (2011, p. 496) ressalta que uma comparação mais indireta tende a reforçar essa intensidade porque o “símile de maior rendimento é, obviamente, o que ativa a associação de domínios conceptuais aparentemente sem correspondência”, já que é dessa forma que “o enunciador consegue delimitar o alcance singular de sua percepção e desencadear uma experiência equivalente no receptor.”

Num primeiro estudo sobre expressões idiomáticas de matriz comparativa (doravante EIC) focalizando a temática do *tropeirismo*, Dal Corno e Santos (2014) analisaram 20 “ditos populares” constantes no *Dicionário gaudério* (FISCHER; ABREU, 2011), nos quais identificam no termo comparante Y sempre um sujeito (personagem humano ou animal) ou circunstância (situação ou acontecimento) comum ou verossímil no universo tropeiro. O elemento qualificador é uma característica, atributo ou propriedade P que é pressuposta no termo comparante Y e que é atribuída a um termo comparado X – um sujeito ou circunstância que não é mencionado na EIC, o que permite que a expressão seja empregada em qualquer situação análoga. Entre as EIC analisadas nesse artigo, encontram-se também algumas que, em vez de estabelecer uma relação de *igualdade* entre comparante e comparado pelo uso do símile, se estruturam como uma *comparação de superioridade*, em que o termo comparado X apresenta a propriedade P em grau maior que o do termo comparante Y. Seria o caso, por exemplo, de *Mais viajado que cachorro de tropeiro*, em que Y= *cachorro de tropeiro* é o comparante que apresenta a propriedade P= ser muito *viajado*, já que, para acompanhar uma tropeada, era necessário percorrer muitos quilômetros por vários meses; no entanto, o indivíduo X a quem se aplica a EIC é ainda mais viajado.

Dal Corno e Santos (2014, p. 107) assim representam os dois tipos de relação possíveis nas EIC então analisadas:

[X é/tem] mais P que Y
ou
[X é/tem] P como Y
(DAL CORNO; SANTOS, 2014, p. 107)

As EIC selecionadas para análise no presente trabalho permitem tecer ainda outras considerações e propor uma nova representação notacional. Antes, porém, de apresentarmos essas EIC, faremos uma síntese de elementos de história e cultura relacionados ao fenômeno do tropeirismo no Brasil, em especial os referentes aos muares, de modo a possibilitar a compreensão dos aspectos discursivos e simbólicos nelas presentes.

3. Os muares na história do tropeirismo no Brasil ²

O território em que hoje se encontra o Estado do Rio Grande do Sul não estava incluído naquele inicialmente destinado à Coroa Portuguesa pelo Tratado de Tordesilhas (1494)³. Tampouco ficava próximo o suficiente de algum dos dois grandes núcleos do Vice-Reino da Prata, que a Coroa Espanhola fundara na América em 1542: o mais setentrional no Peru e o mais meridional em Buenos Aires (originando, em 1776, o Vice-Reino do Rio da Prata). Assim, o atual território sul-rio-grandense era uma área geográfica sem demarcação precisa, sem fiscalização ou cuidado, e serviu a muitas finalidades, inclusive para abrigar as missões jesuíticas que aqui chegaram em 1549. Buenos Aires criava, à época, muares para dar apoio às minas de prata no Peru, atividade que se valia da mão de obra de indígenas escravizados. Paralelamente, a criação de gado começou ser uma atividade de interesse, pois a exportação do couro, muito apreciado na Europa, era muito rendosa. Os próprios padres jesuítas iniciaram rebanhos de gado *vacum*, criados soltos na Vacaria do Mar, uma extensa área de terra entre a Lagoa dos Patos e os rios Negro e Jacuí. Isso atraiu a atenção de toda sorte de exploradores, tanto portugueses quanto castelhanos (contrabandistas, ladrões, comerciantes...), o que obrigou os jesuítas a procurar outros campos. Formou-se assim a Vacaria dos Pinhais, espalhando-se pelo planalto e pelos campos de cima da serra. Como isso interessasse aos portugueses, Domingos de Filgueiras abriu um caminho na costa para levar o gado desde a Colônia de Sacramento até Laguna, onde era embarcado. Esse itinerário ficou conhecido como o Caminho da Praia, em descrição datada de 1703, e foi alterado parcialmente por Souza Farias entre 1727

² As informações condensadas nesta seção foram obtidas nas diversas fontes citadas, entre as quais se destacam trabalhos de pós-graduação em universidades dos Estados da região sul, onde se localizaram as rotas tropeiras de ingresso de muares no Brasil. Relativamente poucas referências oficiais há, na historiografia brasileira, sobre o fenômeno do tropeirismo, o que nos fez pinçar dados em diferentes materiais e procurar estabelecer relações entre eles.

³ Havia divergência, evidentemente por interesses de ambas as coroas, quanto à real demarcação da linha imaginária do meridiano de que falava o tratado. Numa das versões mais aceitas, o ponto mais ao norte do meridiano passava por Belém, atual capital do Estado do Pará, e o mais ao sul em Laguna, no atual Estado de Santa Catarina.

e 1730: o trajeto final abandonava a costa à altura do Morro dos Conventos e, subindo a serra, alcançava os “campos das Lagens”, rumando daí a Curitiba e depois a Sorocaba, onde se instalara a grande feira de animais. O tropeiro Cristóvão Pereira de Abreu pensou num caminho melhor, enveredando, em 1732, da costa para o continente na altura de Viamão (Santo Antônio da Patrulha – RS), numa jornada pioneira, em que se uniu “a outros tropeiros, reuniu 3 mil cavalos e mulas, contratou 130 peões e partiu para São Paulo e Minas Gerais, conduzindo a primeira tropa registrada na história da colônia” (RIBEIRO, 2006, p. 142), chegando ao fim da jornada por volta de 1735. Essa iniciativa veio justamente ao encontro da grande necessidade por animais de tração suscitada com o início do ciclo da mineração no Brasil:

A região das minas não tinha estrutura para receber a grande leva de pessoas, que se dirigiam para lá. Faltava casa, comida e, sobretudo, meios de transporte. Os terrenos não eram muito propícios para a agricultura nas regiões das Minas, além de serem pedregosos, eram muito íngremes. O transporte a cavalo não era um bom negócio porque este tipo de animal não suportava as dificuldades de caminhos inóspitos, falta de água. A princípio, o transporte era feito por escravos, indígenas e africanos. Os indivíduos que para lá se dirigiam não estavam interessados na agricultura, e sim no ouro. Muitas foram as pessoas que morreram de fome, por inanição. (PAES, 2001, p. 59)

Este foi, enfim, o fator decisivo para o aumento do ingresso de muares pela província de São Pedro do Rio Grande, “importados da Espanha ou das colônias hispano-americanas”, onde já havia uma experiência positiva de utilização deste animal em colônias espanholas de mineração como Potosí (PAES, 2001, p. 59-60). Em breve se estabeleceram criatórios de mulas, o que resultou em certo conflito:

O crescente comércio desse animal se deu do Sul para as outras regiões da colônia e a importação concorreu com os criadores de cavalo da colônia brasileira. Diante dessa situação, os criadores de cavalo de fazendas do sertão da Bahia, Pernambuco e Piauí vão reclamar junto a Coroa, a qual resolve proibir não só a expansão da utilização de muares como a existência do animal nestas regiões, conforme Carta Régia de 19 de junho de 1761. (PAES, 2001, p. 60)

A proibição, porém, não durou mais que três anos. Reconhecendo o valor e a necessidade desses animais, a Coroa Portuguesa estabeleceu algumas condições, mas permitiu na Carta Régia de 02 de Dezembro de 1764 a retomada da criação de mulas no sul e no centro-oeste. Em Minas Gerais, na Bahia e em outros estados do nordeste brasileiro, a ausência de bons locais para internada dificultou a criação de muares, que só veio a se intensificar com o

aperfeiçoamento de técnicas específicas no final do século XIX, o que colaborou para suprir as necessidades sempre crescentes do mercado, como se pode verificar a seguir:

No século XIX, as tropas já faziam parte do cenário histórico e a sua importância não diminuiu com o declínio da exploração aurífera de Minas Gerais. Muito pelo contrario, as tropas continuaram responsáveis pelo transporte de mercadorias e de mão de obra escrava, para locais onde não existiam vias fluviais navegáveis nem a presença de estradas-de-ferro. Com a chegada da Família Real Portuguesa e com a política de abertura dos portos, houve o aumento da produção de açúcar, algodão e café. Os tropeiros tinham muito que caminhar, levando e trazendo mercadorias e informações, fazendo transporte comercial, ou vendendo animais, de um ponto a outro do Brasil. (PAES, 2001, p 66)

De modo geral, nos estados do sul havia uma preferência pela utilização da mula, enquanto que, de Minas Gerais para o norte, o burro parece, até hoje, ser a melhor opção. De qualquer modo, é um tema que convive com a própria formação do Brasil, como exemplificado neste comentário de Sathler (2003, p. 20): “Falar em tropa e tropeiros é falar da história de Minas Gerais e do Brasil que, em muitos momentos, é uma só.”

É ainda Sathler (2003 p. 21) que comenta: “Muito do que sabemos sobre os tropeiros e do modo viajante da época nos foi narrado pelos naturalistas europeus: os cronistas do século XIX.” O comentário corrobora a ideia de que esse é um tema ainda pouco abordado pela historiografia brasileira, embora a atividade tropeira tenha sido de grande importância para o surgimento e o desenvolvimento econômico de muitas cidades ao longo dos caminhos por onde seguiam as tropas. Este talvez seja um dos motivos pelos quais sejam ainda frequentemente encontradas na linguagem cotidiana fraseologismos ligados a diferentes situações vivenciadas pelos tropeiros em suas jornadas.

Fonseca (2011, p. 3) lembra que criações fraseológicas são “construções permitidas pela língua e absorvidas pela comunidade linguística” e que “é preciso que a comunidade autorize o uso desses fraseologismos e reconheça a base cultural comum para que haja o entendimento”. A revisão dos dados obtidos e as informações disponíveis sobre o fazer tropeiro permitem admitir que existe uma base cultural comum percebida pelas comunidades que tiveram ou ainda têm envolvimento com o tema do tropeirismo. De fato, em publicação que reuniu o fruto de duas pesquisas realizadas em estados emblemáticos para o tropeirismo, Rio Grande do Sul e São Paulo, os historiadores Alves e Oliveira (2012, p. 7) concluíram “que o *vai e vem* das tropas trouxe e levou usos e costumes de uma região para outra, entre os quais os falares comuns aos

gaúchos e paulistas, sofrendo pequenas alterações, mas com o mesmo significado.” É nesse sentido que Dal Corno e Santos (2014), ao analisarem EIC que têm como tema o tropeirismo, propõem:

Apesar da amplitude de tempo e espaço envolvida, os tropeiros podem ser considerados um grupo social, já que, em função da constância do ofício, compartilharam hábitos, atividades, rotinas, vestimentas e culinária típicas, além de enraizarem no imaginário social mitos, histórias e ditos que representam sua história e visões de mundo. (DAL CORNO; SANTOS, 2014, p. 110)

A cultura tropeira tem sido bastante exaltada nos últimos tempos, com eventos que procuram resgatar (ou ressignificar) algumas tradições, e até com a instituição de dias ou semanas comemorativas ao tropeirismo. Em algumas cidades do Rio Grande do Sul e do Paraná, por exemplo, foram erguidos até monumentos para homenagear a mula⁴, dada a sua importância para o desenvolvimento econômico e social das comunidades ao longo das rotas.

O burro e a mula, assim, eram animais presentes no cotidiano do tropeiro, muito mais do que cavalos ou éguas. No sul, além de meio de transporte dos próprios tropeiros, as mulas eram também mercadoria (mulas xucras) e, após o encerramento da feira de Sorocaba em 1897, passaram a ser utilizadas para carregar mercadorias diversas. Isso faz com que Villela (2004, p. 616) problematize: “exaltam-se os tropeiros... mas pouco se referem à figura mais importante desses acontecimentos, sem a qual talvez não tivesse ocorrido o tropeirismo... ou teria sido tudo bem diferente.”

Pesquisadores sobre o tropeirismo são unânimes em afirmar que o burro e a mula são os animais mais frequentemente citados na referência às atividades cotidianas do tropeiro. Assim, não seria de se estranhar sua grande popularização na forma de expressões idiomáticas, provérbios e ditados que exploram diversas características desses animais. Pensando nisso, realizou-se, para o presente trabalho, um levantamento de expressões idiomáticas de matriz comparativa – EIC – contendo os zoônimos *burro* e *mula*.

3.1 O burro e a mula: breves informações

A análise das EIC que incluem os zoônimos *mula* e *burro* só pode ser feita a contento

⁴ No município de Caxias do Sul (RS), por exemplo, existem monumentos à Mulinha nos distritos de Fazenda Souza, Vila Seca, Vila Oliva, bem como o Monumento aos Tropeiros no distrito de Criúva.

se forem explicitados alguns dados técnicos sobre os muares, que procuramos apresentar a seguir. Em primeiro lugar, deve-se compreender que:

Burro é o nome dado ao filhote macho do cruzamento entre o jumento, também chamado de asno ou jegue (*Equus asinus*), com a égua, ou cavalo fêmea (*Equus caballus*). Quando se trata de uma fêmea resultante desse cruzamento, falamos em mula.

Como são indivíduos resultantes do cruzamento entre espécies com número de cromossomos diferentes, apresentando número ímpar de cromossomos, burros e mulas tendem a nascer estéreis. (ARAGUAIA, s.d., p. 1)

As mulas parecem ter reunido as melhores características de ambos os progenitores, e por isso eram mais apreciadas e valorizadas já no início da ocupação das terras ao sul. Ribeiro (2006, p. 139) traz relato do jesuíta alemão Antonio Sepp: “Um cavalo vale no máximo um táler – não em dinheiro, mas em tabaco, erva-mate, agulhas, alfinetes, facas ou anzóis de pesca. Para uma mula, porém, os espanhóis pagam em Buenos Ayres e Santa Fé quatorze táleres [...]”. Ainda hoje a mula é amplamente utilizada para transporte de carga em regiões montanhosas mundo afora, custando aproximadamente 20 por cento a mais que um cavalo e 40 por cento a mais que um burro (cf. KAUSCH, 2010).

As qualidades que tornam esses os animais ideais para transporte de homens e cargas incluem as descritas a seguir:

São muito resistentes, dóceis e com grande capacidade de equilíbrio, atravessando, com agilidade, trilhas estreitas, sinuosas, pedregosas, acidentadas e íngremes. [...]

Graças a esses atributos, tais animais foram amplamente utilizados no transporte de cargas, tais como alimentos e mercadorias; sendo, por isso, tratados como indivíduos de grande estima. (ARAGUAIA, s.d., p. 1)

No entanto, alguns defeitos também podem ser apontados – e geralmente são os traços mais lembrados quando se pensa nos muares. Na seção “Mundo Animal” da revista *online Mundo Estranho*, o veterinário Alexandre Gobesso ressalta que os “burros e as mulas têm como característica principal a forte ‘personalidade’. São animais que exigem muita perseverança e um trabalho específico para serem domados”. A teimosia é um dos traços mais lembrados na referência a muares, gerando epítetos, fraseologismos de base verbal, provérbios, ditados e expressões idiomáticas equivalentes em diferentes idiomas. *Teimoso como uma mula*, por exemplo, tem equivalentes em inglês (*Stubborn as a mule*) e espanhol (*Terco como una mula*).

Aliás, é esse comportamento difícil que pode ter dado margem à associação dos muares

com pouca inteligência, especialmente o burro, haja vista o emprego pejorativo dessa lexia em sua forma adjetival como sinônimo de *toló* ou *ignorante*. Embora não incluamos neste trabalho provérbios ou EI que façam referência a essa alegação, é interessante observar a possível origem da associação, como sistematizou Vercesi (2012):

Por volta de 600 a.C., o burro já era tratado em histórias como teimoso, bobo e ignorante. [...] Posteriormente, essas histórias foram passadas para o papel e popularizadas por Fedro, no século 1, e pelo francês Jean de La Fontaine, no século 17.

Palavras associando o burro à estupidez e à ignorância começaram a aparecer no século 2: a expressão *asinina cogitatio* (“raciocínio de burro”, em latim) fazia parte da obra de Lucius Apuleius, autor de *O Asno de Ouro*, sobre um homem que vira um asno.

Proprietários e criadores de burros e mulas consideram essa crença totalmente infundada e até injusta. Numa lista de propriedades que apontam a superioridade da mula em relação ao cavalo como animal de tração, Kausch (2010) inclui a seguinte afirmação: “acredita-se que as mulas têm maior habilidade cognitiva do que os seus pais”.

Grande parte das características aqui sistematizadas foi assimilada pela sabedoria popular e cristalizada em unidades fraseológicas. Na consulta a antologias, trabalhos acadêmicos e dicionários de fraseologia, localizamos 15 EIC, ou seja, expressões idiomáticas estruturadas como comparações, referindo *burro* e *mula* que podem ser associadas ao contexto do tropeirismo, seja na forma tradicional ocorrida em séculos passados, seja nas versões modernas do transporte de cargas por tração animal, ainda verificado no interior de certas regiões do Brasil.

4. Expressões idiomáticas de matriz comparativa (EIC) incluindo os zoônimos *mula* e *burro*

Observa-se em estudos recentes sobre a fraseologia em língua portuguesa uma preocupação de cunho científico com a coleta e análise de toda sorte de unidades fraseológicas, muitas das quais incluem zoônimos. Destacamos aqui apenas alguns trabalhos que contemplam expressões idiomáticas que incluem *mula* ou *burro*, embora nem todas sejam EIC.

Pastore (2009), dando sequência à pesquisa iniciada em sua dissertação de mestrado (FALCÃO, 2002), estuda expressões idiomáticas brasileiras e americanas, fazendo um estudo contrastivo no campo da simbologia animal a partir de *corpora*. Especificamente sobre o burro e a mula, a estudiosa explica a presença desses animais em expressões devido a algumas

circunstâncias: referência à mitologia grega – quando são tidos como desafinados –; a ideia de teimosia, resultante dos casos em que ficavam “empacados” nos atoleiros”; associação ao trabalho e, muitas vezes, ao sofrimento, já que vêm sendo usados por séculos para transporte de carga (PASTORE, 2009, p. 87-88). O objetivo último do trabalho da autora era a elaboração de um dicionário inglês/português de expressões idiomáticas incluindo zoônimos.

Riva (2009) propõe em sua tese de doutorado um dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas da língua portuguesa, entre as quais inclui os fraseologismos *Mula manca* e *Burro como uma porta*, fazendo referência à crença popular sobre a pouca inteligência dos muars. O primeiro é um epíteto usado como insulto, em que o adjetivo *manca* provavelmente está sendo usado em sentido figurado como sinônimo de *estúpido*, *bronco* (cf. HOUAISS; VILLAR, 2002). No segundo, como comentamos anteriormente, atribui-se à *porta* de maneira imotivada o sema *pouca inteligência*, concentrado na forma adjetiva *burro*.

Em dissertação sobre a referência a animais em provérbios portugueses, Venclovská (2010) traça um breve histórico da presença dos animais nas civilizações humanas, complementando com um levantamento de provérbios e outros fraseologismos zoônimos e buscando para eles explicações em diferentes fontes. É de especial interesse para este artigo a explicação trazida para *Dar com os burros n'água*., que a autora extraiu do *website* Lusofonias:

A expressão surgiu no período do Brasil colonial, onde tropeiros que escoavam a produção de ouro, cacau e café precisavam ir da região Sul à Sudeste sobre burros e mulas. O facto era que muitas vezes esses burros, devido à falta de estadas adequadas, passavam por caminhos muito difíceis e regiões alagadas, onde os burros morriam afogados. (Disponível em www.lusofonias.net, apud VENCLOVSKÁ, 2010, p. 49-50)

Fonseca (2013) levanta, organiza e analisa os fraseologismos zoônimos do português, ou fraseologismos criados a partir de nomes de animais, e seus equivalentes em francês. A investigadora cita ao longo de sua dissertação de mestrado diversas expressões, das quais destacamos *Burro como uma porta* (= pessoa pouco inteligente) e a unidade fraseológica de base verbal *Dar com os burros n'água* (= falhar, não ter sucesso). A autora traz ainda o epíteto *Mula empacada*. O trabalho reflete que “os fatos de as culturas brasileira e francesa serem separadas geograficamente, serem de origem distintas, terem percursos históricos diferentes,

influenciam nas representações que se materializam na construção das unidades do léxico” (FONSECA, 2013, p. 165).⁵

No *Dicionário brasileiro de fraseologia*, extensa compilação de fraseologismos da língua portuguesa, Silva (2013) traz a unidade fraseológica de base verbal *Trabalhar como uma besta/um burro* e as EIC *Teimoso como um burro* e *Teimoso como uma mula*, que serão explicadas adiante.

As EIC selecionadas para análise encontram-se no quadro 1 a seguir, organizadas, alfabeticamente, em dois campos, de acordo com sua estrutura: as que apresentam uma relação de igualdade entre comparante e comparado e as que apresentam relação de superioridade. As principais fontes consultadas para a coleta das EIC, além dos trabalhos mencionados, são: *Linguajar tropeiro* (ALVES; OLIVEIRA, 2012), *Dicionário gaúcho-brasileiro* (BOSSLE, 2003); *Dicionário gaudério* (FISCHER; ABREU, 2011); *Contos gauchescos e lendas do sul* (LOPES NETO, 1976); e *Dicionário gaúcho* (OLIVEIRA, 2010). Foram também consultados dicionários de língua geral, a saber: *MICHAELIS: moderno dicionário de língua portuguesa* (MICHAELIS, 1998), *Novo Aurélio século XXI* (FERREIRA, 1999) e *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2002).

Quadro 1. Expressões idiomáticas de matriz comparativa (EIC) relacionadas ao tropeirismo

Relação de igualdade [X é/tem] P como Y [X] <i>fazer algo</i> como Y	Relação de superioridade [X é/tem] mais P que Y [X] <i>fazer algo</i> mais que Y
a) Trabalhar como um burro. b) Trabalhar como um burro de carga. c) Correr mundo igual a burro com carga. d) Suar como um burro. e) Empacado como uma mula. f) Lerdo como uma mula guaxa. g) Raro como mula parida. h) Sabido como burro velho. i) Seguidito e ligeiro como pinote de mula. j) Teimoso como burro aporreado. k) Teimoso como uma mula.	1. Mais carregado que burro de mascate. 2. Mais demorado que parto de mula. 3. Mais escandaloso que relincho de burro chorro. 4. Mais lanho que burro empacado.

Fonte: Compilado pelos autores a partir de Alves e Oliveira (2012), Bossle (2003), Fischer e Abreu (2011), Lopes Neto (1976), Oliveira (2010), Silva (2013).

Na sequência, analisaremos as 11 EIC que apresentam relação de igualdade e as 4 EIC

⁵ Merece destaque também nesta dissertação a elaboração de uma linha de tempo representativa do histórico da fraseologia no Brasil e em países precursores, que pode ser uma excelente fonte de consulta aos pesquisadores interessados no tema.

que apresentam relação de superioridade, procurando, por um lado, estabelecer relações com a temática do tropeirismo e, por outro, verificar, particularidades da estrutura desses fraseologismos.

4.1 EIC com relação de igualdade

Foram identificadas nas obras pesquisadas 11 EIC em que se verifica uma relação de igualdade do grau em que a propriedade P (atributo ou elemento qualificador) é atribuída ao termo comparante Y e a um termo comparado X não mencionado. Em quatro delas, a propriedade não é expressa por um adjetivo, mas sim construída a partir de um verbo. Como diz Vale (1999, p. 166), as comparações, no primeiro caso, reforçam a ideia do adjetivo, enquanto no segundo “nada mais fazem do que modificar o verbo em seu núcleo.”

4.1.1 EIC de igualdade com propriedade P indicada por adjetivo

- *Empacado como uma mula.*
- *Lerdo como uma mula guaxa.*
- *Raro como mula parida.*
- *Sabido como burro velho.*
- *Seguidito e ligeiro como pinote de mula.*
- *Teimoso como burro aporreado.*
- *Teimoso como uma mula.*

Algumas características peculiares dos muares aparecem nesse conjunto de EIC. A um sujeito ou circunstância X é atribuída uma característica P que está presente ou é marca forte pressuposta no comparado Y, formando assim a EIC, que pode ser assim notacionalmente representada:

[X é/tem] P como Y

em que nem X, nem o verbo que expressa a relação são mencionados (por isso registrados entre colchetes []).

Conforme observado por Vale (1999, p. 165), são expressões praticamente transparentes, uma vez que os semas contidos nos diferentes itens lexicais são facilmente decodificáveis, pelo menos sincronicamente.

Empacado como uma mula, Teimoso como burro aporreado e Teimoso como uma mula remetem à característica negativa da teimosia popularmente associada aos muares (o que gera expressões em outras línguas com conteúdo semântico equivalente, como vimos anteriormente

no exemplo nas versões em inglês e em espanhol). Essa “personalidade forte” é perceptível quando o animal se recusa a seguir adiante (o que pode se dar por diversas razões), teimando em ficar parado, portanto, empacado e/ou insistindo num determinado tipo de comportamento. Segundo o *Dicionário gaúcho*, *empacar* corresponde ao *ato de emperrar; firmar-se manhosamente nas patas*, praticamente impossibilitando que alguém consiga fazer o animal seguir viagem. Não era algo incomum durante a jornada tropeira, já que situações diversas podiam desencadear tal reação do muar; com o burro ou a mula empacados, nada mais se podia fazer a não ser esperar que desempacassem. Essas ideias são complementadas com a adjetivação *aporreado* que acompanha *burro*: diz-se do animal que não se deixa domar ou amansar (cf. BOSSLE, 2003; OLIVEIRA, 2010). **Emprego:** As EIC destacadas neste parágrafo são geralmente empregadas em circunstâncias nas quais, analogamente, pessoas ou situações não evoluem, não encontram um desfecho, ou quando pensamentos e ideias não fluem.

A apreensão da EIC *Lerdo como uma mula guaxa* depende da compreensão do adjetivo *guaxo* (também grafado *guacho*) que, embora não tenha um significado opaco, não é de conhecimento geral fora do contexto rural. Diz-se *guaxo* do animal que é criado por outro que não a própria mãe, o que o torna, de certa forma, mais carente e manhoso. A égua que gera a mula ou o burro geralmente tem a função apenas de procriar, não acompanhando o filhote. Outro aspecto peculiar aos muares é que a mula resultante do cruzamento de uma égua com um burrico tende a ser mais lerda, como uma característica geneticamente impressa. **Emprego:** essa EIC pode ser aplicada numa analogia a situações e processos cujo desfecho é muito demorado.

Raro como mula parida faz referência à alta improbabilidade de uma mula ser fértil e, portanto, poder parir.⁶ O mesmo sentido se localiza num ditado latino, *Cum mula peperit*, equivalente a “Quando uma mula parir”, que refere a algo extremamente improvável. **Emprego:** o resultado da analogia feita ao se aplicar a uma situação fora do contexto animal é a constatação da quase impossibilidade de algo acontecer, ou, por outro lado, da grande surpresa por ter acontecido.

Sabido como burro velho, mais que aludir à inteligência que criadores observam nesse animal, constrói seu sentido a partir do reconhecimento da sabedoria que pode ser adquirida através da experiência e da idade. A mesma ideia pode ser encontrada em outros fraseologismos, por exemplo, em provérbios como *Macaco velho não põe a mão em cumbuca* (cf. SILVA, 2013,

⁶ Na última década, tem-se notícia de menos de cinco casos em todo o mundo.

p. 448) ou *O diabo sabe mais por velho que por diabo*. **Emprego:** em tal EIC, estabelece-se uma analogia entre o termo comparante e uma pessoa experiente que, justamente por isso, evita situações de risco ou perigo potencial.

Por fim, *Seguidito e ligeiro como pinote de mula* faz referência ao salto que muares e cavaleiros dão quando escoiceiam; ou seja, para poder dar o coice, o animal se firma nas patas dianteiras e dá um golpe para trás com as traseiras. Pelo que se depreende da EIC, a mula dá uma sequência rápida de pinotes. Embora o fraseologismo *dar o pinote* tenha uma acepção própria equivalente a *fugir* (da cadeia ou de uma situação/pessoa desagradável), no contexto do tropeirismo realmente refere uma ação própria da mula. **Emprego:** a EIC pode ser aplicada a situações que se caracterizem pela repetição rápida e forte de algum movimento ou ação.

4.1.2 EIC de igualdade construídas a partir de verbo

- *Trabalhar como um burro.*
- *Trabalhar como um burro de carga.*
- *Correr mundo igual burro de carga.*
- *Suar como um burro.*

Diferentemente das anteriores, nas quatro EIC aqui apresentadas não há um adjetivo indicativo de propriedade: elas se formam a partir de um verbo que indica uma ação típica do animal, o burro. A presença de verbos indicativos de ação ocupando a posição da propriedade P no sintagma da comparação permite propor uma nova representação notacional para a estrutura da EIC, como segue:

[X] *fazer algo* como Y

em que a ação é representada pela forma genérica abstrata *fazer algo*.

Podem ser consideradas transparentes, no sentido de que os semas contidos nos diferentes itens lexicais são facilmente decodificáveis (o sintagma *correr mundo* talvez seja um pouco menos transparente que os demais, como veremos adiante).

As EIC *Trabalha como um burro* e *Trabalha como um burro de carga* são equivalentes em sentido no contexto do tropeirismo, uma vez que a principal tarefa prestada pelo burro era justamente o transporte de carga. **Emprego:** Alves e Oliveira (2012, p. 37) explicam o que já parece ser consensual na sabedoria popular, que essas EIC geralmente se aplicam a uma pessoa que trabalha bastante. Empregar uma dessas expressões, não raro, equivale a uma forma de queixa ou reclamação do locutor que, ao fazer a afirmação, quer dizer que está com uma carga

excessiva de trabalho (às vezes insinuando que o interlocutor ou outras pessoas implicadas não trabalham o suficiente).

Correr mundo igual a burro com carga e *Suar como um burro* não podem ser considerados aplicáveis exclusivamente ao contexto do tropeirismo, mas também aludem ao universo do trabalho do burro e às situações enfrentadas durante os períodos na estrada. O fraseologismo *correr mundo* também ocorre isoladamente, sem a comparação, trazendo a mesma ideia de *viajar muito*, conforme nos diz Silva (2013, p. 424). Essa é a EIC menos transparente das aqui analisadas. Já o sudor do burro é justificado pelo esforço empreendido no carregamento da carga em longas e distantes viagens, por vezes sob o sol e o calor. **Emprego:** aplicada a situações cotidianas, a primeira EIC serve para caracterizar algo ou alguém que viaja bastante ou que circula em diferentes e distantes lugares, espalhando-se rapidamente, enquanto a segunda pode ser uma referência a indivíduos que apresentam sudorese excessiva.

4.2 EIC que apresentam relação de superioridade

- *Mais carregado que burro de mascate.*
- *Mais demorado que parto de mula.*
- *Mais escandaloso que relincho de burro chorro.*
- *[Ter] mais lanho que burro empacado.*

Foram identificadas nas obras pesquisadas quatro EIC cujo conteúdo semântico pode ser relacionado ao tropeirismo, nas quais se verifica uma relação de superioridade: a propriedade P (atributo ou elemento qualificador) é atribuída ao termo comparante Y, mas o termo comparado X, não mencionado, a apresenta em ainda maior grau ou quantidade. Em apenas uma dessas EIC, a propriedade não é expressa por um adjetivo, mas sim por um substantivo, que pressupõe um verbo (sugerido aqui entre colchetes).

As EIC que apresentam uma relação de superioridade podem ser assim representadas:

[X é/tem] mais P que Y

ou

[X] fazer algo mais que Y

A EIC *Mais carregado que burro de mascate* introduz a figura do mascate, vendedor ambulante, que, mesmo não andando em tropa, se valeu do princípio de comércio dos tropeiros: levar a mercadoria até onde se encontra o freguês. Para tornar a viagem mais rendosa, evidentemente, era melhor encetá-la com o maior carregamento possível, o que permitiria mais

vendas numa mesma viagem. **Emprego:** aplica-se na vida cotidiana a situações em que, analogamente, alguém ou algo esteja transportando ou carregando tal volume de coisas que produza na mente do interlocutor uma associação com o mascate.

Em *Mais demorado que parto de mula*, alude-se à alta probabilidade de a mula ser estéril, ou seja, não parir. **Emprego:** pode ser uma forma de ironizar um indivíduo excessivamente moroso ou uma situação que se estende no tempo, que pode nunca se resolver.

Para *Mais escandaloso que relincho de burro chorro*, Fischer e Abreu (2011, p. 143-144) tecem comentários a respeito da sonoridade da frase e da diferença de denominação dos animais no sul e no nordeste do Brasil, perdendo um detalhe semântico importantíssimo para a composição do significado desta EIC. A consulta a dicionários de língua geral permite identificar essa lexia com a grafia *burro-choro*, usada para referir o jumento encarregado da reprodução com uma manada de éguas – ou como se diz na linguagem dos criadores, “cobrir as éguas”. É também chamado *hechor*, termo originado do espanhol rio-platense, significando “aquele que faz”. O relincho é provavelmente uma manifestação provocada pela própria situação: cobrir todas as éguas de uma manada não pode exigir menos que um escândalo por parte desse “garanhão asinino”. **Emprego:** algo ou alguém mais escandaloso que isso realmente merece que se lhe aplique esta EIC.

Já a EIC *Mais lanho que burro empacado*, que pressupõe o verbo [Ter] como marcador da relação, remete ao estado de ferimentos resultantes de chicotadas aplicadas no lombo do animal quando o condutor do animal tenta dissuadi-lo da obstinação em não se mover (o *estar empacado*), prática infelizmente comum ainda hoje. **Emprego:** ao se aplicar a um indivíduo, o que se evidencia é a causa dos ferimentos (metafóricos, evidentemente): o sujeito está sempre emperrado, relutante em seguir adiante ou ferrenhamente obstinado em permanecer numa situação, sofrendo com isso (os *lanhos*), mas nem assim fazendo algo que altere a situação.

4.3 Outras observações quanto à estrutura das EIC analisadas

Nas EIC selecionadas para esta análise, observa-se, na estrutura comparativa que marca relação de igualdade, a preferência pelo uso de COMO como elemento de ligação. Tem-se em todos os casos uma comparação explícita, com o uso da conjunção assinalando a propriedade do comparado e estabelecendo a relação entre o comparado e o comparante. Alternativamente, observa-se a variante IGUAL A (*Correr mundo igual a burro com carga*). Outras duas variantes foram localizadas, mas não analisadas aqui, pelo fato de não se referirem especificamente ao

contexto do tropeirismo. São elas: a variante informal QUE NEM (Ex.: *Criticado que nem burro em penca*) e a forma culta TÃO... QUANTO (Ex.: *Tão idiota quanto uma mula*).

Em síntese, propomos uma nova configuração para a representação das EIC de igualdade e superioridade, como segue:⁷

[X é/tem] P como Y ou [X] *fazer algo* como Y

e

[X é/tem] mais P que Y ou [X] *fazer algo* mais que Y

5. Uma leitura final a partir das análises empreendidas

No contexto do tropeirismo, como se viu, o burro e a mula foram utilizados durante muito tempo como meio de transporte, além de serem mercadoria a ser vendida. Desde esse período em que os tropeiros cruzaram o país até os dias de hoje, várias são as características que marcam esses animais e os tornam apreciados e valorizados – para usar um fraselogismo significativo, o burro e a mula “caíram nas graças do povo”.

Uma das características positivas mais aludidas nas EIC analisadas é a resistência ao trabalho com cargas, que está presente no verbo *trabalhar*, no adjetivo *carregado*, no substantivo *carga*. Já como característica negativa, evidencia-se a *teimosia*, sema presente nos adjetivos *teimoso*, *empacado*, que se relacionam à imobilidade ou morosidade presente, em *lerdo* e *demorado* e, de certa forma, implicada no substantivo *lanho*.

Um último olhar sobre esse conjunto de resultados sugere ainda uma outra leitura. Praticamente todas as EIC que mencionam *mula* são associadas a características depreciativas da “personalidade” dos muare: *empacada*, *teimosa*, *lerda*, *demorada*, exceto quando o tema é a condição fisiológica de fertilidade que é muito *rara*. Essa também não deixa de ser uma característica negativa, quando se pensa que a ausência de prole é mais custosa para um criador de animais. As EIC construídas a partir desses adjetivos funcionam como um qualificador negativo.

Por outro lado, evidencia-se a associação do burro com verbos e/ou adjetivos que enaltecem sua grande capacidade para o trabalho, como já destacamos anteriormente:

⁷ A representação notacional aqui sugerida baseia-se nas estruturas das EIC analisadas até o momento, o que não impede que, em se ampliando o *corpus* de estudo, se possa posteriormente aprimorar a proposta, de modo a contemplar de forma mais abrangente outras expressões.

trabalhar, suar, correr mundo, carregado. Ainda associados ao burro estão os atributos positivos de bom desempenho sexual (depreendido de *escandaloso*) e grande experiência (*sabido*). As EIC funcionam, assim, como qualificadores positivos.

Não seria talvez incorreto afirmar, assim, que, ao cristalizar a forma das EIC, a sociedade que legitima esse discurso também deixa transparecer outros valores legitimados, como os papéis atribuídos aos gêneros. As EIC analisadas mantêm seu uso ao longo da história, com referência às ideias e circunstâncias inerentes exclusivas ou com forte ênfase ao tropeirismo. A manutenção e reprodução das estruturas dessas expressões – e seus respectivos sentidos – pode ser vista como um exemplo de *ressonância discursiva*, já que “a significação é produzida por meio de um efeito de vibração semântica mútua” (SERRANI, 1993, p. 47). A ressonância se dá a partir de resquícios parafrásticos; ou seja, o discurso e seus respectivos sentidos são construídos e reconstruídos pelas gerações, na e pela história.

Deste modo, reitera-se a importância de estudar a fraseologia de uma língua como modo de não só de conhecer seus aspectos linguísticos como também de se aproximar de suas representações histórico-culturais, por vezes resgatando aspectos esquecidos ou negligenciados pela historiografia, como parece ter sido o caso do tropeirismo no Brasil.

Referências

- ALVES, L. A.; OLIVEIRA, S. C. de. **Linguajar tropeiro**. Porto Alegre: Evangraf, 2012.
- ARAGUAIA, M. **Burros e mulas (Gênero Equus)**. Disponível em <http://www.mundoeducacao.com/biologia/burro.htm>. Acesso em: 15 set. 2014.
- AZEREDO, J. C. de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2011.
- BARONOV, A. N.; DOBROVOL'SKIJ, D. O. *Aspekty teorii frazeologii*. Moskva: 2008. In: DOBROVOL'SKIJ, D. *Phraseology: historical development and theoretical aspects*. In: ALVAREZ, M. L. O. (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- BORGES, S. da S.; BORGES, G. B. *Criatório de mulas em Bom Jesus: história, economia e turismo*. In: SANTOS, L. M. S.; BARROSO, V. L. M. (Orgs). **Bom Jesus na Rota do Tropeirismo no Cone Sul**. Porto Alegre: EST, 2004.
- BOSSLE, B. **Dicionário gaúcho-brasileiro**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.
- CAMARA JÚNIOR, J. M. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

DAL CORNO, G. O. M.; SANTOS, O. J. S. dos. Expressões idiomáticas e a relação entre língua, história e cultura: o tropeirismo em ditos populares. In: ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. v. VII. Campo Grande: Ed. UFMS, 2014.

FALCÃO, P. C. S. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em inglês com nomes de animais**. 2002. 221 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Universidade Estadual Paulista – UNESP, Câmpus São José do Rio Preto, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Disponível em http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/100109/pastore_pcf_dr_sjrp.pdf?sequence=1. Acesso em 12 set. 2014.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FISCHER, L. A.; ABREU, I. **Dicionário gaudério**. Caxias do Sul: Belas Artes, 2011.

FONSECA, H. da C. Fraseologismos zoônimos: elaboração de base de dados. In: **Anais do SILEL**. v. 2, n. 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2011_625.pdf. Acesso em: 12 set. 2014.

_____. **Fraseologismos zoônimos**: elaboração de base de dados Português-Francês. 2013. 187 f. Dissertação (mestrado em Linguística) - Universidade Estadual Paulista - UNESP, Câmpus São José do Rio Preto, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Disponível em: http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86540/fonseca_hc_me_sjrp.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 12 set. 2014.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 1.0.5a. São Paulo: Objetiva, 2002. 1 CD-Rom.

KAUSCH, M. Tudo sobre animais de carga usados em montanhas. Artigo postado em 23 ago. 2010. Disponível em: <http://altamontanha.com/Artigo/2561/tudo-sobre-animais-de-carga-usados-em-montanhas>. Acesso em 8 ago. 2014.

LOPES NETO, S. **Contos gauchescos e lendas do sul**. 9. ed. Porto Alegre: Globo, 1976.

MEJRI, S. Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique. In: **L'information grammaticale**, n. 76, p. 50-51, 1998. Disponível em: /web/revues/home/prescript/article/igram_0222-9838_1998_num_76_1_2893. Acesso em: 9 set. 2014.

_____. Délimitation des unités phraséologiques. In: ALVAREZ, Maria L. O. (Org.) **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia**. Campinas, SP: Pontes, 2012.

MICHAELIS: moderno dicionário de língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

OLIVEIRA, A. J. de. **Dicionário gaúcho**: termos, expressões, adágios, ditados e outras barbaridades Porto Alegre: AGE, 2010.

ORLANDI, E. P. **Discurso e texto**: formulação e circulação de sentidos. 2 ed. Campinas: Pontes, 2005.

PAES, J. M. **Tropas e tropeiros na primeira metade do século XIX no Alto Sertão Baiano**. Universidade Federal da Bahia Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas Mestrado em História 2001. 164 f. Disponível em: <http://www.ppgh.ufba.br/wp-content/uploads/2013/12/Tropas-e-tropeiros-na-primeira-metade-do-seculo-XIX.pdf>. Acesso em: 10 set. 2014.

PASTORE, P. C. F. Expressões idiomáticas americanas e brasileiras: um estudo contrastivo baseado na simbologia animal. **Revista Trama**, v. 5, n. 9, p. 85-98, 1º semestre de 2009.

QUAL A DIFERENÇA entre jumento, mula, burro, jêgue e asno. Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/qual-a-diferenca-entre-jumento-mula-burro-jegue-e-asno>. Acesso em: 11 set. 2014.

RIBEIRO, J. H. **Os tropeiros**: diário da marcha. São Paulo: Globo, 2006.

RIVA, H. C. **Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil**. 2009. 315 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. UNESP - São José do Rio Preto, 2009. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/handle/11449/100104>. Acesso em: 10 set. 2014.

SANTOS, L. M. S.; BARROSO, V. L. M. (Orgs.). **Bom Jesus na Rota do Tropeirismo no Cone Sul**. Porto Alegre: EST, 2004.

SATHLER, E. B. **Tropeiros & outros viajantes**. Niterói: PPGSD-UFF/ Edição do Autor, 2003. (Série Pesquisas n.1). Disponível em: <http://www.ambiental.adv.br/tropeiros.pdf>. Acesso em: 10 set. 2014.

SERRANI, S. M. **A linguagem na pesquisa sociocultural**: um estudo da repetição na discursividade. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

SILVA, J. P. da. **Dicionário brasileiro de fraseologia** (versão preliminar). Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: http://www.josepereira.com.br/_DBF_2013.pdf. Acesso em: 12 set. 2014.

TAGNIN, S. E. O. **O jeito que a gente diz**: expressões convencionais e idiomáticas. São Paulo: Disal, 2005.

URBANO, H. Da fala para a escrita: o caso de provérbios e expressões populares. **Revista Investigações**, v. 21, n. 2, p. 31-56, jul. 2008. Disponível em: http://www.revistainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.21.2/Hudinilson_Urbano.pdf . Acesso em 7 set. 2011.

VALE, O. A. Expressões cristalizadas: transparência e opacidade. **Signótica**, n. 11, p. 163-172, jan./dez. 1999.

VERCESI, A. A. Por que o burro virou símbolo da ignorância. **Mundo estranho**, n. 125, junho 2012. Disponível em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/por-que-o-burro-virou-simbolo-da-ignorancia>. Acesso em 8 ago. 2014.

VILLELA, L. M. C. Resgate à figura da mula. In: SANTOS, L. M. S.; BARROSO, V. L. M. (Orgs). **Bom Jesus na Rota do Tropeirismo no Cone Sul**. Porto Alegre: EST, 2004.

XATARA, C. A comparação nas expressões idiomáticas. **Alfa**, São Paulo, 41, p. 211-222, 1997.

_____. O campo minado das expressões idiomáticas. **Alfa**. São Paulo, 42 (n. esp.). p. 147-159, 1998a.

_____. Tipologia das expressões idiomáticas. **Alfa**. São Paulo, 42. p. 169-176, 1998b.

Artigo recebido em: 15.09.2014

Artigo aprovado em: 09.12.2014

Lematização de unidades fraseológicas diacríticas em dicionários bilíngues espanhol/português

Stemming from diacritical phraseological units in bilingual dictionaries Spanish/Portuguese

Angélica Karim Garcia Simão*

RESUMO: Neste trabalho partimos de uma concepção ampla de fraseologia para propor a descrição e análise da lematização de unidades fraseológicas diacríticas em dicionários bilíngues espanhol/português. O foco do trabalho busca evidenciar não só a organização da macroestrutura proposta por duas obras lexicográficas diferentes, como também discutir as marcas de uso e equivalências apresentadas. Unidades fraseológicas diacríticas são entendidas no presente trabalho como fraseologismos que contêm lexias únicas, carentes de autonomia sintática e semântica, reconhecidas pelo falante somente dentro de expressões fixas.

PALAVRAS-CHAVE: Metalexicografia. Fraseologia bilíngue. Unidades fraseológicas diacríticas. Língua espanhola.

ABSTRACT: In this paper we consider a broad conception of phraseology to propose a description and analysis of phraseological units of stemming diacritical Spanish / Portuguese bilingual dictionaries. The focus of the analysis seeks to show not only the organization of the macro-structure proposed by two different lexicographical works, but also to discuss the use of labels and equivalences presented. Phraseological units are understood here as diacritical phraseologisms containing unique lexias, lacking syntactic and semantic autonomy recognized by speaker only within fixed expressions.

KEYWORDS: Metalexicography. Bilingual phraseology. Diacritical phraseological units. Spanish language.

1. Introdução

Partindo da distinção saussuriana de diacronia e sincronia, lexicógrafos comumente dão maior ou menor ênfase em dicionários gerais ao tratamento de unidades fraseológicas (doravante UFs) ora em função das línguas descritas, ora em função do próprio estabelecimento de tais unidades dentro do sistema. Nessa perspectiva, impõem-se objetivamente a questão da delimitação de tais unidades e as dificuldades em se estabelecer tanto suas possibilidades de uso, prescrição, quanto os significados que adquirem em diferentes contextos, sua descrição.

Durante a tarefa tradutória o ato de consulta a dicionários bilíngues gerais pode ter uma via de mão dupla de acordo com as diferentes atividades desempenhadas pelo tradutor: a de codificação, e nesse aspecto o “como empregar” uma unidade fraseológica adquire maior

* Doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), Professor Assistente Doutor no Departamento de Letras Modernas, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, UNESP, campus de São José do Rio Preto, angelica@ibilce.unesp.br

relevância, e a de descodificação, na qual se interpõem questões pertinentes a delimitação de seu significado.

Para Welker (p. 208, 2004), num dicionário “passivo”, cujo objetivo é auxiliar a compreensão de textos, a macroestrutura deveria ser muito maior do que num dicionário “ativo”, destinado à produção de textos, uma vez que o consulente geralmente tende a empregar menos lexemas do que a variedade com a qual se depara durante a leitura. Em se tratando de diferentes contextos de tradução e versão de textos, e de sintagmas que devem ser inseridos ou surgem inseridos em diferentes contextos discursivos, e para isso devem passar ou passam por diferentes critérios de adaptação textual, tanto sua delimitação quanto sua inserção na nomenclatura de obras lexicográficas tornam-se bastante complexas.

Trataremos neste trabalho especificamente da lematização, da atribuição de marcas de uso, bem como da proposição de equivalentes tradutórios em língua portuguesa, de unidades fraseológicas diacríticas. No escopo das pesquisas fraseológicas contemporâneas, entende-se por palavra diacrítica aquele componente léxico que aparece unicamente dentro de uma unidade fraseológica, o que a caracteriza semântica e sintaticamente como um elemento carente de autonomia, uma vez que não apresenta significado quando isolada e tampouco aparição no discurso livre (AGUILAR RUIZ, 2012).

O corpora de análise está composto por dois dicionários bilíngues gerais espanhol/português, a saber: o dicionário Señas, *Diccionario para la enseñanza de la Lengua Española para Brasileños* (2000), e o *Gran Diccinario Español-Portugués/Português-Espanhol Espasa Calpe* (2001), acessado também on-line no endereço <<http://wordreference.com>>, tratados doravante, respectivamente, por DS e DG.

2. Delimitação do olhar sobre a Fraseologia

A Fraseologia, entendida neste trabalho como um subdomínio da Lexicologia, pode ser abordada a partir de uma perspectiva ampla ou restrita. Segundo Molina (p. 85, 2006), essa distinção é proveniente do modelo de centro e periferia, originário na década de 30 na Escola de Praga. Foi nessa década, na extinta União Soviética, em que primeiramente se manifestou a necessidade de transformar o estudo das combinações de palavras como unidades linguísticas especiais em uma disciplina independente, com objeto próprio (TRISTÁ, 1998).

Em uma perspectiva ampla, por um lado, os estudos fraseológicos teriam como objeto tanto os elementos oracionais que desempenham a função de um termo simples, os sintagmas

oracionais, como os elementos que ultrapassam o limite do sintagma, isto é, parêmsias e fórmulas, incluindo-se as colocações. Por outro lado, em uma perspectiva restrita, a fraseologia seria formada somente por unidades que não superam a estrutura do sintagma (MOLINA, 2006).

Na presente investigação, adotamos a visão ampla da Fraseologia, uma vez que nos pautamos pela taxonomia proposta por Corpas Pastor (1996, p.20). Essa autora define UF como “as unidades léxicas formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior situa-se no nível da oração composta”.

Em sua taxionomia, a autora delimita três esferas diferentes para as UFs. A primeira delas compreende as colocações, UFs fixadas na norma, formadas por duas unidades léxicas em relação sintática que não constituem enunciados. As da segunda esfera, as locuções, UFs com unidade de significado do sistema da língua que funcionam como elementos oracionais e que tampouco constituem enunciados completos. Os de terceira esfera denominados enunciados fraseológicos, entendidos como unidades de comunicação mínima que constituem enunciados completos fixados na fala, divididos por ela em dois grandes grupos: parêmsias e fórmulas rotineiras.

Trataremos neste trabalho de um grupo específico de UFs, as denominadas unidades fraseológicas diacríticas (UFD), inseridas, em grande parte, em um subdomínio na esfera das locuções.

3. Unidades fraseológicas com palavras diacríticas (UFD)

De acordo com García Page (1990, p. 280), a denominação “palavra diacrítica” foi proposta inicialmente por Zuluaga, na década de 80, para designar elementos que podem ser considerados como palavras do ponto de vista fonológico, uma vez que apresentam autonomia fônica, mas que são ausentes de significado léxico. Somente a frase, tomada em sua totalidade, é provida de significado unitário, não derivável de sua decomponibilidade. Dessa forma, tais palavras funcionam como signos diacríticos, diferenciando-as das demais frases, na medida em que o emprego da palavra determina a presença da frase locucional da qual faz parte.

Embora a concepção de autonomia fônica de García Page também possa ser questionada, optamos por manter a tradução literal para o português, diacrítica, proveniente da denominação proposta por Zuluaga, uma vez que a denominação “palavra idiomática” para o mesmo fenômeno linguístico utilizada por alguns autores, García Page (1990 e 1991) e Martínez

Lopes (1996), além de retomar o sentido estrito relacionado ao termo idiomático, referente ou próprio de um idioma, retoma também, na teoria lexicográfica, a indicação do alto grau de lexicalização semântica que podem apresentar determinadas unidades¹. O termo diacrítico evita tal ambiguidade, além de manter maior consonância com o conceito proposto por Zuluaga (1980, p.102), que as define como “palavras únicas carentes de toda autonomia semântica, reconhecidas pelo falante somente dentro de expressões fixas”.

Além de Zuluaga, outros autores como Ruiz (1998), Corpas Pastor (1996) e Aguilar Ruiz (2011 e 2012) também utilizam a terminologia palavra diacrítica para se referir a esse fenômeno linguístico. Holzinger (2012) utiliza “elemento único” como uma tradução para o espanhol de “Unikale Elemente” em alemão, e González Rey (2005) defende o emprego de “hápx fraseológico”, embora utilize as contribuições de Zuluaga, García Page e Ruiz Gurillo para estabelecer a definição e as classificações de seu conceito.

Em sua obra pioneira ao estudo da Lexicografia espanhola, *Introducción a la Lexicografía Moderna*, em um subitem denominado *Anomalía gramatical*, Julio Casares (1950) já faz referência à relação intercambiável dos termos *modismo* e *idiotismo* e ao aspecto infrator presente no segundo, sem desconsiderar, no entanto, que, de uma perspectiva funcional e na percepção corrente à época, tais construções não se diferenciam de outras *donde la construcción normal no padece violencia* (p.208). Dessa forma, construções como *a pie juntillas*, *a ojos vistas*, *a ojos cegarritas* poderiam ser consideradas casos particulares, sem admitir que a anormalidade gramatical possa ser tomada como base para definir se uma locução é ou não um *modismo*.

A ideia de anomalia atrelada a esses tipos de UFs também pode ser observada em Tristá (1988), que define como anomalias léxicas ou semânticas as unidades englobadas em uma ampla gama que vai desde os elementos que não têm sentido próprio fora do fraseologismo, até os que possuem. Essa autora divide as UFs em dois grandes grupos: no primeiro deles estão os fraseologismos que permitem identificar em sua estrutura interna o elemento identificador, isto é, o elemento anômalo que identifica o fraseologismo, e o segundo no qual se incluem os

¹ Cabe lembrar que, dentro do referencial teórico adotado nesta pesquisa, a idiomaticidade é uma característica potencial, mas não essencial das unidades fraseológicas (Cf. CORPAS PASTOR, 1996, p.27). Também Biderman (1978, p. 133) ressalva o aspecto metaforizante de tais estruturas como uma possibilidade frequente, mas não inerente.

fraseologismos nos quais não se pode localizar o elemento identificador, isto é, aqueles que possuem um homônimo resultante da combinação livre própria de uma dada língua.

Dentro do primeiro grupo, Tristá estabelece uma subdivisão na qual apresenta as anomalias léxicas e semânticas. Como anomalias léxicas Tristá (1988, p. 32) entende as UFs com elementos onomatopaicos (*en un tris, hacer tilín*), as lexias carentes de sentido próprio fora do fraseologismo (*hacer el paripé, dar sansara, al cantío de un gallo*), as lexias que não pertencem à língua geral, isto é, que são provenientes de outras línguas (p.ex. latim: *non plus ultra*), ou que pertencem à língua de especialidade de um campo específico (música, história, religião etc.) e que são incompreensíveis para os representantes de outros grupos sociais (*poner en solfa*). Também inclui nesse grupo as UFs com elementos arcaicos e historicismos (*parar mientes e caérsele a uno el chemís*). Como anomalia semântica, ela indica construções que apresentam discordância semântica entre os termos (*hacer de tripa el corazón, comerse el mundo*).

García Page (1990, p.284) atribui certas propriedades categoriais e sintáticas específicas a essas lexias que, embora compartilhem também o funcionamento normal da gramática padrão, apresentam anomalias estruturais (morfológicas e sintáticas) que denunciam a falta de correspondência com as sequências formadas a partir das regras produtivas da gramática atual. A essas estruturas ele acrescenta também frases feitas que contêm elementos léxicos pertencentes a estados anteriores da língua (arcaísmos). Ele pontua:

Os elementos “únicos” destas últimas unidades fraseológicas correspondem a estados pretéritos da mesma “língua histórica” que o falante utiliza na sincronia do espanhol atual. É esse caráter arcaico que permite considerar tais palavras idiomáticas. Para uma grande parte da população hispanoparlante do momento atual podem ser meros signos vazios de significado, “incompreensíveis”, que não são realizadas no sistema léxico do espanhol contemporâneo. (GARCÍA PAGE, 1990, p.285)

O autor aponta, com isso, para a existência da diacronia na sincronia e a indicação da evolução ou dos momentos de transição das estruturas léxicas. Posteriormente García Page (1991, p. 238) realiza uma análise pormenorizada das características morfológicas, sintáticas e semânticas dessas estruturas e uma indicação do que ele acredita que sejam as principais causas de sua existência. A primeira delas é o fator diacrônico, lexias que pertenceram a outros momentos históricos da língua e permanecem preservadas dentro das estruturas locucionais como fósseis linguísticos. Outras vias são o empréstimo de línguas históricas ou mesmo a

importação de outras línguas funcionais por razões pragmáticas ou socioculturais. Por último ele menciona a desfiguração por ação de jogos fônicos (metaplasmos, aglutinações, criações onomatopaicas e mnemônicas) e criações neológicas.

Referindo-se à natureza morfológica dos componentes, Ruiz (1998) diferencia as UFs com lexias diacríticas, atribuindo tal definição às que apresentam irregularidades léxicas, das UFs com anomalia estrutural, ou seja, as que apresentam irregularidades morfológicas ou sintáticas. Ambas são tratadas pela autora como irregularidades que não podem ser explicadas de acordo com as leis sincrônicas atuais².

4. Unidades fraseológicas e dicionários

De acordo com Biderman (2001, p.140), ao se elaborar um dicionário, a primeira questão posta é a identificação da unidade léxica que constituirá *lema* ou *entrada*. Essa autora argumenta que o reconhecimento de unidades lexicais complexas “é um problema espinhoso, pois sua identificação constitui uma séria dificuldade teórica”. De acordo com ela, cabe ao lexicógrafo decidir se as lexias complexas comporão a macroestrutura do dicionário aparecendo como entrada, ou se serão incorporadas a outros verbetes como subentradas dos mesmos. Entretanto, ressalva que nenhum dicionário conseguirá registrar fidedignamente esse acervo, pois as unidades complexas encontram-se em estágios diferentes de cristalização (BIDERMAN, 1996, p. 34). Segundo ela, na lexicografia portuguesa é tradição alocar as lexias complexas no verbe da palavra-chave ou principal.

Ao discutir a lematização do dicionário *Aurélio*, Biderman (2001) menciona o caso das unidades fraseológicas diacríticas, sem utilizar-se especificamente dessa terminologia, quando exemplifica os casos dos lexemas *guisa* e *soslaio*. A autora questiona a razoabilidade do fato de que sejam abertas novas entradas para tais unidades, a fim de abrigar as lexias complexas *à guisa de* e *de soslaio*, uma vez que tais lexemas não existem mais como unidades simples no português contemporâneo. Considerando o ponto de vista genético, isto é, que a lexia simples está na base da criação da lexia complexa, ela questiona se não seria mais interessante que as unidades fraseológicas fossem inseridas como entradas no dicionário, uma vez que se trata de

² Tanto Ruiz (1998) como García Page (1990/1991) e Corpas Pastor (1996) partem da classificação proposta por Zuluaga (1980). Cf. Aguilar Ruiz (2011, p.87).

uma nova unidade do sistema e que também seria mais fácil para o consulente identificá-la como entrada e não embutida em outro verbete³.

Segundo Biderman (2000, p.29) a tradição seguida por Aurélio deriva do critério do *Diccionario de la Real Academia Española* que insere no verbete do substantivo a fraseologia que o contém, ou do verbo, no caso de uma locução verbal, e assim sucessivamente. Hierarquicamente, as fraseologias são organizadas no final dos verbetes a partir da principal lexia da unidade fraseológica, assim temos substantivo, verbo, adjetivo, pronome e advérbio como lexemas ordenadores. De acordo com Martínez Lopez (1996, p. 6), nos grandes dicionários de língua espanhola, DRAE e DUE⁴, alguns desses lexemas aparecem como entradas e a eles é atribuído o sentido da locução em conjunto, e não o da lexia diacrítica. Esse autor ainda pontua que

A priori, esta diferenciação entre palavras com significado e palavras com ausência de significado pode parecer fácil de determinar, entretanto, a análise pormenorizada desse assunto suscita problemas difíceis de serem delimitados.

Esse procedimento também é adotado no dicionário HOUAISS, em que *soslaio* e *guisa* são lematizados. No primeiro caso, o lema recebe a marca de uso *empregado apenas nesta locução* (empr. apenas nesta loc.), e no segundo, a marca estatística *pouco usado*. Ao lexema é atribuído o sentido da locução em conjunto.

Em se tratando de dicionários bilíngues, essa confusão torna-se mais delicada, uma vez que, quando utilizado para a codificação na língua estrangeira, o dicionário potencialmente proporia sentidos atribuídos a lexemas que não são utilizados de modo independente e que, portanto, não teriam autonomia semântica ou sintática. Tal prática também poderia ainda levar o consulente ao emprego equivocado da lexia isoladamente, isto é, fora do fraseologismo, evento que não apresenta ocorrência no uso.

A partir das considerações realizadas anteriormente, propomos a análise de dois dicionários bilíngues espanhol/português a fim de averiguar:

- a) Como as UFD foram arroladas na macroestrutura dos dicionários: na forma de entradas ou subentradas dos verbetes;

³ Em artigo anterior Biderman já havia criticado objetivamente os procedimentos lexicográficos de Aurélio, considerados por ela como tradicionais, ao abrir entradas independentes para *guisa* e *soslaio*, afirmando que tais lemas deveriam ser substituídos por *à guisa de* e *de soslaio*. (Cf. BIDERMAN, 2000, p. 47)

⁴ Diccionario de la Real Academia Española (DRAE) e Diccionario de Uso del Español de María Moliner (DUE).

- b) Como é feita a indicação por meio de marcas de uso;
- c) Que tipo de equivalência é proposta para as UFD.

5. Análise das unidades fraseológicas diacríticas em DS e DG

5.1 Inserções nas nomenclaturas

Para realizar a análise proposta, partimos inicialmente do *corpus* de UFD de García Page (1991), no qual são apresentadas 238 UFD em língua espanhola. A partir das UFD propostas, levantamos nos dicionários em questão, DS e DG, as UFD que foram arroladas, simultaneamente, em ambos os dicionários, estabelecendo uma amostra de 58 UFD (Cf. quadro 1).

Quadro 1 – Lematização das lexias diacríticas

	DS	DG
<i>al alimón</i>	Entrada	Entrada
<i>de antemano</i>	Entrada	Entrada
<i>en/de balde</i>	Subentrada (balde)	Entrada
<i>tener bemoles</i>	Subentrada (bemo)	Entrada
<i>importar un bledo</i>	Subentrada (bledo)	Entrada
<i>a bocajarro</i>	Entrada ► quemarropa	Entrada
<i>(quedar en) agua de borrajas</i>	Subentrada (borraja)	Subentrada (agua)
<i>de bruces</i>	Entrada	Entrada
<i>a contrapelo</i>	Entrada	Entrada
<i>con creces</i>	Entrada	Entrada
<i>en cuclillas</i>	Entrada	Entrada
<i>en derredor</i>	Subentrada (derredor)	Subentrada (derredor)
<i>a deshoras</i>	Entrada	Entrada
<i>a destiempo</i>	Entrada	Entrada
<i>a diestra y siniestra</i>	Subentrada (diestro, tra)	Subentrada (diestro, a)
<i>dar el do de pecho</i>	Subentrada (do)	Subentrada (do)
<i>a escondidas</i>	Entrada	Subentrada (escondido)
<i>a expensas</i>	Entrada	Entrada
<i>a granel</i>	Entrada	Entrada
<i>a horcajadas</i>	Entrada	Entrada
<i>a hurtadillas</i>	Entrada	Entrada
<i>de improviso</i>	Entrada	Entrada
<i>a la intempérie</i>	Subentrada (intempérie) ► raso	Subentrada (intempérie)
<i>a pies juntillas</i>	Subentrada (pie)	Subentrada (pie)
<i>mondo y lirondo</i>	Subentrada (mondo)	Subentrada (mondo)
<i>a mansalva</i>	Entrada	Entrada

<i>de marras</i>	Entrada	Entrada
<i>de mentirijillas</i>	Entrada	Entrada
<i>corriente y moliente</i>	Subentrada (corriente)	Subentrada (corriente)
<i>hacer novillos</i>	Subentrada (novillo, lla) ▶ pella	Subentrada (novillo, lla)
<i>de pe a pa</i>	Subentrada (pe)	Subentrada (pe)
<i>de pacotilla</i>	Subentrada (pacotilla)	Subentrada (pacotilla)
<i>casarse de pêntalti</i>	Subentrada (penalti)	Subentrada (penalti)
<i>en un periquete</i>	Entrada	Entrada
<i>poco a poco</i>	Subentrada (poco)	Subentrada (poco)
<i>poner pies en polvorosa</i>	Subentrada (pie)	Subentrada (pie)
<i>a pelo</i>	Subentrada (pelo)	Subentrada (pelo)
<i>de puntillas</i>	Subentrada (puntilla)	Subentrada (punta)
<i>a quemarropa</i>	Entrada ▶ bocajarro	Entrada
<i>cada/todo quisque</i>	Entrada ▶ quisqui	Entrada
<i>a rajatabla</i>	Entrada	Entrada
<i>a rechupete</i>	Entrada	Entrada
<i>de refilón</i>	Entrada	Entrada
<i>a regañadientes</i>	Entrada	Entrada
<i>a sabiendas</i>	Entrada	Entrada
<i>en un santiamén</i>	Entrada	Entrada
<i>poner en solfa</i>	Subentrada (solfa)	Subentrada (solfa)
<i>salirse por la tangente</i>	Subentrada (tangente)	Subentrada (tangente)
<i>a tientas</i>	Subentrada (tienta)	Subentrada (tienta)
<i>a tocateja</i>	Entrada	Entrada
<i>en torno a</i>	Subentrada (torno)	Subentrada (torno)
<i>a trasmano</i>	Entrada	Entrada
<i>a través de</i>	Subentrada (través)	Subentrada (través)
<i>a ultranza</i>	Entrada	Entrada
<i>en vilo</i>	Entrada	Entrada
<i>a la virulé</i>	Entrada	Entrada
<i>en volandas</i>	Entrada	Entrada ▶ bolandas
<i>a vuelapluma</i>	Entrada	Entrada

Somente dois dos lexemas analisados apresentaram formas variantes. São eles: *salirse por la tangente*, registrada no DG com duas formas verbais diferentes (*escaparse* o *salirse por la tangente*), e *agua de borrajas*, que aparece registrada em DG como locução verbal (*quedar en agua de borrajas*), e não nominal, como aparece no DS (*agua de borrajas*). Alguns verbetes remetem para formas sinônimas da UF, indicadas na tabela 1 pelo sinal tipográfico ▶.

Observamos que nas UFD de ambos os dicionários analisados, grande parte das lexias diacríticas, 34 no DS e 36 no DG, são arroladas como entradas isoladamente, isto é, não são

criadas entradas para abrigar as lexias complexas. Dessa forma, as UFDs *a horcajadas* ou *poner (a alguien) en solfa*, por exemplo, são arroladas pelos lemas *horcajadas* e *solfa*.

No caso do DS, tal fato ocorre em alguns casos. Citamos como exemplo *de balde*, no qual UF está arrolada como uma das subentradas do lema *balde* para o qual é atribuído o sentido de “cubo em forma de cono cortado”, e *de puntilla*, arrolada como uma das subentradas de *puntilla*, definida como “tejido estrecho con agujeros muy finos, que se pone como adorno en el borde de las prendas de vestir y de otras telas”.

A totalidade dos casos em que a lexia diacrítica é inserida na macroestrutura, e a UFD aparece como um fraseologismo que a contém, podem ser observados também na Tabela 1, sob a indicação Entrada ou Subentrada, indicado entre parênteses o lema no qual a UF está arrolada, quando isso ocorre.

O DS apresenta a indicação de fraseologia com um sinal tipográfico (■) no início da UF, anunciada no guia de consulta nas páginas iniciais do dicionário, seguida das marcas de uso e da definição. Já o DG indica por meio de parênteses, p.ex. *alimón (al)*, que a lexia diacrítica faz parte de uma UF e, na sequência, pela indicação *Loc* (locução), as marcas gramaticais e de uso e o equivalente proposto em português.

No que concerne à lematização das UFD, entretanto, encontramos diferentes ocorrências que apontam para uma heterogeneidade no tratamento dado à organização de tais lexias. No DS notamos que em dois casos na apresentação de UFDs *con creces* e *en cuclillas*, há a indicação de que as lexias diacríticas lematizadas são utilizadas somente nessas expressões:

cre.ces. Usada en la expresión *con creces*.

cu.cli.llas. Usada en la expresión *en cuclillas*

Em nenhum outro caso das UFD analisadas pode ser encontrada essa mesma indicação em DS, mesmo quando se trata de casos em que, indiscutivelmente, entende-se que os elementos léxicos constituem formas dependentes, sem autonomia fora da UF. Podemos citar, por exemplo, os casos de *al alimón* e *de antemano*, nos quais tal indicação é inexistente.

Ainda considerando o processo de lematização das UFD, outro caso discrepante no parâmetro lexicográfico estabelecido pelo DS é a atribuição do sentido integral da UFD somente ao lexema, isto é, indica-se como definição do lexema o sentido da locução. Tal fato ocorre com *quisque*, lematizado como substantivo masculino, acompanhado da definição “indivíduo; persona” e da observação “*se usa detrás de todo o de cada*”. O sentido de

“indivíduo” ou “pessoa” é atribuído ao lexema em função do sentido adquirido por meio das UFs *todo quisque* ou *cada quisque*, que remetem a *todo mundo* ou *cada qual, cada pessoa, cada um*.

Quanto ao modo de apresentação da UFD nos dicionários, parece ser mais coerente que sejam criadas entradas independentes para a UFD completa e não entradas para o lexema diacrítico. Entretanto, comparando as duas propostas analisadas, a técnica do DG, indicação entre parênteses dos elementos que compõem a UF, nos parece mais acertada, uma vez que identifica logo de início que se trata de uma estrutura em relação de dependência com outras, ao contrário do DS que não indica tal fato e, quando o faz, somente em duas situações isoladamente, não apresenta homogeneidade e recorrência nessa forma de organização. A técnica de DS dá margem para equívocos de interpretação por parte do consulente, como já mencionado anteriormente.

5.2 Marcas de uso

Olímpio de Oliveira Silva (2007, p. 201), afirma que apesar da longa tradição em se atribuir marcas de uso, a marcação lexicográfica é um dos temas menos estudados pela lexicografia, o que justifica o pouco respaldo teórico presente nessa prática. De acordo com essa autora, a marcação possui um âmbito bastante extenso, que pode variar em função do ponto de vista adotado por quem a analisa. Por um lado, ela afirma que, em uma concepção mais restrita, as marcas podem fazer referência às limitações de uso ou às transições semânticas, o que nos permite falar de marcas diacrônicas, diatópicas, diafásicas, diastráticas, técnicas, conotativas, entre outras. Por outro lado, defende que, em uma concepção mais ampla, a marcação pode abranger, além dos aspectos mencionados, também as referências aos aspectos gramaticais. Essa segunda perspectiva é adotada pela própria autora, sob o argumento de que esse tratamento se ajusta melhor ao tratamento lexicográfico que as UF vêm tradicionalmente recebendo nos repertórios lexicográficos, o que contribui para caracterizar a natureza linguística da unidade. Também por essa razão levamos em consideração as marcas gramaticais presentes nas obras analisadas neste trabalho.

Welker (2004, p.130) também chama a atenção para o fato de que, embora haja uma longa tradição lexicográfica, muitos dicionaristas e metalexígrafos constatam que a marcação se impõe como uma tarefa difícil e verificam muitas divergências em dicionários monolíngues. De fato, em nossa análise observamos que o DS apresenta marcas somente para 19 UFD,

enquanto o DG apresenta marcas em todas as UFD presentes na amostra levantada, além de abundante marcação diastrática (familiar), como pode-se observar no quadro 2, abaixo:

Quadro 2 – Marcação em DS e DG

	DS	DG
<i>al alimón</i>	Fam	Loc adj/Loc adv
<i>de antemano</i>	---	Loc adv
<i>en/de balde</i>	---	Loc adv
<i>tener bemoles</i>	Fam	Loc/Fig/Fam
<i>importar un bledo</i>	---	Loc/Fig/Fam
<i>a bocajarro</i>	---	Loc Adv
<i>agua de borrajas</i>	---	Fig
<i>de bruces</i>	---	Loc adv
<i>a contrapelo</i>	Fig	Loc adv
<i>con creces</i>	---	Loc adv
<i>en cucullas</i>	---	Loc adv
<i>en derredor</i>	---	Loc
<i>a deshoras</i>	---	Loc
<i>a destiempo</i>	---	Loc/Fam
<i>a diestra y siniestra</i>	---	Loc/Fam
<i>dar el do de pecho</i>	---	Loc
<i>a escondidas</i>	---	Loc
<i>a expensas</i>	---	Loc prep.
<i>a granel</i>	---	Loc adj/Loc adv
<i>a horcajadas</i>	---	Loc adv
<i>a hurtadillas</i>	---	Loc adv
<i>de improviso</i>	---	Loc adv
<i>a la intempérie</i>	---	Loc
<i>a pies juntillas</i>	---	Loc
<i>mondo y lirondo</i>	Fam	Loc/Fig/Fam
<i>a mansalva</i>	---	Loc adv
<i>de marras</i>	Fam, Desp	Loc adj/Fam
<i>de mentirijilla(s)</i>	Fam	Loc adj/Fam
<i>corriente y moliente</i>	Fam	Loc/Fig/Fam
<i>hacer novillos</i>	Fam	Fig/Fam
<i>de pe a pa</i>	Fam	Loc/Fig/Fam
<i>de pacotilla</i>	Fam Desp	Loc/Fam
<i>casarse de pênalti</i>	Fam	Loc/Fig/Fam
<i>en un periquete</i>	---	Loc adv/Fam
<i>poco a poco</i>	---	Loc
<i>poner pies en polvorosa</i>	Fam	Loc/Fig/Fam
<i>a pelo</i>	---	Loc
<i>de puntillas</i>	Fig	Loc
<i>a quemarropa</i>	---	Loc adv
<i>cada/todo quisque</i>	Fam	Loc fam

<i>a rajatabla</i>	---	Loc adv/Fig/Fam
<i>a rechupete</i>	Fam	Loc adv/Fam
<i>de refilón</i>	Fam	Loc adv
<i>a regañadientes</i>	---	Loc adv
<i>a sabiendas</i>	---	Loc adv
<i>en un santiamén</i>	---	Loc adv
<i>poner a alguien en solfa</i>	Fam	Loc/Fig/Fam
<i>salirse por la tangente</i>	---	Loc/Fig/Fam
<i>a tientas</i>	---	Loc
<i>a tocateja</i>	Fam	Loc adv
<i>en torno a</i>	---	Loc prep.
<i>a trasmano</i>	---	Loc adv
<i>a través de</i>	---	Loc prep.
<i>a ultranza</i>	---	Loc adv
<i>en vilo</i>	---	Loc adv
<i>a la virulé</i>	---	Loc adv
<i>en volandas</i>	Fig	Loc adv
<i>a vuelapluma</i>	---	Loc adv

Tais discrepâncias são justificadas por Olímpio de Oliveira Silva (2007, p. 202) pelo fato de predominar a avaliação subjetiva de cada lexicógrafo no processo de atribuição de marcas, fato que, segundo a autora, também contribui pouco para o desenvolvimento de subsídios teóricos lexicográficos, uma vez que frequentemente poucos esclarecimentos são fornecidos com relação à existência de tais abreviaturas nos dicionários. Tal fato pode ser constatado tanto no DS (p. XXI) quanto no DG (p. XIII), nas páginas introdutórias de ambos os dicionários.

No caso do DS, é indicado em uma tabela, por exemplo, que *amb.*, *desp.*, *fam.*, *fig.* e *hum.* correspondem, respectivamente, a *ambíguo*, *depreciativo*, *familiar*, *sentido figurado* e *humorístico*. O mesmo pode ser observado em DG, no qual *arg.*, *culto*, *despec.*, *fam.*, *fig.* e *iron.* são relacionados diretamente a *voces o acepciones argóticas*, *voces o acepciones cultas o muy formales*, *voces o acepciones despectivas*, *voces o acepciones familiares*, *voces o acepciones figuradas* e *voces o acepciones irónicas*, respectivamente, sem que nenhuma explicação mais detalhada sobre o que significam tais especificações seja dada ao consulente.

Entre as duas obras também pode-se verificar algumas discrepâncias, por exemplo, para a marca *familiar*. Em 3 casos o DS apresenta tal marcação, porém, ela é inexistente nas respectivas UFD do DG. Também DG indica 7 UF que não são marcadas pelo DS como sendo *familiar*. Somente em 13 casos há concordância entre os dois dicionários para a marcação *familiar*, do total de 23 UFD que apresentam tal marcação.

Com a indicação *figurado* ocorre algo semelhante. O DS marca 5 UFD como sendo de sentido *figurado*. As mesmas UFD não possuem tal indicação em DG. O DG indica 12 UFD figuradas que não são indicadas como *figuradas* pelo DS. O DS ainda indica 2 UF como sendo depreciativas, ao passo que o DG não apresentou nenhuma UFD com essa marca. O DG, entretanto, apresenta maior descompasso nas marcas gramaticais uma vez que somente 25 UF das 58 arroladas apresentam tal marcação. Já DS não atribui marcas gramaticais.

Entretanto, é no interior de cada uma das obras que são percebidas as discrepâncias da arquitetura lexicográfica que podem comprometer ainda mais a compreensão do consultante ou, ao menos, confundi-lo. Por exemplo, o DS não indica que UFD visivelmente metafóricas, como *importar un bleado, hacer novillos e agua de borrajas*, têm sentido figurado. Em outros verbetes, como *a quemarropa*, por exemplo, embora sejam indicadas duas acepções diferentes para a UFD, na segunda a marcação de *figurado* também não é feita, embora trata-se justamente da acepção com grande carga metafórica, como pode-se observar na transcrição do verbe a seguir:

que.ma.rro.pa |kemařopa|.

■ **a** ~, desde cerca: *le disparo a* ~. □ **à queima-roupa**

■ **a** ~, de forma directa: *me preguntó a* ~ *si quería casarme con ella* ► *bocarrajo*.

△ Se escribe también a quemarropa. □ **à queima-roupa**

Tal fato é recorrente em outros verbetes de DS, como *do de pecho, de refilón, a bocarrajo e a transmano*.

5.3 Equivalentes tradutórios propostos

Dentre todas as discussões realizadas nos Estudos da Tradução ao longo da história, o conceito de equivalência talvez seja, além de o mais debatido, também o mais controverso. Não pretendemos explorar todas as possibilidades envolvidas na proposição de equivalentes tradutórios em DS e DG, pois isso exigiria uma longa discussão sobre as diferentes finalidades envolvidas no processo de tradução e, conseqüentemente, em uma produção de cunho lexicográfico voltada para tais fins. Abordamos em nossa análise o aspecto funcional envolvido na tradução de UF defendido por Nord (1998/2009) e Zuluaga (2001).

Ao tratar da delimitação de uma unidade de tradução dentro do escopo funcionalista, Nord (1998) retoma os estudos da linguística contrastiva e da tradutologia e questiona se uma unidade de tradução se constituiria no âmbito do morfema, da palavra, da colocação ou frase,

da oração ou, até mesmo, do texto inteiro. Essa autora defende que as unidades de tradução são como elementos ou “unidades verticais”, e não sequenciais, que se relacionam entre si e tem a mesma função comunicativa. Segundo ela, para indicar ao receptor a função comunicativa do texto, o autor utiliza indicadores funcionais específicos de uma determinada língua e cultura. Tais funções comunicativas podem ser indicadas em vários níveis (macrotextual, sintático, sintagmático, léxico ou morfológico) e todos os indicadores que marcam uma determinada função comunicativa, independentemente do nível ou da localização no texto, formam uma unidade funcional.

Para a tradução, entendemos que, na fase de compreensão, esses indicadores são interpretados no texto original e, de acordo com os objetivos da tradução, são considerados relevantes para o funcionamento do texto. Embora as funções sejam universais, a uso de tais indicadores obedece convenções e tradições específicas de cada cultura. Dessa forma, após isolar tais funções do texto original, o tradutor estabelecerá quais convenções devem ser adaptadas para que cumpram as mesmas funções no texto traduzido. Nessa esfera é que podem ser consideradas as equivalências funcionais entre unidades de tradução e estabelecer-se como unidade de tradução um fraseologismo.

Zuluaga (2001) trata da tradução com mais especificidade retomando as funções desempenhadas pelas UF em diferentes contextos, considerando várias delas (simplificação, ênfase ou contraste, metalinguagem, icônica, lúdica ou poético-metafórica). Dessa forma, o autor defende a ideia de que uma UF deva ser necessariamente traduzida por outra UF sempre que possível, uma vez que tal fato resgataria as funcionalidades do texto original no texto de chegada.

Dessa forma, estabelecemos como foco de análise deste trabalho a proposição de equivalentes tradutórios fraseológicos para o par bilíngue espanhol-português, orientados pela ideia de que o dicionário bilíngue, enquanto recurso primeiro do ato tradutório, deva, necessariamente, procurar trazer UF como equivalentes para uma UF proposta. Não iremos discutir, portanto, as implicações semânticas na escolha de uma ou outra UF e nos possíveis deslocamentos de sentido envolvidos em tais escolhas, como seria o caso, por exemplo, ao se considerar os equivalentes *escarranchado* e *a cavalo*, propostos como tradução, respectivamente, por DS e DG para a UFD *a horcajadas*, mas sim, nos ateremos ao fato de *a cavalo* ser uma locução e *escarranchado*, adjetivo.

Os equivalentes tradutórios que não correspondem a UF estão indicados no quadro 3 com um asterisco (*).

Quadro 3 – UFD que não apresentaram UF como equivalentes tradutórios

	Equivalentes do DS	Equivalentes DG
<i>al alimón</i>	em dupla	em conjunto, em parceria
<i>de antemano</i>	de antemão	de antemão
<i>en/de balde</i>	em vão, de graça	em vão, de graça
<i>tener bemoles</i>	ser difícil*	ter manha
<i>importar un bledo</i>	não importar	lixar-se*
<i>a bocajarro</i>	à queima-roupa	à queima-roupa
<i>(quedar en)agua de borrajas</i>	água de bacalhau	dar em água de barrela
<i>de bruces</i>	de bruços	de bruços
<i>a contrapelo</i>	a contrapelo, de calças curtas	a contrapelo, ao arpepio
<i>con creces</i>	com acréscimo*	acréscimo*
<i>en cuclillas</i>	de cócoras	a/de/em cócoras
<i>en derredor</i>	ao redor	em derredor de
<i>a deshoras</i>	a desoras (sic)	fora de hora
<i>a destiempo</i>	fora de hora	fora de tempo
<i>a diestra y siniestra</i>	a torto e a direito	a torto e a direito
<i>dar el do de pecho</i>	dó-de-peito, esforço máximo	dar o dó-de-peito
<i>a escondidas</i>	às escondidas	às escondidas
<i>a expensas</i>	a expensas de	à custa de, a expensas de
<i>a granel</i>	a granel	a granel
<i>a horcajadas</i>	escarranchado*	a cavalo
<i>a hurtadillas</i>	às escondidas	às furtadelas, às escondidas
<i>de improviso</i>	de improviso	de improviso
<i>a la intempérie</i>	ao relento	ao ar livre, a céu aberto
<i>a pies juntillas</i>	de pés juntos	de pés juntos
<i>mondo y lirondo</i>	puro e simples	nu e cru
<i>a mansalva</i>	à vontade	sem risco, a salvo em abundância, a mancheias
<i>de marras</i>	em questão	de sempre
<i>de mentirijilla(s)</i>	de mentirinha	de mentirinha, de brincadeira
<i>corriente y moliente</i>	carne de vaca	normal e corrente
<i>hacer novillos</i>	cabular aula	cabular, matar aula
<i>de pe a pa</i>	de cabo a rabo	de cabo a rabo
<i>de pacotilla</i>	de carregação	meia-tigela/de araque
<i>casarse de penalti</i>	casar grávida	casar de feto
<i>en un periquete</i>	num instante	em vapt-vupt
<i>poco a poco</i>	pouco a pouco	pouco a pouco
<i>poner pies en polvorosa</i>	dar no pé	dar no pé

<i>a pelo</i>	em pelo	em pelo/no gogó/sem camisinha
<i>de puntillas</i>	nas pontas dos pés	na ponta dos pés
<i>a quemarropa</i>	à queima-roupa	à queima-roupa
<i>cada/todo quisque/quisqui</i>	todo o mundo, cada qual	Deus e o mundo
<i>a rajatabla</i>	à risca	com todo rigor*
<i>a rechupete</i>	de dar água na boca	de lamber os beiços, muito bem
<i>de refilón</i>	de leve, superficialmente*	de soslaio, de passagem
<i>a regañadientes</i>	a contragosto	a contragosto
<i>a sabiendas</i>	sabendo que*	com conhecimento de causa
<i>en un santiamén</i>	num instante	em um pai-nosso
<i>poner a alguien en solfa</i>	desancar*, botar em ordem	ridicularizar*
<i>salirse (escaparse) por la tangente</i>	sair pela tangente	escapar/sair pela tangente
<i>a tientas</i>	às apalpadelas	às apalpadelas
<i>a tocateja</i>	à vista	à vista
<i>en torno a/de</i>	em torno de, a respeito de	em torno a/de
<i>a trasmano</i>	fora de mão	contramão*
<i>a través de</i>	através de, por intermédio de	a través de (sic)
<i>a ultranza</i>	a qualquer preço	até a morte
<i>en vilo</i>	no ar, inquieto*	desequilibrado*, instável*, inquieto*, apreensivo*
<i>a la virulé</i>	em estado lamentável	em mau estado
<i>en volandas</i>	no ar, num instante	pairando*, voando*
<i>a vuelapluma</i>	com os pés nas costas	rapidamente*

Das 58 UFD lematizadas pelos dois dicionários, DS propõe 7 equivalentes que não são UF e DG propõe 12 equivalentes tradutórios que não são UF. O fato de UFs não apresentarem como equivalentes tradutórios outras UF pode acarretar perdas de diferentes níveis atreladas às diferentes funções que tais UF possam desempenhar em diferentes contextos. É nessa perspectiva, como afirma HUMBLÉ (2005, p. 235), que o papel do lexicógrafo se diferencia mais do papel do tradutor:

A tradução de expressões idiomáticas, provérbios e metáforas, que também se encontram nos dicionários bilíngues, se aproxima mais do trabalho tradicional dos tradutores. Trata-se, com efeito, se não de textos, pelo menos de conjuntos de, no mínimo, duas palavras. É uma problemática que seria, portanto, legítima aos olhos dos teóricos da tradução, mas que eles preferem tratar sob o ângulo de 'técnicas de tradução' e, mais especificamente, sob a perspectiva da 'compensação'. A tradução de 'desse mato não sai cachorro' é um problema ao que podem ser confrontados tanto lexicógrafos como tradutores, mas a maneira de resolvê-lo será diferente. Se um tradutor pode decidir não

traduzir e compensar de outra maneira em outro lugar, o lexicógrafo não tem essa opção.

6. Considerações finais

Muitas das UFD mapeadas por García Page e abordadas no presente trabalho como um grupo fechado de unidades fraseológicas representam, grosso modo, um conjunto simplificado dentro do complexo e emaranhado desenvolvimento diacrônico de tais estruturas. Sabemos que em qualquer recorte sincrônico que façamos, fenômenos linguísticos novos e obsoletos poderão se tornar evidentes simultaneamente, fenômenos que estarão no início de seu desenvolvimento ao mesmo tempo em que outros que pertençam a estágios mais avançados, ou mesmo, de desaparecimento.

Desse modo, os dicionários de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras analisados, ao privilegiarem um corte sincrônico para a composição dos registros de entrada que compuseram sua nomenclatura, provavelmente com base em critérios de registro e frequência, os propuseram com o intuito de fornecer ao consulente um panorama de lexemas do espanhol usado na contemporaneidade, sem discriminar, obviamente, tais fatores em seu desdobramento no percurso de evolução histórica da língua.

Considerados tais aspectos, ademais de considerar a estreita relação com as diferentes estruturas, metodologias e finalidades de diferentes repertórios lexicográficos, cabe-nos chamar a atenção, entretanto, para o fato de que tais elementos históricos, em nossa perspectiva, embora não devam ser obrigatoriamente explicitados na relação temporal que desempenham em seu percurso de desenvolvimento, carecem de autonomia sintática e semântica, e por isso não apresentam ocorrência externa à UFD. Dessa forma, arrolar a lexia diacrítica como entrada, como feito na maior parte das vezes na amostra analisada, pode gerar confusão ao consulente, uma vez que ela não tem existência externa a UF.

O modo como as UF devem ser inseridas na nomenclatura dos dicionários é um tema ainda polêmico. Ao mesmo tempo em que se defende a inserção pela palavra com mais força semântica, entendida como principal do bloco, seguindo assim a ordem substantivo, verbo, adjetivo, advérbio, pronome e conjunção, como pontua Silva (2011, p.81), alguns autores acenam com a possibilidade da ordem alfabética, como o faz Ortiz Álvarez (2011, p.85).

Welker (2004, p. 168) também parece partidário da segunda postura, porém chama a atenção para a problemática gerada pelo fato de que formas variantes das UF poderiam dificultar a localização por parte do consulente. Nesse aspecto, contudo, mantemos ainda nossa

defesa da inserção de uma UFD integral e na ordem alfabética uma vez que esse grupo restrito de UF parece não apresentar tanta variação como as demais, como pudemos observar em nossa análise, fato que, talvez, tenha explicação na própria natureza histórica de tais lexias que, em sua maioria, sofreram lexicalização em estágios mais pretéritos da língua e, portanto, parecem apresentar-se mais cristalizadas no sistema.

Outro aspecto que pode favorecer ou corroborar equívocos ao consulente é o ato de atribuir o significado total da UF à lexia diacrítica individualmente, como ocorreu em alguns casos explicitados durante a análise, pois tal estratégia pode possibilitar ao consulente, aprendiz do idioma estrangeiro, a falsa possibilidade de poder utilizar a lexia de modo independente e alheio a UF, fato que não ocorre na prática.

Referências bibliográficas

AGUILAR RUIZ, M. J. Vilo, repente y santiamén: los “fósiles fraseológicos” como palabras diacríticas en la fraseología española. In: CARMONA YANES, E.; DEL REY QUESADA, S. **Id est, loquendi peritia**: aportaciones a la lingüística diacrónica de los jóvenes investigadores de la AJHLE. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2011, p. 87-96. (CD-ROM).

AGUILAR RUIZ, M. J. “Neologismos fraseológicos” como palabras diacríticas en las locuciones en español. **Paremia**, Madrid, n. 21, 47-57, 2012.

BIDERMAN, M. T. C. **Teoria linguística** (linguística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. 277 p.

_____. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, n. 40, p. 27-46, 1996.

_____. Aurélio: sinônimo de dicionário? **Alfa**, São Paulo, n. 44, p. 27-55, 2000.

_____. Os Dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. O. **As Ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Campo Grande: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, 2001, p.131-144.

_____. **Unidades complexas do Léxico**. In: RIO-TORTO, G. et all. **Estudos em homenagem a Mário Vilela**. Porto: Faculdade de Letras do Porto, v. II, 2005, p.747-757.

CORPAS PASTOR, G. **Manual de Fraseología Española**. Madrid: Editorial Gredos, 1996.

GARCÍA PAGE, M. Léxico y sintaxis locucionales: algunas consideraciones sobre las palabras “idiomáticas”. **Estudios Humanísticos. Filología**, León, n. 12, p. 279-290,1990.

GARCÍA PAGE, M. Locuciones adverbiales con palabras “idiomáticas”. **Revista Española de Linguística**, Madrid, n. 21, v. 2, p. 233-264,1991.

GONZÁLEZ REY, M.I. La noción de “hápax” en el sistema fraseológico francés y español. In: ALMELA PÉREZ, R.; RAMÓN TRIVES, E.; WOTJAK, G. **Fraseología contrastiva**. Murcia: Univesidad de Murcia, 2005, p. 313-327.

HOLZINGER, H. J. Unikale Elemente. Apuntamentos sobre as palabras ligadas fraseologicamente do alemán actual. **Cadernos de Fraseoloxía Galega**, Santiago de Compostela, n. 14, p. 165-173, 2012.

HUMBLÉ, P. Os Estudos da Tradução e os dicionários. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**. Campinas, n.44 (2), p. 233-246, Jul/Dez 2005.

MARTÍNEZ LÓPEZ, J.A. Palabras “canal” y palabras “idiomáticas”. **Romansk Forum**, Oslo, n. 4, p.61-76, 1996.

MELLADO BLANCO, C. Aproximación teórico-práctica a los “elementos únicos” del alemán actual en calidad de fósiles léxicos. In: Congreso Hispalense de Germanistas, 1, 1997. Tradición e innovación en los estudios de lengua, literatura y cultura alemanas en España. Sevilla: Kronos Universidad. **Anais**. Sevilla, 1998, p. 493-502.

NORD, C. La unidad de traducción en el enfoque funcionalista. **Quaderns**. Revista de Traducció, n. 1, p. 65-77, 1998.

NORD, C. El funcionalismo en la enseñanza de la traducción. **Mutatis Mutandis**, v. 2, n. 2, pp. 209-243, 2009.

ORTIZ ALVAREZ, M. L. Quais critérios deveriam orientar os lexicógrafos na inserção da fraseologia popular em dicionários gerais? In: XATARA, C; BEVILACQUA, C.R.; HUMBLÉ, P.R.M. **Dicionários na teoria e na prática**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 79-86.

SILVA, J. P. Quais critérios deveriam orientar os lexicógrafos na inserção da fraseologia popular em dicionários gerais? In: XATARA, C; BEVILACQUA, C.R.; HUMBLÉ, P.R.M. **Dicionários na teoria e na prática**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 79-86.

RUIZ, L. **La fraseología del español coloquial**. Barcelona: Ariel Practicum, 1998. 127p.

WELKER, H. A. **Dicionários: uma pequena introdução à Lexicografia**. 2ª. Ed. Brasília: Thesaurus, 2004. 301 p.

ZULUAGA, A. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Franckfurt: Peterlang, 1980. 278 p.

ZULUAGA, A. Análisis y traducción de unidades fraseológicas desautomatizadas. **PhiN**, Berlín, n. 16, p 67-83, abril 2001.

Artigo recebido em: 15.09.2014

Artigo aprovado em: 14.12.2014